- ELIANE DA SILVA LOPES -

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida pela Sra. Eliane
da Silva Lopes e aprovada pela Comissão Jul-
gadora. 18/12/85 *[Assinatura]*

"FRAGMENTOS DE MULHER"

(Dimensões da Trabalhadora - 1900/1922)

Tese de Mestrado apresenta-
da ao Deptº de História do
Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Univer-
sidade Estadual de Campinas.

- Campinas -

1985

Para Mingo, Rafael e Nara:
paixões de vida.

AGRADECIMENTOS

- . à Profª Drª Maria Stella Martins Bresciani, pelo estímulo intelectual neste percurso, orientação e carinho em vários momentos.
- . ao Departamento de História, na figura de seus professores.
- . ao Prof. Dr. Peter L. Eisenbery, que ainda nos tempos de graduação, ajudou a despertar o gosto e paixão pela pesquisa.
- . Cristina Hebling: fica até difícil agradecer. Nos suas discussões, conversas, reflexões, estão muito presentes, assim como a leitura atenciosa que você fez.
- . Heloísa, Zélia, Chaw, Anália, ajudaram muito com apoio físico e moral.
- . ao pessoal do Arquivo Edgard Levenroth.
- . à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - A REGULAÇÃO DAS IMAGENS DA TRABALHADORA	13
I.1. A TRABALHADORA IDEAL: UMA ASPIRAÇÃO DE PA TRÔES, LEGISLADORES E EDUCADORES	17
I.2. A TRABALHADORA HEROÍNA: A NOVA IMAGEM DE MULHER PARA OS LIBERTÁRIOS	42
ANEXO I	60
ANEXO II	81
I.3. A TRABALHADORA NORMATIZADA: MÃE E ESPOSA REGULADAS	99
NOTAS DO CAPÍTULO I	121
CAPÍTULO II - "MULHERES: AO TRABALHO"	127
II.1. INTRODUÇÃO	128
II.2. AS OPERÁRIAS DAS FIAÇÕES E TECELAGENS ...	133
II.2.1. Composição da Categoria	133
II.3. RESISTINDO NA FÁBRICA	149
II.4. AS TENTATIVAS DE UNIÃO	155
II.5. AS COSTUREIRAS	165
II.6. AS LUTAS DAS COSTUREIRAS	183
NOTAS DO CAPÍTULO II	194
CAPÍTULO III - UM ESPAÇO PÚBLICO	197

III.1. PARTICIPAÇÃO ORGANIZADA	198
III.2. NO PALCO	223
III.3. OS LIMITES	227
NOTAS DO CAPÍTULO III	230
CONCLUSÃO	233
BIBLIOGRAFIA	236
FONTES	241

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo o estudo do processo de formação da trabalhadora urbana no Brasil entre 1900 e 1922. Nele procuramos estudar a específica representação elaborada por certos discursos para aquelas que se viram, desde muito cedo, constrangidas a se submeterem à lógica e ao poder do Capital. Transformada já no século XVIII em centro de estratégias que visavam organizar, higienizar e moralizar a família, a mulher assumir uma nova dimensão além da figura de mãe e de esposa: a de trabalhadora. Contudo, esta distinção frequentemente não ocorre como oposição entre essas imagens. A imagem que aparece no espelho é múltipla, refletindo várias cores, como em um cristal. A personagem veste diferentes máscaras no desenrolar da trama: estilhaça-se em diferentes projeções femininas - mãe, esposa, prostituta, companheira, traidora, militante, heroína, trabalhadora. Todas essas projeções contem como fundamento a ambigüidade.

Ambigüidades, contradições, intenções e gestos são termos recorrentes neste trabalho, que tenta resgatar esta "nova" personagem, inserida em um movimento muito amplo: o da organização da sociedade de trabalho livre no seu sentido moderno.

Também aqui no Brasil fez parte do processo de constituição desta sociedade, o resgate da representação do trabalho que, de símbolo de uma condição degradada - a do homem escravizado e reduzido quase a animalidade - passa a configurar a condição do homem livre e produtivo.

Saindo dos subterrâneos, o trabalho ganha uma acepção altamente positiva de produtor de vida e da riqueza material e também de formador de homens moralizados. É neste contexto que a figura do trabalhador adquire uma identidade social.

Na condição de princípio produtor da própria sociedade, o trabalho é minuciosamente observado e sobre ele são construídos diferentes discursos que se propõem identificar e classificar as suas formas variadas de ocorrência, resultando daí a elaboração das diversas figuras do trabalho.

Por outro lado, a formação de um contingente de mulheres e homens disciplinados, moralizados, implicava em certas relações sociais que, engeдрando-se em todos os pontos da sociedade, acabam por constituir uma ampla e generalizada rede de instituições e de relações de poder que disseminam eficientes e sutis mecanismos de dominação, cujos objetivos eram a formação de uma sociedade em função dos interesses de organizar, disciplinar e controlar através da sujeição completa daqueles homens e mulheres que se viam constrangidos a se submeterem ao poder da dominação burguesa.

Estas relações de poder organizavam não somente a esfera até então considerada pública como o Estado, a legislação social, mas também incidiam na rearticulação daquelas instituições tidas como da esfera do privado: a família, a religião, a organização espacial, o lazer, o corpo, o sexo. Generalizam-se as experiências, através do surgimento de toda uma rede de instituições, associações, que articulam e propõem deliberadamente programas de moralização de classes trabalhadoras.

Dentro deste processo, a motivação para estudar a produção da figura da trabalhadora partiu da constatação de que existe nos trabalhos acadêmicos limites muito definidos no que diz respeito a essa questão. Neles frequentemente não se ultrapassa um ponto de vista estritamente econômico que considera a mulher um dentre os fatores de produção (quase sempre na condição de exército industrial de reserva); não se supera também uma postura política que só reconhece a participação feminina quando enquadrada nas formas organizadas institucionalmente dentro do movimento operário.

Neste trabalho, tentamos ultrapassar os limites do

viés econômico impostos pela produção acadêmica à essa figura particular, assim como não privilegiamos unicamente as formas organizadas de manifestação. Concordamos com alguns pensadores, como por exemplo Cornelius Castoriadis, que consideram importante não restringir o campo de análise ao âmbito daquele terreno que, na tradição marxista-leninista e estruturalista, tradicionalmente se delimitou como político, excluindo assim uma série de manifestações operárias não explícitas e não organizadas em instituições como partidos e sindicatos.

Pretendemos buscar as marcas deixadas por esta mulher trabalhadora ao longo do caminho que percorreu, encontrando as imagens que foram produzidas para ela e também aquelas em que ela se auto-representou, enquanto agente histórico de um processo que visava o seu controle e a sua completa transformação disciplinada.

Procuramos ver na figura social da mulher trabalhadora, não só o resultado de várias estratégias explicitamente constrangedoras ao trabalho, mas ainda um constituir-se em força disponível no mercado de trabalho assalariado, o que implicou na introjeção de valores básicos dessa sociedade organizada sobre a determinação imperiosa do trabalho como única forma de assegurar a vida e criar riquezas.

Tivemos como interesse maior retirar o estudo da condição feminina de um campo teórico que de antemão a coloca como subjugada por um universo social onde somente aos homens é dado fazer escolhas, desvendando caminhos possíveis para se desfazer o recobrimento homogêneo que agrega uma mesma figura social homens e mulheres despossuídos - a classe trabalhadora.

Para tanto, saímos em busca das mais diversas representações da mulher pobre trabalhadora em diferentes tipos de documentos, tais como a imprensa operária anarquista e socialista, a grande imprensa, documentação patronal, documentos oficiais, recenseamentos, teses médicas, depoimentos de antigas

trabalhadoras, crônicas, livros de diferentes autores, como Evaristo de Moraes, Maurício de Lacerda e Jacob Penteadó.

Deste estudo constatamos que a figura social da trabalhadora acontece não somente como resultado de várias estratégias explicitamente constrangedoras ao trabalho, mas é, acima de tudo, um constituir-se em força disponível no mercado de trabalho livre e assalariado. Este constituir-se envolveu diferentes agentes sociais: o patronato, o Estado, a legislação, os médicos sanitaristas, o movimento operário e os próprios trabalhadores. São estes elementos que no processo de luta e dominação, em movimento de avanços e recuos, pelo desenvolvimento de diferentes táticas e estratégias vão aos poucos se formando. Não se trata da simples imposição da dominação ou do surgimento da resistência e sim a elaboração de diversas figuras sociais que vão se constituindo na medida de seus interesses e necessidades e definindo certas regras. Organizam-se diferentes projetos sociais sobre a classe trabalhadora, dentre os quais alguns são vitoriosos e outros acabam vencidos e submergidos por um movimento mais amplo.

Por outro lado, a produção histórica dos sujeitos sociais é decorrente de um confronto em que a produção das classes está intimamente ligada ao modo pelo qual essa sociedade começa a impor os seus registros para seu próprio reconhecimento.

Para nós, a classe social não é uma categoria analítica ou estática e nem mesmo uma simples formação social. Entendemos classe no sentido atribuído por E.P.Thompson, em que a classe social é "(...) un fenomeno histórico unificador de un certo numero de acontecimientos dispares y aparentemente desconectados, tanto por las respectivas condiciones materiales de existencia y experiencia como por su consciencia". E ela aparece quando "(...) algunos hombres, como resultado de experiencias comunes (herdadas o compartidas), sientem y articulan la identidad de sus intereses entre ellos y contra otros hombres

cuyos intereses son diferentes (y corrientemente opuestos) a los suyos" (Thompson.E.P.; Formacion Histórica de la Clase Obrera - Inglaterra: 1780-1832". Barcelona, Editorial Laia , 1977, p).

Queremos também deixar bem claro que os textos, os discursos, em suma, a documentação que pesquisamos, representam certos momentos, pedaços, fragmentos que articulados parecem indicar, para o período 1900/1922, para determinados projetos sociais, um sentido geral. Não consideramos que os discursos estudados possam dar conta de todas as tendências e debates da época sobre a questão da mulher no mundo do trabalho, embora possamos considerá-los como momentos privilegiados na elaboração da figura social da trabalhadora. Devemos ter em mente o substrato que norteia a produção discursiva dos diferentes agentes sociais estudados como decorrências de processos que durante várias décadas forjaram a figura do homem livre / trabalhador assalariado/cidadão nacional, essencial para a constituição do mercado de trabalho livre no Brasil.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, dedicamos especial atenção à elaboração da figura social deste trabalhador específico - a mulher - à partir de documentos patronais, oficiais, jornais anarquistas e algumas teses de médicos e sanitaristas e certos projetos educacionais, que se preocupavam em estudar a questão do trabalho feminino, além, é claro, dos debates sobre a legislação social.

No segundo capítulo, investigamos atentamente dois processos de produção que empregavam largamente mão-de-obra feminina: o da fiação e tecelagem e o das oficinas de costura. Seja dentro das fábricas como operárias textéis já em pleno processo de transformação em apêndices das máquinas, de alienação quase completa do controle do processo de trabalho, submetidas a todas as aviltadas condições de trabalho fabril; seja na condição de constureira, tanto em ateliers e oficinas, como em seu próprio domicílio, porém na situação de trabalho que ainda

conserva o domínio da matriz do ofício, a arte de produzir predominantemente manual, procuramos alargar a concepção de trabalho, invadindo a esfera doméstica destas mulheres. Buscamos também suas formas de resistência tanto na participação e engajamento nas lutas organizadas da classe em sindicatos, greves , etc., como também aquela resistência difusa, cotidiana, que se traduzia em furtos, no absenteísmo ou até mesmo na passividade e nas constantes tentativas de retorno ao lar.

Foi possível, então, formular a hipótese de que, para as mulheres trabalhadoras a defesa de um retorno ao lar, de certa elegia à vida doméstica, também pode ser encarada como forma de resistência ao violento processo de trabalho sob a organização capitalista, da exploração sobre aqueles agora submetidos ao tempo útil do patrão.

Lembremos que o trabalho doméstico se insere num ou tro tipo de ordenação lógica: ainda é em certa medida orientado pelo ritmo das tarefas diárias, submetido a lógica da natureza, bastante preso às convenções de uma sociedade "pré - industrial" (Thompson.E.P., "Tempo, Disciplina e Trabajo y Capitalismo Industrial" in "Time, Work-Discipline Industrial Capitalism", Past and Present, nº 38, Dez. 1967, Oxford).

Não queremos, contudo, dizer que nas sociedades "pré - industriais" as mulheres também não estivessem submetidas a um ritmo bastante intenso de trabalho. O que tentamos fazer é apontar que a resistência pode muitas vezes adquirir características que, a primeira vista, revelam-se contraditórias, mas têm porém um significado mais amplo. Defender um retorno para casa, para o serviço doméstico, não significa que este seja menos estafante, mas contudo significa uma negação, até mesmo instintiva, de toda a série de noções que se tentam divulgar no processo de constituição da classe trabalhadora, dentro dos princípios de positividade do trabalho organizado para a produção capitalista.

Esta resistência também adquiriu contorno bastante

acentuado com a presença da mulher nas organizações políticas da época.

No terceiro capítulo, estudamos aquelas que, engajadas nos movimentos anarquistas e socialistas, escreveram na imprensa, organizaram ligas e uniões de classe, participaram do teatro operário, fundaram grupos de estudo, escolas modernas, defendendo não somente ideais emancipatórios da classe operária como também formularam suas posições a respeito da necessidade de uma nova sociedade e uma nova mulher.

A atuação política destas militantes merece ser destacada sem que para isso seja necessário lembrar constantemente seu heroísmo ou uma propalada combatividade. Sua presença nas atividades políticas do movimento operário ainda que no meu estudo eu tenha me limitado à sua atuação dentro do anarquismo ou socialismo), marca com razoável nitidez um fato: algumas mulheres se lançaram à aventura da militância política organizada. A conquista de uma figura pública para a mulher que significou a intromissão em sua intimidade mais recôndita, constituiu também sua possibilidade de se expressar frente às suas condições de vida através de falas em público e escritos em jornais e livros, de constituir, em suma, um registro particular.

No decorrer de todo este trabalho, foi bastante interessante verificar que é acentuadamente através da discussão sobre o trabalho da mulher onde se colocam com bastante clareza as implicações decorrentes de um novo sentimento sobre a degeneração humana das camadas pobres. É em torno da maternidade e da infância, da função reprodutora da mulher dentro da sociedade que se centralizam, basicamente, as preocupações dos diferentes setores sociais, pois a figura feminina encarna uma dupla função: ser simultaneamente produtora e reprodutora da força de trabalho. Ela é a força da vida humana, assegurando pela fertilidade o potencial de multiplicação da espécie.

O desvendamento destas questões, seu debate cada vez mais acirrado, sua divulgação para um número maior de interessados, invade de maneira radical a questão da maternidade, da infância, da organização da família e do trabalho doméstico. Por exemplo, até meados do século XVIII não havia qualquer preocupação fosse com as mulheres, fosse com as crianças. O parto, as doenças femininas e infantis eram coisas de comadres, resolvidas por parteiras e por tipos de saberes que pertenciam ao próprio espaço doméstico.

O homem e a mulher, ali ao pé da máquina, igualmente submissos a uma mesma lógica da exploração, a mulher arrancada de sua humanidade, do que lhe é próprio, a não redução no domínio da lógica, imersa na dimensão do sentir e do agir, sem a profunda separação coração/razão - é liquefeita no discurso liberal dos direitos iguais, entre iguais, igual ao pior. Arrancada de sua dimensão não ruminativa, que é próprio do homem civilizado, é jogada no processo civilizatório que assume contornos bem definidos no século XIX. A mulher ascende à condição de caixeira, lado a lado aos homens, que também terminam por se solidificarem em imagens deste período, como degradados, como ser humanos sem humanidade:

"Por todo lado onde o espírito industrial venceu o espírito militar e aristocrático, a mulher aspira à autonomia econômica e jurídica de um caixeiro: "A mulher como caixeira" até afixado no portão da sociedade moderna em formação."

(Nietzsche, F. "Para além do Bem e do Mal". §239)

Se para o patronato a questão da utilização da força de trabalho nas indústrias é um fato inquestionável, alguns deles, como Jorge Street, aceitam que se imponham certos limites e garantias só no período pré e pós-parto.

Para socialistas e anarquistas a questão avança pela idéia revolucionária da emancipação da classe trabalhadora e

do novo papel da mulher dentro da nova sociedade, com a exaltação de uma nova função da maternidade, colocada então como um ideal mais amplo.

Os médicos e sanitaristas preocupam-se em definir um campo que assegure biológica e socialmente a maternidade. Na opinião de alguns deles, os patrões, a legislação, o Estado, deveriam dar garantias para que a mulher continuasse, no mínimo, a amamentar seus filhos. Propõem licença gestante, creches, todo um aparato público para evitar o fantasma aterrador da mortalidade infantil garantindo a continuidade destas funções imprescindíveis à conservação da espécie humana.

Os legisladores buscavam encontrar os parâmetros para a implantação da legislação sobre a proteção à mulher. Algumas perguntas eram colocadas: "Quem arcaria com o "ônus" social do pagamento do salário daquelas que se retirassem por motivo de parto e cuidados com os recém-nascidos? Neste ponto, identificam-se com uma preocupação do patronato. Jorge Street é muito claro quando afirma que a lei não poderia ser de tal forma que tornasse a maternidade uma "Cômada e rendosa profissão!" Tratava-se assim de equacionar o problema, dando-lhe contornos bem precisos, expressos numa legislação especial.

Para os educadores tratava-se de especificar o que seria preparar a mulher para a vida, dentro de um contexto geral considerado necessário para um processo educativo cujo objetivo seria a formação de uma determinada categoria de cidadãos-operários-modelo, a realização do protótipo do trabalhador nacional. Preparar para a vida significa para alguns ministrar educação técnica-profissional e para outros reorganizar a economia doméstica sob princípios técnicos e científicos. Tratava-se de preparar a mulher para uma profissão ou reintegrá-la na função de dona-de-casa, como mãe exemplar, mas agora gerenciadora do espaço doméstico, através da sua passagem pelo sistema educacional. No período que estudamos, não se descarta mais a necessidade de um projeto educativo que reorganizasse a

economia doméstica e as condições de ação da mulher dentro de casa.

A idéia de elaboração de uma série de projetos cuja tendência era a de devassar a intimidade doméstica reforça e confirma o irresistível movimento de expansão da esfera social, que coloca a separação das antigas esferas do público e do privado, reorganizando e investindo de maneira decisiva sobre, por exemplo, a vida familiar. Neste estudo, procuramos demonstrar como estas investidas encontraram força na figura da mulher, moralizando, disciplinando e organizando racionalmente a utilização do seu trabalho. Investindo sobre a organização do trabalho doméstico, da reprodução, do cuidado com os filhos, uma série de medidas, discursos de práticas e estratégias se formulam: o que antes era "natural", que se colocava no recesso das atividades à serviço da subsistência do indivíduo, da sobrevivência da espécie, daquilo que era mantido fora da ação pública, vai perdendo pouco a pouco o enconderijo da privacidade doméstica. Olhares, intenções, projetos, saberes, incidem e insistem em desvendar e esquadriñar os recessos, os cantos empoeirados, as pequenas sujeirinhas infantis, o choro das crianças, as desavenças familiares, as habitações, o cozinhar, o lavar e o passar, buscando um sentido de regulação, de ordenação, uma intenção de moralizar e organizar.

A figura social da trabalhadora no período estudado assemelhou-se a um quebra-cabeças. No final da pesquisa, foi possível descobrir que algumas peças se encaixavam; mas sobram fragmentos, cacos disparatados em aparente desconexão com o resto. Porém, certos sentidos gerais foram detectados, não somente em relação a projetos vitoriosos, mas também em intenções e gestos que não se concretizaram, não por incapacidade, mas sim porque frequentemente vingaram as estratégias de dominação dos seus formuladores.

Diante da consciência de que a potência do homem se dissipa, se nega neste processo todo - na fábrica, nos bairros,

nas casas, na afirmação da razão, domando os instintos-e criando a civilização das massas. É impossível continuar afirmando qualquer idéia de progresso, ou de superioridade do nosso tempo.

Degradação, submissão, aviltamento, inferioridade são palavras contemporâneas e que apontam o sentido real de um processo que despossuiu mulheres e homens. Um rolo esmagador, tentáculos poderosos invadem os sentimentos, as emoções, as intimidades.

Envergonhada, posta nua em frente à multidão, a mulher é revelada publicamente. O parto, a amamentação, sua sexualidade, seu coração, vão sendo expostos, vários olhares recaem sobre ela e desfiguram-na; são construídas modernas representações e imagens. A Ariadne perdeu seu próprio fio; Penélope já não sabe mais bordar. O que as resgatará? Teu e Ulisses agora vão para a fábrica, trabalham intensas jornadas, não lhes sobra tempo para sonhar, viajar, arrostar mares, oceanos e labirintos... Os monstros agora são outros, os barcos também. Vida e trabalho não são mais um único e só movimento. Nascer, crescer, viver e morrer perderam o conteúdo mítico, dramático e humano. O trabalho como maldição bíblica: "Viverás do suor de teu rosto!" impera na sociedade, transformando-a num sentido que escapa ao controle da propalada razão.

Espanto, medo, susto, orientam algumas indagações: Que rumos tomar? Que atitudes perpetrar? A ampliação dos debates, o falar cada vez mais, alivia e ganha espaço na sociedade.

Aqui no Brasil, o advento dos debates acerca da condição feminina de trabalhadora, ganhou amplitude no período que estudamos. A burguesia, os legisladores, os anarquistas e socialistas, médicos, advogados, educadores, discutem uma série de questões até aí consideradas novas (embora o aproveitamento da mão-de-obra feminina no processo de produção capitalista ocorra desde os primórdios de sua implantação). Levantam-se os debates sobre a necessidade de proteção (ou não) à esta mão-de

-obra especial, no momento em que está reproduzindo; discute -
-se a verdadeira função social da mulher (se mãe/dona-de-casa,
ou trabalhadora especializada, com uma profissão definida), as
melhores maneiras de amamentar (ou não) as crianças. Entrecho
cam-se idéias, cruzam-se formulações, que às vezes reforçam o
mesmo ponto para em seguida tornaram-se contraditórios. As ten
sões e contradições deste processo são evidentes e perpassam
todos os momentos em que emerge em algum ponto da sociedade a
figura feminina.

CAPÍTULO I

A REGULAÇÃO DAS IMAGENS DA
TRABALHADORA

Foi opinião corrente atribuir à massa trabalhadora pobre certas imagens de embrutecimento ou ausência de civilização que, se não responsáveis diretas pela sua condição, eram elementos de relevante importância na constituição de situação de miserabilidade moral, econômica e social dos despossuídos e trabalhadores pobres. A burguesia, a classe média, enfim, todos aqueles que se encontravam do outro lado da luta selvagem pela sobrevivência associavam frequentemente o conceito de classes pobres e trabalhadoras à idéia de selvageria, incivilização, de trevas. As luzes da civilização não haviam ainda brilhado sobre aqueles que se localizavam nas sombras, no mundo do nada, nas escuras e frias regiões dentro dos limites exerceáveis da habitabilidade humana: os cortiços, as ruas pobres e sujas, os bairros acanhados, sem luz e sem ar, que mais se assemelhavam à infernos e aonde conviviam homens, mulheres, crianças e velhos, ao lado de ladrões, prostitutas, mendigos, doentes e loucos.

Referindo-se a Londres de meados do século XIX, Steadman Jones G. aponta para o fato de que:

"The terms "working class" or "toiling masses" carried no positive cultural connotations, for they signified irreligion, intemperance, improvidence or immorality. Indeed, it was often difficult for these strangers from the "civilized" world to discover where the "working-class" ended and where the "dangerous-classes" began. (in "Working Class Culture and Working Class Politics in London, 1870-1900; Notes on the remaking of a working class", Journal of Social History, Summer, 1973, pp. 463).

A necessidade de civilização da classe trabalhadora, pobre porém honesta, diferenciada daqueles que caminhavam pelos meandros do vício e da degeneração, em torno de certos padrões culturais impostos pelas classes dominantes, tornava-se

vital. Partem de diferentes pontos da sociedade propostas e projetos culturais e educacionais para a civilização dos trabalhadores. Legisladores, religiosos, associações beneficentes e filantrópicas, médicos, sanitaristas, educadores, patrões, empenham-se em articular a reforma moral e material das camadas pobres e industriosas e também em estabelecer uma fissura dentro da massa despossuída, separando os "trabalhadores" dos "vagabundos", os "respeitáveis" dos "sem respeito".

Invadindo os lares, os espaços públicos, ordenando e regulando o lazer, controlando velhos hábitos e estipulando novas atitudes de ordem e regularidade, os projetos de reforma a pontam no sentido de constituição da figura do trabalhador ideal.

Lançando mão, sempre que necessário, de medidas coercitivas ou punitivas (casas de correção, prisões) para aqueles que se negavam ou escapavam dos padrões de organização do trabalho, apelando para sentimentos cívicos ou religiosos, fórmula de projetos educativos, higienizando corpos/mentes/habitacões, havia que se combater os males que grassavam entre os trabalhadores: o alcoolismo, a prostituição, o lenocínio, o infanticídio, a falta de higiene, superstição grosseira. Negava-se, a todo momento, qualquer possibilidade de existência de uma cultura própria a estes seres, agora empobrecidos e despossuídos de outro bem que não fosse a sua força de trabalho.

Tratava-se de estabelecer e impor pela força ou de maneira mais sutil e subliminar, certos padrões: roupas decentes, aparência sadia e robusta, determinados tipos de beleza física, tudo isto de acordo com certos rigores de moralidade, ordem e asseio, que garantissem o bem-estar e tranquilidade próprios e também daqueles que com eles eram obrigados a conviver ou defrontar. Não mais cabelos desgrenhados, roupas sujas e andrajosas, aparências famélicas, doentias e envelhecidas por diferentes vícios e maus-hábitos. Não mais o bar, o jogo, as bedeiras, o sexo sujo e prostituído depois do trabalho, e sim o recinto religioso, a escola, o lar-espaço da família operá

ria honesta.

A grosso modo (com diferentes nuances e variações) , os modelos que se apresentavam eram aqueles que tentavam articular alguns padrões de certos ideais da burguesia: os homens seriam sadios e industriais, pais e esposos dedicados, honestos e acima de tudo tementes às leis, à Deus e amantes da Pátria; a doce e meiga mulher, preocupada com a boa organização do lar, obediente ao marido e eficiente educadora dos filhos para a vida produtiva do trabalho; as crianças disciplinadas e ordeiras, obedientes ao pai e à mãe, à Deus e à todos os mais velhos, preparando-se para um futuro reto, de muito trabalho dignificante e algum lazer honesto.

Agora, o que há por traz destas generalizações - classe trabalhadora, proletariado, operariado? Quem são estes seres que, pressionados pelas mais primárias condições de sobrevivência, simultaneamente se sujeitam ou resistem às tentativas de imposição e controle de suas vidas, seja na fábrica, em casa, no bar, nas ruas. Dentro desta designação homogeneizadora, encontramos não só o trabalhador qualificado, o pequeno artesão, como também aqueles que já se transformaram em simples peças de engrenagens das máquinas. Esta designação genérica comporta também a diversificação sexual e etária: homens, mulheres, crianças e velhos. De diferentes etnias, origem social, situação econômica . Esta variedade de composição da massa trabalhadora implicava numa diversificada percepção do mundo e também em diferentes alcances na introjeção de certos valores normativos da sociedade.

Dar conta desta heterogeneidade frequentemente implicou em tentativas de elaboração de certas representações, figuras sociais para o trabalhador. Perceber a mulher neste contexto é o objetivo deste capítulo. Pesquisamos um certo tipo de discurso patronal, a imprensa operária anarquista, algumas teses médicas e determinados projetos educacionais.

Foi importante perceber que não se estabeleceu uma

linearidade nestes discursos ou posições que apontassem um único sentido. As idéias entrecrocavam-se. Em alguns momentos, as formulações aparecem cruzadas, reforçando o mesmo ponto, investindo em um mesmo sentido, para, em seguida, tornarem-se contraditórias. As intenções em alguns momentos eram bastante claras. Em outros, os objetivos não ficavam suficientemente definidos.

Alguns recortes nestes momentos é o que se segue.

I.1.A TRABALHADORA IDEAL: UMA ASPIRAÇÃO DE PATRÕES, LEGISLADORES E EDUCADORES

As duas primeiras décadas do nosso século assinalaram um momento em que certos setores da sociedade elaboraram certas práticas e estratégias extremamente eficientes no trato cotidiano com os trabalhadores, ampliando sucessivamente o campo de possibilidades de efetivação da dominação da força de trabalho, face à resistência também crescente dos trabalhadores.

Para o patronato, os legisladores e educadores travava-se de lidar com as condições que o mercado de trabalho livre colocava, implicando em situar-se diante de múltiplos e complexos problemas, para os quais ainda era necessário experimentar, para encontrar soluções.

Neste período, aqui no Brasil, a burguesia impunha-se, muitas vezes de modo fragmentado, como um agente social, elaborando e efetivando estratégias disciplinares que irão compor o cotidiano do trabalhador, organizando-se em torno de suas associações de classe [1], dando corpo a sua voz, através de seus principais representantes.

Aparecem na imprensa pronunciamentos patronais, defendendo seus interesses, articulando suas idéias e argumen

tando em favor de seus princípios. Discute-se a elaboração da legislação social e os seus limites, o papel do Estado, a organização do trabalho, a repressão. Articulam-se Centros Católicos, constroem-se vilas e escolas operárias, etc.

Esta organização acontece dentro dos marcos de uma necessidade que frequentemente aparece no dia-a-dia, nas lides com a questão operária:

"As nossas indústrias, ainda no berço, (...) não tiveram tempo de fundir os seus operários no mesmo cadinho dando-lhes um cunho inconfundível (...). Nos diferentes países industrializados do Velho Mundo, os operários formam no meio da plebe, uma camada social à parte, com seus usos e costumes próprios, com sua mentalidade própria e até mesmo com os seus vestuários do mesmo tipo. Esses operários, incontestavelmente mais cultos do que os nossos, conhecem perfeitamente os seus deveres e direitos e sabem que leis inexoráveis põem a sociedade ao abrigo daqueles que se apartam dos caminhos que ela traçou. 'Entre nós, o proletariado não é mais do que uma amalgama inconsistente de elementos heterogêneos: o tempo não foi ainda suficiente para vasá-lo na mesma forma' (...)"
Boletins do CIFT - SP, Jan/dez 1921.

Estas novas relações sociais implicavam em novas estratégias de poder que, engendrando-se em todos os pontos da sociedade, constituem ampla e variada rede de instituições e de relações de poder, generalizando eficientes e sutis mecanismos de dominação. Seus objetivos eram a formação, de ponta a ponta, de toda uma sociedade em função dos interesses de se organizar, disciplinar e controlar, através da sujeição crescente daqueles homens e mulheres que se viam constrangidos a submissão diante dos mandos do capital - os trabalhadores [2].

Estas relações de poder se disseminam por todo o social, e organizam somente a esfera considerada pública como o Estado, a legislação social, mas também incidiam na rearticulação do social naquelas instituições tidas como da esfera do privado: a família, a religião, a organização espacial, o lazer, a reprodução, o lar.

No Brasil, os anos finais do século XIX e acentuadamente o início do século XX, marcam o momento em que com maior nitidez é formulada a questão social. Para a burguesia, tratava-se de precisar a localização da classe trabalhadora dentro de limites sociais muito bem definidos, separando os seus elementos daqueles que, por se negarem ao trabalho, classificam-se como vagabundos, elementos perigosos pela sua turbulência e imoralidade. Concomitantemente, definem-se estratégias normatizadoras. Uma das mais bem sucedidas era aquela que tinha por objetivo fixar os operários nos seus locais de trabalho evitando a mobilidade no emprego. Pressiona-se para que as pessoas se casem, são construídas vilas operárias, praticam-se sutis sistemas de endividamento, tais como aluguel adiantado, compras a crédito em lojas cujos donos são agentes dos patrões, etc. [3].

Generalizam-se as experiências, através do surgimento de toda uma rede de instituições e de associações, leigas ou religiosas, que articulam e propõem programas de moralização da classe operária. É neste momento que se coloca o problema do trabalho feminino, que não brota isolado, mas aparece intrinsecamente ligado ao problema dos cuidados e educação dos menores e, principalmente, da atividade produtiva destes.

A burguesia assume a tarefa, que propõe para si mesma de moralizar aqueles que ela qualifica como incompletamente moralizados para formar uma classe trabalhadora dentro de certos padrões éticos necessários ao bom funcionamento da sociedade. Com este objetivo organizam-se uma série de estratégias que visam dar conta desta tarefa.

Um dos exemplos mais significativos destas estratêgias está nas tentativas de organização dos trabalhadores nas famosas vilas operárias, que alguns industriais constroem aqui no Brasil, já com a industrialização.

A presença destas vilas marca uma forma extremamente eficiente de controle dos operários de um estabelecimento fabril, que, extravasando os muros do local de trabalho, determinam novos limites do cotidiano extra-fábrica da família operária. Antes de mais nada, sendo patrão e senhorio uma só e única pessoa, qualquer irregularidade no trabalho pode ser duplamente punida: pela dispensa do empregado e o conseqüente despejo da moradia.

A organização das vilas operárias variava muito. Haviam aquelas que eram concessões só a mestres ou contra-mestres ou então eram oferecidas como moradia àqueles trabalhadores cujas funções os obrigavam a estar disponíveis para a fábrica a qualquer hora do dia ou da noite. Em outros casos, as casas só eram concedidas àqueles cujas famílias tivessem mais de dois membros trabalhando para a fábrica. Desta forma, a família funciona como mais uma forma de controlar a vida dos operários, pois a assiduidade e disciplina de todos os seus membros era uma garantia contra a perda do emprego e também da moradia.

A concessão das casas implicava muitas vezes em outras "regalias": aluguéis menores, água, lenha ou luz. Estas vantagens eram motivos frequentes para recusar as reinvidicações salariais dos operários. Isto acontecia principalmente nas vilas cidadelas, cujo principal exemplo era a Vila Maria Zélia. Elas possuíam, além das habitações, escolas, farmácias, creches, clubes, Igrejas, etc.

"A vila cidadela funciona como um verdadeiro labora
tório de uma sociedade disciplinar. Combinando o
saber higienista com um poder que ao mesmo tempo
proíbe, pune, reprime e educa, é o exemplo mais

claro e sofisticado de constituição do trabalhador submisso ao Capital."

(Rolnik, Raquel, Cada um no seu lugar, USP, Dissertação de Mestrado, 1981, p. 77)

Esta questão fica bem clara quando da greve dos tecelões de 1920, em São Paulo. A fábrica de tecido de juta Maria Zélia não participa da greve, pois os seus empregados " (...) residem em casas da Companhia e se fornecem de gêneros nos armazéns da mesma. Declarando-se em greve, eles se veriam logo privados de gêneros e de casa, porque seriam despedidos em 24 horas (...)" (O Combate, 27/03/1920).

A organização espacial da classe trabalhadora dentro do mesmo bairro, próxima aos muros da fábrica, na série de casinhas geminadas, de fachadas iguais, semelhantes nas suas características de modéstia e singeleza, criam ilhas de salubridade e moralidade no ambiente onde predominavam cortiços, paradedeiros e a promiscuidade. Por outro lado, a própria casa operária organizava um espaço amplo o suficiente para ser higiênico e pequeno o bastante para que só a família possa nele viver. A definição deste espaço, deste habitat operário, representa um importante momento na intenção de organizar a intimidade doméstica, locus protegido e aquecido e indica as necessidades de organização da moradia operária no sentido de que esta constituía-se no abrigo, lugar de defesa e autonomia do modelo familiar, padrão que alguns setores da burguesia, médicos sanitaristas e arquitetos estavam preocupados em divulgar.

Embora quantitativamente tenham sido poucas estas vilas operárias, o valor de sua existência reside justamente no modelo que elas representavam para a sociedade, como uma " imagem construída com tijolos das idéias gerais sobre a habitação e vida da classe operária sadia e harmoniosa" (Rolnik, R., op. cit. p. 90).

O valor atribuído a esta questão das vilas operárias como modelo de moralização e controle, extrapola o espaço

físico, invadindo e organizando o cotidiano da classe trabalhadora,

"O que representa esse aglomerado de edificações em meio de arruamentos e praças projetadas, obedecendo a um plano arquitetônico moderno e com todas as condições de higiene e conforto?"

"Sabemos todos que é a 'Vila Operária' da nossa Empresa, destinada a localizar neste delicioso recanto (...) os operários das nossas fábricas e das nossas oficinas de trabalho."

"Aqui eles terão a sede tranqüila dos seus lares felizes; aqui encontrarão todos os recursos da assistência carinhosa e boa e do cooperativismo bem compreendido e organizado, a escola para as crianças e a Igreja para assegurar ainda mais os sagrados laços de família."

"O projeto desta magnífica instituição foi metódicamente estudado e está sendo executado sob a direta inspeção do vosso chefe."

(Antero de Almeida, "As Reivindicações Operárias e o ponto de vista nacional da questão". Conferência realizada a 19 de maio de 1920, na "Vila Operária" da firma Pereira Carneiro & Cia, Ltda. [4])

O interessante a ser colocado aqui é que este projeto, no período que estudamos, não fazia parte das preocupações de todo o patronato. Somente alguns estavam realmente preocupados em levar à efeito tais intenções e realmente dispender alguma quantia na construção de moradias populares para as classes trabalhadoras.

No Brasil, Jorge Sheet foi um dos primeiros indus-
triais brasileiros a posicionar claramente sobre programas e
medidas que se encaixavam nestes projetos de moralização e ci-
vilização dos trabalhadores. No Jornal do Comércio, a partir
de 1917, saem vários artigos assinados por ele. Street era di-
retor de uma fábrica de tecidos de algodão no Rio de Janeiro,
da fábrica Maria Zélia de Tecidos de Juta em São Paulo, e tam-
bém proprietário de vários outros estabelecimentos empresariais
no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na época em que saem estes
artigos ele era o presidente do Centro Industrial do Brasil .
Posteriormente à 1930, ele fará parte do Ministério do Traba-
lho, Indústria e Comércio, como diretor do Departamento Nacio-
nal do Trabalho. É na sua fábrica em São Paulo que se constrói
a famosa Vila Operária "Maria Zélia", e onde se organiza tam-
bém uma creche modelo para as operárias.

No artigo intitulado "A Jornada de 8 hs., o trabalho
de menores e da mulher analisado por um lider patronal", que
selecionamos, ele discute três assuntos: a jornada de 8 hs.de
trabalho, à qual se opõe defendendo 56 horas de trabalho sema-
nal como o ideal; o trabalho de menores à partir dos onze anos,
dado que o jovem brasileiro é mais precoce do que o europeus,
e em face disso o trabalho cumpre um fim social, pois não per-
mite que as crianças fiquem "ao abandono, entregues a si mes-
mas, nas ruas, à disposição de todas as seduções e de todos
os vícios, indo engrossar mais o já tamanho número de abando-
nados e futuros delinquentes em tenra idade" (Street, J., "A
Jornada de 8 hs., o trabalho de menores e da mulher analisado
por um lider patronal" (1917); "Código do trabalho"; extrato
da "Gazetilha" do "Jornal do Comércio", 10/9/1917) [5]. Preco-
niza a necessidade de uma legislação protetora, desde que seus
limites sejam bem precisos.

O terceiro tema liga-se ao problema do trabalho fe-
minino. Sua argumentação tem início com a negação da idéia

corrente, na época, de que o trabalho feminino faria concorrência ao trabalho dos homens [6]. Ele afirma:

"(...) Aqui entre nós, de novo repito, esta concorrência não se dá; pelo contrário, mais trabalho do que braços e por isso o trabalho da mulher é pago em condições perfeitamente iguais às do homem."

Todos nós sabemos que os salários das mulheres nas indústrias têxteis do próprio Jorge Street sempre foram significativamente menores. O texto porém, não se refere à igualdade de na quantidade recebida pelas mulheres e sim ao pagamento em "condições perfeitamente iguais".

Neste período, o que caracteriza o pagamento dos operários é uma complexa estrutura salarial e um emaranhado de critérios que determinavam os salários em vigor nas fábricas. As práticas de pagamento por peças, por qualidade de tecidos, os prêmios, as multas, os descontos variáveis, faziam com que todos os meses, por ocasião do seu pagamento, nenhum operário soubesse ao certo qual seria o seu salário completo. Por outro lado, a inexistência de um contrato de trabalho, de tabelas prévia fixada, das multas, faziam com que o salário fosse calculado no final da produção [7].

Desta forma, a afirmação de que o salário da mulher é pago em condições iguais é verdadeira. O valor dos salários é definido no processo de trabalho, dependendo de tear para o qual o operário é designado, o tipo de pano que lhe cabe ou a função que lhe é atribuída. É neste momento que ocorre a discriminação que implicará na redução do pagamento das mulheres. Isto pode ser observado em inúmeras denúncias que aparecem na imprensa operária, como esta que analisa o envelope de pagamento da tecelã Silvia Antoniatí:

"Por ele verificamos que essa operária, uma exímia profissional, segundo informações de competentes, trabalhando um mês inteiro com três

teares, desde o romper do dia até noite fechada, ganhou um salário de 63\$000. E há mais. Dessa quantia, foram deduzidos 2\$000 para o médico e 21\$000 de multas! Recebeu, portanto, 40\$000!"

(A Folha do Povo, 28/05/1908)

Apontar, neste momento, a diferença de salários entre homens e mulheres, significava reconhecer a exploração inerente a tal processo de pagamentos salariais que não era exclusivo das indústrias têxteis, mas que vigorava em muitas das indústrias do período. Esta forma de pagamento era um mecanismo eficiente, sob a ótica do patrão, de garantir seus lucros de acordo com as variações de demanda ou da produtividade, uma vez que não havia um salário fixo a receber.

Outra coisa que chama a atenção é o fato de Street não estar preocupado com a questão do salário individual da mulher e sim com a sua inserção dentro da família trabalhadora. Referindo-se às operárias de sua fábrica e das suas condições de igualdade com os homens, ele afirma:

"Essas moças fazem parte de numerosos grupos de família que trabalham nas fábricas de empresas que dirijo em São Paulo.

Essas famílias são compostas, muitas vezes, de 4, 5 e mais pessoas, pai, mãe, duas e às vezes três filhas moças, que ganham por mês, 400\$ a 500\$ e algumas mesmo \$600. Em todas as outras fábricas isto é também comum."

A questão do trabalho feminino aparece assim referido ao contexto familiar. Não é o trabalho individual que conta e sim o somatório dos rendimentos de todos ligados à produção. É interessante verificarmos um pouco mais detidamente esta questão, pois se o que estava em jogo era o rendimento coletivo do trabalho de todos os membros da família, a questão dos salários

individuais ficava relativizada.

Alice Kessler Harris, em seu livro "Out to Work - A History of Wage-Earning in the U.S." (Penguin Books, N.Y. , 1980) aponta que a existência de mulheres sozinhas (Woman adri ft) auto-sustentadas pelo seu trabalho era desestimulado, pois acreditava-se que nesta situação ela estaria a um passo da per dição. Por outro lado, reconhecia-se que os baixos salários po deriam levar as mulheres sozinhas ao perigoso caminho da pros tituição.

O desistímulo à possibilidade de vida a mulheres so zinhas é relativamente óbvio, se pensarmos que, no período que estudamos, verifica-se uma intenção geral, por parte de certos setores das classes dominantes, de reforço da unidade familiar no sentido da família nuclear e também em toda uma série de in vestimentos sociais sobre a figura da mulher dentro da família, incluída num projeto moralizador mais amplo de sedentarização de homens e mulheres pelos laços matrimoniais, de regularização das classes trabalhadoras através do governo das famílias.

Assim sendo, parece-me lógico pensar que apostar nos rendimentos coletivos significava que, sem precisar elevar os salários individuais, principalmente o das mulheres, simul taneamente eliminava-se a questão da sobrevivência individual e os seus consequentes descaminhos. Reforçava-se a instituição familiar como unidade produtiva [8].

Nota-se também todo um esforço de se elevar esta tra balhadora à categoria de equivalente ao homem, senão em direi to, pelo menos em deveres. Segundo Street:

"(...) A mulher em toda parte, já antes da guerra, procurava, por todos os meios, contrariar e ven cer essa resistência do homem, em admiti-la como equivalente em valor e em direitos do mundo do Trabalho. Em toda parte elas demonstraram extra ordinária capacidade física, moral e profissional

para todos os misteres que, a pouco, eram ainda privilégios do trabalho do homem."

Esta equivalência, contudo, adquire contornos bem mais precisos com a continuação do parágrafo:

"As nossas fábricas ocupam dezenas de milhares de mulheres e moças, que todas satisfazem plenamente as suas tarefas, tornando-se elementos importantes e, muitas vezes, mesmo preponderantes para manutenção e sustento da família."

Nestes marcos, a figura da mulher passa a representar uma peça chave no processo de constituição da mão de obra disciplinarizada. Trata-se aqui da constituição da família produtiva e disciplinada sob a ótica do mundo do trabalho. A perda de emprego de qualquer elemento da família operária representava um grave transtorno econômico para todos.

Era um investimento social e produtivo sobre a família operária, para o qual somavam-se, além dos baixos salários individuais, outras estratégias: as vilas operárias, a religião e, acima de tudo, a preservação moral do trabalhador.

"Estará a moça que fica em casa aos 16 ou 17 anos mais ao abrigo de qualquer mau passo do que na fábrica? Certamente que não (...)". (Street J. op. cit.)

Se é a família que está na fábrica e se é o trabalho a fonte da dignidade humana, a fábrica converte-se assim em um local de moralização dos indivíduos. Passa-se sucessivamente da família como lugar privilegiado de moralização e disciplinarização do trabalhador, para o trabalho fabril como lugar de moralização da família e seus membros.

A moralização do trabalho feminino marca a necessidade de regularização do seu papel - trabalhadora - aquela que

prefere viver do suor de seu rosto e de seus familiares, à se guir os escusos caminhos da prostituição. E este perigo está longe daquelas que se encontram no recinto fabril, as operárias laboriosas. O caminho da degeneração que levaria à prostituição precisava ser evitado. Como evitá-lo? Vários discursos se produzem sobre este assunto. Evaristo de Moraes, em seu Ensaio de Patologia Social (), estuda, do ponto de vista jurídico, moral, social e higiênico, a vagabundagem, o alcoolismo, a prostituição e o lenocínio. Ele é bastante claro ao se referir às medidas de controle da prostituição, cujos objetivos e fins seriam:

"Proteção para o proletariado feminino, procurando-se aproveitar-lhe o mais possível, a atividade e aproveitando-a em todas as profissões e empregos compatíveis com o seu sexo e as suas habilidades, para assim evitar-lhe a miséria, causa eficaz da prostituição;

Incitamento formal a todas as associações leigas ou religiosas, que se propuseram à instrução e à proteção dos menores de ambos os sexos, e dos que se dedicaram a conversão das meretrizes, afastando-as do vício e aplicando-as ao trabalho honesto e regular da sociedade; (...)

(Evaristo de Moraes, op. cit., p. 272)

Tratava-se assim de disciplinar a mão-de-obra feminina prevenindo este mal através da proteção salarial, como também da religião ou do assistencialismo, evitando-se assim o desvio das mulheres trabalhadoras.

Para aquelas que já haviam se tornado prostitutas o recurso é a reclusão construtiva, afastamento do meio social cujo objetivo, claramente definido, é o da sua recuperação como trabalhadora:

"Neste sentido supomos que é de rigorosa necessida de uma prisão especialmente destinada a mulhures vagabundas, sob o regime de trabalho, procurando-se dar às reclusas a capacidade que muitas infelizes não têm, de ganhar dinheiro honestamente.

Já o sabemos desde muito (...) que muitas prostitutas são ináveis para toda a sorte de trabalho, por falta de aprendizagem regular. Outrossim, é es pantoso o analfabetismo no meio prostitucional. Cumpre tornar útil o tempo passado na prisão, for necendo (...) aprendizagem de uma ocupação produ tiva e pela cultura redimentar do espírito. (...)

(Evaristo de Moraes, op. cit., pp. 303)

Constranger mulheres ao trabalho produtivo passava pela elaboração de códigos disciplinares que agindo sobre seu corpo, o organizasse para um fim produtivo. Havia que se ga rantir a necessidade de constituir uma força disponível sem desperdício de energia, com todos os recursos concentrados no trabalho. Concomitantemente, garantir a reprodução desta força de trabalho pela conjugalidade e pela fabricação regula da de filhos. A instituição de uma prisão regeneradora de mu lheres vagabundas e prostitutas tinha como objetivo ligar es tas mulheres a um processo de formação, através de medidas cor retivas, de indivíduos produtores em função de uma determina da norma disciplinar.

Neste processo um movimento muito importante foi o da organização das 1^{as} Escolas Técnicas Profissionais. A necessi dade de formação do trabalhador brasileiro teve na institui ção destas Escolas, um momento importante da intenção da mora lização do pobre trabalhador por meio da instrução. Esta ins trução era entendida como a difusão de conhecimentos úteis, que visavam a compatibilização, pela mediação da tecnica e a destramento, do homem com a máquina. Na tentativa de desenvol ver táticas e estratégias mais sutis de moralização e discipli

narização dos trabalhadores pobres, a idéia de que a difusão de conhecimentos práticos, de preparação profissional e técnica para o trabalho, seriam elementos relevantes para a manutenção da ordem social, se manifestou claramente na organização do Ensino Técnico Profissional.

A criação de certo tipo de Escola Técnica Profissional visava a elaboração de uma determinada figura: o trabalhador especializado, apto e treinado a exercer com elevada qualificação técnica a sua função produtiva.

No Brasil, é a partir da década de 10 que começam a se organizar as primeiras escolas profissionais oficiais. As duas primeiras começaram a funcionar em São Paulo, no tradicional bairro operário do Brás. O alvo destas escolas eram justamente os filhos de operários maiores de 12 anos que demonstrassem especiais capacidades.

A localização destas duas escolas paulistas, dentro de um populoso bairro operário, é bastante significativa: o pequeno número de alunos em contraste com a grande massa de menores andando pelas ruas ou já encarcerados dentro das fábricas sem nenhum tipo de instrução, mostra a necessidade de imposição de uma certa hierarquia desde muito cedo, baseada nas competências, nas funções e nas capacidades dentro da própria classe trabalhadora. Podemos pensar que, nestes casos, as escolas funcionassem como um certo símbolo cultural que colocava determinados trabalhadores acima de outros, ou pelo menos apontava num sentido: o da figura ideal do trabalhador. Por outro lado, seu projeto canalizava energias dispersas que poderiam entregar-se, por exemplo, à luta operária.

Em contraste com a infância pobre que encontrava a rua como espaço social, tendo o cortiço como moradia e para os quais se reservavam a disciplina do trabalho exaustivo das fábricas ou então as casas de correção, os projetos oficiais das escolas técnicas opunham uma imagem modelar: os jovens que passavam pelas instâncias mais sutis de disciplina -

- as escolas profissionais.

Embora tivessem como proposta inicial a educação e um largo contingente, as escolas profissionais foram e são até hoje, poucas e sempre atenderam a objetivos bem precisos de formação de um pequeno contingente de trabalhadores especializados, distintos em tudo do restante amorfo de operários e operárias eternamente condenados ao trabalho junto às máquinas.

As necessidades de formação do trabalhador especializado, adquiriram novas conotações sociais. A separação entre o trabalhador especializado e o sem especialização dentro da classe trabalhadora constituía um elemento privilegiado de divisão do operariado.

O estabelecimento desta dicotomia adquiria uma grande importância para a hierarquização entre os próprios trabalhadores, contribuindo de forma eficiente para a formalização desta hierarquia na classe. Separavam-se de um lado, os trabalhadores especializados destinados a certas funções definidas, e de outro, a massa restante dos trabalhadores que deveriam ser civilizados.

Os trabalhadores constituídos através deste projeto comporiam uma determinada faixa de cidadãos-operários modelo, apontando no sentido da formação do trabalhador nacional, superior ao estrangeiro que compunha majoritariamente a mão-de-obra fabril deste período:

"Precisamos ter operários nossos, evitando-se a importação de elementos, muitas vezes banidos de suas terras de origem pelas idéias subversivas que professam, e que tudo anarquizam (...). É questão patriótica a difusão das escolas profissionais ... veículo seguro de nacionalização."

(Relatório do Inspetor Guilherme Kuhlman, sobre o funcionamento das Escolas Profissionais, em "Anuário de Ensino do Estado de São Paulo", Diretoria Geral de Instrução Pública, SP, 1918, p.533).

Esta questão de necessidade de formação do operário nacional diferenciado e superior, tanto técnica como disciplinarmente, do perigoso imigrante anarquista, recolocava novamente em questão a hierarquização dentro da própria classe, como um elemento fundamental para controle desta. Diferentemente da classe que existia, composto em sua maioria por homens e crianças pobres, imigrantes, suando o dia a dia, lutando pelo pão, desviando-se ou não das armadilhas que o levavam a marginalização, havia que se contrapor uma imagem modelar: o trabalhador-cidadão nacional, tecnicamente qualificado, disciplinado, limpo-ordeiro-patriota, trabalhando para o engrandecimento de sua nação.

Na estruturação deste ensino haviam escolas masculinas, algumas mistas e umas poucas femininas. Tratava-se de inserir neste projeto de formação do trabalhador-padrão, a mulher. A sua qualificação se daria naqueles ramos em que elas já predominavam como força de trabalho: confecção, textil e alimentação. Destas escolas, algumas pareciam se destacar: as Escolas Profissionais Femininas de São Paulo e do Distrito Federal.

No ano de 1922, sai um relatório da diretoria da Escola profissional feminina da Capital (DF), fazendo um relato bastante sugestivo sobre o funcionamento deste estabelecimento. Funcionaram ali seis cursos, dos quais cinco eram Técnico-fecções, Roupas Brancas, Rendas e Bordados e também um curso fundamental obrigatório de Desenho Profissional.

As matrículas começaram em 10/11/1911. Em 16/03/12, quando de sua inauguração oficial, já o número era de 176 (ver Anexo I).

O curso de arte culinária não havia obtido número suficiente de alunas, tornando-se assim um curso obrigatório. Esta medida contudo também não teve sucesso e apontam-se vários motivos: custo de manutenção, relutância das próprias alunas e "... por outro lado, as mestras das oficinas se quei

xavam, dizendo que as alunas, quando voltavam das lides da cozinha, traziam as mãos encardidas, engorduradas e não podiam aplicar-se aos trabalhos finos de costura, bordados ou flores, sem manchá-los" (Anexo I). O curso acaba sendo desativado.

Outro curso que não obteve êxito foi o de Desenho Artístico e de Pintura, pois a maioria das alunas que o frequentavam não tinha intenção de se profissionalizar; faziam tal curso por diletantismo. Já o curso de datilografia e taquigrafia diploma, em 1912, 15 alunas.

Nesta oportunidade, já começa a aparecer um debate que vai se intensificar anos mais tarde: o da finalidade da profissão das mulheres. Começam a surgir determinadas correntes pretendendo o remodelamento das Escolas Femininas, pois estas desviavam a mulher de sua verdadeira função de mãe e esposa para um falso objetivo: o da sua profissão.

Por outro lado, defendendo a idêia de profissionalização da mulher e do funcionamento das Escolas Femininas do jeito que são, a diretoria da Escola Profissional Feminina da Capital afirma que, nos 10 anos de funcionamento destas Escolas, já são algumas centenas de alunas diplomadas é um bom número delas conseguiram estabelecer-se por conta própria ou então "... acham-se colocadas como operárias nos melhores ateliers, casas de modas, chapelarias, fábricas de flores e bordados desta capital, onde ganham honestamente os seus meios de subsistência...".

Este debate, acentuado nestes anos, é claro no relatório enviado ao Ministro da Agricultura, indústria e Comércio, em 1925, por João Luderitz sobre a remodelação do Ensino Profissional Técnico. Neste relatório, João Luderitz aponta algumas dificuldades que cercam o ensino profissional no Brasil: dificuldades materiais, cortes de verbas, falta de pessoal docente e administrativo e com relação à própria eficácia do ensino.

Referindo-se ao projeto de Regulamentação do Ensino Profissional Feminino, após elogiar as Escolas Femininas do país, em especial a de São Paulo e a de Natal, ele afirma ; "... (pretendemos) incluir nos programas pedagógicos dos estabelecimentos existentes, seções de interesse para o sexo feminino, intentando destarte despertar procura das meninas no ensino profissional, visto que até hoje ele só tem sido solicitado para rapazes.

Interessantes problemas da Educação da mulher parecem estarem previstos no Regulamento (...), sen contudo fazer distinção especial entre profissões especialmente dedicadas a um ou outro sexo, como aliás acontece na vida prática, onde se vêem mulheres ombrearem vantajosamente com homens, tanto nas fábricas, como nos escritórios ou mesmo no ensino, consistindo por esse fato, elementos prestantes da comunhão social" (Luteritz, J., op. cit.).

Contra esta nova orientação que aponta para uma formação feminina doméstica, voltada para o lar, para a educação de crianças que, segundo alguns defensores da profissionalização das mulheres, Lucleritz diria que ela: "... não prepara eficazmente para a vida prática, não desenvolve as qualidades de iniciativa e discernimento indispensáveis para uma dona de casa, (...) não ministra às alunas uma educação eficiente para a vida prática ..." .

Estas mudanças foram contudo efetuadas anos mais tarde, com o Código de Educação de 1933, que se pouco alterou o ensino profissional masculino, trouxe grande modificações no ensino para as mulheres, com a introdução de novos cursos: economia doméstica, puericultura, higiene e química elementar.

Como podemos perceber, em alguns programas de Escolas Profissionais (Anexo I), havia todo um investimento sobre a elaboração de um projeto visando o ensino de um ofício à partir de certos princípios pedagógicos, que envolviam o aprendizado matemático das formas geométricas e o seu desenho téc

nico, para criar nas alunas "... o sentido das grandezas métricas, das escalas diversas e o da noção do tempo tão necessários em qualquer ofício (grifo nosso).

A finalidade de adestramento do corpo humano também ficam claras: a utilizar a mão esquerda e a direita, desenvolver a memória visual e todo e qualquer tipo de tarefa executada dentro de um tempo marcado. O tempo marcado para cada tarefa é o substrato de todo este programa pedagógico, que começa apoiado pelo desenho.

Tenta-se substituir aquele tipo de aprendizagem existente e que acontecia no próprio local de trabalho, pelo aprendizado organizado dentro de outro molde, como, por exemplo, aquele que envolvia o aprendizado da costureira nas próprias oficinas e que estudamos no Cap. II.

Fica bastante claro aqui a concepção moral do trabalho visto como fonte própria de vida do homem está na origem de sistemas de controle que têm como finalidade manter homens e mulheres pobres no trabalho, ou então, recolhê-los às colônias de trabalho, às escolas, quando não à prisão, sempre que estes se recusam a vida produtiva. O trabalho adquire uma intenção muito ampla: mesmo quando não é produtivo, o trabalho moraliza.

Voltando ao discurso de J. Street, nos dois últimos parágrafos, ele volta a sua intenção para um problema característico desta mão-de-obra especial: a gravidez. Defende a elaboração de leis que protejam a gestante desde que tais leis não ultrapassem o chamado bom senso:

"[...] Julgo que, se o patrão for obrigado a pagar meio salário no último mês de gravidez, meio salário no mês que se seguir ao parto, não se permitindo absolutamente trabalho algum nesse lapso de tempo (...), terá a lei conseguido que, razoavelmente se pode esperar.

No entanto, parece que hã quem fale em 3 ou 4 me
ses antes do parto e em 2 ou 3 meses depois do
parto, com salário completo!

È absurdo e contraproducente! (...)"

Para Jorge Street, a lei não podia ser de tal forma que tornasse a maternidade uma "cômoda e rendosa profissão" e defende a idéia de que se ensine o operariado os processos ar
tificiais de controle de natalidade. Neste ponto, o discurso de Jorge Street tem um objetivo direto: destacar sua opinião no processo de implantação da legislação social no Brasil.

A implantação desta legislação significou um inten
so debate sobre certas questões fundamentais relativas a orga
nização do trabalho. Emergindo num contexto de intensa agita
ção social, de embates e lutas entre operários e patrões, onde a própria atuação do Estado fosse como policial ou legislador, ainda estava por se definir, as discussões sobre a questão so
cial nas duas primeiras décadas do século, embora tivessem ga
nho ampla repercussão política, redundaram na implantação de somente algumas poucas leis, como por exemplo a de acidentes
de trabalho, que é aprovada em 1919 [9].

Contudo, se estes anos não trazem em si resultados objetivos na efetivação desta legislação, são plenos os esbo
çoe intenções que, principalmente pós-1930, ganharam corpo e forma na implantação da legislação trabalhista.

O período entre 1910 e 1920 é aquele em que aumentam as pressões e acentuam-se os conflitos na relação capital / Es
tado. Nestes anos, podemos assistir aos debates preliminares sobre a necessidade e os limites de uma legislação trabalhis
ta, cujo objetivo fundamental era o da elaboração de uma polí
tica de controle social da massa trabalhadora. Tratava-se tam
bém de definir a função do Estado e dos limites de sua inter
venção, quem eram "trabalhadores" e portanto os beneficiados e também quais seriam os benefícios concedidos. Impunha - se

determinar qual o poder de ação e de pressão sobre o Estado da parte do patronato, dos trabalhadores e de suas respectivas organizações patronais e sindicais [10].

Aqui no Brasil (como também na Europa e nos EUA) os primeiros esboços de leis da relação Capital x Trabalho são e laboradas sobre a proteção de trabalho feminino e de menores como também aos acidentes de trabalho. Esta fato merece algumas reflexões.

Porque iniciar a implantação da legislação à partir do trabalho feminino e de crianças, junto com as leis sobre acidentes de trabalho? Se, amparar os inválidos e deficientes em decorrência de acidentes no trabalho parecia obedecer a critérios basicamente filantrópicos, de modo a impedir a proliferação da mendicância causada pelo próprio sistema industrial, com as degenerações e aleijões de sua própria estrutura, no caso da proteção do trabalho de menores e feminino o amparo adquire algumas características especiais: O que está em jogo neste momento é a reprodução da força de trabalho, ainda mais, a própria família.

No decorrer da implantação da sociedade industrial, mais acentuadamente à partir de meados do século XIX, é a família a grande instituição em debate. As transformações nela advindas pelo ingresso de mulheres e crianças no processo de produção capitalista significou reestruturações e mudanças que geraram profundas ansiedades sociais.

A necessidade de exorcizar e superar os medos oriundos desta desestruturação social encontrou na legislação social um aliado bastante poderoso. Mas isto se dá na medida em que as classes dominantes vão se desarmando frente aos riscos que a centralização e a regulamentação estatal impõem. De um lado, os problemas de "perder" o controle da relação capital-trabalho, pela intervenção legislativa, de outro, as pressões do operariado. Proteger mulheres e crianças, para além de simples filantropismo, era garantir de uma certa forma a

continuidade da instituição fundamental da sobrevivência humana.

Sobre a situação em que se encontravam as mulheres e crianças, já entregues por completo ao trabalho industrial, tentava-se construir um aparato jurídico em torno de uma representação feminina que os discursos legislativos que tentaram elaborar.

Quem é esta mulher? O que faz? O que deveria estar fazendo? Quais os limites que deveriam ser impostos a sua utilização como força de trabalho?

As discussões giravam em torno da proibição do trabalho noturno, direito de descanso remunerado na gestação, parto e amamentação.

Qual é a especificidade que caracteriza esta força de trabalho? Ser a reprodutora da espécie humana. Ela é a força da vida humana, que através de sua fertilidade assegura o potencial de multiplicação da espécie.

Desta maneira é que a sociedade (burguesia, médicos sanitários, libertários) se indaga: Como garantir a continuidade, como redefinir e colocar este problema agora que as mulheres já se encontram entregues e sem reserva ao mercado da produção capitalista? O que significou assistirmos, de forma generalizada pela sociedade, a discussão pública sobre questões tais como maternidade, casamento, velhice, infância, doença?

Neste sentido, Hannah Arendt ("A Condição Humana", RJ, Forense Universitária, 1983) indica um interessante caminho. A distinção da existência de uma esfera da vida privada onde se encontravam definidas certas funções familiares (como a maternidade, o nascimento, a morte) e o funcionamento de uma esfera de vida pública e política que garantia o funcionamento das antigas sociedades, sofre uma radical transformação com o advento da era moderna.

A ascensão de uma esfera social, que não era nem privada nem pública, no sentido mais agudo do termo, é um fenômeno relativamente novo. Com esta transformação da sociedade vemos que a antiga divisão entre o político e o privado não só se diluiu como também alterou radicalmente o sentido dos dois termos. A admissão das atividades que anteriormente se restringiam ao lar, ao espaço da vida doméstica, à uma esfera cada vez mais pública (tendência esta que cada vez se acentua mais na sociedade contemporânea) fez com que diversos processos ligados de maneira mais profunda a vida humana fossem sendo canalizados para a esfera social.

Os desvendamentos destas questões, seu debate público, a sua divulgação para um grande número de pessoas, invade e traz para ambientes cada vez mais amplos questões tais como maternidade, infância, organização da família e da vida doméstica.

No Brasil, o advento dos debates acerca da condição feminina da trabalhadora, ganha amplitude no período que estudamos. O patronato, os legisladores, os libertários, médicos e educadores levantam uma série de questões relativas ao trabalho feminino até aí consideradas fora do âmbito de debate público (embora o aproveitamento de mão-de-obra feminina no processo de produção capitalista ocorra desde os primórdios de sua implantação). Surgem discussões sobre a necessidade, ou não, de proteção à esta mão-de-obra especial, no momento em que está reproduzindo; qual a verdadeira função social da mulher. Entrechocam-se idéias, cruzam-se formulações que às vezes reforçam o mesmo ponto para em seguida tornarem-se contraditórias.

Se para J. Street a utilização da força de trabalho feminina é um fato inquestionável, tratava-se contudo de precisar certo tipo de amparo à esta mão-de-obra. Neste ponto, ele endereça algumas mensagens àqueles que debatiam no legislativo os limites da implantação de uma legislação social. Para ele, esta legislação com os limites bem definidos deveria

proteger as mulheres no período pré e pós-parto, mas não poderia ser de tal forma que tornasse a maternidade uma "cômoda e rendosa profissão".

À partir desta questão, colocam-se algumas perguntas: quem arcaria com o "ônus" social do pagamento dos salários daquelas trabalhadoras que se afastassem por motivo de parto e cuidados com as crianças? O patronato, o Estado, os próprios trabalhadores?

Quando se fala da gestação e de sua proteção, o problema que é posto em discussão é o da reprodução da força de trabalho e o controle social sobre o corpo da mulher trabalhadora. Isto implica diretamente discutir, em última análise, como controlar o tempo, o corpo dos homens, a vida dos seres humanos na sua totalidade, como força produtiva. Tratava-se da questão da reprodução da força de trabalho, que não deveria mais acontecer segundo os "caprichos da natureza", mas dentro de uma regulamentação do tempo da vida humana.

Definir o tempo suficiente para o período pré e pós-parto com sua correspondente remuneração e, simultaneamente, propor o controle da natalidade, corresponde à imposição da noção do tempo útil, de tempo necessário na esfera da reprodução.

Tratava-se aqui de introjetar no ventre das mulheres, a regulamentação de sua gestação segundo uma lógica que definia o tempo como moeda no mercado de trabalho.

Esta idéia de tempo "(...) arranca o homem da lógica da natureza, dos dias de duração variada de acordo com as tarefas a cumprir no decorrer das diversas estações do ano, e o introduz ao tempo útil do patrão, o tempo abstrato e produtivo, o único capaz de gerar abundância e riqueza, e, mais importante ainda, o único capaz de constituir a sociedade disciplinada de ponta a ponta." (Bresciane, M.S.M., Londres e Paris no Século XX - O Espetáculo da Pobreza. Brasiliense, SP, 1982, pp. 18).

A questão do controle da natalidade ampliava os limites da imposição das exigências de auto-disciplina e controle de si mesmo. Por outro lado, era um pensamento corrente dentro de alguns segmentos sociais que viam na excessiva prolificidade das classes pobres a causa principal de sua miséria. Recupera-se o malthusianismo e se elabora toda uma pregação moral visando diminuir o crescimento populacional, cuja consequência seria a miséria universal.

Este crescimento descontrolado das camadas "menos civilizadas" da humanidade engendrava um perigo social, dado que o crescimento desordenado da multidão de seres empobrecidos se constituía em ameaça.

Da análise dos documentos patronais podemos notar que, pelo menos alguns patrões já se preocupavam com aquilo que se configurava na nova ordem burguesa: autodisciplina, criticas à ociosidade, controle e vigilância. Enfim, o que transparece é a preocupação em generalizar estes ideais para toda a sociedade.

I.2. A TRABALHADORA HEROÍNA: A NOVA IMAGEM DE MULHER PARA OS LIBERTÁRIOS

Dentre os diferentes projetos sociais que foram elaborados sobre a sociedade do trabalho, alguns homens e mulheres permitiram o direito de sonhar e de acreditar numa transformação social, através da qual se construiria uma nova sociedade mais justa e igualitária. Para estes personagens sociais, a idéia revolucionária de emancipação da humanidade, a crença nesta possibilidade orientou o sentido de seus projetos de reforma social. Denunciando a miséria crescente das classes trabalhadoras e o acintoso enriquecimento da burguesia, apontando o efeito maléfico sobre o espírito humano advindo da transformação de seres vivos em apêndices mecânicos, criticando a corrupção, a falsa moral burguesa e até mesmo certos modelos normativos a partir dos quais se definia a classe trabalhadora, eles tentaram construir suas verdades e ideais.

O nascimento das idéias libertárias procurando negar as imposições da dominação incorporou muitos valores tradicionais, porém, em alguns casos, usou-os para criticar a falsidade e a hipocrisia.

O que nos interessa perceber, na tentativa de constituição destas idéias alternativas, seus reais sentidos, os seus sucessos e fracassos (deixando de lado os julgamentos contemporâneos que lhes atribuem anacronismo, dogmatismo ou reacionarismo), é que estes movimentos referem-se aos becos sem saída, as causas esquecidas, aquelas proposições alternativas que, se não realizadas, não foi por fraqueza ou incapacidade daqueles que nelas acreditavam, mas frequentemente por que outra dominação se impôs.

Reinterpretar estes pensamentos significa avançar para ver nestes projetos o campo de uma revolta latente que em determinados momentos, negando o poder político, denunciando,

criticando, organizando os descontentes, ameaçou a dominação. Tanto que a repressão se fez presente, prendendo, espancando, deportando, sempre que as crenças e os valores da sociedade burguesa do trabalho foram por eles ameaçados.

A luta destas figuras às vezes se traduziu em con tradições. Rebelam-se frequentemente contra a introjeção de valores religiosos, nacionais, militares, de uma certa ótica disciplinadora do trabalho mecânico e alienado. A imposição sutil de valores que se traduziam no pragmatismo, no gerencia mento científico, nos saberes médico e higiênico, foram sendo por eles incorporados e em alguns momentos transformados em bandeiras de lutas e em matéria-prima para a elaboração de uma nova imagem do trabalhador: não ao ser humano degenerado e cor rompido, alcoólatra, analfabeto, violento, destituído de civi lidade; não ao apêndice mecânico destituído de cérebro e ação; não ao homem cordeiro de sacrifícios diante do altar, do ca nhão e do capital.

Estas negações levaram à imagem de um novo homem : íntegro, abstinência, instruído, consciente da condição de explo ração e que estava submetido, capaz de se opor de forma tenaz às situações degradadas onde fora colocado, lutando com toda energia para a transformação radical da sociedade em uma fe liz utopia social de homens, mulheres, crianças, velhos, lou cos e doentes sob o reino da igualdade.

Se a sua luta contra a hipocrisia, a exploração, a corrupção, determinou um projeto "moralista" devemos entender que este é o nosso julgamento "vanguardista" feito bem a pos teriori. Tratava-se de , no mínimo, a tentativa de uma outra moral que dedicou um grande espaço para pensar a situação so cial das mulheres.

O espaço aberto pelos libertários para a reflexão sobre a condição feminina visando a elaboração de uma nova imagem de mulher ligada à uma nova sociedade, é o objeto de nosso estudo.

Nesta categoria - libertários - estão incluídas algumas posturas teóricas, doutrinárias, estratégicas e táticas diferentes entre si em alguns pontos. Neste estudo, definimos como libertários, tanto aqueles que acreditavam na possibilidade de transformação da sociedade capitalista para a anarquia através da ação dos despossuídos derrubando o Estado e construindo uma nova sociedade igualitária formada por novos homens e mulheres, estruturada em produtores independentes ou cooperativas, e também sindicalistas revolucionários que consideravam a organização sindical dos trabalhadores como a mais eficaz das armas de luta para alcançar a anarquia, e, no extremo, o anarco-individualismo.

Distinguir estes movimentos nem sempre é tarefa fácil ou possível [11]. A grosso modo e de maneira esquemática podemos dizer que os primeiros organizavam-se em ligas, comitês, grupos teatrais e de estudos, jornais, escolas modernas, etc., e dedicavam-se à propaganda e divulgação de suas idéias. Entre eles se encontravam alguns ecléticos personagens: médicos, professores, advogados. Já os sindicalistas revolucionários organizavam-se e tinham suas bases na estrutura federativa da organização sindical. Porém, na prática, estas distinções são frequentemente difíceis de perceber [12]. O anarco-individualismo está presente nas obras de Domingos Ribeiro Fº e outros ficcionistas, como na revista "Kultur".

Em nosso trabalho, o que interessa perceber é o projeto mais amplo que envolvia as tendências com relação à condição feminina no contexto da intenção revolucionária da nova sociedade. Discutir a situação da mulher de diferentes condições sociais e econômicas passava por questões como Amor Livre, Trabalho, Maternidade, Emancipação e Educação, Prostituição, Religião e Livre-Pensamento. Foi a partir da discussão destes temas que surge uma imagem de mulher para a constituição da nova sociedade.

Um elemento básico na construção do pensamento libertário é a crítica social, a denúncia aos padrões tradicio

nais da sociedade burguesa e é em cima destas críticas que se elabora, como oposição, a sociedade ideal almejada.

Tentaremos colocar a visão que estes libertários tinham do papel tradicional da mulher a partir da análise de certas instituições: o casamento, a maternidade, a religião e o trabalho. Vejamos:

"O matrimonio apenas serve para abreviar a duração do amor. (...) No lar, a mulher é a escrava e o homem é o senhor; este tem o direito de mandar, a quella o direito de (...) obedecer. Por traz do marido está toda a sociedade defendendo-o. Defende-o a lei que registra todas as conquistas dos opressores (...) e que (...) foi feita pelos homens.

(Referem-se ao adultério que, sendo permitido para os homens, é inaceitável para as mulheres.)

"E como o burguês entende a honra! (...) O bem é quando eu roubo a mulher do outro;; o mal quando o outro me a rouba de mim. E se tratava da mulher ou da filha d'um operário? Ora! Essa gente não tem direito a honra! (...)

(O Amigo do Povo, 02/08/1902)

Qual a solução apontado para por fim a tal estado de coisa? A livre união, o Amor Livre. E o que é isto?

"A união livre é a confirmação do direito de escolha para sua felicidade e sua vida secular o compañheiro que lhe convém (sem) a intervenção de terceiros. (O casamento tradicional teria como objetivo) a garantia de manutenção da família e do amparo à mulher, que não pode ainda viver sem o homem e ainda não se emancipou da tutela que a es

cravisa moral e economicamente e a avilta tambem".
(Voz do Povo, 28/04/1920)

"Encontro uma mulher (...) simpatizo com ela (...)
Levo-a para minha casa, vivo com ela anos, gosto
do seu fisico e do seu moral; resulta entre nos
a necessaria afinidade fisiologica: amamo-nos en
fim!"

"(...) Pensais que eu tenho o direito de entrar
numa sala com ela sem que as outras mulheres fa
cam caretas e os homens lancem frases porcas?"

"(...) esqueci-me de participar ao Juiz que durmo
com minha mulher (...)"

"(...) não fiz escrituração do meu coito, e o que
produzir é ilegal, é fora da lei (...)"
(A Terra Livre, 23/10/1900) [13]

Se o modelo que imperava ainda era o do casamento
monogâmico, a proposição da livre união parecia avançar bas
tante, pelo menos no que se refere à situação social da mu
lher. A união fora dos ditames legais significava rever a si
tuaçao de subordinaçao da mulher, uma vez que o "desemparo" só
seria possível em um outro tipo de sociedade:

"Seria necessário para a realização desta reforma
completa da sociedade, como diz Stalkberg que 'a
mulher se torne economicamente igual ao homem e
que a educação dos filhos seja incumbência da so
ciedade. A inferioridade da mulher não é fisiolô
fica, nem psicológica: é social. Sua escravidão
determina a vassalagem econômica'.

(L'Enevitabile Revolution)"

(Voz do Povo, 28/04/1920)

Falar em uma união apoiada simplesmente no amor, no companheirismo, que pudesse ser rompida quando faltasse um destes componentes nos sentimentos dos amantes representa sempre um avanço com relação à gravidade moralista e vitoriana. Significava um movimento de resistência às campanhas e projetos sociais que visavam a moralização das classes populares através da restauração do casamento e da vida familiar e que descobriam na "frágil" figura da mulher um importante aliado na salvação do homem. Como diz Donzelot:

"O instrumento privilegiado da civilização da classe operária. Basta amoldá-la para este fim, fornecer-lhe a instrução necessária, inculcar-lhe os elementos de uma tática de devotamento, para que consiga abafar o espírito de independência do operário."

(op. cit., p. 39)

Uma outra inflexão da resistência dos libertários, referia-se à função maternal da mulher dentro da sociedade burguesa:

"A missão mais nobre da mulher é ser mãe (...). Mas que conceba livremente (...) quer conceba regularmente dentro das leis civis, a moça brasileira vai realizar o ato mais nobre da vida da mulher, sem a precisa educação sexual(...)"

(O Debate, 12/08/1917)

Para uma melhor compreensão das posições dos libertários brasileiros sobre as questões do matrimônio e maternidade, é conveniente esclarecer as conexões que existem entre eles e um movimento social mais amplo.

Na Europa, no início do século XX, a competição entre modos de gestão da sexualidade (a do padre e a do médico) representa um avanço desta última, em nome da higiene pública, da defesa médica dos interesses mais vitais da sociedade. O

impacto deste "desfecho tecnológico" no campo político - militar, no institucional, no sanitário e social, acarreta uma série de implicações que gerarão o confronto entre duas grandes estratégias: Uma é nacionalista e familiarista e tem a opção populacionista ligada a interesses militares; a outra é socialista individualista, defendendo no não-malthusianismo uma organização social coletiva.

Entre 1840 e 1880, o malthusianismo apontando os problemas e perigos decorrentes da extrema proficiência das classes pobres, da sua crescente miserabilidade que fazia aumentar assustadoramente os encargos públicos de assistência social, havia sido incorporado ao pensamento de um certo segmento da burguesia filantrópica.

No final do século, esta mesma burguesia, em parte devido às necessidades do imperialismo colonial, muda seu enfoque quanto ao problema populacional: tratava-se agora de lutar contra os perigos advindos da despopulação, da infecundidade crescente das famílias.

É este o momento onde aqueles que não querem ser objetos ou vítimas desta política, renovam o discurso malthusiano, o neo-malthusianismo, e incorporando a ele o saber médico em termos de contracepção e profilaxia social, o transformam em arma de luta:

"Os militantes do Grupo da Liga pela Regeneração Humana (fundada por Paul Robin) e depois, de Geração Consciente (fundada por Eugène Humbert, que sucede a Paul Robin) são os 'gauchistas' da 'belle époque'. Médicos como Klotz-Forest, Jean Maretau, a Dra. Pelletier, feministas como Nelly Roussel e Jeanne Dubois, militantes anarquistas como Sebastian Faure, percorrem a França popular a fim de difundir suas idéias subversivas."

(Donzelot, op. cit., p. 159)

No Brasil, os libértários irão divulgar estas idéias incorporando-as ao seu discurso revolucionário de transformação social.

Fazem campanhas de divulgação do Neo-Malthusianismo, traduzindo textos de Paul Robin [14] e o seu livro "Huelga de Ventres - Medios prácticos de se evitar las familias numerosas". Desenvolvem campanhas de divulgação de meios anti - concepções nais, saem vários artigos na imprensa:

"(No que se refere a mulher) tive ocasião de ocupar-me do Neo-Malthusianismo (...). Foi então que eu disse que a mulher devia fechar os ouvidos à retórica bertoldista dos homens de lei (...) e escolher unir-se livremente ao eleito de seu coração, sem a sanção do padre ou pretor.

Assim, a mulher entrava na posse de si mesma, adotando o livre matrimônio, não admitindo sobre sua vontade e o seu próprio corpo senão o domínio do seu próprio eu.

E como, depois de chegar a tal grande alevntamento moral, a mulher devia entrar com sua parte contingente na luta pela emancipação humana. Eu mostrei como a mulher podia fazer, adotando a livre maternidade, procurando por meio dos recursos científicos atuais sō ter filhos quando os quizesse e pudesse ter e educar, fazer deles homens livres e não escravos.

Expliquei também que, se a mulher fizer esse movimento, a um tempo higiênico e econômico, contribuirá para a revolução, porque esse movimento seria a regularização da procriação, a diminuição da natalidade, a escassez de braços na guerra (...) e portanto a valorização do trabalho, a independência econômica do trabalhador."

(A Terra Livre, 17/02/1906)

A idéia da livre maternidade (assim como da livre união) aparece ligada a questão da emancipação da mulher, pela sua autonomia econômica e social, pelo livre direito e posse de seu corpo e sua reprodução e também pela questão do trabalho.

Para os libertários, a idéia do trabalho sob a dominação da produção capitalista está associada à degradação e exploração dos seres humanos. A organização social do trabalho impede a livre realização, reduzindo homens e mulheres à máquinas de carne e osso, sem direito ao pensamento, a felicidade, em suma, a vida numa condição plural.

Ora, o sentimento de uma sociedade contemporânea, na qual a organização mecânica e o automatismo deslocaram o homem de sua condição humana essencial, colocando no seu lugar os artefatos materiais, perpassa diferentes setores sociais. A idéia da máquina e do trabalho mecanizado como coisas diabólicas, desumanas, ganha repercussão [15].

À este processo degradante e desumanizante, não escaparam as mulheres:

"Hoje os capitalistas, para absorver maiores lucros e manter mais o latrocínio, substituem os homens pelas máquinas por mulheres e crianças, porque são mais submissos, sujeitam-se a salários mais exíguos e são mais adaptáveis ao roubo e a exploração, (...)"

(A Terra Livre, 17/02/1906)

"Estas operárias trabalham, no mínimo, 12 horas por dia (...), sem levar em conta os três ou quatro dias da semana em que (...) o trabalho é prolongado até a meia-noite, correspondendo assim o dia a 16 horas.

E, (...), para a mulher, a companheira do homem, que pela estrutura material de seu físico não era

destinada a entrar na luta pela existência, quanto mais horrível nos parecerá este regime (...)." (A Terra Livre, 17/02/1906)

"Mesmo aquelas mulheres que trabalham no magistério, 'moças de classe média', submetem-se a uma rotina e a uma pedagogia em uma profissão que, longe de ser um meio para expansão da personalidade, torna-se mero ganha-pão, pessimamente remunerado. Para as mulheres pobres, a condição de trabalhadora tende a piorar.

A mulher do povo, a proletária, essa nem mesmo tem a possibilidade de escolher o serviço. Lava, cozinha, engoma, coze, serve nas fábricas, é criada. Não há em que desenvolver aptidões neste terreno. (...)." (

"O Desperdício da Energia Feminina"), de J. Oiticica, in "A Vida", 31/01/1915).

Consequência das condições econômicas e sociais diversas: a mulher trilha escusos caminhos da criminalidade e de prostituição, esta "horrível chaga necessária na presente organização social" (A Terra Livre, 01/05/1906). Para os libertários, a prostituição não era apenas consequência da miséria econômica, mas também uma decorrência da dupla e falsa moral sexual da sociedade burguesa, que excluía o verdadeiro amor das relações humanas e também negava às mulheres o direito a uma vida amorosa plena. Entre o casamento por conveniência material e a prostituição, é bem pequena a diferença: a mulher que se casa para atender a certo tipo de conveniência, se vende a um homem. A prostituta, à vários. A situação que envolve as mulheres, de um modo geral, é a mesma.

O mal da prostituição não advém da má conduta ou de taras femininas. É decorrência da degradação das condições da vida humana, da falsa dupla moral [16].

Reivindicar o direito ao não-trabalho das mulheres

sob a dominação capitalista, é um processo de resistência e não simples reivindicação paternalista dos libertários para trancafiar as mulheres dentro de quatro paredes. Quem, em sua consciência, pode pensar que o trabalho fabril em jornadas de 14 horas diárias, emancipa? Não se tratava, para estes sonhadores, de um mero retorno ao lar, de cerceamento da liberdade feminina. Tratava-se de uma outra liberdade; a da verdadeira emancipação da mulher, libertando-a do contexto geral que a asfixiava - matrimônio, maternidade compulsória, dominação masculina, religiosidade, falta de instrução, dependência econômica, trabalho alienante e desgastante, prostituição. Em que consistia a verdadeira emancipação feminina?

"Não espereis vós, ó mulheres, que o homem vos conceda generosamente a vossa liberdade (...). A emancipação da mulher deve ser obra dela própria!

Revoltai-vos! Vinde a nós! Juntai-vos à nossa obra de emancipação, à nossa guerra contra as injustiças!

Trabalhai conosco para a edificação d'uma sociedade de livres e de iguais, onde o amor seja a lei das livres uniões, onde a mulher tenha os mesmos direitos do homem, donde sejam banidas as torpezas do atual matrimônio, a infâmia da tirania doméstica."

(O Amigo do Povo, 02/08/1902)

A tão desejada emancipação só seria alcançada se a mulher instruída, recebesse uma educação condizente com tal objetivo. A instrução racional, a formação da consciência social livraria as mulheres da educação burguesa, que só incute os valores tradicionais de submissão e alienação.

"Já existe hoje uma biblioteca numerosa onde a mulher, no aconchego do lar, pode adquirir conhecimentos (...). É de instrução que a mulher precisa."

(A Terra Livre, 21/08/1906)

Nesta época, organizavam-se algumas experiências práticas sobre esta nova forma de educação baseada nos princípios pedagógicos racionalistas de Francisco Ferrer. Surgindo como educação "alternativa", essas escolas opunham-se ao sistema religioso e oficial de ensino, preocupadas com aquilo que consideravam o objetivo primordial de uma educação verdadeiramente transformadora: a transmissão de verdadeiros conhecimentos científicos e filosóficos, no desenvolvimento do raciocínio, do sentimento do belo, do verdadeiro e real, de modo a possibilitar o surgimento do ser integral, consciente e, em última instância, revolucionário [17].

Estas iniciativas foram iniciadas no Brasil com a criação de algumas Escolas Modernas e até mesmo pela tentativa de Fundação de uma Universidade Popular de Ensino Livre no modelo daquelas que existiram na França.

Já em 1904, o "Amigo do Povo" publica uma série de artigos de Elycio de Carvalho sobre a criação de uma Universidade Popular de Ensino Livre que surgia "...para empreender o ensino superior e a educação social do proletariado, pela difusão do saber e da beleza, sob todas as formas.

"Eu quero falar-vos, enfim, desse admirável instrumento de ação moral, inestimável instrumento libertador da razão e da sensibilidade, que vai ser a Universidade Popular de Ensino Livre que acabamos de fundar para perpetuar o saber e a beleza.

(...)

A Universidade Popular não é um acidente, uma fantasia de filantropos, é obra dos trabalhadores, responde a uma orientação nova do seu pensamento, corresponde a um movimento histórico real, o da classe proletária, dirigindo-se para a liberdade, é enfim, uma cooperação moral organizada para a conquista de um poder indestrutível - o do pensamento."

(Amigo do Povo, 09/04/1904)

Em outro artigo, ele prossegue afirmando que " ... este é portanto o único ensino que convém ao proletariado, é o ensino superior positivo, científico e filosófico, o ensino que comunique conhecimentos verdadeiros e precisos, noções luminosas e reais, essências claras, coisas práticas e úteis , fatos positivos, idéias generosas e altas que levem diretamente o intelecto à investigação da verdade na ciência e na filosofia..." (Amigo do Povo, 16/04/1904).

Em 24 de julho de 1904, inaugura-se esta Universidade Popular, com uma festa e com alguns cursos de História da Higiene, de Filosofia e aulas de Biologia. Tem entre seus professores homens como Fábio Luz e o próprio Elysio. É aberta a ambos os sexos.

Esta experiência teve curta duração. Já em Outubro do mesmo ano ela deixa de funcionar. As razões objetivas de seu fracasso são difíceis de precisar, porém parece que "a explosão ignóbil de baixos interesses de vaidades" (Kultur, Outubro de 1904), contribuíram muito para seu desaparecimento prematuro.

Já as Escolas Modernas foram experiências mais sistemáticas. Entre 1900/1927 funcionaram cerca de 25 Escolas Modernas que sofriam basicamente dos mesmos problemas: duração incerta, precariedade de material e a dura repressão que se abatia sobre elas, simultaneamente à repressão contra os anarquistas.

Uma das primeiras Escolas conhecidas foi a "Escola Libertária Germinal", que começa a funcionar o Bom Retiro já em 1902. Em 1904 aparece alguma propaganda sobre ela, onde fica bastante evidente o seu objetivo de ser uma instituição alternativa ao projeto oficial de educação dos trabalhadores:

"Trabalhadones, despertai!

Nas escolas subsidiadas, ortodoxas oficiais, esgota-se a potencialidade mental e sentimental dos

vossos pequeninos. com a masturbação constante e vergonhosa da mentirosa solidariedade no trabalho, na expansão e nas calamidades pátrias. Depois, quando adultos guiados pelos nefastos ensinamentos burgueses, serão colhidos em todas as insídias, irão lacerar a carne em todos os espinhos da luta brutal pelo pão: escarnecidos e vilipendiados pelos próprios pastores da desgraça que - com o seu método interessado de inibição mental, vō-los tornarão toupeiras (...).

Animais os promotores ou regentes de escolas racionalistas, das quais sejam rigorosamente banidas as superficialidades e traições do ensino ortodoxo."

(O Amigo do Povo, 26/11/1904)

Das experiências, as mais duradouras foram as Escolas Modernas do Brás e Belenzinho, que funcionaram entre 1913/1919.

Destas duas escolas, a número 1, no Brás, sob a direção de João Penteado, e a número 2, no Belenzinho, sob a direção de Adelino de Pinho, duas figuras bastante ligadas ao movimento anarquista, possuímos alguns dados que podem esclarecer sobre o seu funcionamento. Da escola número 2, dispomos do seguinte anúncio:

"Escola Moderna nº 02 /Muller, 74 - Brás]

Esta Escola servir-se-á do método indutivo demonstrativo e objetivo e basear-se-á na experimentação, nas afirmações científicas e racionadas para que os alunos tenham uma idéia clara do que se lhes quer ensinar.

Educação Artística, Intelectual e Moral:

- Conhecimento de tudo quanto nos rodeia
- Conhecimento das ciências e das artes
- Sentimento do belo, do verdadeiro e do real

- Desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa própria.

Matérias: as matérias as serem iniciadas segundo o alcance da faculdade de cada um, constarão de: leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho,..."

(A Lanterna, 28/10/1914)

Já da Escola nº 01, conforme um anúncio publicado na "A Plebe", sabemos que dedicava-se à instrução e educação de menores e adultos de ambos os sexos e que pretendia fornecer "ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o início das atividades intelectuais e profissionais, assim como numa educação moral baseado no racionalismo científico." (A Plebe, 09/07/1917).

Ofereciam-se três tipos de cursos em dois horários diferentes: primário, médio e adiantado, de 11:30 js. às 16:30 hs., e das 19:00 hs. às 21:00 hs.

"O curso primário compunha-se das seguintes matérias: rudimentos de Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho. O curso médio, de Gramática, Aritmética, Geografia, Princípios de Ciências, Caligrafia e Desenho. E o curso adiantado, de Gramática, Aritmética, Geografia, noções de Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho, Datilografia. A Escola Moderna 01 informava ainda que para as meninas, especialmente, era oferecido um curso de trabalhos manuais: costura, bordado, etc."

(Luizeto, op. cit., p. 276)

A questão da educação feminina fica mais clara quando este projeto educacional coloca um dos seus princípios

básicos: a co-educação dos sexos. Ferrer refere-se a este problema da seguinte forma: "O que palpita, o que vive por todas as partes da nossa sociedade cristã como resultado e fim da evolução patriarcal, é a mulher não se pertencer a si mesma, sendo nem mais nem menos que um adjetivo do homem (...) que a oprime e lhe impõe silêncio ou trata-a como uma criança mimada." (Guardia, F. Ferrer - "La Escuela Moderna". Barcelona, Imprensa Elziviriana - Borrás, Mestres e Cia., 1912).

Dos objetivos das Escolas Modernas, um dos mais importantes seria a eliminação deste fator negativo, pois somente com o fim desta oposição seria possível uma nova sociedade justa e igualitária. A escola mista cumpriria desta maneira a função primordial de permitir que "a humanidade feminina e masculina se entrelaçassem desde a infância, chegando a ser a mulher, não apenas verbalmente, mas a realidade, verdadeiramente companheira do homem." (Guardia, F. Ferrer, op. cit., p. 05).

Por outro lado, esta proposta educacional exhibe um duplo movimento com relação às mulheres: o entrelaçamento entre feminino e masculino que levaria à sociedade igualitária, passa também pela nova educação da mulher, que como mãe teria assim um novo papel a cumprir - a transmissão dos novos valores às futuras gerações. Este ponto de vista fica bastante claro neste artigo de Soledade Vila Franca (companheira de Ferrer, que após a morte deste, dá continuidade à obra das Escolas Modernas):

"Todos os pensadores livres reconhecem que a mãe é a principal educadora da criança. Observa-se ao aluno que a mulher considerada como inferior ao homem, privada (...) de instrução e reduzida à sistemática ignorância, não ensina a seu filho mais do que os erros tradicionais que constituem seu repertório intelectual. Assim, vemos como o clericalismo se ufana com o domínio da consciência da mulher. Na Escola Moderna (...)

a menina, a futura mãe, a primeira educadora de seus filhos livra-se dos erros, aprende a verdade, fica em condições de desempenhar funções sociais importantíssimas não inferiores à do homem, porque este se vale por si só, e a mulher representa tantos homens quantos filhos tenha..."

(A Lanterna, 13/10/1911)

Estas experiências têm o seu final marcado pela intervenção estatal. Durante o ano de 1919, a par da intensa agitação e repressão sobre o movimento operário e os anarquistas, a diretoria geral da Instrução pública decreta o fechamento das Escolas Modernas de São Paulo, acusando-as de uma série de irregularidades administrativas e também de estarem fazendo a propaganda do regime comunista e das idéias anarquistas. Outras permaneceram e podemos detectar sua presença até aproximadamente 1927 (Luizeto, F., op. cit.).

Quais eram os objetivos destas leituras, da instrução da Educação Moderna [18]? A transformação da figura da mulher: de submissa em rebelde, de religiosa em anarquista, de dominada pelo homem à sua companheira em igualdade econômica e social, de ignorante e retrógrada em um espírito progressivo que fosse capaz de conduzir lutas sociais e de educar sua prole dentro de princípios revolucionários e racionais.

Neste novo papel que lhe cumpre surge a imagem da heroína:

"E a mulher contribuí, contribuí e contribuirá para a grande obra porque o seu natural modo de ser a inclina para o bem (...) é a heroína, porém a heroína do lar, a heroína da ciência, a heroína do trabalho e a heroína de equitativas reivindicações (...). Vive pela humanidade, no afã puríssimo do bem estar geral (...)."

(A Lanterna, 01/05/1906)

Esta heroína se constitui em uma figura social específica, "dona de si", pessoa independente e em igualdade com o homem, autora de seu próprio destino. Esta mulher íntegra e consciente dos seus direitos deve juntar seus esforços ao do companheiro eleito do seu coração e lutar pela Anarquia.

O processo de descoberta da necessidade de uma transformação radical do social para que cada um pudesse atingir o estado de felicidade, de liberdade de criação, é difícil de apreender e significou frequentemente a introjeção dos valores burgueses. Na prosa de ficção algumas imagens são gravadas, mas com muita parcimônia, ou melhor, o fato dos autores serem homens compromete em muito o perfil psicológico que o historiador desejaría possuir para estudar. A literatura anarquista, além de ser coisa de homens, é pobre neste aspecto [19]. Domingos Ribeiro Fº escreveu com o pseudônimo de Cecília Mariz, um romance intitulado "Uma Paixão de Mulher", que tenta seguir o gênero de "O Amante de Lady Chatterley", de D.H. Lawrence, mas sem aquela sagacidade, aquela intuição para perceber a questão feminina, ou melhor, a mulher.

Tem-se, no limite, o homem Domingos Ribeiro Fº projetando uma figura feminina, que ele considerava necessária para a emancipação do homem. Uma mulher bonita, sensual, inteligente. Livre. Uma livre-pensadora sem o peso dos grilhões do casamento e da prostituição, livre da necessidade econômica que faz sua ligação com o homem. Nestas palavras, registra o seu desejo por uma nova união, necessária para o pleno desenvolvimento da humanidade. Nas citações dos militantes do movimento social, transparece a construção de uma imagem de mulher que, se não é mais a "Mater Dolorosa", também não é aquela mulher livre da preocupação, do "karma" com o bem estar social geral. Uma mulher ainda presa aos ideais de igualdade, fraternidade e bondade, uma mulher que se inclina para o bem, pois é parte da sua natureza esta condição.

Viver para a Humanidade, triste sina da mulher. Nos

brados da Anarquia, escondia-se também uma imagem feminina - Mãe da Humanidade! Parece que neste momento, os ombros de Atlas não servem mais para sustentar o peso da Terra. É a Mulher que agora carregará este fardo mitológico.

ANEXO I

FONTE: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Serviço de Remodulação do Ensino Técnico Profissional. Relatório apresentado ao Ministro Eng. João Lederitz (1922).

PROGRAMMAS DAS ESCOLAS PROFISSIONAES FEMININAS DO DISTRICTO FEDERAL

MODELAGEM E DESENHO PROFISSIONAL

Primeiro anno: Elementos

PRIMEIRA PARTE: MORPHOLOGIA GEOMETRICA

(Ensino commum ás alumnas de todas as officinas)

Desenhos dictados e desenhos de memoria executados no quadro negro com giz branco e gizes de côres, e no papel com lapis commum sem auxilio de instrumentos e com tempo préviamente marcado para cada exercicio.

NOTA — As alumnas criam assim o sentido das grandezas metricas, das escalas diversas e o da noção do tempo tão necessarios em qualquer officio.

Linhas rectas, seu traçado e suas posições: horizontal, vertical, inclinada, perpendicular, paralela e obliqua.

Divisão, multiplicação e relação de linhas rectas.

Angulos, suas divisões e multiplicações.

Triangulos.

Quadrilateros.

Linhas curvas e traçado da circumferencia.

Recapitulação

Hexagono.

Triangulo.

Quadrado.

Decagono.

Pentagono.

Heptagono.

Octogono.

Enneatagono.

Dodecagono.

Recapitulação

Segunda parte: Desenho ambidextro de morphologia botânica

(Ensino commum ás alumnas de todas as officinas)

Desenhos dictados e desenhos de memoria executados no quadro negro com giz branco e gizes de cores, e no papel com lapis commum, sem auxilio de instrumentos e com tempo préviamente marcado para cada exercicio.

NOTA -- As alumnas aperfeiçoam assim o sentido das grandezas metricas, das escalas diversas e da noção do tempo. Ficam-lhes tambem reveladas as inexgotaveis fontes decorativas da natureza e a utilidade da mão esquerda igual á da mão direita.

Desenho ambidextro de letras e algarismos,
de raizes,
de caules e bulbos,
de ramos,
de folhas,
de flores,
em formas geometricas ensinadas no periodo precedente.

Recapitulação

Terceira parte: Perspectiva de observação

(Ensino commum ás alumnas de todas as officinas)

Desenho de imitação e desenhos de memoria no papel, com lapis commum e crayon branco em papel de cores, sem instrumentos.

NOTA — Este ensino limitado á perspectiva do circulo e á do quadrado é destinado a evitar erros graves na representação de objectos simples e a desenvolver ainda mais a memoria visual.

Exercicios sobre afastamento e approximação de grandezas collocadas em diversos pontos.

Medidas e suas applicações.

Deformações provenientes da nossa vista.

Perspectiva do quadrado vertical,

horizontal,

em qualquer posição.

Perspectiva do circulo vertical,

horizontal,

em qualquer outra posição.

Desenhos sombreados de objectos simples.

Desenhos de memoria dos mesmos.

Recapitulação

PROGRAMMA DE ESPECIALIZAÇÃO

Segundo anno: Tecnologia desenhada

PRIMEIRA PARTE: LETTRAS E COMPOSIÇÃO DE MONOGRAMMAS

(Ensino commum ás alumnas de todas as officinas)

Desenhos dictados e desenhos de memoria executados no quadro negro com giz branco e gizes de côres, e no papel com lapis commum e com tinta nankim, tinta gouache e tintas a aquarella, com tempo préviamente marcado e sem auxilio de instrumentos.

Lettras inscriptas em:

Circumferencias.
Hexagonos.
Triangulos.
Pentagonos.
Octogonos.
Quadrados.
Rectangulos, etc., etc..

Monogrammas de duas lettras inscriptas em:

Circumferencias.
Hexagonos.
Triangulos.
Pentagonos.
Octogonos.
Quadrados.
Rectangulos, etc., etc..

Monogrammas de tres ou mais lettras inscriptas em:

Circumferencias.
Hexagonos.
Triangulos.
Pentagonos.
Octogonos.
Quadrados.
Rectangulos, etc., etc..

Ornatos complementares e supplementares e lettras de estylos.

NOTA — Os programmas precedentes são communs a todas as alumnas pertencentes a esta ou áquella officina. Para a execução dos programmas seguintes as alumnas são agrupadas de accôrdo com as officinas, que frequentam, com excepção do programma para doceiras e copeiras, que é dado a todas em commum, num total de 60 horas prelevadas do 2.º, do 3.º e do 4.º anno.

Segundo anno: Composição e Documentação

Segunda parte: Composição e Documentação

- (1) *Costureiras*—Diferentes curvas necessarias ao traçado rapido de qualquer molde, afim de que as alumnas tenham a maior facilidade e decisão, quando executarem os moldes sob a direcção da mestra de corte.
Estudo morphologico da creança. Proporções. Estudos parciaes e totaes dos figurinos de creanças, com tempo préviamente marcado.
Lapis commum, tinta de nankim, tintas de aquarella, papel branco e de cores.
- (2) *Bordadeiras e rendeiras*—Composições decorativas floraes desenhadas e modeladas, baseadas nos programmas de morphologia geometrica e de morphologia do 1.º anno.
Rhythmico, symetria, juxtaposição, associação, entrelaçamento, etc., etc.,
Pasta plastica, lapis commum, tinta de nankim, tintas de aquarella. Tempo marcado para cada exercicio. Nenhum instrumento.
- (3) *Colleteiras*—Estudos simultaneos do manequim e do esqueleto (tronco). Exercicio de imitação e de memoria com tempo préviamente marcado. Lapis commum e tinta de nankim.
- (4) *Floristas*—Estudos de flôres do natural vivo, a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
Estudos de flôres do natural artificial, a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
- (5) *Modistas*—Estudos de fôrmas de esparteria em todas as posições, a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
Estudos de pennas, pennachos, plumas e azas, a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
Estudos de flores e folhagens, a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
Estudos de fitas, laços, rhous, etc., a pincel (prohibido o uso do lapis), com tempo marcado; de imitação e de memoria.
- (6) *Gravadeiras e luveiras*—Desenhos de imitação e de memoria do esqueleto (craneo e thorax), com tempo marcado. Desenhos de imitação e de memoria do esqueleto (braço, antebraço e mão), com tempo marcado: Lapis commum, tinta de nankim.
- (7) *Avicultoras e apicolloras*—Desenhos eschematicos de imitação e de memoria dos diversos utensilios avicolas e apicolas, com tempo marcado para cada exercicio.

- (8) *Lacteiros* — Desenhos eschematicos de imitação e de memoria dos diversos utensilios de lacticinios; com tempo marcado para exercicio.
- (9) *Copieiras* — Desenhos eschematicos e perspectivivos relativos ao enfeito dos pentros e laktos da mesa e dos pratos, de accôrdo com a sua fôrma e conteúdo. Desenhos de imitação de imaginação e de memoria; com tempo marcado para cada exercicio.
Desenhos eschematicos e perspectivivos de guardanapos dobrados sobre pratos ou dentro de copos. Recortes de papeis para pratica de dobragem.
Composição e ornamentação de cardapios; com tempo marcado para cada exercicio. (Lapis, bico de penna, pincel).
- (10) *Doceiras* — Desenhos de morphologia geometrica e botanica, desenhos calligraphicos, desenhos de ornatos, de letras e de monogrammas com *gesso liquido*, para serem na pratica executados sobre bôlos, flôres, rochedos, cestas, corbellias e objectos varios por meio de *glace-brême*.

Terceiro anno: Technologia desenhada

Problemas e orçamentos

- (1) *Costureiras* — Estudo morphologico da menina. Proporções. Estudos parciaes e totaes de figurinos de meninas e moças. Orçamentos acompanhando cada exercicio. Tempo marcado. Lapis commum, crayon branco, tinta de nankim, tintas de aquarella.
- (2) *Bordadeiras e rendeiras* — Technologia dos pontos de rendas e bordados. Composições geometricas para os mesmos. Composições floraes e outras para os mesmos. Orçamentos acompanhando cada exercicio. Tempo marcado. Lapis commum, crayon branco, gouache, tintas de aquarella e pasta plastica.
- (3) *Colleteiras* — Desenhos de imitação e de memoria de manequins e modelos com cintas varias e colletes. Ideação de outros. Orçamentos. Tempo marcado. Lapis commum, crayon branco, gouache, tintas de aquarella.
- (4) *Floristas* — Estudos de vasos, ramalhetes, ramos, grinaldas, corbellias, laços e fitas, de imitação, de memoria e de imaginação. Orçamentos. Tempo marcado. Pincel e tintas de aquarella.
- (5) *Modistas* — Estudos de chapéos, bonnés, etc., de imitação, de memoria e de imaginação. Orçamentos. Tempo marcado. Pincel
- (6) *Gravateiras e luveiras* — Desenhos de imitação e de memoria de manequim e do modelo (cabeça e busto), com tempo marcado.
Desenhos de imitação e de memoria do modelo (braço, antebraço e mão). Tempo marcado.
- (7) *Avicultoras e apicultoras* — Desenhos eschematicos de imitação e de memoria dos trabalhos avicolas e apicolas. Tempo marcado.

- (8) *Leiteiras* — Desenhos eschematicos de imitação e de memoria das diferentes raças produtoras de leite. Tempo marcado.
- (9 e 10) *Doceiras e copeiras* — Continuação do programma já delineado.

Quarto anno: Tecnologia desenhada

Problemas e orçamentos

- (1) *Costureiras* — Estudos parciaes do modelo com vestidos diversos. Modificação dos mesmos e ideação orçada de outros. Tempo marcado.
Rapido historico da moda, de suas razões, de seus antecedentes.
- (2) *Rendeiras e bordadeiras* — Continuação do programma do 3.º anno. Modelagem em pasta plastica, em couro, em metal para applicação ao vestuario e ao mobiliario.
Ligeira illustração historica das rendas, dos bordados e dos artefactos mobiliarios leves.
- (3) *Colleteiras* — Cintas e colletes. Suas modificações principaes na historia, de conformidade com os climas e os costumes.
- (4) *Floristas* — Continuação do programma do 3.º anno. Ligeira illustração historica da industria das flôres.
- (5) *Modistas* — O chapéo no modelo. Ideação de chapéos. Orçamentos. Tempo marcado. O penteado e a sua evolução complementar da do chapéo. Estudo historico da moda do chapéo. Estudo historico da moda, de suas razões e de seus antecedentes.
- (6) *Gravateiras e luveiras* — Desenhos de luvas e gravatas, de imitação e de memoria. Orçamentos. Tempo marcado. Ideação de luvas e gravatas. Ligeiro historico da gravata e da luva.
- (7) *Avicultoras e apicultoras* — Desenhos de ovos e conteúdo em diversas epochas de incubação.

Anatomia da abelha e dos gallinaceos.

Flora nutritiva das abelhas e dos gallinaceos.

- (8) *Leiteiras* — Anatomia dos animaes leiteiros. Desenhos deapparelhos modernos de acondicionamento do leite, da manteiga e do queijo.
- (9 e 10) *Doceiras e copeiras* — Continuação do programma já delineado.

NOTA — Cada escola tem sómente os cursos de desenhos referentes ás profissões para as quaes as alumnas n'ella se preparam.

O Superintendente do Ensino de Desenho profissional feminino, Professor *L. Dumont*.

Visto.

J. COSTA LEITE,
Inspector tecnico.

OFFICINA DE CORTE

PRIMEIRO ANNO

a) Desenhar, diariamente, no quadro negro, o schema que deverá servir de modelo para as alumnas afim de dar-lhes uma idéa exacta da fórma, proporções e traço do molde, fazendo de toda descripção minuciosa;

b) Fazer os calculos na pedra afim de demonstrar as proporções do molde nas fracções das dimensões tomadas;

c) Juntar a cada descripção o desenho do molde para facilitar o seu traço em tamanho natural, reduzindo as escalas de $1/4$ ou $1/8$, indicando as medidas em centimetros e fleando cada uma dessas medidas sobre a parte a que se refere. Depois destas lições e guiada pela descripção, toda a classe traçará o molde em tamanho natural, o que fará para desenvolver o gosto da alumna pela certeza obtida de haver comprehendido as explicações precedentes;

d) Depois de traçados os moldes, cortal-os em seguida, reunindo as partes com alfinetes para dar a forma do vestuario;

e) Executar modelos intuitivos afim de dar ás alumnas uma idéa clara e exacta de todas as operações que encerra o estudo do corte das diversas peças de vestuario para os dous sexos, em todas as idades, a saber:

Exoval para recém-nascido

Camiza.
 Paletot.
 Cueiro.
 Vestido comprido.
 Vestido curto.
 Babadoiro.
 Triangulo.
 Calça a ingleza.
 Corpinho.

Roupa para menina de 1 a 15 annos

Medidas de proporção:

1. Modelo de tomal-as.
 2. Traço do molde baseado nas medidas tomadas.
 3. Reunir as partes dos moldes.
 4. Provar e corrigir os defeitos.
- Camiza de dia.
 Camiza de noite.
 Calça.
 Sala forma prínceza.
 Corpinho.

Vestido de criança

Corpo com duas peças e suas diversas transformações.
Vestido imperio.
Vestido de paletot.
Vestido a marinheira.
Saia em forma.
Saia em prega.
Saia franzida.

Vestido de mocinha

Corpo com duas peças.
Corpo com quatro peças.
Bluza.
Saia em forma.
Saia em prega.
Saia franzida.

Roupa para menino de 4 a 14 annos

Camiza.
Camiza de noite.
Camizeta de flanela.
Ceroula.
Bluza franzida.
Bluza com cinto.
Calça curta.
Calça comprida.

NOTA — As alumnas que estiverem habilitadas poderão traçar moldes e fazer modelos fóra do programma.

SEGUNDO ANNO

Roupa para senhora

Analyse do corpo ou parte do corpo de conformação regular para o qual será traçado o molde. Comparar as medidas, a relação que existe entre ellas e o modo de compo-las.

Camiza de dia.
Camiza de noite.
Calça.
Saia com cinto direito.
Saia com cinto redondo.
Corpinho.
Combinação.
Matinée.
Pegnoir.
Bluza.
Bluza-camizeta.
Manga e suas diversas transformações.
Corpo com cinco peças.
Corpo com cinco peças e o quartinho de debaixo do braço separado.

Corpo com duas pinças e o quartiho partido da cava.
 Corpo com seis peças.
 Estudo das pinças e sua direcção.
 Theoria da prova e das diversas modificações a fazer.
 Saia e suas diversas transformações.
 Os modelos em papel serão feitos taes quaes elles devem ser executados, e serão guarnecidos ao gosto da alumna.

Roupa para homem

Camiza.
 Camiza de dormir.
 Ceroula.
 Camizeta de flanela com manga.
 Pijame.

TERCEIRO ANNO

Revisão do segundo anno

Medidas de conformação, modo de tomal-as e sua applicação no traço.

a) Demonstrar pela leitura das medidas a conformação irregular a que ellas pertencem.

b) Transformação dos moldes para adaptal-as ás diversas conformações irregulares: costas arredondadas, costas chatas, collo entrado ou saliente, corpo inclinado para traz, corpo inclinado para a frente, hombros altos e hombros baixos.

Costume Tailleur

Diversos modelos de saia.
 Paletot largo.
 Paletot meio justo.
 Paletot justo.
 Estudo da prova e das diversas rectificações a fazer.
 Diversos modelos de gola.
 Estudo do trabalho do ferro, golas altas e baixas, Saxe e Maria Stuart.
 Do trabalho do ferro para alargar ou estreitar a fazenda.
 Os bolsos, collocação, direcção.
 Estudo dos corpos defeituosos, comprehendendo a corcunda.
 Modo de conhecer, pela leitura das medidas, o grau de curvatura. Estudo da prova para os corpos defeituosos. Modo de preparal-o e de guarnecel-o afim de disfarçar os defeitos.
 Vestido a princeza.
 Diversos modelos de capa.

Roupa para homem

Calça.
 Collete.
 Dolman.
 Paletot sacco.

OFFICINA DE COSTURAS

PRIMEIRO ANNO

- 1— Costura á mão — seus diversos pontos principaes: bainhas, pos-ponto, ponto de luva, caseado, etc.
- 2— Applicação dos pontos aprendidos nos tecidos que exigem trabalho á mão.
- 3— Remendo em diversos tecidos.
- 4— Explicação da machina de coser, suas differentes peças; seu funcionamento, modo de armar e desarmar.
- 5— Executar á machina: a costura lisa, pregas, franzidos, debruns.
- 6— Explicação, córte e feitura de roupas grosseiras proprias para operarios.
- 7— Córte e feitura de roupa branca para creanças.

SEGUNDO ANNO

- 8— Córte e feitura de vestidos para meninas.
- 9— Córte e feitura de roupinhas para meninos em diversos tecidos.
- 10— Córte e feitura de roupas brancas para homens.
- 11— Córte e feitura de toda a roupa branca para senhoras.
- 12— Córte e feitura de matinées, e peignoirs.

TERCEIRO ANNO

- 13— Córte e feitura de saias tailleur de linho e blusas para senhoras.
- 14— Córte e feitura de vestidos para mocinhas e senhoras.
- 15— Córte e feitura de roupas brancas de tecidos finos e em tempo marcado.
- 16— Pratica de provar os vestidos de mocinhas e senhoras.

QUARTO ANNO

- 17— Aperfeiçoamento de todo o curso.
- 18— Pratica de ensino.
- 19— Execução dos modelos fornecidos pela aula de desenho.

OFFICINA DE COLLETES

PRIMEIRO ANNO

- 1—Fazer modelos de colletes, cintas e soutien-gorges em fazenda inferior para aquisição de pratica.
- 2—Talhar sobre moldes o modelo escolhido.
- 3—Alinhavar sobre costuras e cosel-as á machina com perfeição.
- 4—Applicar cadaços conforme indica o modelo, para collocação de barbatanas e ressorts.
- 5—Preparar costas e frentes, com os seus competentes contrafortes, para supportes de ilhozes e busos.
- 6—Debruar com cadaço ou fazenda.
- 7—Preparo de ressorts para serem collocados.
- 8—Preparo especial de barbatanas de baleia que devem ser raspadas e lixadas ao ponto desejado.
- 9—Fazer alças para soutien-gorges.
- 10—Armar ligas para colletes e cintas.
- 11—Collocar ilhozes á machina.
- 12—Collocar ponteiras.

SEGUNDO ANNO

- 13—Córte em varios modelos de soutien-gorges e cintas, contendo mais ou menos barbatanas.
- 14—De fazendas apropriadas e applicações de barbatanas flexiveis e desmontaveis.
- 15—De baptiste, bastante guarnecido para pessoas debeis.
- 16—De seda, linho, laise bordada, étamine e filó engomado, preparados com simili e barbatanas flexiveis.
- 17—Enfeitados com rendas e fitas, de varios feitios. Cintas de diversos modelos.
- 18—De brim ou baptiste.
- 19—De elastico e brim com diversos comprimentos.
- 20—Enfeitados e guarnecidos de ligas e laços de fita.
- 21—Explicação e manejo das machinas movidas a electricidade.

TERCEIRO ANNO

- 22—Fazer colletes de creança em brim com barbatanas flexiveis e junco; para todas as idades. Fazer colletes de senhora em diversos tecidos como sejam: seda, seda e linho, baptiste bordado, brim, etc..
- 23—Cortar colletes sob medida.
- 24—Augmentar ou diminuir um molde conforme as medidas tomadas em qualquer pessoa.
- 25—Observação especial na collocação das barbatanas e ressorts, guardando as suas diversas dimensões.
- 26—Applicação de ligas e todos os mais accessorios pertencentes ao collete.

OFFICINAS DE CHAPEÓS

PRIMEIRO ANNO

- 1—Fazer barretes de arame e cobril-os de escossia fina.
- 2—Fazer barretes de escossia dura (esparteria).
- 3—Forral-as de seda e velludo.
- 4—Fazer fôrmas de arame para senhora.
- 5—Forral-as de escossia fina.
- 6—Fazer fôrmas para meninas.
- 7—Cobril-as de palha de diversas qualidades.
- 8—Guarnecer chapéos simples.

SEGUNDO ANNO

- 9—Aperfeiçoar o trabalho do primeiro anno.
- 10—Fazer fôrmas de escossia dura (esparteria).
- 11—Forrar de panno, velludo, seda e setim.
- 12—Feitura de laços.
- 13—Confecção de guarnições.
- 14—Guarnições diversas e suas applicações.

TERCEIRO ANNO

- 15—Applicação e aperfeiçoamento do trabalho do segundo anno.
- 16—Chapéos de filó, renda e palhas finas para senhoras e meninas.
- 17—Execução do trabalho com tempo marcado.

QUARTO ANNO

- 18—Pratica de ensino.
- 19—Aperfeiçoamento de todo o curso.

Será annexado a esta officina o ensino de trabalhos de corda, palha, e fibras de qualquer especie.

OFFICINA DE FLORES

PRIMEIRO ANNO

- 1—Feitura de hastes.
- 2—Pistillos.
- 3—Botões pequenos de massa.
- 4—Engommar o panno.
- 5—Tubos de panno.
- 6—Córte das flôres por meio de ferros propios.
- 7—Córte das flôres por tesoura.
- 8—Tinturaria simples.
- 9—Frisado das flôres.
- 10—Armação final das flôres de facil execução feitas de morim e nansouk.
- 11—Calices feitos por varios processos.
- 12—Botões de panno fechados e abertos.
- 13—Preparar as gommas.
- 14—Tinturaria mais difficil.
- 15—Flôres de mais difficil execução, feitas de nanzouk, setineta e mol-mol.
- 16—Folhagem facil.
- 17—Preparo, tinturaria e feitura das flôres de tafetá.

SEGUNDO ANNO

- 18—Flôres parafinadas.
- 19—Feitura de ramos, palmas e bouquets.
- 20—Pintura das flôres rajadas e pontuadas.
- 21—Preparo, pintura e feitura das flôres de setim.
- 22—Preparo, pintura e feitura das flôres de velludo.
- 23—Folhagem encêrada.
- 24—Folhagem feculada.
- 25—Folhagem envernizada.

TERCEIRO ANNO

- 26—Pintura e feitura das flôres de papel de arroz.
- 27—Feitura das flôres e botões de laranja feitas de pellica.
- 28—Feitura das flôres de laranja feitas de cêra.
- 29—Fructos diversos.

QUARTO ANNO

- 30—Aperfeiçoamento de todo o curso.
- 31—Pratica de ensino.

OFFICINA DE BORDADOS

PRIMEIRO ANNO

- 1—Repórte simples á machina e á mão.
- 2—Ilhozes e salpicos á machina e á mão.
- 3—Filet simples ou rêde á machina e á mão.
- 4—Renda de frivolité á mão.
- 5—Bordados em filó.
- 6—Bordado inglez á machina e á mão.
- 7—Teneriffe á machina e á mão.

SEGUNDO ANNO

- 8—Ponto real á machina e á mão.
- 9—Bordado em relêvo á machina e á mão.
- 10—Bordado Richelieu.
- 11—Bordado de matiz em linhas.
- 12—Bordado de sombra.
- 13—Macramê.
- 14—Tapeçarias.

TERCEIRO ANNO

- 15—Bordado matiz em sêda.
- 16—Bordado em alto relêvo.
- 17—Bordado escomilha.
- 18—Renda de Irlanda.
- 19—Renda de Bruges.
- 20—Renda de Veneza.
- 21—Renda de almofada.
- 22—Renda Irlandeza á machina e a mão.

QUARTO ANNO

- 23—Trabalhos a sêda e a ouro para o commercio.
- 24—Trabalho lingerie artistico.
- 25—Tapeçarias em sêda.
- 26—Confecções de roupas brancas finas.
- 27—Aperfeiçoamento e pratica de ensino.

CURSO DE LAVAGEM E ENGOMMADO

As aulas de lavagem e engommado terão sobretudo o caracter pratico. Não obstante, a proposito de cada ponto do programma, os alumnos receberão relativa instrucção theorica para maior facilidade na execução dos trabalhos da arte de lavar e engommar.

Lavagem

- 1—Valor pratico do ensino de *Lavanderia* nas escolas.
- 2—Relação da lavagem domestica com os processos mecanicos e chimicos de uso corrente.
- 3—Diversos typos de lavanderia.
- 4—A profissão de lavadeira. Sua instrucção basica.
- 5—Preparativos da roupa a ser lavada. Arrumação das diversas peças e sua selecção. Coragem e coiradoiros.
- 6—Fins da lavagem. Methodo mais economico para executal-a com rigor hygienico e economia.
- 7—Conducta da lavadeira em presença de artigos de pequena e grandes dimensões, e de tecidos delicados ou grosseiros (flanellas, lãs, sêdas, rendas, luvas, bordados, etc.)
- 8—A agua usada nas lavagens. Agua dos poços, dos rios e das fontes. Outros líquidos de lavagem. Meios de conservar as côres dos tecidos.
- 9—Enxugo e seccação dos artigos depois de lavados. Acção do sol e do calor secco.
- 10—Composição dos diversos sabões. Inconvenientes e vantagens do seu emprego.
- 11—Indicações da gomma, terebenthina e do anil na lavagem de certos artigos de uso domestico e industrial.
- 12—Desinfectação das roupas. Occasião em que deve ser feita e estudo generico dos principaes desinfectantes.
- 13—Papel de certos saes e substancias chimicas para desfazer nodos e manchas. Indicações e contra-indicações.
- 14—Machinas e utensilios de lavagem, de torcer e de espremer as roupas. Seu manejo, suas vantagens e suas applicações.

Engommado

- 15—Valor pratico do ensino de *Engommagem* nas escolas.
- 16—Relações da engommagem domestica com os processos mecanicos e chimicos de uso corrente. Papel da engommadeira.
- 17—Tratamento dos diversos tecidos. Fórmulas para limpá-os, arejal-os e lustral-os.
- 18—Diversos typos de ferro para engommar. Suas applicações e seu manejo.
- 19—Engommagem da roupa de homem, de criança e de senhora.
- 20—Regras para passar a ferro e calândrar a roupa dos serviços de meza e de cama.
- 21—Engommagem de tecidos grosseiros e de rendas, sêdas, bordados, etc.
- 22—Fórmulas para preparo de gomma, sabões e de soluções colorantes, segundo a natureza do tecido e o fim a que elle se destina.
- 23—Arrumação da roupa engommada. Maneira de dobrar os diversos artigos.
- 24—Machinas e utensilios complementares de engommagem.

— 349 —

Curso de copeiras

ANNEXO AO CURSO DE COZINHA

Primeira parte

I — Da côpa, seu asseio e conservação.	Das diversas maneiras de conservar os marmores e metaes da côpa. Lavagem de ladrilhos, vidros e lavagem das toalhas e aventaes.
II — Da louça, crystaes e metaes.	Da maneira de fazer o asseio da louça, de clarear os crystaes e conservar os metaes.
III — Da meza: arranjo diario.	Da maneira de preparar uma meza com asseio e elegancia, desde a justa collocação da toalha.
IV — Do café, do chá e do pão.	Da maneira de preparar o café simples ou com leite; de preparar o chá e de conservar o pão.
V — Dos moveis.	Da maneira de conservar o asseio dos moveis com ordem e cuidado.
VI — Do vestuario.	Da maneira de vestir com decencia e sobriedade.

Segunda parte

VII — Uma meza de tratamento.	Da maneira de preparar uma meza de tratamento.
VIII — Dos guardanapos.	Da maneira de arranjar os guardanapos por meio de modelos artisticos para banquetes.
IX — Uma meza para banquetes.	Da maneira de arranjar uma meza artistica para banquetes.
X — Dos menus ou cardaplos.	Da maneira de confeccionar os menus ou cardaplos para os banquetes.
XI — Da agua e do vinho.	Da maneira de servir a agua e o vinho.
XII — Servir a meza.	Da maneira de servir uma meza com respeito e solcitude.
XIII — Das flores.	Da maneira de arranjar as flores tanto para ornarem uma sala de jantar como uma meza para banquetes.
XIV — Salão de jantar.	Da maneira de arranjar um salão de jantar.

Curso de cozinha

77

PRIMEIRO ANNO

Theoria	Pratica	
I -- Os utensilios de cozinha, sua conservação e uso.	Caldo simples com pão torrado. Peixe cozido com batatas.	Picadinho ao natural, arroz. Omelette soufflé.
II -- Da agua, seu preparo para as diversas applicações: chás caseiros, café, chocolate.	Caldo simples (consommé): Peixe cozido ao molho de béchamel.	Lagarito de vitella assada com farofa. Salada de alface. Crème de chocolate.
III -- O fogo. O forno. Maneira de preparar-os. Manejo dosapparelhos de gaz.	Sôpa de batatas. Postas de garopa fritas ao molho de manteiga.	Beets de vitella. Salada de vagens. Pudding de pão.
IV -- O caldo simples ou sôpa. O caldo magro, base de legumes.	Caldo magro de legumes. Camarão com talerim ao gratin.	Beets a Inglesa. Pudding de laranjas.
V -- A carne de boi, de vitella, porco e carneiro. Modo de partir. Sua preparação: cozida, assada, frita, grelhada ou ensopada.	Sôpa Juliana. Ovos recheados aux fines herbes. Beets de grelha.	Lombo de porco e ervilhas. Costeletas de carneiro a milaneza. Crème de leite de côco.
VI -- As aves. O peixe. Os crustaceos e os molhucos.	Sôpa de camarão. Ostras a la Poulette. Costeletas de carneiro a milaneza.	Gallinha ao molho pardo. Peixe ensopado. Cocadas de diversos feilhos.
VII -- Os legumes frescos, as batatas e respectivos purées (pirão).	Sôpa de alface. Quatite de camarão com quiabos. Lombo de porco com ervilhas. Folhas celestes.	Croquettes de carne. Repólho recheado. Couve a mineira. Pudding de ovos.

SEGUNDO ANNO

Theoria	Pratica	
VIII -- Os farinaceos. Cereaca, Farinhas. Pão. Massas alimenticias massas finas e molhos.	Sôpa de farinha. Espinafre com fatias de pão torrado. Talerim.	Empadinhas de camarão. Peito de vitella ao molho de aspargos. Fios d'ovos.
IX -- O leite. Mungão. A manteiga e suas applicações.	Sôpa de crème aux champignons. Fritada de peixe.	Gallinha cozida ao molho branco. Crème de baunilha.
X -- Dos diversos condimentos: gorduras, azeite, banha. Do assucar, do sal e outros condimentos picantes e aromaticos.	Sôpa de farinha de arroz. Camarões recheados.	Lingua ensopada ao molho de alcaparras. Pudding de amendoas.
XI -- Sobremezas, sorvetes e licores.	Sôpa ao crème de aspargos. Peixe assado ao molho de camarão. Manjar de côco.	Gallinha á Italiana. Perna de carneiro assada á jardineira. Crème rose.
XII -- Os regimens; vegetariano, dieta, etc. Os ovos.	Sôpa de couve-flôr. Filets de lagosta. Vatapá.	Rabiole. Perú assado com farofa e presunto. Bom-bocado.
XIII -- A composição e ordem das refeições.	Sôpa royale. Mayonnaise de lagosta. Salada de couve-flôr.	Pombos com pelle-póla. Beets com batatas fritas. Crème queimado.
XIV -- Estudo dos menus ou cardapio: sua applicação para almoço, jantar ou banquete e merenda.	Canja de gallinha. Casadinhos de salmoneite.	Costeletas de porco com pirão de batatas. Torta de amendoas.

NOTA -- As alunas irão com a mestra do Curso fazer as compras necessarias para o dia, afim de aprenderem a fazer o orçamento dos pratos por ellas confeccionados. Haverá no Curso um quadro negro onde será descriminado pela mestra os pratos do dia.

HYGIENE PROFISSIONAL

Neste curso se farão conferencias semanacs sobre a hygiene das profissões ensinadas nesta Escola, cingindo-se o professor ao fim exclusivo de fornecer ás alumnas noções praticas, que as habilitem a, no exercicio desses varios officios, preservar a propria saude e a alheia.

Visto.

J. COSTA LEITE,
Inspector tecnico.

Approvo.

AFRANIO PEIXOTO
Director Geral.

PRIMEIRO ANNO

<i>Theoria</i>	<i>Pratica</i>	
I -- Os utensillos de cozinha, sua conservação e asselo.	Caldo simples com pão torrado. Peixe cozido com batatas.	Picadinho ao natural, arroz. Omelette noufflée.
II -- Da agua, seu preparo para as diversas applicações: chás caseiros, café, chocolate.	Caldo simples (consommé): Peixe cozido ao molho de béchamel.	Lagarto de vitella assada com farofa Salada de alface. Crème de chocolat
III -- O fogo. O forno. Maneira de preparal-os. Manejo dos aparelhos de gaz.	Sôpa de batatas. Postas de garopa fritas ao molho de manteiga.	Beefs de vitella. Salada de vagens. Pudding de pão.
IV -- O caldo simples ou sôpa. O caldo magro, base de legumes.	Caldo magro de legumes. Camação com talerim no gratin.	Beefs a inglesa. Pudding de laranjas.
V -- A carne de boi, de vitella, porco e carneiro. Modo de partir. Sua preparação: cozida, assada, frita, grelhada ou ensopada.	Sôpa juliana. Ovos recheados aux fines herbes. Beets de grelha.	Lombo de porco e ervilhas. Costeletas de carneiro a milaneza. Crème de leite de côco.
VI -- As aves. O peixe. Os crustaceos e os molluscos.	Sôpa de camarão. Ostras a la Poulette. Costeletas de carneiro a milaneza.	Gallinha ao molho pardo. Peixe ensopado. Cozidas de diversos feltios.
VII -- Os legumes frescos, as batatas e respectivos purées (pirão).	Sôpa de alface. Quitute de camarão com quinhos. Lombo de porco com ervilhas. Fritas celestes.	Croquettes de carne. Repólho recheado. Couve a mineira. Pudding de ovos.

SEGUNDO ANNO

<i>Theoria</i>	<i>Pratica</i>	
VIII -- Os farinacosos. Cereaes. Farinhas. Pão. Massas alimenticias massas finas e molhos.	Sôpa de farinha. Espinafre com fatias de pão torrado. Talerim.	Empadinhas de camarão. Peito de vitella ao molho de aspargos Fios d'ovos.
IX -- O leite. Mingão. A manteiga e suas applicações.	Sôpa de crème aux champignons. Fritada de peixe.	Gallinha cozida ao molho branco. Crème de baunilha.
X -- Dos diversos condimentos: gorduras, azeite, banha. Do assucar, do sal e outros condimentos picantes e aromaticos.	Sôpa de farinha de arroz. Camarões recheados.	Lingua ensopada ao molho de alcaparras. Pudding de amendoas.
XI -- Sobremezas, sorvetes e licores.	Sôpa ao crème de aspargos. Peixe assado no molho de camarão Manjar de côco.	Gallinha á italiana. Perna de carneiro assada á jardineira Crème rose.
XII -- Os regimens; vegetariano, dieta, etc. Os ovos.	Sôpa de couve-flôr. Filets de lagosta. Vatapá.	Rabiole. Perú assado com farofa e preacunto Bom-bocado.
XIII -- A composição e ordem das refeições.	Sôpa royale. Mayonnaise de lagosta. Salada de couve-flôr.	Pombos com petits-pois. Beefs com batatas fritas. Crème queimado.
XIV -- Estado dos menus ou cardapio: sua applicação para almoço, jantar ou banquete e merenda.	Canja de gallinha. Casadinhos de salmonete.	Costeletas de porco com pirão de batatas. Forta de amendoas.

NOTA -- As alunas irão com a mestra do Curso fazer as compras necessarias para o dia, afim de aprenderem a fazer e confeccionamento dos pratos por ellas confeccionados. Haverá no Curso um quadro negro onde será descriminado pela mestra os pratos do dia.

HYGIENE PROFISSIONAL

Neste curso se farão conferencias semanacs sobre a hygiene das profissões ensinadas nesta Escola, cingindo-se o professor ao fim exclusivo de fornecer ás alumnas noções praticas, que as habilitem a, no exercicio desses varios officios, preservar a propria saude e a alheia.

Visto.

J. COSTA LEITE,
Inspector tecnico.

Approvo.

AFRANIO PEIXOTO
Director Geral.

ANEXO II

FONTE: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional. Relatório apresentado ao Ministro pelo Eng. João Luderitz (1922).

ESCOLA DOMESTICA DE NATAL

DIRECTORIA — 1922

Presidente: Dr. Henrique Castriciano (Vice-Governador do Rio Grande do Norte).
Vice-Presidente: Desembargador Phellipe Guerra.
Secretario: Professor Flodoaldo de Oóes.
Thesourera: Miss Leora James.
Deputado Estadual: Dr. Joaquim Torres.
Chefe do M. do Porto: Dr. Decio Fonseca.
 Cel. Romualdo Galvão (Director do Banco de Natal).
 Cel. Pedro Soares de Araujo.

CORPO DOCENTE — 1922

Miss Leora James — Directora. (Peace Instituto, e Columbia Universidade).
 Dr. Henrique Castriciano (Vice-Governador do Rio Grande do Norte).
 Dr. Manoel Dantas (Director da Instrucção Publica).
 Dr. Yarella Sautiago (Director do Instituto de Protecção á Infancia).
 Miss Rosa James, R. N. (Watts Hospital).
 D. Beatriz Carneiro Leão de Mello (Collegio Americano Agnes Erskine, Recife).
 D. Honorina Ihmar de Mello (Collegio Americano Agnes Erskine, Recife).
 D. Emiliana Suckow (Collegios do Rio de Janeiro).
 D. Isabel Dantas (Escola Domestica de Natal).
 D. Dulce Meira e Sá (Escola Domestica de Natal).
 D. Emilia de Oliveira (Escola Domestica de Natal).
 D. Alzina Azevedo (Escola Domestica de Natal).
 Miss Queenie Handman (Collegios da Inglaterra).
 Miss E. M. A. Oearing (Cambridge Academy, England).

CURSOS ANNEXOS

Maestro Julgi Maria Simdo (Conservatorio Real de Leipzig).
 Maestro Thomaz Bahlul (Conservatorio de Bologna, Italia).
 D. Adalina Leitão (Collegio Cardoso — Rio).
 D. Doralice Barros (Escola Domestica).

DIPLOMADAS

1919	
Alumnas	Filiação
D. Doralice Barros.	Sr. Lupicino A. da Costa Barros.
D. Isabel Dantas.	Dr. Manoel Dantas.
D. Maurilla Guerra.	Sr. Manoel Bazillo de Britto Guerra,
D. Emilia de Oliveira.	Sr. Bellarmino de Oliveira.
D. Dulce Meira e Sá.	Dr. Francisco de S. Meira e Sá.
1921	
D. Alzina Azevedo.	Sr. Felinto Azevedo.
D. Ignez Dantas.	Dr. Manoel Dantas.
1922	
D. Berthilde Guerra.	Dr. Phellipe Guerra.
D. Santa Guerra.	Dr. Phellipe Guerra.
D. Olga Lamartine.	Dr. Juvenal Lamartine.

FINS DA ESCOLA DOMESTICA

A Escola Domestica de Natal, inaugurada em 1º de Setembro de 1914, após longa propaganda da Liga do Ensino deste Estado, é um estabelecimento unico no seu genero no Brasil, destinado á formação de donas de casa.

Os seus fundadores, observando certas falhas de cultura e de methodo no lar brasileiro, determinadas por motivos que não podem ser longamente esplanados neste prospecto, resolveram lançar as bases de um ensino novo entre nós, tendo por modelo as *Escoles Ménagères* da Suissa, da Allemanha e da Belgica.

Iniciou-se a propaganda em Junho de 1911 com a divulgação de um opusculo da Liga do Ensino contendo uma conferencia de Henrique Castriçiano sobre o assumpto, a qual o deputado Felix Pacheco, em erudito parecer sobre a instrucção publica, classificou de memoravel, e mereceu os mais francos elogios de D. Julia Lopes de Almeida, Sylvio Romero, Farias Britto, Affonso Celso e outros notaveis escriptores nacionaes, sem falar na approvação unanime da imprensa do Rio e dos Estados.

Fundado o estabelecimento, bem depressa se verificou a conveniencia da creação de um curso preparatorio, no qual fossem cuidadosamente revistas as materias da escola primaria, e iniciados outros estudos indispensaveis á mulher, para melhor comprehensão dos seus deveres sociaes e domesticos.

Hoje a Escola é um estabelecimento mixto, em que as moças recebem aprimorada educação social e moral, physica e intellectual.

Como adiante se verá, o instituto abre novos horizontes á sociedade brasileira orientando a mulher sobre tudo para a vida campestre, onde ella tem uma grande missão que cumprir junto ás populações, com justiça, consideradas as melhores fontes de reserva do paiz. Sob este aspecto, nada deixa a desejar o nosso estabelecimento. Além da cultura geral necessaria, as alumnas apprendem, theorica e praticamente, a tornar agradavel e sã a vida do campo, espalhando em torno de si, e no municipio em que residirem, toda a sorte de beneficios. Para isto, creamos as aulas de medicina do lar, inclusive hygiene e puericultura; a de leitaria; a de cozinha; a de costura e confeccões; a de agricultura e a de lavagem e engommado. Assim apparellada, a moça residente nas fazendas e nas cidades do interior não tardará a ser uma verdadeira providencia, proporcionando saude e conforto á familia e á collectividade e podendo concorrer do modo mais efficaz em falta de medico ou como auxiliar deste, para o exito da campanha iniciada em pról do saneamento do centro do Brasil pelos Drs. Miguel Pereira, Afranio Peixoto, Moncorvo Filho, Belisario Penna e outros.

É para que a Escola possa ter o exito almejado, a Liga do Ensino, que a superintende, fugindo a todo o empirismo, confia a direcção a uma senhora de grande cultura pedagogica miss Leora James, ex-directora da Escola Superior de Virginia (Estados Unidos) e a um corpo docente de valor, especializado em assumptos domesticos.

A VIDA INTIMA

Uma Escola Domestica é uma casa de familia: Dahi nossa orientação no sentido do estabelecimento manter, o aspecto material e moral de um lar completamente feliz. Para conseguir este intento formulamos no começo do anno, certas regras aconselhadas pelas experiencias adquiridas no anno anterior. Mestres e alumnas discutem a respeito como verdadeiras amigas, dando-se ás ultimas plena liberdade de opinião, com o fim de robustecer-lhes o espirito de iniciativa e de apertar cada vez mais os laços de solidariedade entre todos os membros da «familia». Isso, além do mais, concorre para que seja mantida a tradição do Instituto.

«As leis de viver direito, de pensar direito, de julgar direito, devem ser inculcadas tão cuidadosamente como as leis de physica e chimica». Creemos que esta é a parte mais importante da educação, principalmente da educação no lar, e assim a Escola presta mais attenção a esse facto do que ao proprio exercicio mental, usando sobre tudo como um dos meios de fortificar o caracter e de alargar os horizontes moraes da vida. É o espirito de ser util no mais elevado sentido da palavra á Familia, á Patria, e á Humanidade que deve impulsionar na Escola brasileira as futuras mães de familias.

Para tanto, porém, se faz necessario a qualquer pessoa uma exacta comprehensão dos seus deveres, mesmo os de apparencia mesquinha, ás vezes de grande importancia sobre o ponto de visto educacional.

No estabelecimento as educandas comprehendem, por exemplo, a responsabilidade de manter a casa na mais perfeita ordem, cuida especialmente do dormitorio, limpam os moveis, concertam as roupas, etc.

Na vida diaria da Escola existem sempre cortesia, bondade, e respeito mutuo. «Baseiam-se as boas maneiras sobre uma boa moral». O Corpo Docente, escolhido não somente por causa do preparo mas tambem por causa da influencia moral e social, que possa exercer sobre o corpo discente, une-se á grande «familia», e promove de quando em quando festas intimas e recepções, com o fim de alegrar as alumnas, instruindo-as e dando-lhes bastante pratica na vida social.

PLANO GERAL DE ENSINO

1 — O curso completo é de 6 annos, sendo dois destinados quasi exclusivamente ao preparo intellectual, e 4 á continuacão do mesmo preparo e aos estudos de caracter tecnico.

2 — Ha tres categorias de alumnas: — (a) As que desejam completar o curso, recebendo o diploma da Escola; (b) as que desejam estudar certas materias do respectivo programma (sendo obrigatorio escolher sempre portuguez e arithmetica), recebendo apenas um certificado de aproveitamento destas materias; (c) as que se matriculam nos Cursos Annexos de Pintura, Musica, Desenho e Commercial, sendo ás internas exigido egualmente o estudo de portuguez, arithmetica e o trabalho domestico.

3 — As alumnas que nos exames annuaes não obtiverem resultados satisfactorios em duas materias mas obtiverem a média de comportamento acima de 8, serão submettidas a novo exame no começo do anno seguinte. Si, porém, forem reprovadas em mais de duas ma-

terias, e a média do comportamento fôr abaixo de 8, deverão repetir o anno.

4 — Se no decorrer do anno lectivo uma alumna der 50 faltas não justificadas, fugindo a este ou aquelle dever escolar deverá repetir o anno; sendo que a ausencia de uma sabbatina equivale a tres faltas. A chegada tarde por tres vezes á aula equivale a uma falta. Esta só pôde ser justificada em caso de doença, mediante attestado medico para as externas e da enfermeira da Escola para as internas.

5 — A nota de approvação nos exames será 6, e a dos da segunda epocha será 7.

6 — Ha sabbatinas mensaes, e serão enviadas aos paes ou tutores boletins contendo as notas de aproveitamento e comportamento das alumnas.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

1 — A Escola Domestica recebe alumnas das categorias (a) e (b) internas e semi-internas, a partir da idade de onze annos, e com o preparo intellectual necessario ao 1.º anno preparatorio. Não haverá essa exigencia para as de categoria (c).

2 — A joia de entrada é paga de uma só vez, e não será restituída em caso algum.

3 — E' concedido um abatimento de 10 % a quem matricular no estabelecimento mais de uma pessoa da sua familia, sendo egualmente concedido um abatimento de 5 % ás pessoas que só tendo matriculado uma alumna effectuarem adiantadamente o pagamento do anno inteiro.

4 — A Escola aceitará alumnas em qualquer mez de Março a Novembro.

5 — No caso de retirada da alumna por qualquer motivo não haverá restituição do que houver sido pago, salvo o ultimo trimestre da que houver realizado adiantadamente o pagamento annual, desde que a retirada seja por motivo de saúde, a juizo do medico de hygiene da Escola.

6 — A mensalidade dos cursos espediaes é a mesma do curso completo, exceptas as dos cursos annexos, isto é, de cathegoria (c).

7 — As alumnas dos cursos annexos pagarão mensalidade de 20\$000 por cada materia, tendo direito a 8 lições de 40 minutos, por mez.

8 — Os pagamentos serão feitos adiantadamente, mensal ou trimestralmente.

9 — Cada alumna deverá submeter-se a um exame medico, feito na Escola sendo dispensada vaccinação por conselho medico.

10 — No caso de doença, mesmo ligeira, a alumna deverá prevenir a Directora. De maneira alguma permittimos receitas ou applicações de remedios por pessoas estranhas á Escola, que tem enfermeira contractada.

11 — As alumnas do ultimo anno conservar-se-ão internas durante todo o tempo lectivo.

12 — Para a devida classificão, todas as alumnas novas, submeter-se-ão a um exame escripto e oral. As materias necessarias á matricula do curso preparatorio são Portuguez e Arithmetica. Para a matricula em todos os annos do curso domestico exige-se exame sa-

insatisfactorio nas materias do anno anterior, desde que a alumna se des-
tine ao curso completo do Estabelecimento.

13 — Não serão attendidos pedidos contrarios aos regulamentos
da Escola.

DESPESAS

Joia de entrada para alumnas de categorias (a) e (b)	50\$000
Joias de entrada para alumnas de categoria (c)	20\$000
Mensalidade para alumnas internas, categoria (a) e (b), (comprehendendo pensão, lavagem, en- gommado, etc.)	80\$000
Idem, fora do Rio Grande do Norte	100\$000
Mensalidade para alumnas externas, categoria (a) e (b) (comprehendendo o almoço)	40\$000
Mensalidades para alumnas de categorias (c), cada materia (piano, violino, violoncello, desenho, pintura, curso commercial, etc.)	20\$000
Uso extra de piano, por dia, periodo de 40 minutos	5\$000
Idem de machina de escrever	5\$000

NOTA — A Liga de Ensino, tendo em vista a modicidade dos preços acima,
o que foi deliberado em vista da situação economica da maioria dos pais de
familia do Estado, que subvenciona a Escola, resolveu cobrar das alumnas pro-
vindas de outros pontos da União 100\$000 por mensalidade.

ENXOVAL

- 3 colchas brancas, para cama de solteiro.
- 6 lençóis.
- 1 cobertor de lã.
- 4 fronhas brancas simples.
- 12 toalhas de rosto.
- 6 toalhas de banho.
- 1 guarda chuva.
- 1 mosqueteiro para cama de solteiro.
- 2 copos, sendo um de metal.
- 2 colheres de chá.
- 2 saccos para roupa usada.
- 1 porta guardanapo.
- 6 vestidos brancos simples para uso diario.
- 12 pares de meias brancas para uso diario.
- 2 pares de sapatos com saltos baixos para uso diario.
- 1 par de sapatos de tennis para jogos e gymnastica.
- 1 par de sapatos finos para festas.
- 3 vestidos brancos lavaveis para festas.
- Roupa branca a vontade.
- 2 pentes, sendo um fino e um grosso.
- 5 metros de morim branco para aventaes e toucas de cosinha.
- 1 chapéo para passeio.
- Sabonetes, escovas de dentes, pasta, alfinetes, tesourinha, dedal,
agulha, linha, fita metrica.

NOTA — Não exigimos, que a alumna traga todo este enxoval. — E' pre-
ferivel mesmo que os vestidos simples e os trabalhos de roupa branca sejam exe-
cutados pela propria alumna ou pelas suas companheiras de maior adiantamento,
sendo-lhe assim poupadas maiores despesas. Convem accentuar que, tanto nas recepções
como no viver diario, não é permittido ás alumnas o uso de joias e de vestidos
caros. Attendendo a que essa ou aquella moda não se adapta bem a todas as
moças, a directoria resolveu que estas, de accordo com a professora de costura, es-
colham o modelo conveniente, devendo, porém, usarem sempre a cor branca. Ha
uniformes especiaes para os diversos exercicios de educação physica, e aventaes e
toucas para os trabalhos praticos, os quizes são confeccionados pelas alumnas, sob a
fiscalização da professora. A confecção obedece invariablymente ás regras da economia
e da simplicidade, que não excluem a elegancia. Quer nas festas da Escola, quer

nos passeios, as alumnas trajarão invariavelmente vestidos de côr branca. Na estação invernosã deverão usar roupa mais pesada, podendo trajar no Estabelecimento vestidos de lã de côr, menos na occasião das festas.

REGIMENTO INTERNO

- 1 — As alumnas pagarão o concerto dos objectos por ellas deteriorados ou os substituirão.
- 2 — As internas poderão passar o ultimo domingo de cada mez em casa da familia ou das pessoas auctorizadas a recebê-las em documento que a Directora conservará. Sahirão sómente aos sabbados, ás 6 horas da tarde, e regressarão ás segundas-feiras, antes das 8 horas da manhã. Não haverá excepção a esta regra.
- 3 — As alumnas, acompanhadas de uma professora, poderão fazer compras, sómente ás segundas-feiras.
- 4 — Não é permittido ás alumnas merendarem nos dormitorios e só poderão receber para esse fim presentes de fructas cruas.
- 5 — O tratamento dentario será feito na Escola, mediante auctorização dos paes, que se responsabilisarão pelo pagamento.
- 6 — A enfermeira da Escola cuidará gratuitamente das alumnas doentes, isolando-as na enfermãria existente na Escola. Sendo preciso visita medica, esta e os remedios usados serão pagos pela alumna.
- 7 — As alumnas só poderão receber visitas nos dias, uteis, entre as 5 horas da tarde e 7 horas da noite, e nos domingos entre 9 da manhã e 3 da tarde.
- 8 — As alumnas só podem escrever e receber correspondencia de pessoas cujos nomes são fornecidos á Directora pelos pais.
- 9 — Nada poderá entrar ou sahir da Escola sem passar primeiramente pela Secretaria.
- 10 — Pede-se aos paes, no interesse das alumnas, o obsequio de se esforçarem para que estas entrem exactamente na epoca da abertura das aulas, e sejam pontuaes no comparecimento, depois de qualquer feriado.
- 11 — A's segundas-feiras, haverá aula de concerto de roupa e limpeza geral da casa, tudo feito pelas alumnas, bem como a arrumação e limpeza geral dos dormitorios, sendo esta a occasião de ensinar ás alumnas os cuidados necessarios á hygiene e ao asseio do quarto e do seu mobiliario.
- 12 — Ha inspecção diaria dos dormitorios pelas professoras.
- 13 — Horario:

	Segunda-feira	3. ^a 4. ^a 5. ^a 6. ^a , Sabbado.	Domingo
6:45	Accordar.....	Accordar.....	
7:00	Café.....	Café.....	
7:10	Serviços domesticos e concertos de roupa.....	Serviços domesticos.....	Accordar
8:10	Almoço.....	Arrumação dos dormitorios.....	Serviços domesticos
11:30	Limpeza geral.....	Aulas.....	Café
12:15	Compras.....	Chamada.....	
12:30		Aulas.....	Almoço-jantar
2:00		Preparo para o jantar.....	
3:10	Jantar.....		Silencio
3:30	Jogos.....	Jantar.....	
4:30		Jogos.....	
5:30			Preparo para a cela
6:45	Preparo para estudo		Cela
7:00	Estudos.....	Estudos.....	
8:00	Ceia.....	Ceia.....	
9:15	Silencio.....	Silencio.....	Silencio

CURSOS

1.º Prep.

Arithmetica
Portuguez
Cultura Physica
Costura, theoria e pratica
Calligraphia
Leitura
Musica
Desenho

2.º Prep.

Arithmetica
Portuguez
Cultura Physica
Costura, theoria e pratica
Calligraphia
Leitura
Musica
Desenho
Historia do Rio Grande do Norte
Geographia
Francez ou Inglez
Cosinha, theoria e pratica

1.º Domestico

Arithmetica
Calligraphia
Cosinha, theoria e pratica
Costura, theoria e pratica
Cultura Physica
Francez ou Inglez
Geographia
Historia do Brazil
Hygiene
Musica
Desenho
Portuguez

2.º Domestico

Algebra
Agricultura
Cosinha, theoria e pratica
Costura, theoria e pratica
Cultura Physica
Francez ou Inglez
Historia Universal
Musica
Desenho
Medicina pratica
Portuguez

3.º Domestico

Algebra
Agricultura
Cosinha, theoria e pratica
Costura, theoria e pratica
Cultura Physica
Francez ou Inglez
Medicina pratica
Musica
Desenho
Lavagem e Engommado
Portuguez

4.º Domestico

Costura, theoria e pratica
Cosinha, theoria e pratica
Direito Usual
Educação Social
Francez ou Inglez (facultativo)
Musica
Desenho
Medicina pratica
Psychologia
Pedagogia
Portuguez

AGRICULTURA

- 2.º Domestico (a) *Horticultura* -- Noções de botanica — Instalação da horta -- Adubos — Composição das terras — Modo de semear — Cultura de diversas hortaliças.
- (b) *Leitura* — Estudo geral das diversas raças de vacas leiteiras, abrangendo a alimentação, hygiene, etc. — Meios de conhecer o estado do leite — Conservação do leite, venda e transporte — Desnatação natural e á machina — Maturação da nata — Batedura e corantes — Manteiga — Malaxação — Queijos.
- 3.º Domestico (a) *Floricultura* — Formação de um jardim — Terras apropriadas, processos de cultura e adaptação das flores — Plantas ornamentaes — Modos de reprodução — Poda e adubação de arvores e arbustos ornamentaes e fructiferos — Insectos e meios de combatel-os.
- (b) *Criação* — Instalação do gallinheiro — Incubação natural e artificial — Ornamentação — Estudo detalhado de raças — Hygiene.

NOTA — Para todos estes cursos exige-se uma hora pelo menos de trabalho pratico diariamente durante o anno todo. A manteiga consumida na Escola é fabricada pelas alumnas. O estabelecimento possui um jardim e uma horta (que servem para as demonstrações agricolas e fornece a verdura necessaria) vacas e gallinhas de diversas raças, com estabulos e galinheiro modernos. Tudo cuidado pelas discipulas, sob a direcção da professora da materia.

COSINHA

A materia está distribuida em 5 annos, sendo ensinada no 2.º anno preparatorio e nos quatro de Curso Domestico. No 2.º Preparatorio e no 1.º e 2.º Domestico exigem-se semanalmente quatro horas de estudo pratico no laboratorio domestico e duas de ensino theorico. No 3.º e 4.º Domestico exigem-se das alumnas, mais tempo nos laboratorios e muito trabalho original.

2.º Preparatorio — *Theoria*: Pratos proprios para merendas nas Escolas — Aguas e bebidas de caldo de fructas — Chocolate, café, chá — Valor alimenticio do leite — Pão e sua fabricação — Pratos para a ceia — Conservas de fructas e de vegetaes — Valor alimenticio das fructas e dos legumes — Bolos simples e pães ligeiros — Ovos — O arranjo da cosinha — Cuidado com as comidas — Sobremesas — Estudo de porções de 100 calorias — Venda e compra de alimentos.

Pratica: Preparação de 24 *menus* differentes, cada lição de 4 horas — Sopas, carnes, legumes, sobremesas, etc. — Compras no mercado — Papel da ajudante de dona de casa.

1.º Domestico — *Theoria*: O fogo e a agua — Applicação dos mesmos no preparo dos alimentos — Estudo detalhado do leite e seus productos — Ovos, carne, peixe, aves, vegetaes, cereaes, bolos e massas — Utensilios de cosinha — Horarios da dona de casa — Classificação de alimentos.

Pratica: 24 lições, cada uma de 4 horas, destinadas ao preparo de 24 *menus* differentes — Sopas, carnes, legumes, sobremesas, etc. — Compras no mercado — Papel da ajudante de dona de casa.

2.º Domestico — *Theoria*: Fogões de diversos typos e combustiveis — Hydrocarbonatos — Gorduras — Proteinas — Mineraes — Condimentos — Gelo — Pães e massas ligeiras — Pastas — Combinações de alimentos — Os principios da conservação e esterilização — Arranjo de *menus* — Serviço de mesa — Comportamento na mesa.

Pratica: 24 lições, de 4 horas, para o preparo de 24 *menus* differentes — Pratos de mais difficil composição — Dona de casa.

3.º Domestico — *Theoria*: Chimica elementar applicada aos mistéres caseiros.

Pratica: 43 lições, de 4 horas cada uma, destinadas ao preparo de mais difficeis trabalhos culinarios — Dona de casa.

1.º Domestico — *Theoria:* Chimica alimentar — Analyse das substancias alimenticias.

Pratica: Conservação de carnes, fructas e vegetaes — Fabrico de doces, conservas, pratos para banquetes, etc..

NOTA — Sempre com o fim de desenvolver o espirito de iniciativa das alumnas, a Directora desigua semanalmente uma das discipulas do 2º e 3º annos do Curso Domestico para exercer os misteres de dona de casa. A alumna escolhida toma conta das chaves da dispensa e passa a distribuir os generos necessarios a alimentação de toda a Escola, a dirigir a cozinha e a copa, planejando e verificando as compras no mercado, etc. No fim da semana apresenta um relatorio do occorrido, dando conta da receita e despesa de um modo tão completo que se sabe o custo da alimentação diaria de cada pessoa. A Dona de casa auxilia, habilitando-se, destarte duas ajudantes, pelo menos, escolhidas nas classes do 2º Preparatorio e 1º Domestico. Diariamente uma turma de alumnas do 2º Preparatorio e 1º Domestico, acompanhadas da professora de cozinha, vae ao mercado comprar o necessario.

COSTURA

Ensina-se costura durante os 6 annos do curso, exigindo-se pelo menos 4 horas de trabalho pratico e uma de estudo theorico por semana. A parte theorica é um curso graduado, de 6 annos, de grande proveito, comprehendendo: estudos de toalhadros de algodão, linho, sêda, lã. Tecidos desta fazenda, e a sua fabricação. Moldes. Estudo historico do vestuario. Desenhos de vestidos e chapéos. Combinação de cores e linhas para os diversos typos de figurinos. Conservação e concerto de roupas, etc. A alumna tem plena liberdade de costurar quanto quizer, mas é obrigada a apresentar no fim do anno, para a exposição escolar, as seguintes peças:

- 1.º Preparatorio — 3 aventaes de cozinha e toucas, camisa de dormir, 1 camisa-calça, 1 vestido simples, pegadores e toalhas de cozinha.
- 2.º Preparatorio — 2 vestidos, 2 camisas calças, 2 camisas de dormir, 1 avental fino.
- 2.º Domestico — 1 vestido fino, uma combinação, 1 chapéo, 1 caminho de meso bordado, 1 kimono e uma touca de dormir.
- 3.º Domestico — 1 vestido de cambraia, 1 combinação, 1 chapéo, 1 guarnição para toilette, 1 guarnição para chá, 1 enxoval para criança.
- 4.º Domestico — 1 pijama para homem, 1 guarnição de linho branco para cama, 1 enxoval para formatura composto de 1 vestido de seda branca, 1 vestido de cambraia fina, 1 camisola, 1 combinação, 1 camisa-calça fina, 2 chapéos.

NOTA — Sendo possivel, a alumna preparará tambem uma guarnição para mesa de jantar, de 12 pessoas.

CALLIGRAPHIA

O systema usado é o das melhores escolas dos cursos commerciaes. O movimento muscular é dirigido de modo a eliminar por completo a rigidez da mão e a evitar qualquer posição ante hygienica. A alumna passa a escrever não sómente legivelmente mas com rapidez e facilidade, podendo em pouco tempo trabalhar muito sem fatigar-se. Esse systema lhe desenvolve a individualidade, dispensando «os cadernos de calligraphia» que se approximam mais do desenho do que desta. Ensina-se durante 3 annos, isto é, durante os dois cursos preparatorio e o primeiro Domestico. Não serão exigidas aulas para os tres ultimos annos do curso Domestico, porém si houver necessidade poderá qualquer alumna continuar assiduamente os trabalhos respectivos.

CULTURA PHYSICA

O fim natural desta parte do curso é dar agilidade, resistencia e vigor ao corpo, cuidando especialmente da gymnastica orthopedica. A cultura physica obrigatoria é ministrada durante o periodo escolar completo. Ha uniforme especial para os exercicios. A profesora organiza clubs de sports, sendo obrigatorio a todas as internas fazerem parte delles. A Escola possui campos e todos os apparelhos de tennis, basket ball e volley ball.

DIREITO USUAL

4.^o Domestico — Noções muito simples, illustradas de exemplos, sobre: registro civil, casamento, divorcio, tutela, minoridade, maioridade, bens moveis e immoveis, usufructo, successão, doação, testamento, contractos, vendas e hypothecas.

EDUCAÇÃO SOCIAL

1.^o Domestico — Formação da sociedade brasileira — Educação feminina no Brasil — O ensino domestico na Europa — O feminismo na Europa — Congressos internacionaes de ensino domestico — O problema feminino antes da guerra — Como a mulher deve influir na collectividade — A falta de connexão entre as classes no Brasil — A mulher e a creança no Brasil — Os domesticos — Condição moral e material da burguesia no Brasil — A mulher nas classes pobres. As tradições. O alcoolismo — A Escola Domestica de Natal, sua finalidade humana e patriotica.

EDUCAÇÃO ESTHETICA

Todo Corpo Discente. O sentimento esthetico e o embellesamento simples da casa, quer na vida diaria, quer nos dias de festa e recepção — Todas as alumnas revesam-se no serviço domestico, isto

é, arranjam e servem as mesas, ornamentam as salas, asseiam o mobiliario, recebem visitantes, etc. O revesamento é organizado de tal modo que no fim do anno todas as alumnas têm realizado as mesmas tarefas — Ha concertos, festas intimas, conferencias mensaes e frequentemente os visitantes almoçam no Estabelecimento, que adoptou este regimen para facilitar a pratica das educandas na vida social.

FRANCEZ

- 2.º Preparatorio — Principios de conversação — Educação do ouvido e dos órgãos vocaes — Os numeros cardinaes, ordinaes e phrases usuaes — Leitura e tradição de historias faccis.
- 1.º Domestico — Prelecções oraes sobre o tempo, anno, plantas, animaes, etc. Leitura e traducção — Conversação simples — Dictado — Grammatica.
- 2.º Domestico — Conversação natural, suggerida pelos trechos lidos em aula — Enriquecimento do vocabulario — Leitura e traducção — Reprodução dos trechos lidos — Dictados — Conjugações regulares e as irregulares mais importantes — Grammatica.
- 3.º Domestico — Composições — Cartas commerciaes — Versões — Leitura e traducção — Conversação — Grammatica.
- 4.º Domestico — *Facultativo*. A professora fallará sobre pontos historicos e litterarios e sobre questões interessantes — As alumnas resumirão por escripto estes pontos, bem como as discussões oraes e as leituras feitas em classes ou particularmente — Elegancia da linguagem — Proverbios francezes — Litteratura franceza.

GEOGRAPHIA

O estudo de Geographia não consiste mais, como é sabido, em decorar sómente os termos propriamente geographicos, mas em tornar comprehensivel a relação existente entre a Especie Humana e a Terra, quer sobre o ponto de vista physico, quer sobre o ponto de vista social, politico e economico. A materia está incluída no 2.º anno do Curso Domestico.

HISTORIA

- 2.º Preparatorio — Historia do Rio Grande do Norte.
- 1.º Domestico — Historia do Brasil, de Rocha Pombo.
- 2.º Domestico — Historia Geral, de Botelho.

INGLEZ

- 2.º Preparatorio — Conversação. *Livros* — English for Biginners, e First Reader, Newson Serie.
- 1.º Domestico — Conversação — Exercícios escriptos. *Livros* — English for Biginners, Second Reader, Newson Serie.
- 2.º Domestico — *Livros* — Lições Elementares, Third Reader, Newson Series.
- 4.º Domestico — *Facultativo*. *Livros* — Newson, Grammar, Leituras classicas.

LAVAGEM E ENGOMMADO

- 3.º Domestico — Considerações sobre a economia domestica — Instalação economica e hygienica na lavanderia — Conhecimentos e classificação de tecidos — Sua adaptação aos diversos climas — Como a lavagem e o engommado os modificam — Estudo das substancias empregadas na lavanderia — Fabricação do sabão — Meios de lavagem — Uso pratico das machinas — Lavagem, anilagem, passagem a ferro e o dobrar da roupa branca — Applicaçào da gomma crua e cosida — Lavagem chimica de tecidos finos — Tinturaria pratica e economica — Processos para tirar diferentes nodos.

MATHEMATICA

- 1.º Preparatorio — Arithmetica até fracções decimaes.
- 2.º Preparatorio — Arithmetica até juros.
- 1.º Domestico — Arithmetica curso superior, completa.
- 2.º Domestico — Algebra elementar.
- 3.º Domestico — Algebra elementar, completa.
- 4.º Domestico — Contabilidade domestica.
- 1.º Domestico — *Hygiene Pessoal* — Hygiene e saneamento — Transmissão de molestias contagiosas: — Cuidados necessarios aos olhos, dentes e cabellos — Resfriamentos — Influenza — Doenças de estomago e intestinos — Amigdalas e adenoides — Regulamentos geraes de saúde — Moscas e mosquitos — Hygiene do vestuario e dos dormitorios.
- 2.º Domestico — *Anatomia* — Noções geraes sobre cellulas, tecidos, systemas. — Definição e classificação da anatomia — Considerações geraes sobre os ossos e esqueleto — Estudo descriptivo dos differentes orgãos que formam os aparelhos digestivo e respiratorio

-- Conformação externa e interna do coração --
 Descrição dos systemas vasculares, sanguineo, lymphatico e chyliífero -- Considerações geraes sobre o systema nervoso da vida de relação (eixo cerebral espinal, e suas ramificações) e sobre o systema nervoso da vida organica ou vegetativa (nervo grande sympathico) -- Ligeiras considerações sobre os apparelhos sensoriaes (tacto, olfato, gosto ou paladar, visão e audição.).

3.º Domestico -- *Hygiene* -- 1.º Semestre -- Phenomenos geraes da vida -- funções de nutrição: digestão, absorpção, respiração, circulação, secreções, e calor animal -- Funções de relação -- Composição chimica e classificação dos alimentos -- Succos digestivos -- Phenomenos mechanicos e clinicos da digestão -- Circunstancias que podem perturbar os phenomenos digestivos -- Perturbação motora e secretoria da digestão -- (nauseas, vomitos, regurgitação, eructação, meteorismos, colicas, hyperchloridia, pyrosis, diarrhéa, constipação) -- Natureza dos productos absorvidos (albuminoides, hydratos de carbono, gordura, saes, agua, etc.). Absorpção nas differentes partes do apparelho digestivo -- materias residuaes -- Considerações geraes sobre as outras funções de nutrição -- Ligeiras considerações sobre a mechanica animal e as funções psycho-sensoriaes.

2.º Semestre -- Considerações hygienicas sobre os principios alimentares -- Alimentos usuaes -- Bebidas -- Preparação, conservação e digestibilidade dos alimentos -- Alimentação segundo as idades e as profissões -- Regimentos dieteticos -- Asseio corporal -- Vestuario -- Exercicios physicos -- Habitação privada (cubagem, ventilação e causas que viciam o ar das habitações) -- O dormitorio dos doentes -- Meios de combater e evitar a propagação em familia das molestias infecto contagiosas communs -- Insecções dos animaes domesticos transmissiveis ao homem -- Impaludismo -- Ankylostomose -- Ascaridiose -- Trichinose e outras helmitoses.

4.º Domestico (a) *Puericultura* -- Primeiros cuidados ao recém-nascido -- Banhos, temperatura da agua, etc. -- Resfriamentos e asphyxia -- Natureza dos tecidos protectores -- Madeiras de vestir -- Causas de perturbação do somno e da saúde -- Significação dos gritos e do choro -- Regimens alimentares -- Aleitamento natural, mixto e artificial -- Causas que contraindicam o aleitamento materno -- Escolha de uma ama de leite -- Ablactação -- Valor hygienico do peso crescente -- Phases da dentição -- Primeiros movimentos da marcha -- Primeiras palavras

articuladas -- Molestias communes ás differentes phases da infancia — Therapeutica infantil — Educação physica, intellectual, e moral da creança.

(b) *Medicina pratici* -- Verificação da temperatura do corpo — Contagem das pulsações arteriaes e dos movimentos respiratorios — Vaccinação — Technica das injeções hypodermicas e intramusculares — Pesquisa da albumina e da glycose na urina — Processos da esterilização e conservação do leite — Pureza e densidade do leite — Modo de pensar as feridas, contusões, queimaduras, etc. — Applicações de apparatus orthoplasticos em caso de luxação, fractura, etc. — Hemostaticos — Envenenamentos e antidotos.

(c) *Obstetrica* — Anatomia e physiologia femininas — Hygiene Pessoal — Complicações communes, tratamentos e precauções -- Primeiros cuidados — Enxoval da criança — arranjo do dormitorio da creança, etc.

NOTA -- A Escola tem especial cuidado na execução desta parte do programma geral. Quem conhece a influencia, nem sempre benéfica á falta de cultura, das senhoras brasileiras abastadas nos engenhos, fazendas e villarejos, sabe quanto esta influencia, se bem orientada, poderá representar de utilidade para a communhão rural. Nunca é demais repellar a solução do problema do saneamento dos campos, entre nós, depende em grande parte da educação da mulher. Com a instrução recebida em nosso estabelecimento, sabendo o bastante para socorrer aos doentes nos casos de urgencia e naquelles em que se faz necessario longo tratamento, a creche feminina das populações da interior será dentro em pouco um elemento precioso como auxiliar intelligente dos clinicos, especialmente nos logarejos mais afastados dos centros urbanos, onde raras vezes o profissional chega a tempo e onde, se isso acontece, é commum ver prejudicados os seus esforços á falta de enfermeiras capazes.

Em relação á puericultura, para atingir racionalmente os nossos fins, obtivemos um predio ao lado da Escola, edificada e mobiliada de accordo com os preceitos da Hygiene moderna e nelle installamos uma creche, onde as alumnas do curso Doméstico, guiadas por uma enfermeira diplomada e especialmente contratada para este mister, acompanham a evolução physico-psychica das creanças internadas nesta creche, a partir de dois até cinco annos de idade. Assim as alumnas aqua as lições theoreticas, instruem-se praticamente junto ás creanças, seguindo-lhes dia a dia, como ficam dito, a evolução physico-psychica, e aprendendo o que de mais importante a sciencia ha ventilado nos ultimos tempos sobre este assumpto. O serviço hospitalar é dirigido por um medico competente, sendo-lhe permitido fazer ao estabelecimento certos doentinhos de sua clientela, mormente os atingidos de doenças tropicaes.

As alumnas sob a direcção da enfermeira, tomam todo o cuidado com as creanças internadas, e preparam diariamente as refeições (nisto ellas tem muita pratica, porque quasi todas as creanças vivem sob um regimen dietetico especial), fazem os banhos, levam as creanças a passear, etc., enfim cuidam destas como as mães de familia.

PORTUGUEZ

- 1.º Preparatorio — Grammatica elementar de Eduardo Carlos Pereira.
1.º Livro do discipulo.
O Coração, por Edmundo de Amicis.
- 2.º Preparatorio — Os mesmos livros, substituindo, porém, O Coração por Mario, Leituras Encyclopedicas.
- 1.º Doméstico — Grammatica elementar de Eduardo Carlos Pereira.
2.º Livro do Discipulo.
— Escriptores Contemporaneos.

- 2.º Doméstico — Grammatica, Curso superior, Eduardo Carlos Pereira.
Litteratura.
- 3.º Doméstico — Grammatica, Curso superior, Eduardo Carlos Pereira.
Canções.
- 4.º Doméstico — Grammatica historica.
Canções.
Estudos de Litteratura.

NOTA — A Escola promove todos os annos uma serie de conferencias sobre a lingua e sobre os costumes nacionaes.

PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA

- 4.º Doméstico — 1.º *Semestre* — O que é a Psychologia — O que é Pedagogia — Os 4 phenomenos mentaes — Os sentidos, o systema nervoso, e o cerebro — Percepção, percepção propria, intuição pura, memoria, imaginação, e pensamento — A sensibilidade — Volição.

2.º *Semestre* — O que é Educação — Phases de educação — Os factores do problema de educação: o alumno, o curso de estudo, o meio escolar, e o mestre — Principios Pedagogicos geraes — Educação physica, negativa e positiva — Educação da mente a perceber a verdde no mundo exterior — Educação da mente a perceber a verdade no mundo interior, e no mundo de relações — Educação da memoria e da imaginação — Educação negativa e positiva das sensibilidades — Educação esthetica — Os meios de educação moral, instinctos e impulsos — A formação de habitos — A ethica pratica.

CURSOS ANNEXOS

No intuito de satisfazer o pendor das moças brasileiras e o constante reclamo das mães de familia, resolvemos crear Cursos Annexos para o cultivo das materias de piano, violino, violoncello, desenho; pintura, canto, bem como um curso commercial. Não obstante a finalidade da Escola ser o estudo domestico, julgamos de alta conveniencia attender a taes reclamos, dado o papel educativo desses cursos. O desenho, o solfejo e o canto são materias obrigatorias ás alumnas das categorias *a* e *b* mas para as que se desejarem aprofundar nas materias acima alludidas creamos a esta secção, na qual se fará um curso intenso de 6 annos em cada materia, denominada de categoria *c*.

O pae, ou tutor da alumna fica responsavel desde o momento da matricula pelas mensalidades de todo o anno lectivo. Exige-se a frequencia pontual a todas as aulas, não havendo desconto por motivo de não comparecimento, seja qual fôr o pretexto invocado. Ha sabbatinas e boletins mensaes, e de dois em dois mezes haverá concerto no qual as alumnas exhibirão as peças estudadas durante este periodo.

Os Cursos Annexos funcionarão sob o regulamento dos outros cursos, sendo os de piano, violino e violoncello de accôrdo com o pro-

Alumna do Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro, sob a direcção tecnica do Maestro Luigi Mario Smido, diplomado pelo Conservatorio Real de Leipzig, especialmente contractado no Rio de Janeiro e coadjuvado pela Exma. Senhora D. Adalina Leitão, e Maestro Thomaz Rabini; e do theorico pratico conforme o programma seguinte do Maestro Smido:

CURSO THEORICO-PRATICO DE MUSICA

2.º Preparatorio -- (2 vezes por semana).

1.º *Semestre* — Theoria (artinha) — (Methodo Miguez e Cardoso).

2.º *Semestre* — Theoria analytica do accôrdo — (Methodo Smido).

(Explicação de todas as combinações harmonicas que se podem encontrar nos trechos de musica).

Solfejo cantado (2 vezes por semana)

(Methodo Smido)

1.º Domestico — a uma vóz, nas claves de Sol e Fa.

2.º Domestico — a duas vózes, nas claves de Sol e Fa.

3.º Domestico — a duas vózes nas claves de Sol e Fa.

4.º Domestico — a trez e quatro vózes em todas as claves.

Transposição.

O solfejo cantado é com a nomenclatura das notas.

CANTO CHORAL

3.º Domestico — a 2 vózes.

4.º Domestico — a 3 e 4 vózes.

Coros, madrigaes em portuguez, italiano, francez, inglez, com acompanhamento e sem acompanhamento.

HISTORIA DA MUSICA — ESTHETICA E LITTERATURA NACIONAL

3.º Domestico — Eras antiga e média.

4.º Domestico — Eras moderna e de actualidade.

Conferencias pelas alumnas sobre historia e litteratura da musica.

LINGUAS ITALIANA, ALLEMA, FRANCEZA E INGLEZA

Explicação dos termos nessas linguas empregadas na musica.

EXERCICIOS PRATICOS

(Musica de camara)

Solos com acompanhamentos de piano
Duos (Violino e violoncello)
Trios (Violino, Viola e violoncello)
Quartetos
Coros com acompanhamento orchestral

} a cargo dos respectivos professores

Aulas de execução de cór.
Aulas de leitura, á primeira vista.
Aulas de transposição.
Aulas de acompanhamento.
Aulas de calligraphia musical.

Harmonia pratica e baixo cifrado no piano.
Contraponto e fuza.
Instrumentação e Regencia.
Composição.

CURSO COMMERCIAL

Não serão organizadas classes com menos de 3 alumnas.

Este curso é ensinado durante 9 mezes e tem por fim preparar moças para serem secretarias, habilitando-as a tomarem conta de um escriptorio, correspondencia, archivos, escripturação, tachygraphia, stenographia, etc. O curso, além destas materias, abranje tambem os de Portuguez, Arithmetica e Calligraphia devendo as alumnas mostrar capacidade sufficiente para acompanhar o Curso do 1.º Domestico.

Confere-se certificado no fim do anno ás alumnas que completarem satisfatoriamente o curso.

I.3. A TRABALHADORA NORMATIZADA: MÃE E ESPOSA REGULADAS

O desenvolvimento da medicina social desde meados do século XIX coloca o problema do corpo, da saúde, do nível da força produtiva como objeto do seu saber.

Como observava Foucault (*Microfísica*, pp.79-89), o desenvolvimento de uma medicina assistencial dirigida aos pobres, às classes trabalhadoras, foi a última direção que tomou a medicina social. Tendo adquirido a forma de uma eficaz prática de controle social das tensões e problemas oriundos da aglomeração urbana, do aumento das populações pobres, a organização de uma prática médica voltada para a saúde do pobre, para o corpo dos homens e mulheres das classes trabalhadoras, ganha um espaço cada vez mais amplo, a partir de meados do século XIX. A intervenção do saber médico nos locais insalubres, as campanhas de vacinação, o controle das doenças pelo seu registro, a elaboração de taxas de mortalidade/natalidade e as suas relações com condições de vida e de ambiente físico, são momentos privilegiados deste movimento e que sugerem uma intenção de se criar um cordão sanitário de modo a impedir que a proliferação de doenças e endemias originárias nas classes mais pobres (e, por isso, consideradas mais sujas e promíscuas), representassem um perigo à coletividade.

Por outro lado, impõe-se a necessidade de práticas assistenciais que permitissem a melhoria das condições de saúde das classes trabalhadoras pobres.

Lançando seus olhares sobre os bairros operários e as fábricas, os médicos, sanitaristas e higienistas, no início do século, denunciavam a sujeira, a umidade, a insalubridade de tanto dos locais de trabalho como também de moradias. O amontamento espacial de homens, mulheres, crianças, velhos, loucos, doentes, em cortiços, a promiscuidade daí decorrente, os hábitos alimentares, sexuais, seus costumes, seu lazer, passam a ser cuidadosamente investigados e sobre estas observações se constroem discursos apontando os males daí decorren

tes e cujos perigos estavam nos surtos epidêmicos, na degeneração dos trabalhadores e também na tensão social, decorrente da presença ameaçadora de massas famintas prontas a sublevar [20].

O desenvolvimento da medicina social representa então, um momento particular na constituição desta esfera social. O saber médico invade os lares, os prazeres, o nascimento e a morte, desvendando recessos ocultos da privacidade doméstica, colocando sob a prática assistencial, nos hospitais, manicômios, aqueles acontecimentos e pessoas que, até então, tinham sua existência e suas necessidades atendidas no calor dos lares.

Tratava-se duma intenção de desfazer os amontamentos humanos, regulando as relações sociais para evitar a promiscuidade. Organiza-se sob regras bastante definidas um novo espaço: a intimidade doméstica. Dessacraliza-se o caráter oculto da antiga privacidade doméstica onde nos tempos antigos ocultavam-se certas dimensões da vida humana, como o nascimento e a morte, que deveriam ser escondidas da esfera pública, uma vez que diziam respeito às coisas impenetráveis ao conhecimento racional (Arendt, op. cit., p. 72).

Invadindo as funções necessárias ao próprio processo da vida, este saber perquire momentos únicos da vida humana, como por exemplo: o nascimento e a morte. Estas duas dimensões, que "não são ocorrências simples e naturais, mas referem-se a um mundo ao qual vêm e do qual partem indivíduos únicos, entidades singulares, impermutáveis e irreptíveis", (Arendt, H., op. cit., p. 108), passam a ser definidas, normatizadas e controladas pela medicina social.

No caso da morte, esta se refere àqueles que saem de uma esfera de vida racional. Porém, no caso do nascimento, trata-se do momento de ingresso na condição material da vida doméstica.

A construção da intimidade doméstica pela constitui

ção de um projeto de família nuclear, moralizada, requer não o ocultamento mas divisibilidade total, transparência do interior das casas e moradias. O saber médico se intromete num objeto específico - a família - e normatiza seus comportamentos.

Os efeitos da nova organização produtiva do trabalho que envolvem homens, mulheres e crianças são também objetos de estudo, uma vez que definem os limites e as aspirações dos projetos familiares.

Um dos aspectos estudados pelos médicos é o trabalho feminino, uma vez que é sobre a figura da mulher onde se apoiam alguns dos pilares centrais de normatização da sociedade.

Dos males advindos pela saída da mulher em direção do trabalho fora de casa e que poderiam conduzir a desagregação familiar, o abandono das crianças desde a mais tenra idade, o esgotamento físico pelo esforço duplo e consequentemente pela depauperação física eram os que preocupavam as autoridades médicas, pois conduziriam à degeneração irreversível da raça.

Até meados do século XVIII, não havia por parte da medicina qualquer preocupação fosse com a mulheres ou com as crianças. O parto, as doenças femininas e infantis eram coisas de "comadres". A prática médica lança seus olhares e sua perícia sobre esta figura através, principalmente, da amamentação materna e do governo das crianças lactentes e na primeira infância (Donzelot, op. cit., p. 22).

O "problema da infância", da sobrevivência dos recém-nascidos até atingirem a idade adulta, as condições físicas e econômicas desta sobrevivência, os investimentos necessários para que este ser torne-se útil, vai ganhando novas formas de organização; não se tratava apenas de produzir um melhor número de crianças e sim de gerir de forma mais eficiente esta época da vida (Foucault, M., op. cit., pp. 198-199).

Esta tendência acentua-se durante o século XX, e ganha na campanha de reforço e manutenção do modelo de família nuclear um poderoso aliado: a elaboração de uma figura feminina que é a mulher no lar, na maternidade. Salvação do homem, elemento privilegiado de civilização da classe trabalhadora, mesmo que também já se encontrasse submetida ao trabalho produtivo fora de casa.

Os problemas na elaboração deste modelo familiar de mulher na classe trabalhadora são muitos. Tentava-se introduzir, pela figura da mulher, elementos de higiene relativos à criação das crianças, à alimentação, à regularização do comportamento sob o olhar atento e vigilante da mãe. A sua atividade doméstica forneceria aos homens exatos benefícios para que, em lugar da taverna, dos cabarês, ele fosse colocado no centro de uma nova situação: o lar, a família nuclear afastada dos vícios e degenerações exteriores, voltada para a reprodução e a preservação moral e material de seres humanos.

Esta tentativa esbarrava em um problema efetivo: o largo emprego das mulheres no trabalho industrial, submetidas às extensas jornadas de trabalho, à ambientes insalubres e também à todas as péssimas condições de vida das classes trabalhadoras. A sua brutal exploração é detectada constantemente. Com o salário que recebiam e a extenuante jornada que eram obrigadas a cumprir, se conseguiam alimentação, dificilmente poderiam cuidar de seus filhos. Este fato era alarmante para o saber médico, uma vez que a exploração excessiva do trabalho feminino não só abalava a família nuclear como comprometia, a longo prazo, as forças produtivas. É sobre a reprodução humana entre as mulheres trabalhadoras que investe este saber, principalmente sobre a questão da amamentação e dos cuidados necessários para diminuir a mortalidade dos recém-nascidos dentro das classes mais pobres.

Sobre o aleitamento materno, a conservação e cuidados de filhos de mulheres operárias, são produzidos alguns tra

balhos acadêmicos nas Faculdades de Medicina, também aqui no Brasil. Um destes trabalhos intitula-se "Da Proteção do Lactente e nosso Meio Operário" e foi tese de doutoramento na Cadeira de Higiene apresentada à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, por Jaime Cardoso Americano. O outro refere-se à "Proteção à Primeira Infância em São Paulo", e foi também tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo por Vicente Pascarelli. Estes dois trabalhos trazem consigo informações bastante valiosas.

Jaime Cardoso Americano define seus propósitos da seguinte maneira:

"... apresentamos este trabalho, que visa o estudo da proteção dispensada aos lactentes no nosso meio operário, e das medidas mais adequadas à sua racionalização.

(...)

Não alimentamos a ilusão de haver feito obra boa; nosso desejo é apenas chamar a atenção dos competentes para um assunto que merece ser estudado entre nós por quantos tenham amor a seus semelhantes e aspirem ao engrandecimento do Brasil."

(Americano, J.C., op. cit., p.2)

Preocupado em estudar as causas da degenerescência física e moral que campeia no meio operário, Americano defende a intervenção do Estado com o sentido de removê-las, uma vez que a exploração dos patrões e a ignorância do operariado agravam as degradadas condições de vida e trabalho. As consequências desta situação tornam-se evidentes:

"Os efeitos maléficos de tal estado de coisas não se fazem esperar: A tuberculose figura em primeiro plano entre as moléstias profissionais. De pais debilitados nascem filhos em condições de resis

tência precária e, se tais crianças não sucumbem na infância, concorrerão mais tarde para avolumar o número de degenerados físicos.

A proteção do adulto representa a salva-guarda do presente; mas muito mais importante é a que se dispensar a criança."

(Americano, J.C., op. cit., p. 4)

Quanto ao que fazer para combater este estado de coisas, a resposta é clara: uma campanha educativa bem dirigida permitindo o surgimento do cidadão operoso, útil a si e a sociedade, uma geração de homens felizes, preocupados com os destinos de sua pátria. O que é colocado em jogo é o aperfeiçoamento físico e moral da espécie através da educação sanitária do povo, de acordo com pontos de vista higiênicos. Para tanto, havia de se promover a adoção de medidas legais no que diz respeito à saúde social (por exemplo, obrigatoriedade de vacinação), ampliando sua atuação para minorar os males sociais. Contudo, para o autor "... o legislador não encarou ainda com bastante largueza de vistas o problema higiênico, deixando em deplorável abandono um dos mais importantes, senão o principal aspecto da questão, como seja a racionalização da puericultura, parecendo esquecer que é da infância atual que pertence o porvir do país." (op. cit., p. 6).

Embora reconheça que já existe um Código Sanitário que regulamenta o trabalho de mulheres e menores nas fábricas, estabelecendo que as mesmas não poderão trabalhar no último mês de gravidez e no primeiro de puerpério, na prática isto se transforma em letra morta, pois o regulamento não estabelece nenhuma remuneração para a trabalhadora afastada por motivo de parto. Como consequência, as operárias trabalham até o fim da gestação e após o parto, mal refeitas, elas voltam ao trabalho, deixando seus filhos entregues aos cuidados de terceiros (filhos mais velhos, avós, ou ainda pagando a uma pessoa). Dos males decorrentes desta situação, um dos mais

nocivos (além dos vícios decorrentes da péssima educação e a falta de carinho e cuidados maternos), é a amamentação artificial, pois a mãe nesta situação perde o poder de secreção láctea e a capacidade de amamentar. Como consequência, tem -se o aumento de mortalidade entre os lactentes [21].

Neste sentido, a necessidade de uma legislação efetiva que garanta o repouso remunerado da mãe operária e também a implantação de creches junto aos estabelecimentos fabris, de modo a permitir o prolongamento da amamentação, se faz urgente. Tal medida se impõe uma vez que a simples permissão de sair para amamentar é dificultada pela distância da residência operária. Aqui o autor faz um interessante levantamento:

"Organizamos na Fábrica Sant'Ana [22] nesta capital, um inquérito sobre a distância que separa a casa dos operários da fábrica.

(...)

Consideramos a sede da fábrica como centro, e traçamos diversos concêntricos respectivamente com 1, 2, 3 e 4 km. de raio.

Admitimos que todos os operários residentes dentro do primeiro círculo se acham a menos de 15 minutos da fábrica, os do segundo a menos de 1/2 hora, e assim sucessivamente (...).

Sobre 820 operários dentro os entrados durante o ano de 1923, (...), obtivemos o seguinte resultado:

Operários residindo dentro do 1º perimetro	-	129
" " " " 2º	"	296
" " " " 3º	"	202
" " " " 4º	"	85
" " fora desses perimetros	-	108
		<u>Soma - 820 "</u>

(op. cit., p. 11)

Da análise destes dados o autor aponta a inviabilidade de qualquer medida que permita a mulher se retirar do recinto fabril para amamentar, pois que a distância e o esforço da caminhada representam, no mínimo, 25% a menos do rendimento no trabalho, além do excesso de fadiga a que se submeteriam . Isto na hipótese desta mulher residir dentro dos quatro perímetro mais próximos da fábrica.

Por outro lado, as próprias operárias parecem não estar muito "conscientes" das vantagens da alimentação natural, mesmo quando têm a permissão de ir em casa amamentar ou de receber os filhos lactentes nas fábricas:

"Demais, são excepcionalmente se encontram operárias que estejam convencidas da necessidade de fazer o filho vir a oficina.

umas julgam menores os perigos da alimentação artificial que os decorrentes do trânsito nas ruas, (...). Outras não têm noção dos benefícios realizados pelo aleitamento ao seio, julgando mesmo algumas, quando a criança não manifesta desenvolvimento pronto, que o mal reside na "fraqueza do seu leite" e desmamam o filho de modo definitivo. Outras, finalmente, se vêem na impossibilidade de aproveitar da concessão, pelo fato de residirem muito longe da fábrica."

(op. cit., p. 14)

Contrariamente ao sentimento das mulheres que, segundo Americano, pareciam não estar muito alarmadas com o problema da alimentação natural ou artificial, impunha-se uma campanha de amamentação. Se os poderes públicos garantissem este "direito" da mulher e de seu filho, os patrões proporcionassem condições materiais de exegübibilidade da amamentação, então este dever se impunha à trabalhadora.

Investe-se também contra as amas, as nutrizes. Este

hábito, aparentemente generalizado, era condenado por dois motivos. O primeiro deles refere-se à carência de atenção e carinho para as crianças cuidadas por amas de leite. O segundo motivo reside no fato de que os filhos naturais das amas de leite são os maiores prejudicados.

Impunha-se a amamentação natural sem discutir o regime de trabalho imposto às mulheres, que ocasionava uma situação onde amamentar um filho não era mais questão de opção ou de preferência pessoal. Qualquer mulher que já tenha amamentado sabe perfeitamente os percalços desta tarefa, não só física como emocional. A criança não mama em intervalos regulares, muito menos (e quanto mais nova ela é, mais se acentuam estes problemas) permanece sugando em período definido. Uma criança pode permanecer de 5 a 6 horas sem mamar, para em seguida ficar durante 40 minutos sugando. Dorme e acorda novamente depois de 1 hora chorando de fome para, após 3 minutos de aleitamento, dormir placidamente. Chora também por gases e outros problemas. Dorme como um anjo toda a noite para permanecer desperta parte do dia, querendo mamar com relativa frequência ou então inverte todo o processo. A alimentação artificial impõe-se frequentemente a toda mãe que precisa ficar ausente. Embora o ato de amamentar seja extramamente prazeroso e salutar para a mãe e filho, uma mulher cansada, tensa ou nervosa dificilmente conseguirá fazê-lo. A quantidade de leite diminui vertiginosamente com o esgotamento físico ou emocional. Aquilo que poderia ser uma tarefa gratificante, torna-se um martírio para a mãe e a criança. É extremamente exasperante o esforço de se introjetar a noção de tempo útil no ventre de um recém-nascido. Mesmo para a mulher com total disponibilidade de tempo para amamentar seu filho, o ritmo diário da natureza, que orienta um bebê torna-se problemático. É impossível para uma mulher submetida à lógica do tempo, do trabalho na organização capitalista, com suas extensas jornadas, o cansaço físico decorrente, a tensão a que está submetida e a má alimentação levar a bom termo a amamentação natural. Trabalho fora de casa e mamadeira são sinônimos.

Porém, continuando em seu "bem intencionado esforço", J. Americano aponta a instituição de creches nos locais de trabalho como a única saída:

"Outras medidas se tornam imprescindíveis para harmonizar o trabalho feminino na indústria com a finalidade da mulher. (grifo nosso)

Em primeiro lugar, a instituição de creches a nexas aos estabelecimentos fabris, que abriguem as crianças filhas de operários durante as horas de trabalho. Ali seriam matriculadas OBRIGATORIAMENTE as crianças de 0 a 4 anos, sendo os lactentes alimentados em horas certas pelas respectivas mães.

Parece-nos necessário instituir a matrícula obrigatória sob penas de multas impostas às mães que fugissem a esse dever." (grifo nosso) (op. cit., p. 144)

Porque a obrigatoriedade? É evidente que as mães resistiam em levar seus filhos para tais lugares, preferindo deixá-los em casa e também evitavam amamentá-los. Daí a necessidade, não só da propaganda, como também da imposição do dever, para que as mulheres não deixassem de cumprir sua função principal de mãe. Não se tratava meramente de reproduzir, mas de reproduzir e conservar os filhos da melhor maneira possível, de acordo com os preceitos eugênicos de preservação da espécie.

Alguns projetos de creche foram levados a efeito. Apontada por diferentes autores como estabelecimento modelo, estava a creche da fábrica Maria Zélia, em São Paulo. Vicente Pascarelli descreve este estabelecimento:

"Estabelecimento modelar, onde as mães quando trabalham deixam os seus filhos entregues a

solicitude das "Irmãzinhas da Imaculada Conceição".

O prédio compõem-se de uma sala de recepção para as crianças, onde são pesadas e medidas para formação da "Ficha Antropopedagógica", uma sala de amamentação e dois dormitórios, cada qual com 20 berços, armário e banheiro.

Segue-se um salão de recreio para o tempo úmido e uma área coberta, com um parque à frente, para o tempo seco; em prolongamento, estão mais dois dormitórios, com o mesmo mobiliário, existindo ainda salas para casos de isolamento de crianças atacadas de moléstias contagiosas; área central que banha de luz todos os salões; sala de copa; refeitórios; estufa; sacristia; capela e residência das Irmãzinhas.

É irrepreensível a limpeza mantida aos cuidados da direção, naturalmente favorecida pela boa disposição arquitetônica que obedece a traçado inteligente.

Funcionamento: As criancinhas são carinhosamente cuidadas tendo todo o conforto possível. E tudo isto sem perda ainda de um real no salário das mães durante a 1/2 hora em que deixam o trabalho para vir 3 a 4 vezes ao dia alimentar seus filhos, segundo prescrição médica. (A média mensal de frequência era de 45 crianças de ambos os sexos.)

As crianças começam a chegar às 6:30 hs. da manhã e permanecem até às 17 hs., conforme o respectivo tempo de trabalho dos pais na fábrica, recebendo visitas cada 3 horas para a amamentação. (...)

Os resultados não podem ser melhores. Geralmente os lactentes na maioria morrem de perturbações

gastro-intestinais e estas sempre produzidas por dois fatores principais: na qualidade do leite de vaca e ignorância da alimentação infantil, por conseguinte, nesta creche as mães tendo a liberdade de amamentar os seus filhos de acordo com a determinação do médico e cuidados pelo mesmo médico, (...), a mortalidade infantil tenderá, naturalmente a diminuir."

(Pascarelli, op. cit., pp. 41/42)

Não se leva em consideração o fato de que se a mulher voltasse ao trabalho imediatamente após o parto, a falta de condições básicas a que já nos referimos anteriormente, impediriam que a amamentação nas creches se efetivasse. Um fato é evidente: as operárias não utilizavam as creches [24]. Quando o faziam, dificilmente amamentavam. Como comprovação deste fato temos a creche "Baroneza de Limeira":

"Situada em terreno próprio, à rua Vergueiro, 316, foi fundada em 16 de Setembro de 1911, porém muito tempo antes havia sido fundada a "Gota de Leite" em 15 de Fevereiro de 1905.

O estabelecimento onde funcionam, atualmente, essas secções da "Sociedade Feminina de Puericultura", Gota de Leite, Creche e consultório de Lactentes, foi inaugurado em 1913.

O prédio é de grandes dimensões, tendo ao redor e na parte posterior um grande terreno com árvores e um recreio para as crianças (...).

Possui 3 salas com respectivamente, 14, 20 e 17 leitos para crianças (...)."

(Pascarelli, V., op. cit.)

Como critérios de admissão nesta creche, exigia-se crianças sãs, certidão de nascimento, atestado do patrão, criança habituada à mamadeira (grifo nosso), e pagamento adianta

do de mensalidade. Ela atendia a crianças até 7 anos, filhas de pais pobres impossibilitados de zelar pelos filhos. Tinha um regime de internato para as mães que trabalhavam fora dormindo nos empregos e também externato para as mães de crianças que voltavam para casa após o trabalho.

Segundo informações, esta creche não conseguia atender à todos que a procuravam e também o pessoal disponível era insuficiente para cuidar de tantas crianças.

Além das creches, outra medida proposta pelos médicos refere-se à criação de um imposto de proteção infantil, para o qual contribuíram todos os patrões, operários e homens solteiros, depois de uma certa idade, liberando os patrões de arcarem sozinhos com o salário das operárias afastadas. Esta seria uma das fórmulas possíveis para evitar o acentuado desemprego entre as operárias.

Podemos detectar, sobre estas campanhas de aleitamento natural, três aspectos: garantir às mães operárias condições materiais de maternidade (licença remunerada, creches); propaganda educativa em favor das vantagens higiênicas da amamentação natural e, além disto, a imposição da obrigatoriedade do aleitamento ao seio sob pena de multas e punições legais.

Algumas considerações se fazem necessárias. Assistimos a uma profunda resistência das mulheres em levar seus filhos aos estabelecimentos públicos de assistência às crianças como também, aparentemente, uma recusa em continuar amamentando. O que poderia estar atrás desta recusa (além da própria recusa à maternidade, traduzida, por exemplo, na prática do controle da natalidade e do aborto)?

Várias são as hipóteses. Uma delas se refere à resistência em se deixar invadir, se deixar desvendar. O parto e a amamentação sempre foram atividades estreitamente ligadas à sobrevivência física da espécie. As mulheres que, com seu corpo, garantiam a reprodução, mantinham-se fora das vistas alheias. Se em determinado momento histórico parece ocorrer

um processo em que a ascensão do social penetra a organização das atividades biológicas mais fundamentais, é de se supor que algumas pessoas a ela resistem. Impõe-se então a obrigatoriedade. Os médicos chegam a reivindicar uma legislação garantindo este "dever".

"... é necessário levar em consideração a falta de instrução das próprias mães que só se compenetrariam de seu dever se se encontrassem obrigadas a criar o filhinho ao seio, por meio de legislação severamente estabelecida."

(Americano, op. cit., p. 29)

A constituição, através de certas práticas sociais, de um domínio de saber através do qual aparecem novos objetos, conceitos e também novos conhecimentos, adquire, no século XIX, a forma de um certo saber do homem, da individualidade, do que é o indivíduo moral ou amoral, daquilo que está dentro ou fora das regras (Foucault, M., "A Verdade e as Formas Jurídicas", Série Letras e Artes, 06/74, Cadernos PUC, RJ, 1979).

Neste tipo de saber, que nasceu à partir de diferentes práticas sociais de controle e vigilância, vão se configurando algumas imagens modelares sobre uma determinada figura social: a trabalhadora-mãe ou mãe-trabalhadora.

Estabelece-se então um determinado padrão de normalidade para esta figura social: a mulher, mãe consciente e dedicada, operária exemplar que, através da utilização racional de espaços sociais tais como as creches, continuasse a exercer a sua mais elevada função. Amamentando, cuidado de seus filhos e continuando, sem grande desperdício de energia, a sua função na organização produtiva do trabalho.

Para as mulheres que fugissem à este modelo, impunha-se sanções disciplinares e legais (multas, matrículas obrigatórias nas creches). Para estas mulheres anormais, que já haviam perdido o verdadeiro instinto materno, campanhas de cons

cientização, de educação e instrução se tornavam absolutamente necessárias.

Como projeto de uma imagem modelar da operária - mãe temos aquela educada e instruída com conselhos higiênicos e noções de puericultura, consciente das vantagens do aleitamento natural, utilizaria as creches para educar seu filho, uma vez que "... há nas classes pouco favorecidas, muitas mulheres que mantêm intacto o instinto de maternidade e o amor pelos filhos (...)." (op. cit., p. 17). Uma das observações refere-se a um modelo de mãe operária:

"M.S., branca, brasileira, com 27 anos, casada e alfabetizada. Teve um único filho, que conta a tualmente com 14 meses. De boa constituição e regular desenvolvimento, não sofreu a criança perturbação médica alguma desde o nascimento. Alimenta-se a horas certas, tendo tomado exclusivamente leite humano até a idade de 10 meses. De então para cá, tem sido alimentada com leite, papas farináceas e legumes.

No dizer de sua mãe, tudo deve ela a leituras referentes a higiene infantil, colhidas aqui e acolá, ora em artigos esparsos, ora em anúncios de jornais e revistas.

É interessante constar o bom senso desta senhora que, embora com instrução suficiente e através de mil dificuldades, soube destacar, mesmo dentro de anúncios pouco escrupulosos, aquilo que deveria ser útil ao seu filhinho."

(op. cit., p. 17)

O discurso médico investe, paralelamente às campanhas de aleitamento ao seio, também na propaganda da alimentação artificial, dentro de padrões científicos e higiênicos. Isto mostra que a preocupação não estava centrada na suposta recupera

ção de uma "natureza" perdida, mas que se tratava da imposição de um determinado saber superior, competente, transformando os hábitos e crenças populares. Tratava-se de desqualificar um saber encarado como perigoso, selvagem, imoral, inferior. Pascarelli discute esta questão quando se refere à creche Gota de Leite, que distribui gratuitamente leite esterilizado à famílias carentes. Torna-se evidente aqui o seguinte: a amamentação artificial não é em si o problema maior e sim o tipo de leite ingerido pelas crianças pobres. De péssima qualidade, em quantidades insuficientes, com diluições erradas ou simplesmente água com farinha e açúcar, este é o alimento fornecido pelas mães operárias pobres à seus filhos.

O instinto maternal, os cuidados com as crianças apoiados em certos valores e tradições extremamente arraigado nas populações pobres e mesmo aquele tipo de saber que as "comadres", parteiras e "benzedadeiras" detinham, vai sendo solapado pela imposição de normas médicas e higiênicas. A figura da mãe asséptica, higiênica, que se conduz de acordo com os padrões da medicina, é colocado como o modelo do normal. O amor aos filhos passa a significar mantê-los limpos, asseados, alimentados em horas certas.

Um modelo higienizado de mulher se coloca para toda a sociedade.

Amplia-se a visão do problema da mãe trabalhadora pobre, inserindo-a no meio social, nas condições de vida das classes populares:

"A mortalidade infantil varia de acordo com as condições sociais de cada família; assim pode-se dizer que a mortalidade cresce à medida que as rendas diminuem, cresce com o maior número de crianças, mesmo onde predomina o aleitamento materno."

Quanto à permanência no campo ou na cidade, nota-se

que na cidade, em igualdade de condições de habitação, a mortalidade é maior.

Em relação à habitação, sabe-se que nas casas velhas e super-habitadas a mortalidade de crianças de 0 a 1 ano é de 35%, enquanto nas casas novas dos quarteirões novos e bem arejados, a mortalidade desce para 9%, diferindo segundo os bairros:

"Habitações frias têm consequências fatais: resfriamento, bronquite, pneumonia, aumento do perigo de infecção (...).

Imaginem-se as casas pobres do Brás, Mõoca, onde em cada quarto mora uma família de 6, 8 pessoas ou mais pessoas na maior promiscuidade, com uma falta de higiene impressionante, pois são esses bairros que dão maior coeficiente de óbitos.

O trabalho das mães é uma das causas do aumento da mortalidade infantil, pois impede de aleitar e cuidar de seus filhos; atualmente, por causa da luta pela vida, muitas mulheres se entregam ao trabalho nas fábricas, abandonando os filhos às mães de qualquer que cuide dos mesmos (...)."

(Pascarelli, op. vit.)

Uma série de comparações e estatísticas servem para provar a superioridade de uma pobreza higiênica e saneada e é sugerido então o desenvolvimento de práticas assistenciais dos meios públicos, através da distribuição de leite artificial para as mães pobres. Paralelamente, se ensinaria aos pobres noções de higiene no preparo das mamadeiras artificiais. A este esforço, somam-se propostas de higienização, de reconstrução, de asseio das condições de vida e de trabalho das classes operosas.

Das instituições ligadas a uma série de medidas cujos objetivos eram o de controlar a economia das

classes operárias, vemos surgir uma que se refere à assistência da infância: as creches. As creches adquirem características de instituições de sequestro cujo mecanismo básico era o de controlar à inteira disposição do mercado de trabalho e de suas exigências o tempo inteiro da existência humana (Foucault, M., op. cit., pp. 94-95).

Podemos então sugerir que a recusa de um bom número de trabalhadores a aceitar sua integração nestes modelos normativos e nestas instituições é, na realidade, uma boa forma de resistência, de insubmissão lógica da sociedade produtiva do trabalho. Vão ser necessários alguns anos para que a introjeção destes valores na classe trabalhadora feminina, tornem-se elementos de luta. As reivindicações contemporâneas pela obrigatoriedade e necessidade da existência de creches nos bairros operários, nos estabelecimentos fabris e comerciais, devem ser vistas à luz de um processo histórico que, pela introjeção de uma série de valores morais, normativos, disciplinadores, formou uma nova figura social: a trabalhadora.

Esta figura normalizada, segundo certos padrões e valores, também foi objetivo de outras formas de intervenção com o desenvolvimento de certas propostas em torno da reorganização pela educação, do papel desempenhado pela mulher no lar, no espaço de sua casa e mesmo de uma inflexão sobre os objetivos do trabalho doméstico.

Em 1880, a editora Garnier (RJ) traduz um livro intitulado "Economia Doméstica Moral ou A Felicidade e a Independência pelo Trabalho e pela Economia", de autoria de Samuel Smiles. Neste manual, aparecem algumas idéias gerais que vão orientar os moldes de implantação, aqui no Brasil, dos primeiros cursos oficiais de economia doméstica ainda na década de 10.

Os objetivos são claros: trata-se da economia domêstica privada, a ordem e o governo de uma casa, para criar e promover a felicidade do indivíduo. Smiles opina:

"A riqueza pública e a particular têm a mesma origem. Adquirem-se com o trabalho, conservam-se com a economia e a acumulação e aumentam com a diligência e perseverança.

A economia dos indivíduos é a que compõe a riqueza, isto é, a felicidade, de cada nação; assim como é a prodigalidade dos indivíduos a que ocasiona o empobrecimento dos Estados. Dest'arte o homem poupado pode ser considerado como um benfeitor público, e o pródigo como inimigo da pública felicidade.

(...)

A economia não é um instinto natural, é um resultado da experiência, do exemplo e da previsão; é ainda um resultado da educação e da inteligência. (...)."

(Smiles, S., op. cit., p. 12)

Enriquecer significava amearhar riquezas. De que forma isto era possível? Pelo trabalho:

"O que seria o homem, o que seria a vida, o que seria a civilização, sem o trabalho? Do trabalho provém tudo de grande quanto há no homem; (...). O trabalho poderá ser um castigo, mas é um castigo glorioso. Para os que trabalham com mira nos mais puros e elevados designios, é um culto, uma glória, uma imortalidade."

(Smiles, S., op. cit., p. 17)

Boa parte do livro está dedicada ao estabelecimento dos hábitos de diligência, austeridade e poupança entre os homens. Condenando a imprevidência dos trabalhadores, aponta este fato como um dos principais fatores responsáveis pelas péssimas condições de vida e da miserabilidade das classes trabalhadoras. Havia que se formar os hábitos de parcimônia e providên

cia dentro do operariado, pois este costumava gastar todo o seu salário em bebidas e vadiagem nos fins de semana. Para atingir os objetivos de moralização doméstica dos homens e mulheres das classes populares, propunha-se a divulgação da seguinte máxima: "-Lembra-te sempre de que o trabalho é uma das condições de nossa existência."

Incorporando idéias sanitárias e noções de higiene pública, o autor desenvolve considerações acerca da necessidade de se constituir uma sociedade sã e sem doenças, sem crimes, revoltas ou revoluções. Limpos, ordeiros, disciplinados, parcimoniosos, trabalhadores, estes são os verdadeiros seres humanos para quem os hábitos de trabalho e poupança norteiam suas vidas.

O lugar privilegiado para o processo de formação deste homem moralizado está na instituição do lar doméstico, da vida moral organizada no casamento, na família, na conjugalidade:

"É mister não considerar a casa como um simples lugar de comer e de dormir, senão como uma mansão onde se resguarda o respeito à própria pessoa, se tem seguro o aconchego e se gozam os prazeres domésticos (...). Para ser um lugar de felicidade que exerça benéfica nos seus membros e especialmente nas crianças que dentro dela se criam, a casa precisa ser impregnada do espírito de asseio, de aconchego, de afeição e inteligência. Ora, para conseguir tudo isto, é indispensável a presença de uma mulher governada, amiga da ordem, industriosa e bem educada (...). Nenhuma nação se pode adiantar na estrada do verdadeiro progresso senão melhorando as casas; e estas são pelo influxo da mulher podem ser melhoradas."

(Smiles, S., op. cit., p. 390)

Cumpram então que as mulheres recebam a precisa educa

ção, devendo ser dirigida de modo a prepará-las para sua futura condição de mulheres, mães e donas de casa.

Aqui no Brasil, a primeira tentativa de criação de uma escola de "Economia Doméstica" nos moldes acima descritos de que temos notícia, é a de Natal (RGN) em 1914 [23].

Tratava-se de uma escola paga, embora com preços módicos pois era subvencionada pelo Estado, visando atender às famílias mais pobres, com exame para admissão e pedia-se um enxoval para cada aluna. Estes pré-requisitos deveriam eliminar a maioria das moças pobres que pretendessem ingressar neste estabelecimento de ensino e tornam claro à camada social que pretendiam atingir: as elites dirigentes que deveriam ir aos poucos vinculando e disseminando estes modelos para as mulheres de todas as camadas.

O regimento interno era bastante rígido. Impunha -se às alunas um controle sistemático, incluindo um cronometrado horário de atividade, onde tudo estava previsto (ver Anexo II).

Por outro lado, se o currículo incluía matérias práticas voltadas para determinados objetivos, como cozinhar ou costurar, havia ênfase na formação de um certo tipo de cultura nestas moças. Ensinava-se música, caligrafia, história universal e noções de direito usual, junto com instalação de galinheiro, incubação natural e artificial. instalação de hortas. Neste eclético currículo, ensinava-se "Educação Social", que compreendia até mesmo temas tais como "O Feminismo na Europa", "Como a Mulher deve Influir na Coletividade", "A Falta de Conexão entre as Classes no Brasil", "A Mulher e a Criança no Brasil" e também "Condição Moral e Material da Burguesia no Brasil".

É grande a ênfase no ensino de higiene, noções de puericultura e medicina prática, pois "quem conhece a influência nem sempre benéfica à falta de cultura das Sras. brasilei

ras abastadas nos engenhos, fazendas e vilarejos, sabe quanto esta influência, se bem orientada, poderá representar de utilidade para a comunhão geral" (Anexo II).

Oferecia-se também um curso comercial rápido (9 meses), cujos objetivos eram preparar moças para tornarem-se secretárias, habilitando-as a tomar conta de um escritório.

Este projeto indica uma certa direção que vai sendo implantada: o ensino doméstico profissional dentro de padrões científicos e racionais. Ou seja, o retorno científico e racional da mulher para dentro de casa, que agora será limpa segundo preceitos de higiene, terá os cuidados das crianças sob orientação da puericultura, a comida preparada segundo seus valores nutritivos e quando tudo isso não funcionar, um pouco de "psychologia", música ou canto coral podem ajudar.

Não se tratava mais de um simples retorno ao lar. Era um outro tipo de "volta ao lar", com uma nova figura de mulher educada de acordo com princípios racionais, higiênicos e científicos, tendo a função de gerenciar o espaço doméstico , fazendo-o funcionar segundo certos padrões de organização dentro de princípios normalizadores que cada vez mais se disseminavam pela sociedade.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- [1] Proliferaram neste período as associações de classe patronal, tais como o Centro de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, Centro Industrial do Brasil, Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão do Rio de Janeiro, Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de São Paulo, entre outros. Para maiores detalhes sobre estas organizações patronais, ver o trabalho de Ângela Maria de Castro G. - Burguesia e Trabalho - Política e Legislação Social no Brasil (1917/1937). RJ, Editora Campus, 1979.
- [2] Ver esta questão em Foucault, M. - Microfísica do Poder, Graal, RJ, 1979.
- [3] Nossa pesquisa parece apontar para o final do Século XIX, (1890), e inícios do Século XX (1900 até 1920) o período e, que este processo aqui mais se assemelha com o que aconteceu na França, conforme o Estudo de Jacques Donzelot (in "A Polícia das Famílias", Graal, RJ, 1980). Embora os processos guardem em si diferenças, no geral também aqui aconteceram mecanismos semelhantes, conforme o nosso trabalho sugere ao longo de sua pesquisa.
- [4] Este texto aparece em Pinheiro, P.S. e Hall, M.M. A Classe Operária no Brasil - 1889/1930. SP, Brasiliense, 1981, p. 193.
- [5] "Código do Trabalho". Extrato da "Gazetilha" do "Jornal do Comércio", 10/09/1917; in Pinheiro, P.S. e Hall, M.M., op.cit.
- [6] Esta questão da concorrência do trabalho feminino é analisada mais detalhadamente no Cap. II.
- [7] A forma de pagamento por produção também predominava na lavoura. Muitas revoltas, greves, acontecidas no campo tinham como motivo básico reivindicações contral tal sistema

de pagamento, no qual o trabalhador nunca sabia ao certo quanto iria receber.

- [8] Este projeto moralizador ia de encontro à realidade social. A existência de um largo contingente de mulheres sozinhas, que se auto-sustentavam, viúvas, mães solteiras, separadas, trabalhando em fábricas, como vendedoras ambulantes, lava-deiras, domésticas, etc., é detectada em vários trabalhos.

adiante, o próprio J. Street reconhece esta função preponderante da mulher no seu sustento ou de sua família.

- [9] Dois trabalhos são fundamentais para aprofundar um estudo sobre os marcos da implantação da legislação social no Brasil:

1. Gomes, Ângela M.C. Burguesia e Trabalho no Brasil - 1917/1937. Campus, RJ, 1980.
2. Numakata, K. A Legislação Social no Brasil. Brasiliense, SP, 1982.

- [10] Gomes, A.M.C. op. cit.

- [11] "Na prática, há grupos que adotam elementos das duas tradições segundo suas necessidades e com certa diferença às distinções que prevaleciam em outros países da época (...). As discussões entre as duas tendências não tocavam significativamente as diferenças estratégicas, se completavam sem oposições marcantes: os militantes se uniam em momentos difíceis e nas lutas. Aparentemente transitavam livremente pela estrutura sindical, e organizações anarquistas." (Campos, H., O Sonhar Libertário. Tese de Mestrado, UNICAMP, 1983).

- [12] Esta corrente anarco-individualista está presente na obra do ficcionista Domingos Ribeiro Fº, como por exemplo: nos romances "Miserere" e "Uma Paixão de Mulher".

- [13] Este artigo é de autoria de Fábio Luz (Fábio Lopes dos San

tos Luz - 31/07/1864 - 09/05/1938). Este personagem é estreitamente ligado ao movimento anarquista da época de nossa pesquisa. Era médico, foi Delegado de Higiene e tinha sua clínica no subúrbio do Meyer (RJ). Foi também Inspetor de Escolas, criou e dirigiu duas escolas, o Ateneu e o Liceu Popular de Inhaúna. Colaborou em vários jornais e revistas anarquistas, divulgando idéias libertárias nas associações de classe. Autor de romances sociais ("O Ideólogo", "O Emancipado", "Todos por Um"), dedicou várias reflexões sobre a condição feminina.

- [14] É conveniente perceber em que sentido se orientava a campanha de Paul Robin pretendendo defender alguns interesses: primeiro, da criança, que não encontrando probabilidades possíveis de ser feliz e útil, só por inconscientes ou loucos pode ser chamada a vida. Segundo, da mãe a quem o nascimento custa um grave incômodo durante nove meses, um parto, doença de quatro a seis semanas, sempre acompanhado de grandes dores, muitíssimas vezes o perigo de enfermidade e de morte, é por fim as longas fadigas da educação e dos cuidados a prestar ao bebê, dia e noite, coisa que lhe incumbe quase só a ela durante 1 ou 2 anos. Toda mulher consciente reclama o seu direito natural de ser mãe unicamente após consentimento seu. Terceiro, do grupo familiar cujos recursos são reduzidos por cada novo consumidor, e pelas despesas resultantes de sua vinda, doença certa da mãe, doenças prováveis da criança, pagamento a todos aqueles a quem estes males enriquecem. Quarto, do grupo corporativo onde baixam os salários à medida que se multiplicam as "Mãozinhas" que podem fornecer o trabalho industrial (A Terra Livre, 18/06/1906).

- [15] Esta discussão aparece de forma extremamente instigante no artigo de Maria Stella Bresciani, intitulado

- [16] Domingos Ribeiro Fº chega a defender a prostituição e o adultério como formas de se alcançar o amor livre. Dado que a livre união é um ideal futuro, a prostituição "consciente"

e o adultério "consciente" seriam uma possibilidade transformadora na sociedade atual.

[17] Em 1908, Francisco Ferrer funda na Espanha a "Liga Internacional para Educação Racional da Infância", cujo programa é bastante elucidativo com respeito às propostas da pedagogia racionalista:

- "1º) A Educação dada à infância deve apoiar-se numa base científica e racional. Consequentemente, deve-se retirar dela toda noção mística ou sobre-natural;
- 2º) A instrução é apenas uma parte da educação. A educação deve compreender, também, junto com a formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, o cultivo da vontade, a preparação de um ser moral e físico bem e equilibrado, cujas faculdades se associem harmoniosamente e sejam levados à máxima potência;
- 3º) A educação moral, muito menos teórica do que prática, deve resultar, sobretudo, do exemplo, e apoiar-se na grande lei natural da solidariedade;
- 4º) É necessário, sobretudo no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados tão precisamente quanto for possível à psicologia da criança, o que não acontece em parte alguma, quer no ensino público, quer no privado."

(Domanget, M. "Los Grandes Socialistas y la Educacion: de Platon a Lenine", Madrid, Fragua, 1972, pp. 406-407). Esta referência aparece em Luizotto, F. "Presença do Anarquismo no Brasil: Um Estudo do Episódio Literário e Educacional - 1900/1922". tese de Doutorado, USP, 1984.

[18] As leituras em circulação divulgando as idéias anarquistas eram variadas. Incluíam autores nacionais (Everardo Dias, E. Leoenroth, Fábio Luz, Avelino Foscolo), traduções de Kropotkin, Nietzsche, Jean Grave, Alfredo Naquet, Zola. Os assuntos abrangiam o anti-clericalismo, propaganda da Livre União, divulgação dos ideais revolucionários. Alguns desses livros dedicam-se particularmente à propaganda entre as

mulheres: "Às Mulheres", de José Prat; "A Mulher e o Militarismo", de F. Donella.

Penetrar este campo, porém, revelou-se extremamente vasto e ainda carente de estudos mais aprofundados sobre os reais limites e significação do pensamento anarquistas, as diferentes tendências e a influência de diversos pensadores sobre eles.

[19] Para a compreensão desta questão, foi extremamente enriquecedora a participação nos debates com a Profª Drª Vera Halmers (IEZ/UNICAMP) e Prof. Dr. Flávio V. Luizetto (UFSCar), Profª Cristina H. Campos (Deptº História/UNICAMP) e Profª Drª Eugênia Boaventura (IEL/UNICAMP) sobre a literatura anarquista. Estes encontros durante os anos de 1984/1985 e a leitura de alguns romances anarquistas sugeriram interessantes pontos para futuras pesquisas.

[20] São vários os autores que estudam este fenômeno. O surgimento da figura pobre, os quadros assustadores do aumento da pobreza nos grandes centros urbanos, o espetáculo da fome, da miséria, das doenças decorrentes da presença atemorizadora das massas pobres e trabalhadoras em Londres e Paris, são objetos de estudos clássicos, como: 1. Garet, Steadman Jones, "Out Cast London - A study in the relationship between classes in Victorian Society", England, Penguin Books, 1971. 2. Chevalier, Louis, "Classes Laborieuses et las classes dangereuses à Paris pendant la première moitié XIX siècle", Paris, Libraire Generale Française, 1978. 3. Bresciani, M.G.M., "Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza", SP, Brasiliense, 1982.

[21] O autor faz um exaustivo estudo em torno das taxas de mortalidade comparando dados do Brasil e do resto do mundo, tentando comprovar que a amamentação natural é o principal elemento para a diminuição da mortalidade infantil.

[22] Esta fábrica estava situada no bairro do Belenzinho (SP),

e empregava mais de 3.000 operários.

[23] Esta fábrica era de propriedade de J. Street (ver p.).

[24] Tanto já em J.C.Americano como V.Pascarelli referem-se ao fato de que era necessária uma campanha para fazer as operárias levarem seus filhos para as creches das fábricas.

[25] A Escola Doméstica de Natal (RGN), fundada em 1914, era inspirada nas "Eccoles Mönagêneres" européias e dirigida por Miss Leora Jones, ex-diretora da Escola Superior da Virgínia (EUA), especializada em economia doméstica. Seus objetivos se prendiam à formação de outro tipo de mulher, voltada para os assuntos domésticos e para o trabalho fora dos centros urbanos. Estes objetivos ficam claros na apresentação do programa desta escola:

"Para isto criamos as aulas de medicina do lar, inclusive higiene e puericultura de leiteria; a de cozinha; a de costura e confecções; a de agricultura e a de lavagem e engomado. Assim aparelhada, a moça residente nas fazendas e nas cidades do interior não tardará a ser uma verdadeira providência, proporcionando saúde e conforto à família e à coletividade e podendo concorrer de modo eficaz em falta de médico ou como auxiliar deste, para o êxito da campanha iniciada em prol do saneamento do centro do Brasil pelos brasileiros Miguel Pereira, Afrânio Peixoto, Moncorvo Filho, Belisário Penna e outros." (Anexo II).

O plano geral do ensino desta escola inclui, além do preparo intelectual, a formação do caráter de suas alunas. Além das notas por matéria já haviam as notas de comportamento, pois "... as leis de viver direito, de pensar direito, de julgar direito devem ser inculcadas tão cuidadosamente como as leis de física e química e (...) é o espírito de ser útil no mais elevado sentido da palavra à Família, à Pátria e à humanidade que deve impulsionar na Escola Brasileira as futuras mães de família." (Anexo II)

CAPÍTULO II

" MULHERES: AO TRABALHO "

II.1. INTRODUÇÃO:

Estudamos neste capítulo dois processos de trabalho: o da indústria de fiação e tecelagem e o das oficinas de costura

A história destes dois processos está intimamente ligada ao trabalho feminino. O emprego de mulheres e crianças nas fiações e tecelagens prende-se às origens deste tipo de industrialização. Investigar este setor significou a tentativa de apreensão de alguns aspectos mais esmagadores e cotidiano da vida daquelas que já se encontravam encarceradas nas fábricas. Significou também encontrar, no próprio espaço da fábrica, as diversas formas de luta, as reivindicações e as diferentes formas de resistência.

Já o mundo das costureiras veio se revelando, no decorrer da pesquisa, extremamente complexo. Abrangia desde a mulher que dentro de sua própria casa costurava para os seus e algumas vezes para fora, os pequenos ateliers como também as oficinas de costura já organizadas hierarquicamente, com um processo de trabalho parcelado, fragmentado. Neste caso porém, ainda imperava nas costureiras, um domínio da matriz do ofício, um orgulho na arte de ser costureira por vocação. Este ofício, bastante artesanal, dependia muito de habilidade e destreza de conhecimento. Esta complexidade e especificidade de implicavam em formas diferentes de lutas, de resistência ou de submissão. Diante de um processo de trabalho que cada vez mais, tendia a ser organizado segundo a lógica da utilidade.

Concentramos a nossa atenção nestes dois processos por alguns motivos. O 1º destes motivos foi decorrente da constatação de que estes setores empregavam em larga escala mulheres. O segundo motivo prende-se à própria estrutura destes processos de trabalho. Diferentes entre si, quando submetidos a um estudo mais aprofundado revelaram-se bastante enriquecedores. De um lado o trabalho já mecanizado, a figura do trabalhador alinhado no controle do processo de produção nas indústrias. De outro aquelas que ainda dominavam a matriz do seu ofício, bastante artesanal. A 3ª motivação foi consequência da disponibilidade de fontes e de dados abundantes sobre as oficinas de

de fiação e tecelagem e as costureiras, no material que pesquisamos.

Contudo as opções para aquelas que se viam constringidas ao ingresso no mercado de trabalho não se restringiam a estes 2 setores. Analisando a tabela I (pg:) podemos perceber que, embora um número muito grande de mulheres estivessem empregadas nos 2 setores que pesquisamos, vários outros tipos de atividades também empregavam mulheres. Porém, sobre estes setores no tipo de material que pesquisamos, para um intrigante silêncio. Por exemplo: os estabelecimentos que fabricavam charutos, cigarros e preparados de fumo eram compostos por 93,7% de mão de obra feminina. Destas operárias, a única menção que encontramos refere-se à tentativa de criação de uma "Liga das cigareiras" onde se reconhece que este setor é "(...) um dos mais explorados da família operária, já pela circunstância de ser em sua maioria pobres moças indefesas." (A Plebe, 12/07/1919).

Em outras atividades (Tabela II) encontramos sua presença, embora em pequeno nº. As funções que desempenhavam, é difícil precisar. Esta participação inclusive tendia a aumentar. Segundo o Recenseamento de 1920 o quadro era o seguinte: "Entre 1906 e 1920 quantos homens e mulheres em cada 1.000 habitantes, haviam em cada profissão:

SERVIÇOS INDUSTRIAIS GERAIS	1906			1920		
	H	M	T	H	M	T
	353,9	178,1	297,4	311,3	346,3	320

Recenseamento do Brazil 1920 - Vol.II - 1ª Parte.

Neste mesmo recenseamento encontramos a seguinte afirmação:

" (...) é já bastante apreciável o número de mulheres que aproveitam suas aptidões em trabalhos estranhos aos misteres domésticos. Além do magistério público, a que outrora limitava sua atividade

TABELA I

INDÚSTRIAS	Nº total de operários (H e M)	Operários do sexo feminino	
		nº	% total sobre os operários
Fiação de tecelagem e algodão	81.052	42.438	52,4
Cigarros, charutos e outros preparados de fumo	14.510	10.734	74,0
Camisas e roupas brancas	5.138	4.816	93,7
Tecidos de malha	5.366	3.355	62,5
Calçados de couro	14.647	2.479	16,9
Tecidos de juta	2.820	2.186	77,8
Tecelagem de algodão	3.186	2.083	65,4
Fósforos	3.446	1.998	58,0
Tecelagem de lã	4.000	1.623	40,6
Fiação de algodão	2.858	1.552	54,3
Tecidos de seda	1.765	1.286	72,9
Chapéus de feltro	3.502	1.116	31,9
Doces, balas, confeitos	2.294	1.005	43,8
Caixas de papelão	1.094	711	65,0
Roupas para homens	909	700	77,0
Rendas e bordados	1.058	656	62,0
Especialidades farmacêuticas	1.230	598	48,6
Redes	776	596	76,8
Chapéus de pano e bonês	767	592	77,2
Chapéus para senhoras	608	555	91,3
Perfumarias	964	502	52,1
Chapéus de palha	719	485	67,5
Chocolate	593	360	60,7
Sacos	641	357	55,7
Flores artificiais e coroas	417	313	75,1
Fitas, cadarços	388	299	77,1
Estopa	409	216	52,8
Tecidos elásticos	333	200	60,1

Fonte: Diretoria Geral de Estatística - Recenseamento do Brasil - 1ª de Setembro de 1920 - Vol. II - 1ª parte.

TABELA II

Estado de São Paulo - Operários empregados nos estabelecimentos industriais recenseados em 19 de Setembro de 1920, segundo a idade e o sexo por ramos de indústria

Ramos de Indústria	Nº de Estabelecimentos	Total	OPERÁRIOS					
			ADULTOS				MENORES	
			HOMENS	HOMENS total do ramo (%)	MULHERES	MULHERES total do ramo (%)	MENORES	MENORES total do ramo (%)
Indústrias Têxteis	247	34.825	14.352	41,21	17.747	50,96	2.726	7,83
Indústrias de Couros, de Peles e outras matérias duras do reino animal	86	1.104	1.004	90,94	20	1,81	80	7,25
Indústrias de Madeiras	183	2.089	1.960	93,82	6	0,24	123	5,89
Metalurgia	142	5.514	4.789	86,85	298	5,40	427	7,74
Cerâmica	696	9.360	7.855	83,92	1.010	10,79	495	5,29
Produtos químicos propriamente ditos de produtos análogos	265	4.748	3.192	67,23	1.303	2,73	253	5,33
Indústria de alimentação	1.267	11.213	8.564	76,38	1.755	15,65	894	7,97
Indústria de vestuário e Toucador	736	10.494	5.941	56,61	3.554	33,87	999	9,52
Indústria de mobiliário	207	2.030	1.643	80,94	135	6,65	252	12,41
Indústria da	55	726	701	96,56	-	0,55	21	2,89
Construção de Apar. de Transporte	239	1.458	1.295	86,82	-	0,27	159	10,91
Produção e transmissão de forças físicas	11	64	61	95,31	-	-	3	4,69
Indústrias relativas às ciências, letras e artes, Indústria de luxo	11	373	278	74,53	73	19,57	22	5,90
Total	4.145	83.998	51.635	61,47	25.909	30,84	6.454	0,08

Fonte: Recenseamento de 1920. v.V. Indústria. p. 270-271.

fora do lar, é evidente na atualidade o auxílio que o sexo frágil vai prestando, com real vantagem, em quase todos os ramos profissionais. No comércio, nas indústrias, na administração e até mesmo nas profissões liberais, é assim comum encontrar hoje numerosos representantes do sexo feminino. Em todo caso o trabalho da mulher no Brasil não tem feito concorrência notável ao dos homens (...). Ela goza ainda (...) do privilégio de viver, na sua maior parte, sob um amparo de um chefe de família, a quem compete quase exclusivamente manter o domicílio o que explica a grande porcentagem de mulheres no rol dos inativos, não obstante a sua cooperação (grifonosso progressiva no exercício de várias espécies de profissões, antigamente a cargo exclusivo do sexo masculino. "Recenseamento do Brasil, 1º de Setembro de 1920 - Vol. II 1ª parte, página CXIV).

Embora possamos fazer inúmeras colocações críticas sobre este trecho do Censo e também à própria organização de Recenseamento, que deixou de fora importantes segmentos produtivos da população, um fato é claro: aumenta o número de mulheres que ingressam em determinados setores de produção. (1)

Um tipo de trabalho que empregava largo contingente de mulheres era o serviço domésticos, completamente ausente no tipo de fontes que utilizamos. Para desenvolver um pouco mais este estudo e desvendar uma das facetas deste cotidiano de trabalho de população feminina urbana, talvez fosse necessário pesquisar nos processos criminais, fichas policiais ou na grande imprensa, nas seções que se ocupam da violência urbana, casos de brigas nos locais de trabalho, denúncias de roubos, furtos, estupros, onde os réus ou as vítimas fossem empregadas domésticas.

Diante do vasto campo de que se abria, os motivos já mencionados anteriormente nos levaram a um fundamento em 2 processos: fiação e tecelagem e as oficinas de costura.

II.2. AS OPERÁRIAS DAS FIAÇÕES E TECELAGENS (2)

II.2.1. Composição da Categoria

Estudar esta categoria significa penetrar no universo fabril constituído predominantemente pela mão de obra feminina. As estatísticas que dispomos para o período indicam uma maioria esmagadora dos operários textéis como mulheres e crianças, constituindo-se em cerca de 80% da mão de obra. (Ver tabela I e II).

As fábricas de fiação e tecelagem sempre empregaram mulheres e crianças não havendo indícios da ocorrência de substituição de operários homens por mulheres e crianças.

Verificamos na época de nosso estudo, que este debate se colocava: Era ou não, o trabalho feminino concorrente do masculino, responsável pelo desemprego dos homens em plena força produtiva, pois as mulheres, por serem mais dóceis e submissas, trabalham por piores remunerações? Juristas, patrões, o próprio movimento operário coloca esta questão, que não era debatida somente no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos.

Interpretações teóricas recentes deste debate da época, tanto no campo da história como da sociologia e economia, parecem ter incorporado este debate, colocando a mulher sempre na condição de "exército industrial de reserva", como um elemento mais "docil", "submisso" e por isso mesmo aceitando mais passivamente a exploração e a dominação.

Os estudos contemporâneos sobre história social do trabalho tem demonstrado que o processo de organização produtiva da sociedade do trabalho atingiu todos os seres humanos, independente de sexo ou idade. As formas como isto ocorreu foram diferentes e variaram bastante porém, o largo emprego de mulheres desde muito cedo já submetidas à lógica da nova ordem, junto com homens e crianças, não é mais motivo de dúvidas.

Esta visão distorcida sobre a história do trabalho feminino, incorporada na produção acadêmica até os dias de hoje

acaba de encobrir uma questão fundamental: houve uma certa elaboração da figura da trabalhadora como "bode expiatório" de todo o contexto de degradação e exploração do trabalho sob a dominação do capital. Em determinados momentos em alguns pontos da sociedade começou a ser elaborada a noção estratégica de que o trabalho feminino seria o responsável pelo desemprego, pelos baixos salários. Esta elaboração negava a participação efetiva das mulheres e também escamoteava sua resistência ao processo geral sob o qual se organizava a sociedade

E quem eram estas mulheres, entregues já desde muito certo a este processo? Seres humanos coagidos imperiosamente - pelo sistema que se implanta vitoriosamente na sociedade.

No seu cotidiano levantavam-se muito cedo, talvez antes mesmo das 5 horas da manhã, para realizar as tarefas domésticas, pois estas seguramente lhe pertenciam, desde o cuidado com a casa, comida e roupas até os filhos. No livro "Belenzinho-1910", Jacob Penteado descreve a vida de sua mãe, viúva e tecelã na fábrica "Santa Rosália", em Sorocaba, por volta de 1903:

"Vejo-a ainda, quando em plena madrugada, eu também acordava, ao apito da fábrica, cujo som escoava, no silêncio da colina, como um doloroso chamado. Meio isone, pois passava as noites cuidando do pequeno Antoninho, levantava, preparava as pressas o seu magro café, vestia-se, beijava-nos e seguia para seu calvário. Aos domingos, dia de folga para todos, esfaldava-se e, lavar roupa da semana, à beira do Rio Sorocaba, que corria aos pés do morro (op.cit , página 30).

O que representou para as mulheres, para a organização do trabalho doméstico, o ingresso no trabalho fora de suas casas? Seguramente este foi um processo doloroso, que significou mais que um acréscimo de desgaste físico: representou uma investida do poder do capital em controlar o tempo do trabalhador, não somente no seu dia de trabalho mas no contexto de sua vida íntima, pela extração e organização da totalidade de seu

tempo. Invadindo e desestruturando as antigas formas de organização da vida doméstica, foi principalmente com a ida da mulher para os estabelecimentos fabris, que os efeitos desagregadores sobre as antigas atividades se fizeram sentir.

Podemos inclusive, formular a hipótese de que para as mulheres trabalhadoras a defesa de um retorno ao lar, de uma certa elegia a vida doméstica, também pode ser encarada como forma de resistência ao violento processo de trabalho organizado sob os moldes da exploração capitalista, da lógica do tempo útil. O trabalho doméstico, (o cuidado da casa, das crianças, costurar, cuidar de uma pequena horta) está inserido num outro tipo de ordenação lógica, é mais orientado pelo ritmo das tarefas diárias, de uma certa lógica, da natureza, é mais orientado pelo ritmo das tarefas diárias, de uma certa lógica da natureza.

Numa ordenação que subsiste num mundo onde o tempo útil impera no espaço da Fábrica, da escola e até mesmo das famílias. São contudo, ordenações, distintas, mas comcominantes. Mesmo hoje, após todas as tentativas de trylorização, medicalização onde as noções de economia doméstica são administradas até pelos grandes meios de comunicação de massas, até agora, subsistem estas duas concepções de tempo, de espaço: um tempo "moderno" - do capital, e um tempo anterior à generalização dos relógios.

Isto não significa que nas sociedades "pré-industriais", as mulheres não estivessem submetidas a uma ritmo bastante intenso de trabalho (3). Porém, a efetiva resistência dos homens e mulheres submetidos à outra lógica de trabalho pode frequentemente adquirir características que, se aparentemente são contraditórias, tem efetivamente um significado - mais amplo. Defender um retorno ao lar, não significa dizer que este seja menos estafante, mas pode representar uma negação, até mesmo instintiva, das condições envolvendo a sua transformação em seres humanos, pobre e despossuídos.

Um outro problema se colocava: O que fazer com os filhos pequenos?

As crianças ou permaneciam em casa, sob os cuidados de tias, avós ou irmãos mais velhos, eventualmente em escolas ou acompanhavam seus pais no trabalho:

" Nos primeiros dias, aquilo, para mim, foi uma festa, uma novidade. Olhava para aquelas centenas de teares, cujos braços batiam incessantemente, de um lado para outro, (...). Passava por entre eles com muita cautela para não ser atingido. Para não permanecer inativo, davam-me restos de espulas para cortar". (Belenzinho -1910, op.cit. pg.62)

Aparecem também referências a mães que, após 2 ou 3 dias do parto, levavam seus filhos recém-nascidos em caixotinhos colocados ao lado dos teares ou que momentaneamente, abandonavam o trabalho para ir, rapidamente, amamentar seu filho esperando na portaria, trazido por alguém. (4).

E que ambiente físico era este aonde conviviam as mulheres e as crianças? Uma espessa camada de poeira, pouca iluminação, umidade combinada com calor e um ruído ensurdecedor da batida dos teares. Poucas fábricas fugiam a este padrão de insalubridade. O número excessivo de teares colocados muito próximos tornavam o local perigoso, com alta frequência de acidentes. As espulas constituíam um enorme perigo pois de vez em quando, escapavam do tear e projetavam-se, atingindo os olhos e o rosto das tecelãs.

A imprensa operária encarregava-se de denunciar todo este quadro, referindo-se atentamente ao trabalho da mulher. Uma série de artigos publicados no Jornal "Avanti" (1907) constituem relatos bastante completos e minuciosos sobre o trabalho na fábricas textéis:

" (...)

Os bancos de fiação desenrolam aquelas fibras car

dadas, dão torção e estiramento e as enrolam em muitos fusos.

Mas quanta paciência requer este trabalho! Essas mulheres ficam sempre em pé, sempre com a máxima atenção no 50 ou mais fusos que giram com uma velocidade vertiginosa. Devem emendar muitas vezes o fio quando se rompe e consertar frequentemente, os defeitos das máquinas. As pobres meninas das fábricas devem trabalhar onze horas e meia, respirando um ar impuro, com uma miserável recompensa de 45 mil réis por mês e com frequência dizimadas pelas doenças. São moças na flôr da idade, pálidas, extenuadas por uma vida tão dura, são mães empurradas pela necessidade a fazer concorrência cruel aos maridos nas mãos dos industriais. Em tal circunstancia, fácil é imaginar que alimento poderão ser este dado por uma mãe mal nutrida: (...). São como tantas flores cortadas, atingidas pelas tempestades da vida (...). A vida dessas pobres operárias, circunscritas assim na fábrica, toma a aparência de uma prisão. (grifo nosso) "
(Avanti, 25/05/1907)

A participação numerosa destas mulheres e crianças mal remuneradas, fazia com que o montante de salários desembolsado pelos industriais texteis fosse bastante reduzido. Mesmo os salários fixados pelas tabelas não eram cumpridos. Era comum a prática de arbitrariedades (multas, aumento de jornadas, desconto sobre produção) responsáveis pela flutuação da contabilidade do pagamento.

Por outro lado, a maior parte dos salários estava fixado por obra (dependiam do numero de metros, tecidos e da qualidade de final do produto) , fazendo com que estes fossem proporcionalmente menores do que os salários diários, alem das práticas que efetivamente diminuam o pagamento (5):

A

" A fábrica tem duzentos operários. A maioria mulheres

e crianças de poucos anos, cada um, mil rês. Isto só se consegue com dois teares.

A meses foi ali fixado um aviso dizendo que o preço de 1.200 rês passava a mil rês e passaria a 800 rês se diminuísse a produção.

Hã multas de 1.000 a 2.000 rês quando não é produzido o que está marcado como tarefa de costume. Parte das operárias moram longe da fábrica. Levantam-se as 5 horas de manhã para caminharem uma hora mais ou menos. Voltam as 9 horas da noite, comem e deitam-se (...).

Na seção de carretéis, as operárias ganham 500 rês diários, as dos teares praticam nesta seção 1. mês mais ou menos." (A Terra livre, 28/06/1906.)

Desta forma, por ocasião do pagamento praticamente ninguém recebia o salário completo. A aplicação de multas, de descontos que muitas vezes não tinham relação direta com a atividade produtiva, servia como um instrumento de controle do operariado. Aos mestres e contra-mestres cabia a função fundamental de distribuir favores e privilégios ou, ao contrário, perseguir.

O que representava, na realidade, esta menor remuneração do trabalho feminino? O trabalho industrial das mulheres pobres é reconhecido como uma necessidade na miserabilidade das camadas menos favorecidas. Se o homem da família adquirisse uma situação econômica melhor, a mulher, não só podia como deveria permanecer em casa.

Encarada desta forma, a má remuneração do trabalho feminino tem uma justificativa social bastante lógica: ele é ocasional, complementar ao do homem. O verdadeiro futuro da mulher reside na organização do lar, ao cuidado com os filhos. A produção de uma imagem da mulher como trabalhadora ocasional complementando com seu salário o orçamento doméstico, justifica uma específica situação de exploração. Por outro lado, para as mulheres, encarar seu trabalho como ocasional, passageiro, deveria ser um alento, uma esperança de não passar o resto de suas vidas confinadas ao trabalho exaustivo das fábricas.

Retomando posteriormente a descrição da visita o "Avanti" continua:

"(...)

A urdideiras vistas de longe parecem grandes teias de aranha (...). Algumas meninas toman conta dessas urdideiras. Naqueles rostos, (...) se vislumbra - sempre o cansaço físico que causa piedade.

Que filhos poderã esperar a sociedade dessas moças quando um dia elas forem mães?

(...)

Nas alas não hã ventiladores suficientes para a aspiração do ar viciado (...). Mais de uma vez vã operãrias transportadas desmaiadas para a miserãvel e suja farmácia do estabelecimento.

(...)"(Avanti 24/05/1907.)"

Prosseguem descrevendo o trabalho dos operãrios e o exame do produto final, onde se efetua a cobrança das multas e o pagamento.

"(...)

Uma vez examinadas as peças, essas passam por operãrias que têm a obrigação de melhorar o pano, cortando pontas de trama e fios inúteis, diminuindo as solteiras, etc.

Um trabalho que requer grande atenção. Esse operãrio tem o dever de manter os olhos fixados num pedaço tão pequeno de tecido durante uma longa jornada de 11 horas e 30 minutos, o que provoca uma fadiga terrível. Contudo, que coisas tamanhas se requer dessas operãrias! Ganham 100 réis por toda peça revisada (uma média de 50 metros) e se por causa de uma distração fácil, neste trabalho monótono, deixam saltar alguns fios chove uma multa de

1.000 réis, quase uma jornada de trabalho"
(Avanti, 24/05/1907).

A comparação dos locais de trabalho a verdadeiros leva a uma conclusão: paralelamente à umidade, sujeira, calor, trabalho excessivo, cansaço e miséria juntavam-se as doenças, as deformações, o envelhecimento prematuro, as degenerações e morte. A par de tudo existiam as imoralidades, as devassidões, a corrupção do caráter e dos costumes. No que se referia as mulheres, a imoralidade decorrente da promiscuidade sexual imperava:

" Estes centros (as fábricas) não se coadunam com as prescrições higiênicas: ali vereis confundidas as idades, donde as paixões precoces das jovens impúberes, seu desenvolvimento num foco de corrupção moral e material e daí os terríveis contingentes à prostituição primeiro, ao hospital e à mendicidade depois." (O Amigo do Povo, 05/07/1902).

Aos efeitos da degeneração física provocados pela insalubridade do local de trabalho, somavam-se os da degradação moral. Como consequência desta degradação, da falta de higiene moral, grassavam as doenças mentais e morais: a "erotomania", a "ninfomania", consequências da promiscuidade sexual, inclusive entre crianças. Esta promiscuidade era caminho aberto para todos os vícios.

A má sorte da operária honesta também serve como denúncia da situação:

" Trabalha sempre (...) Habita miserável casabre sem prescrições higiênicas, morre quase de cansaço (...) Adoecer, envelhecer antes do tempo: eis a sorte da operária honesta

ta. Outras hã que não parecem pertencer ao sexo a miséria desfigurou-as. Avangam no crime a par com os homens no mesmo atrevimento e brutalidade (...)" ? § O Amigo do Povo, 03/09/1904).

A todo este processo aviltante, somava-se uma insegurança constante, proveniente dos grandes riscos de acidentes de trabalho resultantes da aglomeração de máquinas sem aparelhos protetores, ou telas ao redor das engrenagens e correias. Esta insegurança representava um potencial gerador de mutilações e mortes, atingindo indiscriminadamente homens, mulheres e crianças. (6)

Um estudo mais aprofundado desta questão poderia inclusive esclarecer um pouco mais sobre a formação, entre os trabalhadores, da noção de acidentes do trabalho e a incorporação desta idéia ao cotidiano de lutas e resistências operárias.

A consciência de que as condições de insalubridade geral afetavam todas as pessoas envolvidas na produção aumentava. Esta nocividade transparecia na fadiga precoce, na perda de disposição ao trabalho e na vulnerabilidade às doenças infecciosas:

" A perfídia das lançadeiras

As dermatoses profissionais..

*As pneumoconioses resultantes da irritação...
do prarenquima pulmonar pelas poeiras...*

As deformações decorrentes das atitudes forçadas...

As queimaduras de ácido e alcalis na seção de tinturaria

As úlceras horríveis...

As congestões resultantes das variações de pressão...

O ar viciado...

O calor úmido das seções determinadas...

A imundice das pias...

A uniformidade bestializadora do trabalho...

As deformações fatais das mãos...
 As flitemas, essas bolhas incômodas...
 Os acidentes...
 A prematuração das crianças submetidas ao
 labor dos adultos...
 A incultura das massa originando um anti-
 higienismo perigoso...
 O trabalho das mulheres grávidas...
 A depravação moral... (Ribeiro, M.A., op.
 cit. pg.135)

Mas, se as condições de trabalho eram péssimas de modo geral, para as mulheres somavam-se alguns outros problemas. A ausência de condições sanitárias mínimas como banheiros, vestiários, afetava sobremaneira. - São inúmeras as denúncias feitas na imprensa operária. Banheiros sujos, fedorentos, sem água, colocavam para as mulheres dificuldades óbvias. Já a ausência de vestiários obrigavam-nas a mudar de roupa escondidas atrás dos teares, alvo de chacotas.

Pudemos detectar inclusive no período que estudamos, uma forte desvalorização profissional, entre os operários, do trabalho na indústria têxtil:

Existia mesmo preconceito entre os homens quanto ao trabalho na indústria têxtil. Referindo-se aos vidreiros, orgulhosos de sua atividade, Jacob Penteado afirma que "consideravam sua profissão como das mais honrosas e nobres, e tratavam com menosprezo os tecelões. Diziam-me: - você não queirz nunca ser tecelão. - Isto é trabalho para mulher. O nosso é serviço para macho". (op.cit, pag. 128/129).

A aludida imoralidade do trabalho nesta indústria, somavam-se uma série de valorações profissionais que tendiam a fazer parecer cada vez mais degradado, o

serviço principalmente nos teares. Uma mão de obra talvez mais submetida no seu cotidiano, onde a virilidade não era essencial mas sim a paciência, a obediência, a servidão - diante do ritmo, à cadência da máquina.

Por outro lado, uma série de ramos industriais estavam vedados às mulheres porque dependiam de força física ou então estavam ligados, na sua origem, a ofícios culturalmente masculinos como a marcenaria, carpintaria, ferraria, e a própria vidraçaria. Estes tipos de trabalho, efetivamente, ligam-se a uma formação masculina.

As razões desta situação são ainda especulativas. No processo geral de degradação que envolveu homens e mulheres, a cada um deles coube um pedaço amargo, diferente - entre si. Considerar o seu serviço ainda um trabalho viril talvez possa indicar um último resquício de orgulho, num tipo de atividade cuja vida média era extremamente baixa, os pulmões estourados muito cedo, de tanto assoprar vidro.

Penetrar no mundo da fábrica representou um mergulho num espaço aparentemente disparatado. Porém, a sua multiplicidade e também o que havia de único foi sendo pinçado aos poucos.

II.2: A hierarquia ou a desunião faz a força:

" Conhece-o, companheiro? É um desgraçado que se esqueceu que é homem e transformou-se em cão.

Não tem uma palavra para os poderosos que não seja de submissão, nem um ato prático que não seja sério.

É odiado pelos companheiros, a quem prejudica em benefício dos patrões, é desprezado por estes, que o reconhecem indigno.

Não tem vontade, não tem honra nem dignidade de homem. As injustiças e os insultos dos patrões não o revoltam, nem o fazem corar, porque não tem brío.

(...) "(Aurora Social, 1 / 10/1901.)

Conceber heterogeneidade do mundo dos trabalhadores e perceber que, neste contexto, nem tudo apontava para a solidariedade, para o sentimento coletivo de pertencer a uma única massa de pobres e despossuídos, é vital para uma investigação abrangente.

Perceber também neste contexto a organização da produção segundo princípios hierárquicos onde, intermediando as relações entre patrão e operários, cumprindo funções de controle e vigilância, a existência de pessoas exercendo poderes sobre as outras é de fundamental importância. Estas pessoas podem dirigir, organizar, coordenar e até mesmo decidir, de maneira radical, o trabalho de outras que se encontram hierarquicamente abaixo:

No período estudado estes papéis são desempenhados pelos mestres e contra-mestres. Sua função é, simultaneamente, técnica e repressiva. Estão encarregados de planificar o processo de trabalho, de fiscalizar o ritmo, examinar a qualidade do produto final, designar as funções dos operários, aplicar multas. Em que consistia cotidianamente - este trabalho dentro de uma indústria têxtil?

"O saber prático e teórico do mestre e do contra mestre podia ser avaliado pelo desempenho da seção ou sub seção sob a sua guarda. O bom desempenho assentava sobre o que a seção economizou de material e no quanto produziu de mercadoria. Para atingir este desiderato o mestre e o contra mestre não podiam permanecer inativos. Cabia a eles realizar constantes rondas entre os operários, verificando como estavam trabalhando, se havia algum defeito na máquina, se a lançadeira fora bem colocada, se não estava havendo desperdício de matéria prima. Além da diligência havia a necessidade de possuir conhecimentos mecânicos - para remover defeitos eventuais, corrigir os maquinismos, ajustar as peças." (Ribeiro, M.A. op. cit. pag. 142/143)

Esta função técnica era ofuscada pelo autoritarismo inrente ao controle do processo de trabalho. Na realidade, era esta a dimensão que predominava e vinha acompanhada de violência e brutalidade. Isto era tão evidente que as associações e organizações operárias eram proibidas para mestres e contra-mestres, mesmo oriundos do operariado.

Cair na antipatia de um mestre podia representar sérios problemas para um operário, ficando assim prejudicado materialmente, pois qualquer coisa que dificultasse sua produção significava menos salário no final da jornada. Podiam ser arbitrariamente despedidos não havendo critérios pré-estabelecidos de julgamento. As dispensas estavam sob o juízo do "mestre" ou do contra - mestre se o operário não podia pagar a peça defeituosa era despedido; se não pagava a multa era despedido; se não gozava dos favores do chefe podia ser despedido.

As violências eram praticadas sobre todos os operários, indiscriminadamente, porem contra as mulheres adquiriam características especiais, algumas vezes distintas da simples imposição da obediência:

"... Os mestres e contra-mestres exploram a fraqueza das operárias, prometendo-lhes arranjar boas máquinas para ganharem mais com o intuito de prostituí-las e, quando não cedem às suas pretensões lúbricas são perseguidas e multadas em favor dos indignos que terão no fim do ano a gratificação e os parabéns pela boa disciplina da fábrica" (24). (A Plebe, 10/09/1919).

Não ceder as investidas sexuais dos chefes podia representar muita perseguição e prejuízo, até mesmo demissão. São constantes na imprensa operária as denúncias a este respeito:

" Violências e Torpezas na fábrica de Tecidos - Labor:

(...) um mestre chamado Batista que (...) tem tido em relação às operárias que ali trabalham uma conduta bastante suspeita. Afirma-se que este indivíduo persegue com propostas indecorosas muitas destas funcionárias, injuriando e martirizando de mil maneiras aquelas que tem a dignidade e a coragem de repelir tão infame sujeito. Diz-se ainda que conta com o apoio de outro tipo de não menores virtudes, um tal Piati, gerente do estabelecimento (...)" (A Plebe, 18/08/1917).

Este tipo de notícia vem reforçar a idéia de aviltamento, de degradação que envolvia a mulher operária, obrigada a encarar "cantadas" cotidianas e frequentemente submeter-se à elas. Esta figura da mulher submetida aos desejos de homens em posição de mando é romanceada em vários momentos pelos anarquistas:

" A FÁBRICA.

Como era sábado, as operárias saíram às quatro horas da tarde.

Umbelina, uma jovem tecelã de 19 anos, linda - como os amores, possuidora de um corpo plástico e sensual, caminhava automaticamente por entre suas companheiras, olhando com tristeza o bando enorme de moça, que, semelhando uma revoada de pássaros chilreadores, estendiando -se em fileira desde os portões da fábrica, que ficava a cismar lá no fundo escuro da alameda. Encerrando nos seus laboratórios as mil e uma tragédias da vida cotidiana e as 5000 vidas que se arrastavam em massa ao correr das muralhas, desse edifício colosso em cujo interior ficavam pedaços espalhados de almas escravas que chilreavam, comentavam, riam, esquecidas - de sua humanidade, abandonadas ao acaso em uma sociedade que as explorava, as humilhava ,

aniquilando-as, destruindo-as!

E Umbelina ia triste.

Desde alguns dias que as companheiras vinham notando aquela tristeza que não lhe era peculiar (...).

Apenas se falava vagamente no seu namoro com o gerente da fábrica, mas isso, pensavam elas longe de a entristar, devia torna-la contente por ter a sorte que muitas lhe invejavam de agradar ao Sr. Jorge (...). (O Internacional, ano 1, nº 71, 1924)-

Inúmeras vezes aparece a imagem da operária degradada, por ter cedido às investidas de chefes. Por outro lado na imprensa operária se desmascaram também aquelas que usam o desejo provocado para alcançar privilégios e promoções. Seduzida... sedutora, Boa/Mã, é a dicotomia recorrente.

Por outro lado, também mulheres que galgavam os postos de mestres e contra-mestres, não ficavam imunes a todo o contexto de autoritarismo e violência que impregnavam estas funções. Este artigo intitulado "A Petulância das mestras no Cotonifício Crespi" é bastante elucidativo:

"(...)tem causado a mais profunda indignação o procedimento de quatro irmãs, crumiras da pior espécie, que, depois de terem furado várias greves, foram levadas a este posto. Ellas, contando com a proteção dos amos que precisam do seu serviço de espionagem, promovem verdadeiras perseguições as operárias, chegando até a agredí-las. (A Plebe, 20/09/1919, pg.3).

Prosseguem as notícias sobre as quatro irmãs:

"(...) Solteironas de avançada idade (...) Krumiras que traíram a grande greve do ano 1908, vendem-se aos seus querido amos (...) e que agora ferozmente perseguem as operárias, chegando a agredí-las.

Duas delas dirigem a sala dos teares e uma a seção de espulas, seção onde impera (verdadeiro) regime de terror (...).

Continuam relatando o caso de uma operária - ao falar em associar-se a liga foi ouvida pela estrea mestra e acabou despedida. Diante da reação da operária pretendem agredi-la, no que são impedidas pelas outras operárias. As mestras começaram então a elaborar um plano de vingança).

(...) (A mestra) de ante-mão preparou uma tábua cheia de pregos (...) E assim, (...) ia ela para a fábrica todos os dias (...).

(Ocorre o encontro das quatro irmãs e a operária).

(...) passavam as senhoras mestras krumiras, solteironas cuja moral duvidosa põe em risco a dignidade das moças que trabalham sob a sua tutela, a tal valentona sacou a tábua (e agrediu violentamente a operária), que resistiu valentemente, apesar de machucada, e acabou sendo bárbaramente agredida pelas suas irmãs. " (A PLEBE, 28/09/1919)

Perceber a situação que organização hierárquica instalava mostra, junto com a imagem de operária sofredora, uma outra: aquela que subindo na escala, não ficava imune ao autoritarismo, à violência.

As necessidades de imposição do regime de controle e disciplina dentro da fábrica acabava por desenvolver uma série de pequenos mas poderosos demônios: a espionagem a delação, a cooptação, a chantagem tinham seu lugar garantido. Os diferentes papéis, as posições de mando, contribuíam para a

existência de muitas figuras dentro da fábrica e garantiam a algumas delas o poder arbitrário de priviliar e perseguir.

Este autoritarismo requintado chegava à violência física, principalmente contra as crianças.

Muitas vezes o castigo era infringido pelas mulheres:

" Certa manhã, uma menininha de corpo franzino devendo ter sete ou oito anos muito raquítica, com sua cor pardacenta, olhos salientes exibindo a miséria, recebeu um empurrão de um piralho de 9 anos indo bater com a testa no chão. A infeliz, levantou, correu para o piralho, estendendo-lhes os braços para devolver-lhes a ofensa, quando sentiu em suas costas uma forte chicotada. Voltou-se cega de raiva e ao reconhecer o rosto da contra-mestra baixou os olhos e continuou o seu trabalho. Então a nossa heroína, a contra-mestra satisfeita da sua façanha, olhou para suas companheiras, sentindo-se orgulhosa por ter castigado uma criança de 8 anos." (Guerra Social, 10/03/1917).

Ainda no século IX, o uso do chicote permanecia nos ambientes fabris, ao que parece para "correção" das crianças. Embora possamos argumentar que o castigo físico das crianças fazia parte do cotidiano na época, a permanência do chicote dentro das fábricas lembra um tempo não muito longínquo onde o chicote constrangia.

Porém, uma luta surda e contínua permanecia latente. A resistência dos homens, mulheres e crianças explodia frequentemente em pequenos e grandes atos que vamos tentar colocar nas próximas linhas.

II.3. RESISTINDO NA FÁBRICA

A situação descrita anteriormente já deixa entrever que nem todos ficavam imunes à submissão frequentemente tam-

bém, estas mesmas pessoas resistiam.

Reclamar, fazer greve, cantar ou assobiar, em suma, que qualquer atitude que implicasse em rompimento com um determinado padrão de comportamento tido como desejável para o bom andamento do processo de trabalho, pode também ser encarado como resistência.

Sempre houve, por parte dos trabalhadores, resistência às normas disciplinares impostas como regras de comportamento sob os princípios técnicos e científicos - "heutros" de organização do processo de trabalho. O rompimento da ordem do processo de trabalho era seguido de reações e repressão:

"Hã dias (...) parou uma máquina. Algumas moças operárias aproveitaram a ocasião para entabolar uma conversa e uma delas (...) riu forte. (...) Foi o que bastou para que o tal Meneghetti contra-mestre a tratasse com modos grosseiros. (...)" (A Terra Livre, 14/09/1907)

O barulho ensurdecedor, a distribuição espacial das máquinas a ausência de tempo de descanso faziam com que a comunicação direta entre os operários fosse difícil dentro da jornada de trabalho. Durante a entrada na fábrica, é provável, que a pressa, o medo de chegar atrasado fizessem com que poucos conversassem entre si. Na saída, o cansaço, a necessidade de retornar para casa mais rapidamente possível, não permitia a comunicação. Porque isso? A comunicação entre os trabalhadores deve ser evitada a todo custo, pois a troca de informações pode ser perigosa como um elemento fundamental para a articulação da resistência.

Verificamos também muitas reclamações quanto à ausência de banheiros separados por sexo e sobre a ausência de condições mínimas de higiene e moralidade:

Noticiando uma greve na fábrica de tecidos de Pau Grande, contra uma tabela de pagamento com a qual os operários não concordavam, aparece

também a seguinte reivindicação ao lado das reivindicações salariais:

"Tapamento do mictório das mulheres para bem da moralidade (...)" (A Terra Livre, 13/10/1907).

Em uma outra notícia, sobre a Cia. Nacional de Jutam vemos o seguinte:

{...} Os mictórios em números de 5 ou 6, tem somente uma porta que por não estar fixa, serve para qualquer deles. As bombas estão de tal forma que a pessoa que entrar deve estar disposta a tomar banho, porque derramam água constantemente. Sente-se ali uma pestolência insuportável. Talvez isso convenha aos proprietários para que as obreiras não permaneçam ali muito tempo. {...}" (Guerra Social, 10"03/1917)

Para além das questões higiênicas e morais, o que significa o uso dos banheiros? O banheiro era um local onde se escapava do trabalho contínuo, às pressões do próprio local de trabalho, onde não chegava a vigilância e o controle. Um lugar onde é possível a comunicação, a troca de informações "locus" privilegiado para articulação da resistência. Reivindicar um banheiro em condições mínimas de uso, era mais do que um espaço operário fora do controle e da vigilância. O banheiro de mulheres então, teria características mais invioláveis em relação dos homens. Reivindicar banheiros separados por sexo" em nome da moralidade e decência "significava constituir um espaço onde os homens, que ocupavam a maior parte das funções de mando e controle, não pudessem penetrar. A condição de chefes ou contra mestres não lhes dava o direito moral de violar este espaço:

"{...} para os nossos operários imbuidos de idéias novas e inquietadoramente ousadas o roubo já não representa delito: o roubo, o furto, representam tributo pago à força pelo patrão. Quem retira das fábricas, subrepticiamente, um

objeto qualquer, retira a sua parte de lucros e, ou muito nos enganamos ou isto é, comunismo en herbe (...)"'. [CIFT-SP, Circular de 25/7/21 au toria de F.Matarazzo então presidente do CIFT.

Acompanhando as circulares durante os anos de 1921/22/23, verificamos ser muito grande o número de mulheres operárias, demitidas por furto. Por exemplo:

- Memorandum de 25/06/1921: Comunicam a demissão por furto de 2 mulheres - Argia Betti (23 anos) e Angelina Esplocati (21 anos) marcadoras de sacos e tecidos.

- Memorandum de 25/06/1921 - Demissão de Beatriz dos Anhos, portuguesa, 19anos, limpadora de chinelos sobre quem "(...) pesam fundadas suspeitas de furtos de talões de contrato (...)".

- Memorandum de 27/06/1921: Demissão de 5 mulheres que roubavam fios em espulas.

- Memorandum de 09/08/1921: Demissão de 3 mulheres que receberam 2 vezes o pagamento de empreitada.

- Circular nº 106-26/05/1922: Demissão e prisão de 8 operárias que estavam furtando.

O tipo de furto mais frequente era o de peças de pano e fios sendo que quem o cometia eram frequentemente, trabalhadora que compunham a maior parte da mão de obra dos setores encarregados diretamente desta produção. Apontava-se a inexistência de um tabalho metuculoso de seleção do operariado, como a principal causa da reincidência dos furtos. Começa então uma luta do patronato, no sentido de se instituir um "sistema científico" de identificação do operariado. Este sistema consistia em um registro feito pela fábrica de uma "lista dos indesejáveis", contendo informações pessoais (nome, idade, naturalidade, ocupação, sinais e retrato, impressões digitais e os motivos da dispensa). Caberia ao recém criado centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem fazer circular estas informações e desta forma contribuir para um controlê efetivo da mão de obra. Este siste-

ma de controle é implantado pelo CIFT em agosto de 1921.

Vejamos mais atentamente esta questão. A implantação do trabalho assalariado liga-se estreitamente à necessidade de vigilância polícial constante sobre o trabalhador. A constituição de todo um sistema disciplinador indo da identificação e controle individual do trabalhador até o controle de toda a vida dos homens pobres destinados a produzir riqueza, tem dentro dos muros da fábrica uma situação bastante própria.

A vigilância no processo de trabalho deveria se organizar de tal forma que suprimisse de vez o "feio vício que tinham os operários de se apropriar de matéria - prima e mercadoria. Este vício significava a necessidade de acabamento um processo que ainda, não estava perfeito. O da introjeção por toda a sociedade da noção burguesa - de propriedade privada. A criminalização das formas de - apropriação "indébita" de parte da produção pelos trabalhadores complementaria o processo de moralização dos trabalhadores dentro das fábricas. (7).

Uma consideração se faz necessária. A criminalização, a enalização dos furtos do produto do trabalho , não é um fenómeno das sociedades industriais. No sistema escravista puniam-se os furtos com açoites. O objetivo era ensinar aos "escravos" que roubar era um ato criminoso , passível de punição. (8).

A organização do mercado de trabalho livre levou a reformulação de certos códigos. Furtar era agora um ato criminoso e mais que isso, imoral. O ladrão deveria afastar-se dos demais, ser isolado do convívio com os outros, para evitar a propagação deste vício. O local de trabalho torna-se um ponto estratégico para a divulgações das normas consideradas adequados de comportamento das classes - pobres.

Outro motivo de dispensas eram genericamente denominadas, "indisciplinas". Por indisciplinas podia-se denominar muitas coisas: faltar ao trabalho, rir alto ,

participar de greves, responder ao chefe, brigar com uma, com panheira, tentar organizar associação. Na circular nº 15, 18/05/1921 do CIFT aparecem referências a demissão de 23 operários, dos quais 22 são mulheres, que "mostravam-se indisciplinadas ao receberem salários". Na circular 161 (16/12/1922) aparecem demitidos 14 operários, dos quais 12 eram mulheres e por causa desses maus elementos, a Fábrica (...) viu-se na contingência de parar o serviço. Os nºs: 1-2-3 (dos quais 2 são mulheres) são nomes de operários péssimos que chegara, ao extremo de parar máquinas em movimento e arrastar com panheiros de seus postos de trabalho (...). A Circular nº 76 (31/12/1921) refere-se à demissão por "insubordinação" de 4 mulheres liçadeiras.

A imprensa operária também relata inúmeros casos de "indisciplina. Referindo-se à uma carta enviada ao Jornal "A Plebe" assinada por um grupo de operárias concientes que trabalham na Fábrica Mariangela, aparece a seguinte notícia:

" Na fiação, pobres meninas e moças são tratadas pior que escravas (...). Se por acaso, o mestre houve uma menina cantar, multa-a (...) tratando as moças e meninas com palavras sem educação, e se estas repelem são despachadas (...). (A Plebe 22/05/1920).

Às vezes a reação é imediata. Na fábrica de tecido de linho "Sapopemba" ocorreu o incidente seguinte:

" (...)

Hã dias foi chamada na sala de pano uma operária (Mostram-lhe uma peça que ela tecera e aonde haviam falhas).

O Pantaleão Mattos (...) querendo lançar toda a culpa sobre a operária tratou-a brutalmente, dizendo:

-Olhe para isto, sua sem vergonha.

A operária respondeu-lhe que sem vergonha era ele (...)" (A Vanguarda, 13/03/1911)

Estas formas de resistência pontuais, espontaneas, às vezes acabam desempenhando um papel fundamental como deflagra-
doras de movimentos coletivos como greves ou passeatas:

"Os operários da fábrica de tecidos Petrópolis Industrial resolveram abandonar o mestre João Bernardes, perseguidor de operários, sedutor de moças, senhoras e crianças". (A Plebe, 27/05/1922).

O que tentamos fazer até agora foi mostrar um lado relativamente esquecido daquela luta cotidiana, latente a todo momento, dentro do próprio local de trabalho e que frequentemente explodia na forma de agressões físicas e verbais na coação sexual. Lutava-se por banheiros, furtava-se, questionava-se a hierarquia no insulto, no cantar, rir ou falar, na reinvidicação de normas higiênicas e morais.

Neste conjunto de observações percebemos a fábrica como um espaço político, onde a imposição da dominação é um movimento que se alimenta e é a matéria da resistência dos trabalhadores. Um lugar onde se questiona frontalmente a racionalidade científica do processo de trabalho e a alienação da mão de obra. (9)

II.4. AS TENTATIVAS DE UNIÃO

Outro momento privilegiado da luta de resistência - dos trabalhadores - está nas tentativas de organização do movimento operário.

Estudar a participação feminina neste esforço mobilizatório implicou em percebermos a resistência geral da classe detectando, em determinados momentos, a sua atuação que, longe de ser reduzida, traduzia-se na participação efetiva. Pelas notícias, fotografias da época, pudemos perceber que ao lado dos teares as mulheres e menores se faziam presente também nas greves, comícios, passeatas e associações, a sua

presença era marcante.

Contudo, é difícil separá-las do caldo efervescente da agitação geral. Tentamos captar em que momentos, em torno de quais questões, sua participação era destacada traduzindo-se com especificidade, seja na organização ou na participação efetiva.

Na 1^a República, alguns anos sobressaem em termos - do esforço de organização dos tecelões, nos grandes centros industriais. Em especial os anos de 1919 e 1920 concentram um esforço considerável e uma efetiva mobilização que assume grandes dimensões. Tendo isto em conta concentramos nossa análise nestes momentos. (10).

Em 1919, a Liga Operária da Moóca, organiza ampla comemoração do 1º de maio, com comícios, passeatas e a paralisação quase completa.

No dia seguinte um operário, que havia discursado na praça da Sé, é despedido da fábrica Mariangela onde trabalhava. Começa a agitação em favor do demitido e pouco depois haviam 10.000 operários paralisados. Começa a greve.

No 3º dia da greve os operários elaboram uma lista de reivindicações que contém, entre outras coisas, o seguinte:

" Item C). (...)

- Proibição do trabalho noturno de mulheres

"Item e) - Equiparação dos salários das mulheres aos homens."

(A Plebe, 10/05/1919).

Generaliza-se a greve, que em seu ápice chegou a contar com 50.000 operários parados. Forma-se um Conselho Geral dos operários, que no dia 06/05 faz um pronunciamento - conclamado a adesão de todos considerando que a situação se agrava e que as agressões continuas que não poupam nem velhas, nem mulheres, nem crianças (...)" (A Plebe, 10/05/1919).

Em São Bernardo a paralização começa na Fábrica de Tecidos Lucinda. Imediatamente os operários no meio dos quais predominam as mulheres e crianças, dirigiram-se à fábrica do industrial Alberto Flaquer. Sob^o para a pedir adesão dos que trabalham. Já aí a polícia foi brutal, ameaçando os grevistas. (começam as agressões).

" A primeira a ser atingida foi uma moça operária, que caiu com a dor da pancada. A multidão começou a clamar (...).

O sargento deu ordem de fogo (...) prostando sem vida o operário Constante Castellani (...). No dia seguinte realizou-se o enterramento de Castellani. Mais de 3.000 acompanham o corpo . (...).

Muitas moças operárias choraram (...)".

(A Plebe, 10/05/1919)

A repressão prossegue com muita violência, ocorrendo muitas prisões, tanto de homens, como de mulheres.

Os industriais reagem organizando-se em torno da Associação Comercial, discutindo uma proposta de Jorge Street:

" Especificamente aceitam o dia 8 horas ou a semana de 48 horas com descanso semanal obrigatório e o mesmo salário atual; aceitam a proibição do trabalho de menores de 14 anos e o trabalho noturno de mulheres que devem ser protegidas e ter o mesmo salário dos homens" (Est.de SP, 8/05/1919, in Campos, C., op.cit. - pg.60).

No dia 8, porém os industriais declaram so ser possi

vel a adoção da jornada de 8 horas. Se isto ficasse como uma lei para todo o território.

Se para a classe esta greve representou uma vitória refletida na sua crescente organização durante os meses que se seguiram, para as operárias representou um retrocesso à estaca zero. Contudo elas continuam participando.

Em maio de 1919 é organizada a União dos Operários em Fábricas de Tecido (UOFT). Percebe-se que é bastante acentuado o número de mulheres que aderiam à União, embora infelizmente não dispomos de dados qualitativos. Em 01/10/19 ocorre uma greve na Malharia Leão, onde só trabalham moças e crianças. Suas reivindicações eram: jornada de 8 horas, aumento de 30%, ninguém ser despedido, reconhecimento da UOFT, aprovação das comissões internas. Uma semana depois as operárias ainda continuam em greve, com o apoio da UOFT. Segue-se a repressão:

" As operárias foram ameaçadas pela polícia (...) (...) 3 delas, achando que a presença de beleguins naquele lugar era uma afronta (...) increparam o industrial (...). Pois o potentado, (...) mandou prender as aludidas operárias (...). (A Plebe, 8/10/1919).

Acompanhamos o dia a dia do funcionamento da UOFT durante este período. A presença das mulheres se faz acentuada.

No dia 21/12/1919, na sede, acontece uma reunião presidida por Margarida Pilou. Neste mesmo dia ocorre também uma assembléia presidida por Rosa Eberler, operária do Cotofício Crespi. Discutem-se vários assuntos. Um deles chama a atenção:

" Passou-se a discutir por um lado pela Sra. Signorelli, que devido ao seu comportamento incorreto, quando contra-mestre da fábrica - foi eliminada da mesma, a bem da classe. A

A dita Sra. Signorelli pedia para que a União intercedesse junto à gerência com o fim de ser de novo readmitida (...), levantassem a boicotagem que sobre ela pesa. Um companheiro que trabalhava na mesma fábrica demonstrou que (...) (seu) arrependimento não era sincero (...) pelo que a Assembléia por unanimidade de votos (...) mandou incluir o nome da Sra. Signorelli entre os traidores da classe operária (O Grito Operário, 21/12/1919)

Em 14/12/1919 em uma assembléia com grande participação de mulheres elege-se uma nova diretoria, com 3 mulheres no Conselho Fiscal. Uma mulher censurou 3 ou 4 presentes que se retiraram antes do término da sessão. -Se fosse um padre que estivesse aqui para pregar balelas, ninguém se retiraria". (O Grito Operário, 14/12/1919)

No dia 7 de fevereiro são presas algumas operárias da fábrica "Maria Zélia". Elas declaram não terem defendendo os interesses da classe. São Anunziata Miranda, Angelina Ignácio, Ema Prizzoni e Maria. (O Grito Operário, 18/02/1920).

Existiam também muitas pressões contra a cobrança das mensalidades da UOFT, partindo das mulheres. A mestra Maria-a da Seção de Franjaria do Cotonifício Crespi faz propaganda contra a UOFT (A Plebe, 30/09/1919) e na Fábrica Maria Zélia a "Mestra duma secção, (...) zomba e escamen das operárias, insulta aquelas que não vão à missa, e dirige apodos vergonhosos às que são associadas (...) (A Plebe, 8/19/1919).

Esta referência a religião faz parte da organização de Centros Operários Católicos. São constantes as denúncias de que era grande o número de mulheres frequentando estes Centros. A imprensa operária afirmava que a mulher era mais suscetível às influências da religião.

Algumas considerações merece este assunto. Embora não possamos reduzir a Igreja a uma mera aliada da burguesia, é inegável que a organização de certo tipo de grupos representava um poderoso fator de desmobilização das lutas operárias. Para os anarquistas, cujo anti-clericalismo sempre foi uma das mais significativas bandeiras de luta e que capitaneavam o movimento operário neste momento, lutar, denunciar e criticar a religião colocava-se como um ponto central(.). certos órgãos religiosos começavam campanhas arregimentatórias e também intensa campanha de difamação do movimento anarquista.

Embora a igreja, na época, tivesse seu próprio projeto político de dominação onde se colocava como um elo de ligação entre os homens, como a instituição que poderia unir os povos e as nações, patrões e operários, nestes anos que estudamos sua atuação ao lado do patronato é evidente (11). A organização do Centros Operários Católicos, pregações no púlpito, tentavam solapar a influência crescente do anarquismo no meio operário.

Por outro lado, podemos pensar que no processo de organização da sociedade capitalista só a repressão e os salários baixos, todas as formas de compulsão não são suficientes para canalizar todas as energias dos homens para o trabalho. Foi preciso mobilizar uma força íntima.

Na Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, por ex., o metodismo ofereceu aos desgarrados e desamparados da Revolução Industrial um certo tipo de comunidade que substituiu os padrões comunitários antigos em processo de desaparecimento. Forneceu a disciplina do trabalho industrial, difundiu a ideologia dominante da Revolução Industrial e foi uma das expressões mais claras de processos operativos na sociedade inteira.

A pretensa "carolice" das mulheres era a todo momento denunciada pela imprensa operária. Considerada como um elemento frágil e mais inconsistente no que se refere à consciência política, atribui-se às mulheres um papel histórico bastante definido: a "filha de Maria". Eram apontadas como as principais responsáveis pelo sucesso dos Centros Operários Católicos, embora estes contassem entre os filiados com uma grande quantidade de homens. São inúmeros os artigos que saem sobre o tema "Mulher e Religião" em toda a imprensa operária anarquista que pesquisamos. Esta postura tinha como objetivo, além de combater o clericalismo, difundir as idéias racionais, científicas e progressistas, visando a emancipação e civilização da humanidade. E é neste viés que se prende a questão da mulher e da religião. Neste artigo a questão aponta com clareza:

" Exigem-se dela todos os sacrifícios possíveis; querem que tenha as qualidades dum ser privilegiado, obrigando-a a ser honrada, pura honesta. - Ninguém lhe dá, porém os elementos de resistência, como a educação cívica e moral.

(...)

O catolicismo aproveita-se sagaz e admiravelmente deste estado lastimável que ela vive mergulhada. Assim, o confessionário é o maior perigo a que ela se expõe. Ali naufragam a pureza da donzela, a fidelidade da esposa, o amor maternal (...)

É pois natural que o confessionário seja a perdição da mulher ignorante e inconsciente. O clericalismo invadirá a política e será o árbitro (...).

Nestes termos a emancipação da mulher começará - por libertá-la da influência clerical (...)

O perigo feminino consiste na influência que o clericalismo exerce sobre a mulher ignorante, fanática e inconsciente.

(...).

A mulher é assim a primeira vítima do padre. Para que a mulher não seja um instrumento reacionário nas mãos dos padres, faça-mo-la forte, consciente e independente, (...)" (O Paraíso, 7/19/1920).

Qual o caminho que se apontava para estas mulheres? A instrução. Qual o papel que lhe cabia?

" (...) A mulher em geral cabe o dever de auxiliar seu companheiro nessa luta desigual e gigantesca. A Igreja é das instituições a que se está mais no seu alcance. (...) Para isso é necessário que em vez de encher igrejas (...), fique em casa ao lado de seu companheiro, (...). ass: Anita Figueiredo". (Renovação, Dez de 1921).

A dicotomia que se apresenta é evidente. De um lado a mulher ignorante e religiosa, de outro lado, a companheira instruída e consciente. E mais, é como se a religião passasse ao largo dos homens e não fosse um movimento social muito amplo.

Critica-se a participação da mulher na religião a partir do tema da imoralidade, colocando-se a Igreja como um antro de perdição, caminho certo da prostituição e do adultério. Tratava-se agora de um certo tipo de inversão: substituiu-se a fanática e ignorante "carola", corrompida moralmente pelos padres pela pura e honrada "companheira", militante e consciente da luta política.

O final de 19 e início de 20 são marcados pelo crescimento da movimentação operária. No setor textil ocorrem greves isoladas, algumas envolvendo lideranças de mulheres.

Paralelamente a esta movimentação se faz sentir a repressão, com invasões policiais, perseguições, demissões, e prisões. Apertava-se o cerco do patronato textil que acen

tuava suas estratégias de controle prevenindo-se contra novas greves, aumentando seus estoques e organizando-se em torno do recém criado Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem. CIPT). (12)

É em 02/1920 que os industriais decidem acabar com as conquistas do operariado (por exemplo: as comissões de fábrica, os representantes da UOFT dentro das fábricas e a cobrança de mensalidade dentro das fábricas). A ofensiva patronal começa pela SP Alpargatas de onde inicia-se uma greve. Após isto, alguns industriais iniciam o loucaute, fechando suas fábricas.

No dia 15 é anunciada a greve geral do tecelões. EM 25/03 num comício na sede da UOFT discursam 2 operárias, uma de nome Florabela e outra de certa idade, além de vários operários. No dia 24 a maioria das fábricas, em especial - no Bráz, amanhecem em greve.

A greve vai se estendendo, atingindo fábricas que não eram do ramo textil. A partir do dia 28, depois do fracasso a tentativa de negociação com o CIPT, aumenta a repressão policial. Proibem-se comícios, passeatas, aumentam o número de prisões e os cavalarianos estão nas ruas:

Em todos os momentos, a participação das mulheres na manifestações de rua é intensa:

"As operárias espaldeiradas e conduzidas aos em purreões para os carros de presos, entre desaforo e blasfêmias dos secretas (...)

(...) daquele outro cavalariano que, ao esbordoar as altivas operárias na Rua Joly proferia:

-Eu não olho cara". (Voz do Povo, 11/04/1920).

Além das prisões, a violência contra as mulheres invade suas casas.

"Muitas mulheres, na ausência de seus marido foram arrancadas (...) de suas casas e conduzidas às fábricas (...)" (Voz do povo, 18/4/1920

As associações femininas articulam-se em solidariedade. O Centro Feminino de Estudos Sociais promove na UOFT uma reunião para protestar contra a prisão de Maria Antonia Soares, Tereza Naude, Maria Mandro, Thomazina Montesanato, Terezinha Bernardini. (13)

É interessante verificarmos que os grupos femininos dedicados à educação, instrução, recreação, articulam-se neste período recolhendo donativos para as famílias dos presos. Sabe-se também, pela própria Imprensa Oficial, que as mulheres eram das mais ativas durante todas estas movimentações.

Em meados de abril começa a ser sentido o declínio, ainda que pontual, do movimento. Além das prisões, começam as deportações dos líderes e dos operários e operárias mais ativos. Na Fábrica de Juta reinicia-se o trabalho com a presença da cavalaria dentro da fábrica. Repõe-se, novamente, o antigo horário de trabalho e grupos de criminosos e espiões delatam companheiros.

Muitos tecelões ainda continuam em greve, porém as negociações são feitas por estabelecimentos: comissões de operários e patrões. Pressiona-se os trabalhadores para abandonarem a UOFT e associarem-se ao Centro Católico. No dia 22 de abril é preso Antonio Vilela, presidente da UOFT, juntamente com alguns de seus familiares.

Muitos operários já passavam fome, pois não recebiam seus salários a muito tempo. Por outro lado, as autoridades espalham boatos sobre "desonestidades" praticadas pela UOFT na pessoa de seus líderes.

Uma coisa é certa: esta greve termina de maneira extremamente desfavorável a operariado embora seu final não representou sua desmobilização total da categoria. Ocorrem ainda greves em estabelecimentos isolados.

Sente-se, contudo, uma forte articulação do patronato em torno do CIPT e de medidas, tais como, a aplicação efetiva do sistema de "identificação científica" do operariado, campanhas moralizadoras via Centro Operários Católicos.

A presença do operariado como classe continua se fazem do sentir, porém o local de resistência agora é outro. É a própria fábrica, furtando, roubando, denunciando a violência dos chefes, faltando ao trabalho, reivindicando banheiros. Todos estes atos enquanto atos coletivos, contando com cumplicidades eram atos políticos.

A solidariedade, a troca de olhares com a qual se estabeleciam formas de comunicação que escapavam ao olhar vigilante, a conquista de espaços privados como banheiros, eram também formas de resistência, contra as quais a repressão deveria ser outra. É nos poros das relações de poder, nestas relações móveis e desiguais entre diversos pontos onde se estabelece a luta, que se encontram focos de resistência. E aí estão homens e mulheres, estas últimas atuando dentro das condições gerais e também específicas de sua situação.

II.5. AS COSTUREIRAS

*" A mão da mulher tem olheiros nas pontas dos dedos
Risca o pano, enfia a agulha, costura, alinhava, pes
ponta, chuleia, cerze, caseia. Prende o tecido nos
aros do bastidor: tece e borda".*

*(Alfredo Bosi, "O Ser e o Tempo da poesia,
SP, Cultrix, 1977, pg. 93/97).*

A investida da pesquisa no mundo do trabalho da costura nos fez vislumbrar um universo plural e facetado, extremamente rico.

Mãos silenciosas costurando, cerzindo, bordando. Tesouras, panos, máquinas de costura fazendo fantasias em forma de vestimento. Porém, nem todas ocupavam-se em vestir Cinderelas no seu casamento, embora esta fosse uma de suas atividades nas elegantes casas de alta costura. Algumas já trabalhavam à domicílio, costurando para vizinhas, freqüências e, freqüentemente, vestindo sua própria família.

Um sentimento comum parecia perpassar àquelas que se diziam costureiras por vocação: orgulho diante do produto final

de seu trabalho, caprichado e bem feito, fruto de sua habilidade e experiência.

Outras, já submetidas à esgotantes jornadas e à disciplina nas oficinas de costura, não deviam encarar com tanto prazer esta tarefa. Tanto que a luta e a resistência se colocaram.

Evocar o passado das "operárias da agulha", simultaneamente pelas vozes da imprensa operária, pelos anúncios e por depoimentos, é este o objetivo.

Os depoimentos, as informações da imprensa, os dados do recenseamento, a organização e a luta específica destas trabalhadoras e sua participação no movimento geral da classe, são elementos que, articulados, compõem um quadro elucidativo do trabalho e da percepção do mundo destas mulheres.

Na tentativa de recriarmos o passado do mundo do trabalho, os depoimentos daqueles que o viveram tornam-se extremamente valiosos, não só por serem oportunidades raras, como também porque rememoração do passado feita pelas pessoas que viveram e sofreram a história, o seu simples lembrar compõe um quadro próprio do documento oral. Evocações, reconstruções de, uma história que não é fria nem estática e sim eivada de emoção (14) Por isso a importância fundamental do depoimento de Dona Cezira, uma ex- costureira.

Qualquer tentativa de recuperar a participação quantitativa destas trabalhadoras no mercado de trabalho, esbarra num problema objetivo: Os dados do recenseamento, tanto industrial como o populacional de 1920, são bastante incompletos para esta categoria, deixando de fora não somente as costureiras à domicílio como também as oficinas e ateliers de costuras para mulheres e crianças.

O Censo Industrial coloca fora de seu alcance a "... indústria de vestuário à encomendas feitas por ordem do comprador, mediante ajuste, como oficinas de costura, de roupas sob

medida (alfaiates), tinturarias, estabelecimentos de modas, as indústrias exercidas em domicílio". (15)

Analisando-se alguns dados do Censo Industrial de 1920 podemos perceber que a indústria de vestuário e toucador ocupa um lugar bastante importante no parque industrial brasileiro. Representava 14,9% dos estabelecimentos e ocupava 10,7% da mão de obra. Contudo, 71,3% desta categoria estava na fabricação - de calçados, ocupando 55,3% da mão de obra. Logo à seguir estava a fabricação de chapéus em 11/2% dos estabelecimentos e 16,6% do pessoal ocupado. O grande contingente basicamente composto por mulheres costureiras ficou fora dos dados deste Censo.

Porém os dados deste Censo merecem um estudo mais apurado. Vejamos como se define este setor:

VIII - INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO E TOUCADOR:

- 1 - CHAPÉUS DE FELTO: Chapéus de feltro, chapéus de pelo, carecas e cartolas de pé-lúa de seda.
- 2 - CHAPÉUS DE PANO E Lãs: Chapéus de pano, chapéus de castimra, bonés militares, co-legiata, gorras e bonés de castimra e de algodão.
- 3 - CHAPÉUS PARA SENHORAS: Chapéus de palha, chapéus de seda, chapéus de setim, chapéus de veludo, gomos, etc.
- 4 - ROUPAS PARA HOMENS: Ternos de castimra, sobretudos, contornos, blusa, calça, paletots, bonachas, pijamas, mantoux e vestidos para senhoras (seda, veludo, setim, etc).
- 5 - CAMISAS E BEXIGAS BRANCAS: Roupas brancas para homens: camisas, corcotas, cuecas, pijamas, colotes, colarines, punhos, camisas, calças, saias, combinações, aventais, porta-seios, cordões de seda, blusas, etc.
- 6 - COLETES PARA SENHORAS: Coletes ou espartilhos, cintas e porta-seios.
- 7 - CINTAS, POLEADAS, PASTAS, CANGULIRAS, BOLSAS, MEMBRURAS, ETC: Cintas, bolsas, bolsas escolares, pastas, cartelas, porta-liquor, bolas, perneiras e polainas.
- 8 - GRAVATAS: Gravatas de diversos tipos (de seda e algodão), acessórios, camisas, ceroulas e pijamas.
- 9 - FLORES ARTIFICIAIS E COROAS: Coroas, quinaldas, pentas de flores, buquê, flores artificiais, flores para chapéus e enfeites para vestidos, diademas e palmas.
- 10 - LAVAS: Lavas.
- 11 - CHAPÉUS DE SOL E CHUVA: Chapéus de sol ou chuva (de algodão e seda, bambú, etc.), bengalas e cabos para chapéus de sol ou chuva.
- 12 - CANGULIRAS DE COURO: Bolsas, bolinas, borzeguins, alpercatas, sapatos, sapatinhos, perneiras, chinélos, sandálias, caneleiras, sapatos de pelica, sapatos para senhoras (couro ou setim) calças de lã e sola de borracha.
- 13 - CHINÉLOS DE TAMPÃO: Chinélos de trança ou de lã, bambú e alpercatas.
- 14 - TAMPÕES: Tampões, botinas com sola de madeira, chancas e acessórios, chinélos.
- 15 - ELÁSTICOS ELÁSTICOS: Suspensórios, ligas e cintas - ligas, suspensórios, cadarços, elásticos, cordões, aram coberto, franjas, galões, flutíon e cintas elásticas.
- 16 - CAPAS DE BORRACHA: Capas de borracha, cintas de borracha e acessórios, sacos de borracha.
- 17 - FECHES E BOTOES: Feches, botões diversos e, acessórios, grampos e colchetes.

Aqui estavam englobadas atividades bastante diferentes, de composição variada, embora em quase todos estes setores predominasse a mão de obra feminina. Porém dificilmente conseguiremos saber quantas eram.

Nos anos que pesquisamos a fabricação de roupas femininas e para crianças era ainda incipiente e foi recenseada junto com a fabricação de roupas para homens. Nesta época a maior parte das roupas era feita por encomenda, em alfaiate e costureiras, tanto na sua própria casa como em pequenas oficinas e ateliers.

Com relação a confecção de vestimentas cabe aqui uma consideração. Até meados do século XIX, antes da invenção e popularização das máquinas de costura e conseqüentemente da possibilidade cada vez maior da confecção de vestuário, a questão do vestir-se era extremamente complicada. Os trajes muitas vezes representavam um capital bastante elevado e quando morria alguém, constava de seu inventário, com detalhes, peças de seu guarda-roupa. Para além de mero adorno, o traje marcava de forma definitiva a posição social daquele que o usava (16).

Se, para os ricos a roupa era adquirida à peso de ouro, para os mais pobres, homens e mulheres do povo, o recurso era usar roupas que ganhavam ou compravam de segunda mão. Philippe Ariès estudando a evolução do traje infantil nos séculos XVI/XVII na França chega a afirmar que "...o homem do povo se vestia segundo a moda do homem de sociedade de década atrás: nas ruas de Paris de Luís XIII, ele usava o gorro de plumas do século XVI, enquanto as mulheres usavam a touca que estivera na moda na mesma época. (Ariès, op.cit.pg.78)

Na França, já em fins do século XVIII, uma nova tendência começava a se manifestar. Os homens do povo começaram a usar trajes próprios agora de uma nova condição social - a de artesãos, deixando de lado os andrajos ou a roupa usada, utilizando calças compridas que equivaliam ao avental ou o macacão dos operários contemporâneos.

A popularização e confecção de roupa em larga escala, é portanto, um processo bastante tardio e que submetido aos ditames imperiosos da moda, do luxo e da necessidade de ostentação social, sempre foi de difícil solução tecnológica.

O período que estudamos caracteriza-se pela coexistência da alta costura artesanal, junto com a expansão das primeiras lojas e oficinas preocupadas em começar a fabricar e vender roupas prontas. Ainda sobrevivia com grande força, a produção artesanal de roupas, fosse à domicílio ou em pequenas oficinas e ateliers.

É somente após 1930/1940 que começam a surgir as primeiras fábricas de roupas padronizadas, sem que isto contudo e representasse um poderoso desestímulo à pequena confecção doméstica ou em ateliers. O declínio deste tipo de atividade só se dará anos mais tarde. (Abreu, A. op.cit.pg76).

Nestas duas primeiras décadas, a indústria de costura ou confecções era basicamente formada por pequenas oficinas, com uma média de 14 a 20 operários, algumas máquinas de costura de propriedade das próprias costureiras. No mais uma oficina organizava-se com moldes, manequins, tesoura, agulhas, alfinetes, linhas, fita métrica, e, dando movimento a tudo isso, muito trabalho manual. Eram pequenas oficinas, ateliers, alguns até famosos dirigidos por modistas e costureiras reconhecidas pela sua competência e qualidade de serviço.

Não havia mais do que 4 ou 5 grandes oficinas de costura em São Paulo. Uma das maiores era a Mappin Stores Ltda. que em 1929, empregava 124 operários. (17).

O ramo da costura era também bastante especializado - Envolvendo atividades muito bem definidas. como podemos perceber pelos anúncios publicitários- "*Lingerie Elegante - Especialidade em enxovais e Roupas Brancas em geral.*"

F. Autuori & comp.

144-B, Rua da Liberdade, 144-B

São Paulo

(Almanach do Estado de São Paulo - 1916)

- " Grande Officína de Costuras; CASA DIDIER -
O mais sortimento de vestidos, toucas, chapéus
e calçados.

Especialidade: Enxovais para batzados e Recem-
Nascidos e fino sortimento de Pêlisse e Capas
Bordadas à mão - Roupas para meninos.

(...)"

R. Direita, 39-A - São Paulo "

(Almanach do Estado de São Paulo - 1916)

- " Casa Orlando - Tailleur - Orlando Toschi
Grande officína de Costumes para Senhoras, Chã-
peos e Colettes, Blusas, Pelles e Phantasias -
finas para chapéus e um rico sortimento em
flôres.

Praça da República, 16 - tel. 2887 - S. Paulo".

(Almanach do Estado de São Paulo - 1916)

- "O DERBY: (Alfaiataria) - Andrade & Marques
Importadores de Casemiras Estrangeiras

Executa-se qualquer figurino - Tailleur para
Senhoras

Especialidade em obras finas e Ternos sob medi-
da.

Os trabalhos desta casa garantidos tanto na
qualidade das fazendas como na perfeição do a-
cabamento.

Ternos a prestações mensais convencionadas.

12, Rua Mal. Deodoro, 12- S. Paulo"

(Almanach do Estado de São Paulo - 1916)

- "MAPPIN STORES (Soc. Anonyma Inglesa): com
o nosso stock de Lingerie finissima, importa-
da de Pariz, e um sortimento bellissimo em
roupas para cama e mesa das melhores qualida-
des Inglezas, estamosmuma

des Inglezas, estamos numa posição muito boa para fornecer enxovaes de fino gosto por preços muito razoáveis.

Convidamos as Exmas. noivas e respectivos para inspecionar o nosso stock, e avisamos que temos bordadeiras hábeis para fazer qualquer encomenda especial.

Rua 25 de novembro, 26 - Caixa Postal 2391 - SP"

(Almanach do Estado de São Paulo - 1916)

As costureiras espalhavam-se trabalhando como assalariadas das grandes firmas ou nos ateliers de modistas; à domicílio; por encomenda das grandes fábricas ou ainda e principalmente por conta própria.

Um dos ramos mais limitados era o da confecção de roupas brancas, que envolvia a feitura de enxovais, lençóis, toalhas, camisolas e também ternos brancos para homens. Este setor inclusive é o que oferece menores opções profissionais embora não saibamos porque. Referindo-se à criação das escolas profissionais femininas, aparece o seguinte comentário no Relatório do Sec.do Interior de 1917:

" Sob o ponto de vista dos interesses, da via operária, as oficinas mais importantes são as de confecções, bordados, flôres e chapêus. A oficina de roupas brancas é a menos procurada pelas candidatas à matrícula por tratar-se de um ramo especial de costura que não lhes oferece vantagens remuneradas na vida prática". (Ribeiro, M.A. op.cit pg 35/37)

A categoria das costureiras compunha-se por diferentes setores, com atividades e estrutura bastante diversificadas entre si, guardando, porém, um ponto comum: um aprendizado longo, habilidade manual e conhecimentos, falendo com que se distinguisse dentro dela as profissionais competentes. Como se formava uma costureira? O depoimento de Dona Cezira

nos diz muita coisa; (18)

"Comecei a trabalhar em 1914, com onze anos, como aprendiz em um atelier de costura. Sempre quiz ser costureira, era um sonho que tinha. A dona desta oficina trabalhava fazendo encomendas de roupa branca e fina para a famosa "Casa Alemã." Eu não ganhava nada como aprendiz, o que era grande vantagem pois a grande maioria tinha de pagar para aprender.

A minha função como aprendiz era a de fazer entrega, comprar aviamentos. Eu andava muito pelas ruas, a pé ou de bonde. Dentro da oficina, nós as aprendizes, limpávamos a sala, catávamos e lavávamos os alfinetes, arrumávamos os carretéis e as linhas, porque quando as costureiras chegavam tinha que estar tudo arrumado. Nós não tínhamos horário nem para chegar nem para sair, trabalhando inclusive sábados e domingos.

Depois de 6 meses comecei a ganhar 5\$000. Nesta época meu pai comprou para mim uma máquina de costura à prestação. Aí eu passei para meia ajudante, ganhando 10\$000 e acabei, com o meu dinheiro, de pagar as prestações de máquina.

Trabalhei numa oficina 1 ano e meio, tendo saído para ajudar a minha mãe que estava muito doente em casa.

Eu aprendi muito trabalhando aí, porém eu não gostava do serviço de roupa branca, pois meu grande sonho era costurar vestidos. A roupa branca era roupa íntima de enxoval, com quase tudo feito à mão. Um enxoval completo compunha-se de toucas, camisas brancas, camisolas, calças, combinações, anáguas, salinhos, tudo entremeado de fitas, rendas, flores, nervuras, casa de abelha, acabamento finíssimos. Os bordados eram feitos em outras oficinas que só faziam isto. Levava-se meses e meses para se fazer um enxoval completo. Eu me lembro de riquíssimos enxovais que foram feitos para casamentos nas famílias Prado, Matarazzo.

As oficinas eram bastante especializadas. Havia as

de vestido de mulher, as de tailleurs e também os alfaiates. Mesmo entre os alfaiates haviam aqueles que só faziam paletô e coletes, outros só calça e assim por diante. Todos estes ofícios eram bastante artesanais, muita coisa feita à mão.

Depois de ficar parada um ano e meio eu fui trabalhar numa outra oficina, na R. Ribeiro da Silva, aonde existiam três excelentes oficinas de alta freguesia. Bom, nesta pequena oficina da Ribeiro da Silva, trabalhava a família do proprietários com mais duas ou três moças ajudando. O Chefe da família era alfaiate e fazia os "tailleurs". Comecei como meia ajudante e deveria ganhar 60\$000. Deveria, pois fiquei lá um ano e só recebi dois ou três meses, depois nunca mais recebi nada. Aí eu saí e fui trabalhar numa outra oficina na Av. São João, mas fiquei pouco tempo pois tinha que trabalhar até muito tarde e o meu pai ficou aborrecido. Meu pai era um homem muito rigoroso escolhendo pessoalmente o local de trabalho para os filhos, muito preocupado em verificar a moralidade do ambiente de trabalho. Ele chegou a me proibir de trabalhar em uma oficina que fazia fantasias de carnaval! Mesmo para os filhos homens havia essa preocupação em conhecer os donos, os colegas de trabalho.

Na maior parte das oficinas o trabalho era assim : haviam as aprendizes, depois as meia ajudantes que alinhavam, arrematavam, faziam acabamentos. Em seguida os cortespe-la mestra ou oficial. Quem experimentava era a mestra. A meia ajudante ganhava 60\$000 e a ajudante perfeita de 80\$000 a 100\$000.

Em 1921, quando eu estava com 18 anos, minha família mudou-se para Santos. Lá eu comecei a trabalhar numa grande oficina de propriedade do Sr. Luiz Donadelli e suas irmãs. Eu cheguei lá e disse que era ajudante perfeita. Eles gostaram do meu trabalho e me aceitaram como ajudante perfeita ganhando 100\$000. Esta oficina era grande e muito "chic", costurando para as mulheres mais importantes de Santos e também para as amantes dos fazendeiros, que eles mantinham vivendo lá. Eram quatro os donos: dois irmãos que eram chapeleiros (lá se faziam belos chapéus, havia até uma máquina para fazer

chapéu de palha da Itália) e duas irmãs que se ocupavam da oficina de costura. Uma vez por ano eles iam à Europa assistir - desfiles e comprar matéria-prima. Nesta oficina eles forneciam a fazenda, os enfeites, complementos. Quando voltavam eles fechavam a oficina e preparavam uma coleção para desfile. As duas irmãs usavam sempre belos vestidos, na última moda. Por serem muito bonitas eram verdadeiras manequins da própria oficina.

Lá trabalhavam vinte moças. Havia duas mesas: numa as mestras desenhavam e cortavam as roupas, na outra ficavam as costureiras, lado a lado uma ajudante perfeita, uma meia-ajudante. Lá havia uma hierarquia entre as ajudantes: 1ª ajudante, 2ª ajudante e assim por diante.

Não havia quase aprendizes.

Se bem que não fosse muito bom, o salário lá era melhor que nas outras oficinas. Eu em 1924 cheguei a ganhar 200\$000, o que era um excelente salário. E também eu fazia (escondido é claro!) vestidos por fora para algumas freguesas, cobrando 70\$000.

Em final de 1924 minha família muda-se novamente para São Paulo. Eu e minha irmã Luiza abrimos nossa própria oficina. Ela fazia "tailleurs" e eu, vestidos. Chegamos a ter umas cinco ou seis ajudantes. Nós também íamos até a casa de certas freguesas, cobrando 7\$000 por dia. Minha freguesia era composta por gente rica. Neste tempo eu já sabia de tudo que se podia fazer com uma agulha e linha, tudo mesmo que se referisse à costura.

Nesta época eu já estava noiva. Em 28 de outubro de 1925 casei-me e aí parei, pois o meu marido me proibiu de trabalhar. Porém como ele era alfaiate, logo eu comeci a ajudá-lo no seu serviço, nos intervalos do trabalho doméstico.

Eu tive quatro filhos em cinco anos e sempre dei conta do serviço da casa e de ajudar meu marido.

Ficamos assim até 1929/30, quando a grande crise fez

com que desaparecessem os serviços para nós. Aí fomos tomar conta de uma sorveteria. Foi um serviço muito duro, tempos difíceis, de muito trabalho. Nesta época eu aprendi tricô e crochê, e comecei a fazer isto também.

Em 1932 quando já havia passado o pior da crise o meu marido voltou a trabalhar como alfaiate e eu fui procurar trabalho na Casa Marieta, uma das primeiras lojas de São Paulo a vender roupa pronta. Como eu tinha filhos pequenos, ofereci ao dono da loja (um judeu) para fazer o serviço em casa e depois entregar. Como ele havia ficado impressionado com a qualidade do meu trabalho, aceitou. Aí eu coloquei duas ajudantes e comecei a trabalhar para a loja e para freguesas particulares, ajudando (Grifo Nosso) meu marido, porque o ofício de alfaiate era muito mal remunerado.

Daí por diante minha vida foi sempre assim. Nunca mais parei de costurar. Mesmo quando já não precisava mais de dinheiro continuei, pois ser costureira era minha vocação"

A expressividade contida nas palavras de D. Cezira traduzem-se, em muitos momentos na questão da vontade, do sonho de ser costureira, a satisfação sentida com o trabalho. A costureira mantinha uma relação de prazer com sua atividade, que conservava, de uma certa forma, o seu caráter lúdico: "Atualmente que já não preciso mais, continuo - costurando para me distrair", diz D.Cezira.

Costurar como uma forma de distração, de ocupar o tempo parece ter sido uma das funções da costura para as mulheres. Atividade ligada a condição feminina, costurar e bordar, até alguns atrás, eram ensinados à todas. Mesmo para aquelas que não precisavam viver de seu trabalho, a costura tinha um caráter lúdico. Fazer o enxoval do próprio filho, bordar o enxoval de casamento ou um monograma valorizava as mulheres abastadas.

Para as mulheres mais pobres, fazer a roupa em casa era a única maneira de conseguir vestir a família. No

No limite, costumavam para algumas freguesas ou iam para as oficinas. Pelo depoimento de D. Cezira porém parece que o trabalho regular nos ateliers era evitado.

Outro ponto importante a que se refere este depoimento liga-se à questão da aprendizagem do ofício de costureira. Vejamos um anúncio da época:

" *Oficina de costura e lições de corte: vende-se sob medida tailleurs de casimira. Confecciona-se vestidos leves e para noivas a preço sem rival. Aprontam-se chapêus e colletes, fazendo-se reformas. Dã-se lições de corte também à domicílio. Aprontam-se alunas em um mês garantido. Restitue-se a importância caso não fique habilitada. Pagamento: 200\$000 em duas prestações.*

M^{me} Chiquinha

Rua Sta. Efigênia, 116-A - tel: C-3675

(O Parafuso, 29/04/1919)

É de supor todavia, que esta aprendizagem deveria ter início de forma amadora, dentro de casa, uma vez que o trabalho de costura sempre foi tradicionalmente uma atividade doméstica de mulher. Tratava-se de um tipo de aprendizado mais elementar, que não envolvia certo tipo de conhecimento que a costura profissional exigia. Daí a necessidade de uma aprendizagem profissional organizada, principalmente, nas próprias oficinas e ateliers e em algumas escolas particulares. A primeira Escola Profissional Feminina do Brás (19) é inaugurada em 1911 e nesta escola foi oferecido curso de costura. O número de alunas formadas é relativamente pequeno para atender à demanda de mercado e deve indicar que a formação desta mão de obra ocorria em outros lugares

Uma boa parte da aprendizagem era paga pela própria costureira. D.Cezira mesmo considerava uma grande vantagem não pagar para aprender. Elas além de adquirirem os conhecimentos, trabalhavam nas tarefas mais tediosas (lava-

gem de alfinetes, a limpeza do local, ocupavam-se das entregas, os acabamentos das roupas), e não recebiam pagamento, além de estarem submetidas a uma jornada maior.

Um outro depoimento vem confirmar as palavras de D. Cezira. Ele está presente no livro de Ecléa Bosí, "Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos", na voz de D. Alice, uma ex costureira:

" Com dez anos comecei a trabalhar numa oficina de costura (...) ganhava 5 mil-reis por mês. As meninas varriam a sala, juntavam os alfinetes do chão arrumavam as linhas nas caixas (...).

Com doze anos comecei a trabalhar numa oficina de costura na Rua Duque de Caxias (...) Eu já chuleava, fazia uma bainha, com certeza eu já tinha uma tendência para isso. Naquele tempo não havia tantas máquinas de ponto "à-jours" (...) e eu, depois que as moças saíam, ficava para ajudar minha mãe, fazendo gregas de ponto "à-jours" ou ponto "à-jours" corrido."

Uma hierarquia envolvia este tipo de trabalho nas oficinas e ateliers: as aprendizes, as meia ajudantes perfeitas que montavam e costuravam as roupas; a mestra ou oficial que cortava e provava as roupas. Esta hierarquia podia chegar, conforme diz D. Cezira a distribuição espacial no recinto de trabalho:

"Haviam duas mesas: numa os mestres desenhavam e cortavam as roupas, na outra ficavam as costureiras, lado a lado-uma ajudante perfeita, uma meia ajudante. Lá havia uma hierarquia entre as ajudantes: 1ª ajudante, 2ª ajudante, e assim por diante."

Esta hierarquia podia significar, além de uma escala baseada no estágio de aprendizagem, a existência de uma outra estabelecida pela competência e habilidade. Nem todas deveriam chegar ao mesmo nível profissional. Algumas talvez interrompessem seu aprendizado ou então não dispunham de con

dições efetivas para um ofício que exigia grande paciência, concentração e precisão.

Um outro detalhe chama também a atenção: casa costureira era proprietária de seus instrumentos de trabalho. As agulhas, a tesoura, o avental, o metro e frequentemente a máquina de costura, pertenciam-lhes e adquiri-los fazia parte da formação da costureira. Noticia-se inclusive na imprensa operária que, em alguns casos, como reprimenda, os proprietários se recusavam a devolver os instrumentos de trabalho de algumas costureiras demitidas. A posse deste instrumental devia permitir-lhes sempre que possível, a instalação por conta própria ou então trabalhando com alguma oficina, continuar tendo suas freguesas particulares. Isto permitia uma grande autonomia.

De qualquer forma, já assistimos neste período a tentativa de tirar do controle da trabalhadora o domínio do processo de produção: nem todas chegavam ao posto de mestras. Porém se muitas não conseguiam chegar até lá, dificilmente uma mulher que passasse muitos anos dentro deste "metier" deixaria de conhecê-lo, de uma forma ou de outra, embora nem todas chegassem ao mesmo nível de formação. Aprender o ofício completo deveria inclusive ser estímulo, muito embora nem todas fossem igualmente dotadas "à qualidade" do seu serviço, isto significava que, como toda profissão artesanal, algumas eram mais habilitosas e capazes do que outras. Cercava-se de um certo orgulho e consciência de pertencer a esta profissão:

Diz D.Alice:

" Minha sogra costurava. Ela era uma artista grifeo nosso, fazia enxovais para as famílias mais antigas de SP, (...). Suas 2 filhas seguiram a profissão"

(Bosã E. (op.cit.pag.62)

O trabalho destas costureiras, descritos nestes depoimentos, que ocupou praticamente toda a vida dessas mulheres pe

netrou profundamente as suas vidas ficando bem claro que para elas "ser uma costureira" significava um lugar bem definido na hierarquia do mundo do trabalho.

Este trabalho é também, de uma certa maneira, compatibilizável com a vida doméstica de pós-casamento. Raramente elas paravam de trabalhar com costura. Se, por um certo período, permaneciam só dentro de casa, continuaram costurando para "os seus" ou então como costureiras à domicílio, trabalhando por encomendas ou costurando para freguesas em casa.

Um outro ponto chama a atenção. Depois do casamento, D.Cezira passa a encarar seu trabalho como complementar ao do marido. Mesmo quando é evidente que ela ganhava mais. Cuidar dos filhos também, sempre foi um forte motivo para que ela continuasse dentro de casa.

Estes 2 momentos parecem articulados em torno de uma mesma questão: o trabalho da costureira adaptava-se melhor às atividades domésticas, pois ela podia costurar em casa, sempre que necessário. Encará-lo como complementar devia reforçar esta perspectiva e significa uma forma de resistir ao ingresso - em situações de trabalho penosas, nas oficinas e ateliers.

Neste ponto podemos perceber que o processo de formação da costureira, a extrema especialização deste setor, a propriedade dos instrumentos de trabalho, a habilidade e conhecimentos técnicos exigidos, tudo isto fazia com que as costureiras formassem um grupo distinto da trabalhadora fabril. A intermediação das máquinas não era o suficiente para eliminar a necessidade de habilidade manual e do tempo que levava para formar uma profissional competente.

Se a produção em larga escala da máquina de costura constituiu um novo fator para a exploração capitalista com a ampliação do número de oficinas de costura, por outro lado foi também responsável pelo desenvolvimento de um certo tipo de resistência e de manutenção do trabalho doméstico.

A máquina de costura foi a invenção que alterou mais de perto o trabalho da mulher nos séculos XIX e princípios do

XX, porém a sua utilização não teve como consequência imediata a transferência das indústrias de vestuário para as fábricas . Muito pelo contrário, podemos supor até que incrementou e revolucionou a produtividade do trabalho à domicílio. (20)

A máquina de costura foi de fato um dos primeiros bens de consumo durável fabricado em larga escala, por Isaac Singer em 1851. A Singer já possuía todas as características principais das máquinas modernas que permitiam efetuar costuras simples de maneira rápida. Seu baixo preço facilitaria sua utilização - por consumidores individuais.

Já o seu uso em escala industrial incentivou uma série de invenções correlatas como aquelas relacionadas com o corte dos tecidos e nas operações de riscagem dos moldes. Mesmo assim isto só era possível para um certo tipo de costura padronizada. Os padrões da moda variavam muito, o que impedia a elaboração de molde fixos. Por volta de 1900, existiam nos EUA máquinas de grande porte para cortar grandes volumes. Porém até esta época ainda não existiam máquinas que substituíssem o trabalho manual naquelas operações onde a costura devia ficar invisível, ou seja, naqueles processos onde o fio não atravessava inteiramente o tecido, como nas bainhas, na forração com entretelas, em colarinhos, várias operações de acabamento como pregar botões e fazer casas. É só nos primeiros anos do século XX que assistimos a invenção da máquina de casear e pregar botões e da máquina que fazia costura invisível (blind stich).

Contudo essas invenções tiveram uso bastante limitado basicamente para a produção industrial de um certo tipo de roupa pronta como macacões, aventais, etc. No vestuário feminino e na roupa de passeio de homen, essas inovações foram pouco utilizadas, permanecendo por longo tempo ainda a máquina de costura e a tesoura movimentada pela habilidade da mão humana.

Esta categoria também comportava trabalhadoras das quais se exigia pouca ou praticamente nenhuma preparação e cuja atividade estava muito mais próxima a das operárias sem qualificação. Eram , costureiras sem qualificação. Eram as costureiras de sacos e trabalhavam para as grandes indústrias de

tecido, confeccionando sacos de carregaçãõ. Neste anúncio fica relativamente claro: :

" Cia Nacional de Tecidos de Juta - Fáb. Sant'Anna - SP.

Fiação e Tecelagem de Juta, aniagens e tecelagem de lã.

- Tapetes, lonas, baixeiros e lençõis para terreiro de café, sacos para colheita de café (...) sacos especiais para arroz em casca ou beneficiado, sacos para cereais.

Lona especial para colchão. Tapetes (...) Cobertores (...).

Escritório: R. Álvaro Penteado, 24 - São Paulo"

(Almanach do Estado de São Paulo - 1906)

Estas costureiras de sacos eram consideradas como categoria "diferente" das outras pela própria imprensa operária. Numa notícia de 13/07/1906, no auge da movimentação operária aparece esta referência:

"Costureiras de sacos: Os operários (grifo nosso que costuram sacos, quase todos do sexo feminino (...))"-

(A Terra Livre, 13/07/1906)

ou ainda

"Greve das Costureira: uma das classes mais ignominiosamente exploradas, a classe das costureiras de carregaçãõ, na sua quase totalidade mulher , agitam-se para arrancar um aumento de salários. Contudo nesta categoria encontravam-se trabalhado nas pouquíssima ou quase nenhuma organização Tem-se realizados algumas reuniões na sede da União dos Sindicatos (Federação Operária) (...). A União dos Sindicatos publicou um boletim apelando para a solidariedade das costureiras (...). Reuniram-se também os cortadores e resolveram ser solidários com as costureiras (...)"

(A Terra Livre, 26/11/1907)

Esta categoria tão dispare, comportando trabalhadoras altamente especializada, costureiras à domicílio e até a costureira de carregação, eram frequentemente noticiadas pela imprensa operária. Tentava-se inclusive organizá-las de acordo em uma mesma associação propondo ligar a União das Costureiras e Classes Anexas à União dos Alfaiates:

"Necessidade de organização: (referindo-se à União dos Alfaiates): (...) Lembro a necessidade que há na nossa união, de arregimentar todas as categorias deste ramo de trabalho (...). Os oficiais de primeira e segunda, confecção, carregação, coleiteiras, calceiras, alfaiates de senhoras, e mesmo, costureiras de todas as diversas categorias, desde que vivam - deste trabalho, para que a classe em geral tenha - conhecimento de todas as irregularidades. (...)"
(O Alfaiate, 17/06/1920)

Tambem propunha-se a sua organização junto com os chapeleiros.

"Pelas Costureiras: É absolutamente necessário que as costureiras pertença, ao nosso gremio, afim de que em caso de luta estejam do nosso lado. E isto será mais vantajoso porque na associação se habituarão a conviver conosco e a interessar - se pelas nossas lutas, adquirindo ao mesmo tempo os conhecimentos necessários para a vida social.

Tendo em conta a condição moral em que é tida a mulher é conveniente que todos os sócios procurem fazer nas fábricas u ma propaganda oral, para as convencer que devem estar ao nosso lado na defesa dos nossos comuns interesses.
(...)" (O Chapeleiro, 15/08/1920)

Esta heterogeneidade fazia com que a sujeição, a resistência e combatividade destas trabalhadoras adquirissem características próprias. A propriedade dos meios de produção garantia a um bom numero destas mulheres, uma autonomia bastante grande. Estas características influíam, frequentemente nas suas lutas.

II.6. AS LUTAS DAS COSTUREIRAS:

Durante o período que pesquisamos, aparece com insistência na imprensa operária, notícias sobre as condições de trabalho das costureiras nas oficinas de costura. Denunciam a má-remuneração, o excesso de trabalho nas longas jornadas, os serões não remunerados:

" Situação aflitiva das costureiras que trabalham no atelier de M^me Braga.

(...) as pobres filhas do trabalho que em busca de ganho para si e para suas famílias tiveram a desditosa sorte de serem costureiras e auxiliares ou ajudante do atelier de M^me Braga.

Esta senhora que auferre lucros altíssimos (...) - tem a falta de caridade de fazer as pobres moças trabalharem (...) desde 7 1/4 da manhã até 12 horas e (depois) trabalham até 7 1/2 da noite, sem direito sequer de levarem à boca o mais frugal alimento (...). Quase que diariamente são obrigada a fazerem "serão" que dura até às 11 ou 11 1/4 da noite (...).

(...). As moças são pessimamente remuneradas, com salários exíguos (...). Além disso são maltratada pela M^me e pelo esposo desta que qualifica as moças de sem vergonhas.

(...)" (O Parafuso, 13/05/1919)

A movimentação foi articulada com os momentos de ampla agitação do movimento operário nos anos de 1906/1907 e 1917/1920. Embora existam movimentos isolados desta categoria, sua força maior aparece ligada à efervescência mais geral.

Em todos estes 2 períodos, que foram objeto desta pesquisa, uma questão se colocava com muita clareza: Como organizar e homogeneizar uma categoria tão complexa, com um espectro tão grande de variações ? Como reunir, num mesmo movimento, costureiras de sacos, costureiras em seu próprio domicílio com até 1 ou 2 ajudantes, donas de oficinas (quando também eram costureiras) e as trabalhadoras especializadas destes ate

liers?

Entre 1906 e 1907 encontramos na imprensa operária muitas referências à organização das costureiras em torno de reivindicações sobre jornada de trabalho, salários, tentativa de formação da União das Costureiras e também de algumas greves.

Neste período a movimentação parece ter iniciado com as costureiras de sacos.

Em 13/07/1906 aparece uma notícia no jornal "A Terra Livre" sobre uma reunião das costureiras de sacos onde ficou resolvida a fundação de uma associação desta categoria. Em 22/08/1906 este mesmo jornal noticia que as costureiras de sacos "reclamavam aumento de salários e que patrões temendo uma greve cederam imediatamente." (A Terra Livre, 22/08/1906).

É porém com o manifesto dirigido às costureiras de São Paulo, assinada por Tecla Fabri, Tereza Cari e Maria Lopes que se inicia uma movimentação mais ampla desta categoria. Após este manifesto começam a surgir na imprensa operária, principalmente no "La Battaglia", "A Terra Livre" e "Avanti," notícias sobre as tentativas de organização das costureiras.

Este manifesto começa reclamando da apatia geral que domina a "classe das costureiras" e segue dizendo:

"[...] resolvemos nós fazer uma nova (grifo nosso) tentativa em defesa de todas. É justo recordar que já por vezes alguns amigos (...) Surgiram em nossa defesa. Mas esperamos que não nos deixareis pregar no deserto.

Devemos demonstrar enfim que somos capazes de exigir o que nos pertence; e se todas fossemos solitárias [...] Começaríamos a desmascar a cupidez dos - patrões sanguessugas.

(Na última greve geral) ficou provado claramente - que a nossa classe é a mais ignorante, a mais atraçada [...].

Nós passamos indiferentes pelo meio dos grevistas que enchiam as ruas da cidade e fomos trabalhar. No entanto, naquela multidão estavam nossos pais, nossos irmãos, nossos noivos, por entre os quais nos passamos sem pensar e eles reclamavam um direito para nós também. E assim demonstramos ainda quando não tínhamos afetos de família, nem amor!

Reflete (...) que devemos ser solidárias com os que lutam pela libertação do trabalhador, e queremos ser ajudadas (...)

Recusemos a trabalhar à noite. Em muitas partes - os homens já conseguiram jornadas de 8 horas e nós do sexo fraco temos que trabalhar até 16 horas. Pensai (...) no vosso futuro de mães, e que, se continuarmos a consentir que nos desamparem (...) a maternidade será para nós um martírio e nossos filhos pálidos e doentes.

E vós, que sois nossos pais, certamente nos ajudareis, porque não temos força para trabalhar até 11 horas da noite (...).

E nós também queremos as nossas horas de descanso para dedicarmos alguns momentos à leitura, ao estudo, porque quanto à instrução temos bem pouca e se esta situação continua, seremos sempre (...), máquinas humanas manobradas à vontade (...).

Como se pode ler um livro, quando se trabalha de 7 da manhã às 11 da noite. Se nos sobram 8 horas de repouso (...).

Nós esperamos que nos ajudareis a denunciar os patrões. Sim! Contamos com vosso apoio de irmãos e companheiras (...)."

(A Terra Livre, 28/07/1906)

Toda esta agitação resulta em um manifesto que é entregue ao prefeito e que continha suas principais reivindicações. Esta decisão é criticada pelos Editores do "Terra Livre e do "La Bataglia":

" *As Costureiras de São Paulo: Esperávamos que estas companheiras obtivessem a satisfação das suas justas reclamações, mas infelizmente vimos que tomaram o caminho errado, apresentando a petição ao prefeito.*

Tiveram coragem de pedir o que de direito lhes pertence (...)

(...) com sua petição as costureiras mostraram grande falta de senso prático e de vontade própria: em vez de se servirem de suas próprias - forças recorreram logo à autoridade, (...)

Que pediste vós (...)? A entrada na oficina às 8 horas da manhã e o encerramento das mesmas - às 7 horas da noite, (...) continuando a trabalhar com portas fechadas, como fazem agora: fecham às 8 horas porque fecha o comércio, e o trabalho até às 11 ou 1/2 noite.

(...)

(...) a reclamação cai na inabilidade de não reunir a solidariedade de todas (...), de não interessar (...) todas as operárias da agulha (...)".

(A Terra Livre, 9/08/1906)

O final desta notícia já aponta para uma dificuldade evidente: a de conseguir a união de todas as costureiras e que vai ficando mais evidente durante todas as tentativas de organização desta categoria.

Alguns dias depois sai noticiado que houve uma reunião pouco concorrida onde se redigiu um outro manifesto con-

clamando todas as costureiras para uma grande reunião na sede da federação operária para discutir sobre a criação de uma as sociação.

No dia 11/11/1906 as costureiras, após uma nova reu nião escolhem uma comissão que ficará encarregada de organiza uma sociedade de resistência. Afirma o jornal:

"Era o que tinham de fazer, e não ir ao prefeito (...)". (A Terra Livre, 11/11/1906).

No ano de 1907 esta primeira associação está em plena atividade. Sai um anúncio sobre uma festa que a "Liga de Resistência das Costureiras" realizará em benefício de sua caixa. Denunciam também a prisão de duas costureiras quando distribuíam na porta da Casa Bonilha, boletins de convocação para uma assembleia da classe. Elas foram presas à pedido do proprietário da loja e passaram uma noite encarceradas.

Em junho de 1907 ocorre uma greve onde eram reivindi cados vários melhoramentos, entre os quais os principais eram a jornada de trabalho de no máximo 9 ou 1/2 horas e aumento de ordenados. Afirma-se que quase todas as casas aceitaram as reivindicações, porém: "diversos patrões" (...)

Empregavam os mais baixos manejos para coagir e amedontrar as operárias, chegando (...) a mandar prender, depois de as insultar, duas - ou três costureiras, acusando-as de cabeças da greve. (...)

Continua a greve em algumas casas que não cede ram às reclamações das operárias". (A Terra Livre 01/06/1907)

Acompanhando a agitação deste priodo uma inflexão no movimento sobressai. Tendo começado com as costureiras de sa cos, o ápice da efervescência parece girar em torno das costu

reiras de oficinas e ateliers que se localizavam no centro da cidade de São Paulo. Talvez as costureiras de carregação tenham se articulado com os trabalhadores dentro destas indústrias.

Com o descenso geral que se abate sobre toda a operação nesta época, também desaparecem as notícias sobre estas trabalhadoras.

Somente em 1919, no bojo da agitação geral, volta a ser noticiado o movimento das costureiras. Em março reorganiza-se a "União das Costureiras" por parte de "costureiras - conscientes de sua dignidade e de seu valor, (que) decidiram-se a ser mulheres na verdadeira acepção do termo, e não manequins manejados pela vontade de seus algozes de ambos os sexos (...)" (A Plebe. 10/03/1919)

Esta união dirige uma greve interior a jornada das 8 horas em uma importante oficina, a "Casa Orlando", e também adere às comemorações do 1º de maio, pedindo o não comparecimento ao trabalho (21).

Em junho, a "União das Costureiras" realizou atividades muito interessantes e que também acompanham a movimentação geral dos trabalhadores, no sentido de controlar a mão-de-obra do setor. Isto se dava a nível da generalização de conquistas e decisões sobre todo o universo de ateliers e oficinas, como bem demonstra a greve da "Casa M^{me} Chanet" em setembro de 1919. Esta greve contou com o apoio da União dos Alfaiates e teve como reivindicação central as 8 horas. Não conseguindo que a proprietária da casa "M^{me} Chanet" atendesse às reivindicações, a União arranja emprego para todas as costureiras em outros ateliers e, "em casa de M^{me} Chanet" só continuaram a trabalhar as crumiras Antonieta Maria Passarela e Ignez Torino, as

quais além de traírem as suas companheiras tomaram agora a si o encargo de procurar novas crumiras (...)." (A Plebe, 11/09/1919)

Acompanhando os trabalhos do 3º Congresso Operário Brasileiro realizado no Rio de Janeiro em Abril de 1920 verificamos que a única categoria de mulheres trabalhadoras ali representadas são as costureiras através da "União das Costureiras" com a presença de Elvira Boni e Maria Lopes. No 3º Congresso Operário Brasileiro as delegadas apresentam um manifesto das costureiras do Rio de Janeiro:

Colegas de São Paulo, é preciso que a organização da mulher no Brasil seja um fato, e para isto conseguir é indispensável o abandono de muitos dos preconceitos, (...).

(...)

Avante companheiras para a luta! A solidariedade como fator principal em vossa Organização.

As delegadas representantes da União das Costureiras e Classes Anexas do Rio de Janeiro junto ao 3º Congresso Operário Brasileiro.

Rio de Janeiro, 29/04/1920. Ass.: Elvira Boni,
Maria Lopes

(O Alfiate, 17/06/1920)

"Aparece também um manifesto das Costureiras de São Paulo, pedindo o fim da espoliação" "a que nós mulheres somos vítimas e no entanto não procuramos um meio qualquer para acabar com a escravização (...) que além de roubar o pão de nossos companheiros e nossos filhos ainda tentam nos cobrir com o manto da Imoralidade. É necessário pois, colegas que recebamos este

apelo das nossas Companheiras do Rio de Janeiro e que, tomemos à sério a nossa organização! Acorramos às companheiras! organizemo-nos!

[...]

São Paulo, 10/07/1920 - Ass.: Maria dos Santos Almeida."

(O Alfabete, 17/06/1920)

Com estes dois manifestos podemos perceber que a organização desta categoria em torno de suas Ligas e Uniões, em São Paulo, parece estar periclitante. O próprio movimento geral dos trabalhadores parece estar tomando novos rumos, em direções novas de organizações mais abrangentes. (22).

A movimentação organizada das costureiras parece ter ficado restrita àquelas que trabalhavam nas oficinas centrais e que provavelmente estavam submetidas às condições de trabalho semelhantes. O depoimento de D. Cezira deixa bastante claro este tipo de atividade. Ela, inclusive, quando prestava seu depoimento referiu-se à sua irmã Luiza, que como ela também era costureira de oficina tendo participado intensamente de greves neste período.

Efetivamente congregar num único e só movimento uma categoria tão complexa era impossível. Quem tem seu pequeno atelier doméstico ou trabalha por conta própria em seu domicílio, dificilmente fará greve.

Alem desta resistência que se manifestava explicitamente organizada por categoria nas "Ligas" ou "Uniões", aparecendo autonomamente ou articulada ao movimento operário, uma outra questão chamou nossa atenção: trata-se daquela resistência cotidiana, a luta dentro das oficinas, no próprio ambiente de trabalho.

Nos depoimentos de D. Cezira e D. Alice em alguns momentos aparecem luzes à este respeito. Por exemplo: A inconstância nos empregos é uma característica recorrente. Todas as duas muda, de emprego frequentemente. É notável que para uma costurei-

ra realmente habilidosa, não fôsse difícil arrumar emprego. A destreza e perícia eram eficientes armas para elas.

Por outro lado, a propriedade dos meios de trabalho - permitia que elas continuassem trabalhando em suas casas. D. Cezira, mesmo quando trabalhava em oficinas, jamais deixou de ter suas freqüências particulares e, em vários momentos de sua vida, ela teve seu próprio atelier, junto com a irmã ou sózina. A qualidade de seu serviço permitiu, inclusive que ela continuasse trabalhando à domicílio, por encomenda de uma grande loja que vendia roupas feitas, a "Casa Marieta".

O casamento foi também um marco decisivo no "parar de trabalhar fora" assim como os filhos pequenos, embora no seu depoimento fique claro que ela jamais parou de costurar.

Estas costureiras à domicílio ou proprietárias de pequenas oficinas domésticas, provavelmente, eram um problema a organização da categoria. Quem tem seu próprio atelier ou freqüências particulares não tem porque fazer greves, reivindicar salários, jornada ou condições de trabalho.

Por outro lado, estas características deveriam fazer com que fosse extremamente complicado para os patrões obter e conservar mão-de-obra especializada dentro das oficinas.

Neste ponto o surgimento das grandes confecções industriais mecanizadas, com moldes prontos e produzindo em larga escala, pode ter eliminado esta resistência baseada num tipo de saber. A chamada roupa pronta, "jeans", camisetas de malha, que atualmente compõem o vestuário moderno pode representar uma etapa bem sucedida deste processo de desqualificação e desapropriação, pois a roupa pronta é feita por uma mão-de-obra cuja formação está muito longe daquela trabalhadora que mesmo dentro da grande oficina "era - costureira por vocação".

Pela imprensa operária, contudo, a imagem que transparece é da costureira já entregue sem reservas às condições degradantes que envolvia todas mulheres trabalhadoras descritas anteriormente neste trabalho. O próprio tipo de traba-

lho assalariado conduz à degradação e degeneração. As ingênuas, meigas e mansas costureirinhas, elegias em forma poética tentavam conscientizá-las:

" - A COSTUREIRINHA - "

Costureirinha meiga e mansa
Tu, que teus de ouro o coração,
Trabalhadora e frágil criança,

Vida sem luz, bocca sem pão,
Costureirinha, a dor sempre uma
do teu viver audoa escutar;
Por teu futuro ainda na quem teve uma;
tuberculose ou lupamar.....

Lutas em minha vizinhança
sob os olhares do patrão.

Vejo quando tua mão se cansa
e é tão franzina a tua mão!
Sonhas a vida sua alguma
Seu exhaustivo labutar,
Sem as angústias do problema;
tuberculose ou lupamar.....

E ainda teus, anjo, esperança!
Bendito ideal, doce illusão
que, no teu lábio triste dança

e vai florir uma canção!
Sagrada infância! e ainda há quem tema
a aurora, a luz que te arrancar
ã ameaça vil, a infância extrema
tuberculose ou lupamar.....!

Serã de dores tua extrema
e o teu destino ha de oscillar

*Nas 2 pontas do dîlema
Tuberculose ou lupamar!"*

Um offcio que se desvalorizava, ficando cada vez mais circunscrito ao mundo da alta costura ou da costura ocasional especializada, como por exemplo os vestidos de noiva. Não mais aquela orgulhosa "artista", costureira por vocação e sonho. A imagem que começava a destacar era e figura espoliada, oscilando dentre a degeneração e a degradação: tuberculose ou lupamar.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) - Ver o 1º Capítulo desta dissertação.
- (2) - Qualquer estudo sobre a indústria de fiação e tecelagem não pode deixar de lado o trabalho de Maria Alice R.Ribeiro, A condição de Trabalho na Indústria Textil Paulista-1885/1930, tese mestrado, mimeo, UNICAMP, 1980
- (3) - Mary Collier, (1793), na poesia que Thompsom transcreve deixa isso bem claro:

*.... cuando de vuelta en Casa estamos
Ay' sabemos que nuestro Trabajo no ha hecho más que
empezar;
Tantas cosas requierem nuestro cuidado,
Diez manos que tuvueramos, podríamos emplear.
Los Niños en la Cama, con el mayor Cuidado
Todo lo necesario para vuestro retorno preparamos;
Vosotros cenáis, y sin tardenza a la Cama vais,
Y descansáis hasta el siguiente Día;
Mientras nosotras, ay' poco Suenō podemos disfrutar,
Pues nuestros madrugadores Hijos lloran y gritan ...*

*En toda Labor tenemos nuestra debida parte;
Y desde el Día que empieza el Cosechar,
Hasta cortar y guardar el grano,
Nuestras cotidianas labores y tareas así extremamos,
Que casi nunca Tiempo para soñar tenemos.*

- (4) -- Saem notícias sôbre este fato, principalmente na imprensa operária. Jaime C.Americano (v. 1º capítulo sobre este autor, também se refere à este fato.
- (5) - Ver Capítulo I.
- (6) - Cf. Ribeiro, M.A.R. op.cit.
- (7) - Sobre esta questão ver: "Linebaugh, Peter. "Crime e Industrialização: a Grã-Bretanha no Século XVIII". Comen-

tário 1 de Bresciani, M. Stella, in "Crime, Violência e Poder", Pinheiro, P.S. (org) Brasiliense, 1982, pg 99)

- (8) - Sobre esta questão vier: Lara, Silvia H.: "O Castigo exemplar dos escravos no Brasil Colonial". in Recordar Foucault. Renato J. Ribeiro (org), Brasiliense, SP, 1985
- (9) - Esta discussão aparece colocada em: Edgard De Decca . "A Ciência da Fábrica:~ O Mundo de Cabeça para baixo." Projeto FINEP, UNICAMP, mimeo, 1983. Outros autores também se dedicaram a pensar este assunto como por exemplo: Maronis, Auréris, A Estratégia da Recusa , UNICAMP, tese mestrado, 1983.
- (10) - Sobre este período ver Campos, Cristina H. O Sonhar Libertário - O Movimento Operário nos anos 1917 a 1920 , tese de mestrado, mimeo, UNICAMP, 1983
- (11) - Vem em: Romano, Roberto. Igreja contra Estado. Tese Doutorado, USP, 1980.
- (12) - É interessante vermos que é somente depois da organização da UOFT que em outubro, novembro os industriais - tem a sua associação, o CIFT. É um processo extremamente tenso e complexo nestes anos. Marchas, contra - marchas, estratégias, avanços e recuos tanto pelos trabalhadores como entre os patrões.
- (13) - Estudaremos esta organização com mais detalhes, no 3º capítulo.
- (14) - O trabalho de Ecléa Boni, Lembrança de Velhos - Memória e sociedade , Paz e Terra, RJ; mais 78,2..., inspirou a parte inicial deste estudo.
- (15) - Abreu, Alice. O Trabalho industrial à domicílio na indústria de confecção. Tese Doutorado, USP. 1980.
- (16) - Ariés, Phillipe. História Social da Criança e da Família. Zahar, RJ, 1981
- (17) - Ribeiro, M.A." Qualificação da Força de Trabalho: a

experiência das Escolas Profissionais de SP (1911-1942),
Projeto Finep, xerox, UNICAMP, 1984

- (18) - Este depoimento foi prestado por D. Cezira Bacelli Caira em agosto de 1983, quando ela estava com 86 anos.
- (19) - Ver no 1º Capítulo
- (20) - Segundo Steadman-Jones processo semelhante à este aconteceu na Inglaterra no século XIX. ver: Out cast Lomdom - A Study in the Relations Between classes in Victorian Society. London, Penguin Books, 1970.
- (21) - Falando sobre a repercussão da greve em Campinas (SP) os jornais operários referem-se ao fato de que as costureiras desta cidade não se amedrontaram diante de ameaças de dispensa e resolveram, unidas, pedir demissão.
- (22) - Ver Campos, C.H , op.cit. 3º capítulo, quando trata da questão do descenso do movimento operário nesta época.

CAPÍTULO III

UM ESPAÇO PÚBLICO

III.1. PARTICIPAÇÃO ORGANIZADA

Se a todo momento encontramos anônimas figuras femininas, espalhadas pelas fábricas, oficinas, nas manifestações públicas, rindo, chorando, sendo presas ou espancadas, existiram algumas que marcaram nome e presença, ligadas à trajetória militante nos movimentos socialistas e libertários.

A atuação destas mulheres merece ser destacada sem que para isso seja necessário lembrar constantemente seus heroísmo ou uma propalada combatividade. Sua presença é um fato que marca, nos anos que estudamos, estes movimentos sociais. Expressaram sua opiniões sobre a necessidade de uma nova mulher. Embora a construção desta "nova mulher" seja um aspecto praticamente perdido na história, no seu cotidiano as militantes se colocaram, ou melhor, suas vozes ressoaram pelas posições que ousaram formular e assumir.

Participaram em várias frentes, escrevendo artigos em jornais, organizando escolas, grupos de teatro e de estudos, nas greves, comícios, nos movimentos organizativos da classe, em grupos de solidariedade. Colocaram publicamente seus corpos e idéias em festas, quermesses, comícios.

Destas socialistas e libertárias restou alguma memória na imprensa operária. Certos nomes aparecem com mais frequência, esparsos dados bibliográficos. De outras, restou apenas o nome e algumas idéias. São alguns fragmentos de imagens, certos sentidos perdidos, que em nossa pesquisa localizamos, por vezes de maneira bastante pontual.

Inicialmente, pesquisamos o jornal "Anima e Vita" dirigido pela socialista Ernestina Lesina.

Este nome aparece pela primeira vez ligado ao comício de protesto pela deportação de milhares de operários e revolucionários russos para a Sibéria, realizado no Cassino Paulista, na rua São João, em 07 de Agosto de 1904, onde Ernestina

discursou em nome das mulheres proletárias. Em 05/05/1905, ela faz em Franca (SP) uma conferência intitulada "Porque somos socialistas", com grande assistência.

Militante do movimento socialista em São Paulo, era natural da Itália, onde já militava no Partido Socialista. Faleceu em São Paulo, no dia 25 de Junho de 1910 (E. Dias, História das Lutas Sociais no Brasil, Edaglit, 1962, SP).

Entre 1904 e 1905, ela começa a editar uma revista escrita em italiano, chamada "Anima e Vita". Nesta revista, da qual tivemos a nossa disposição para pesquisar alguns poucos números, consta a seguinte lista de colaboradores: Ana Kulischioff, Ersila Magno, Ada Negri, Maria Cabrini, Maria Giudice, Angélica Balabanoff, Clara Zetkin, Gisela Michels, Paola e Gina Lombroso, Emília Mariani, Maria Bornaghe, e também Antonio Piccarolo, E. Ferri, F. Turati, E. de Amicis, C. Lombroso, G. Sergi, V. Oietti, L. Bissolati, E. Ciccotti, J. Jaures, A. Bebel, Max Nordau, Jean Grave, Novicov, entre outros.

Os artigos abrangem os mais variados assuntos ligados à temática da época, como anti-clericalismo, racionalismo, anti-militarismo, luta social, casamento. Romances ("Il Romanzo di una Principessa"; "Fiori e Spine") (19/03/1905), com forte conteúdo social, de onde emergem figuras femininas conscientes, ligadas à causa revolucionária. artigos anti-militaristas ("I Soldati"; "Pátria e Umanità") (18/07(1905), contra o alcoolismo ("Combatiamo l'Alcool") (26/03/1905), preocupações com a velhice ("Il Vecchio Bianco") (19/08/1905).

Porém, grande número de artigos referem-se à condição feminina. Amamentação, maternidade, amor livre, educação, anti-clericalismo, são temas tratados. A figura da mãe, a imagem de uma nova mãe é constante:

"Alle Madri:

E a voi, o madri, (...) a voi che avete il compito di infondere l'educazione del cuore alla nuova

generazione, a voi cui incombe il compito de coltivar il gentil giardino dell'infanzia dove la tenere pianticelle dell'oggi saranno robusto alberi che dovranno sostenere la lotta contro le bufe re sociali, che dovranno resistere alla corruzione invadente, che dovranno purificare il terreno della umamità dalla zizzania parassita che viva a spese di chi tutto produce.

(...)

Coltrivatrici all gentile giardino dell'infanzia, questo è ul vostro compito: Eseguitello con cura, con tutto l'entusiasmo che può infondere in voi l'amore materno e l'umamità e l'umamità ve ne sarà riconoscente."

(Anima e Vita, 19/03/1905)

Um novo referencial do amor materno se esboça em torno da educação formadora da consciência social, necessária à luta contra a dominação burguesa. Em "La Famiglia" (18/07/1905), a mesma questão cerca a figura feminina. Educar aparece como sinônimo de combate a certos vícios burgueses: adultério, casamento sem amor, diferenças sociais, etc., presentes na estrutura familiar. Nesta estrutura, estava reservado um papel fundamental para a nova esposa e mãe.

Outra frente aberta referia-se ao combate do clericalismo, que encontrava na figura da mulher um elemento facilmente aliciado. Inculta, supersticiosa, submissa, inconsciente, a mulher constituia-se num campo fértil para a proliferação da praga religiosa ("Donna e Religione", 18/07/1905). A responsabilidade pela educação dos futuros homens e mulheres ficava seriamente comprometida, se não fosse feito um esforço contrário para extirpar o mal.

Combater este estado de coisas significava avançar em questões difíceis, como a das relações amorosas:

"Ma che la dovera, proletaria o borghese, sia la piú accanita avversaria della libertã d'amore, essa che della morale in uso subisce tutti i pesi e sopporta tutti le catene, essa che dovrebbe essere in prima dilla e rivendicare il suo diritto alla vita, ecco una strana caso, che non si spiegherebbe, se...

(...)

La moralí borghese ã un affare di denari, anche nei rapporti face homo e donna.

(...)."

(Anima e Vita, 30/07/1905)

Negar a moral burguesa em todas as situações, esta a tarefa que se propunham as socialistas dispostas a educar, conscientizar e elaborar a figura de uma nova mulher, para todas as classes sociais. Burguesa, operária, pobre ou rica, todas estavam presas às mesmas cadeias do cativo feminino. Em "Serva e Padrona" (18/07/1905), duas personagens situadas em diferentes pontos da escala social são colocadas como escravas da mesma situação de opressão da sociedade sobre as mulheres em geral. Construir uma nova mulher para E. Lesina e as outras socialistas da revista "Anima e Vita" significava incitar rebeldia contra as relações tradicionais entre homem e mulher, patrão e trabalhador, jovens e velhos, professores e alunos, revendo a função da mãe, da esposa, peças-chaves na transformação social.

Dado o restrito número dessa revista a que tivemos acesso, não ousaria afirmar ser este o pensamento predominante entre as mulheres socialistas da época. Contudo, é possível afirmar a semelhança de temática desenvolvida pela "Anima e Vita" e a das militantes socialistas com a das libertárias do mesmo período.

É na imprensa libertária que vamos encontrar um nú

mero razoável de mulheres manifestando suas opiniões. Por volta de 1910, um nome ganha destaque: o de Josefina Steffani Bertachi (Giusepina Steffani Bertachi). Foram muitas as notícias de suas conferências sobre a mulher, anti-clericalismo e anti-militarismo.

De Josefina localizamos dois artigos no "Terra Livre". Em "O que deveria ser a verdadeira Mulher" (A Terra Livre, 15/06/1910), ela esboça a verdadeira figura de mulher: "nem feminista ultra e nem massaia, mas a mulher amada e amante". Defendendo as diferenças entre homem e mulher, afirma contudo que isto não implica em inferioridade ou superioridade intelectual, citando Mme. Curie como prova da capacidade intelectual da mulher. Deseja que a mulher não seja mais somente uma máquina doméstica cuidando da casa, criando filhos, emburtecida. Para a mulher pobre operária, precocemente envelhecida pelo excesso de trabalho, denuncia uma situação pior.

Como saída para tal impasse, propõe a subdivisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, a criação de creches, licença gestante durante a gravidez e a amamentação, e que a educação infantil esteja aos cuidados da comunidade.

Seu segundo artigo, "Casas de Convalescença" (A Terra Livre, 21/08/1910), critica as condições de atendimento nos hospitais onde os doentes são tratados com números, sem carinho e sem dedicação. Descreve a situação angustiante da mãe que, sendo obrigada a hospitalizar-se, vê os filhos abandonados ao acaso. Dentro dos hospitais, impera a indiferença pelas angústias humanas e um imenso abandono emocional, que retarda a recuperação da saúde daqueles que se vêm arrancados do conforto, carinho e proteção do seu lar.

Os artigos de Josefina resgatam uma dimensão feminina mítica, privada, o seu papel abnegado, prolífico, materno, de responsável pelo cuidado das crianças, enfermos, desvalidos. Por outro lado, ela aponta soluções contemporâneas como subdivisão do trabalho doméstico, formação intelectual da mulher,

amor livre. Ela tenta traduzir e solucionar o impasse oriundo da condição que colocou a mulher em um novo campo de ação: à esfera de vida pública, ligada principalmente, à sua condição de trabalhadora despossuída, de ser humano colocado diante da sociedade de mercado de trabalho livre, que teve como um dos efeitos colaterais mais importantes "a admissão, mais ou menos súbita, na esfera pública de todo um segmento da população que assim, pode aparecer em público (...)" (Arendt, H., op. cit., p. 229-230).

A luta pela emancipação dos trabalhadores é contemporânea à da emancipação das mulheres. Este duplo movimento, que lança a mulher nas ruas e invade sua privacidade, será discutido à exaustão, colocando novos problemas e explicitando velhas situações.

Neste período, também proliferaram grupos femininos noticiados pelo jornal "A Lanterna", ligados ao movimento anticlerical [1].

Nesta folha, são publicados artigos sobre o tema Mulher e Religião, onde o clericalismo é duramente combatido como obstáculo ao livre-pensamento. Em 30/04/1910, aparece uma referência à Sociedade Feminina de Educação Moderna, que promovia uma festa dramático-dançante: "Poucas Palavras" pela "Sra. Da. Josefina Stefani Bertachi" e a segunda pelo "Sr. Ricardo Figueiredo" discutia "A Mulher e o Livre-Pensamento".

Entre os anos de 1910/1911, o movimento anti-clerical adquire uma grande amplitude e simultaneamente aparecem diversos grupos femininos.

A "Associazione per la Educazione Femibile" promove uma "soirée" em benefício de seus cofres. A palestra fica a cargo da Sra. Giuseppina Staffani Bertachi, com o tema "La Maternità nella Educazione Moderna" (A Lanterna, 24/09/1910).

Uma outra notícia refere-se com regozijo à organização de mulheres em Curitiba, participando da Associação Livre

Pensadora, com objetivo de trabalhar pela "ruína final deste cárcere do pensamento que é o catolicismo, que encontrou na mulher o braço forte dessa religião" (A Lanterna, 02/07/1910).

Durante os meses de fevereiro e março de 1911, toda esta agitação amplia-se por conta do famoso "Caso Idalina" [2]. A "Sociedade Feminina de Educação Moderna" convoca um comício de pressão sobre o Governo do Estado para que feche o orfanato em questão e "(...) convoca a todos (...) em nome de vossos filhos, em nome da humanidade, mães, não falteis!" (A Lanterna, 21/02/1911).

As reuniões preparatórias do comício são realizadas na sede da Sociedade Feminil e contam com adesões de "Lojas Maçônicas, ligas operárias, círculos de estudos sociais, organizações democráticas, círculos recreativos e jornais." (A Lanterna, 17/03/1911).

Este comício sofreu forte repressão policial, tendo sido dissolvido com bastante violência. Foram presas várias pessoas, alguns conhecidos militantes anarquistas: Oreste Ristori, Alex Chechai, Passos Cunha, Edgard Leuenroth, José Romero. Também sócias da Associação Feminil de Instrução Moderna, Celina Nerva, Ana Bressau, Antonietta Cuella "sofreram durante 24 horas os rigores do ar (...)". (A Lanterna, 17/03 / 1911) e foram soltas mediante Habeas-corpus. O embate foi de grande proporção, tendo morrido um soldado baleado.

A agitação anti-clerical não arrefeceu diante da repressão: mudou de forma. Um mês depois do trágico desfecho do comício, é festejada a chegada no Brasil da famosa propagandista livre-pensadora Belém Sárraga de Ferrero. É possível, pela leitura de "A Lanterna", acompanhar todos os movimentos desta pregadora. Na sua chegada, ela foi recebida por ministros, representantes do Presidente da República, entre outras autoridades. A sua primeira conferência foi no Rio de Janeiro num ambiente de grande refinamento intelectual. Na platéia, o número de mulheres era muito pequeno:

"Insistimos em notar, porém, que foi uma grande pena não ter sido maior o auditório, sobretudo o auditório feminino, ali representado por uma dezena de Sras. da nossa melhor sociedade. (...).

Era gracioso o vulto da conferista, (...) atirando seu apelo ao sexo a que pertence para que saiba compreender os tempos modernos (...) a liberdade de pensamento, conquistada pelo martírio dos dois sexos na evolução da humanidade (...).

(A Lanterna, 22/04/1911)

A sua segunda conferência foi sobre o tema "A Mulher e a Religião". Vejamos alguns pontos:

"(...) o catolicismo (...) viu bem a necessidade de chamar a si a mulher, força suprema ao redor da qual se produz todo o movimento humano. (Para conseguir isso), criou o confessionário, (onde) o padre tira partido da fragilidade do espírito feminino, adrede preparado para o misticismo (...).

É preciso arrancar a mulher dessa escravidão moderna (...).

(A Lanterna, 22/04/1911)

A conferencista prossegue dizendo que se deve fazer com que a mulher perceba que a sua presença na Igreja a afasta do lar. Quando seu marido chegar em casa, não deve ouvir palavras de fê e resignação, mas encontrar apoio e força para a luta social. Para Belém, era necessário fazer "da mulher o que ela deve ser: a sacerdotiza do lar, a sacerdotisa da moralidade" (A Lanterna, 22/04/1911).

No dia 25 de Abril, Belém Sârraga chega a São Paulo, recebida por uma grande manifestação anti-clerical. Ela foi recepcionada por uma multidão, coberta de pétalas de rosas jogadas pelas representantes da Associação Feminil de Educação Moderna. Faziam parte do cortejo que seguiu Belém Sârraga co

missões de sindicatos, Ligas operarias, Lojas Maçonicas, Associações de Livres-Pensadores. Após algumas conferências em São Paulo, segue viagem pelo interior do Estado, visitando praticamente todas as cidades ligadas pelas ferrovias Mogiana, Sorocabana e Paulista. Percorre também a região de Santos e São Vicente e a excursão dura perto de 2 meses.

A presença de Belém Sárraga acentua não só o movimento anti-clerical, como é motivo para que se acentuem as discussões sobre o papel da mulher.

A Associação Feminil prossegue em sua atuação por mais algum tempo. Em Novembro de 1911, elas organizam algumas festas para angariar fundos para a sua escola moderna, instalada no Brás, além de continuar promovendo palestras sobre os temas ligados à condição da Mulher. Depois desta época, não conseguimos mais localizá-las.

O que interessa perceber é a magnitude social do movimento anti-clerical. No Rio de Janeiro, receberam Belém Sárraga autoridades públicas, ministros, representantes do Presidente da República e mais um selecionado auditório. Em São Paulo, a sua presença parece estar mais próxima dos grupos libertários.

O movimento anti-clerical ligado aos libertários tem na figura da mulher um forte elemento. Em oposição à representação de uma personagem beata, carola, ignorante e frágil, colocava-se uma imagem da mulher plena, educada com princípios racionais e filosóficos, consciente de sua posição transformadora na sociedade. Mãe modelar, criando seus filhos como futuros revolucionários; esposa exemplar, lado a lado com seu companheiro de lutas. Uma nova mulher, revolucionária e atuante. Transformar significava educar e conscientizar, e, desta forma, combater a perniciosa influência da religião, pela incorporação do racionalismo do cientificismo.

Um outro tipo de movimentação que também ganhou es

paço entre as mulheres, foi o combate ao militarismo contra a Guerra Mundial. Em 1914, organiza-se o grupo do "Centro Feminino Jovens Idealistas":

"Agitação Feminina: O Centro Feminino Jovens Idealistas (CFJI) vai tentar levar a efeito uma agitação feminina de propaganda contra a guerra.

Com este fim, vai realizar-se uma reunião por ele promovida amanhã (...).

Para tomar parte estão convidados todos os que estão de acordo com as aspirações pacifistas dos homens animados pelos ideais de emancipação social."

(A Lanterna, 17/10/1914)

Alguns meses depois, este mesmo grupo cria uma escola dominical gratuita de instrução primária para as operárias e junto dessa escola fundam uma pequena biblioteca. Solicitam doações de livros, folhetos, jornais, que devem ser enviados para Maria Antonia Soares, na sede provisória do grupo, à rua da Móoca, 292-A (A Lanterna, 10/07/1915).

Daqui para frente, a atuação das mulheres estará profundamente enraizada na agitação operária, lado a lado com os militantes, imersas no caldo efervescente da agitação social nos anos de 1917/16 [4].

O Centro Feminino Jovens Idealistas seguiu esta tendência. Embora não tenha sido possível detectar com precisão, sua presença se faz sentir. Em Setembro de 1917, "A Plebe" publica um manifesto do CFJI ao povo trabalhador de São Paulo, onde aparecem incentivos à luta do operariado:

"Fazemos também constar o nosso veemente protesto contra as arbitrariedades da polícia que, em sua bestial, desconhece até o devido respeito ao pudor natural de mulheres honradas a quem a poli

cia insultou, penetrando altas horas da noite em seus aposentos e arrancando-lhes a roupa com que se cobriam.

(...)

O CFJJ, do qual fazem parte algumas parentas dos operários presos (...)."

(A Plebe, 15/09/1917)

Durante o período de recesso do movimento operário em 1918, nada aparece sobre este grupo. Após a greve geral de 1917, o arrocho sobre o movimento operário em São Paulo traduziu-se pelo desbaratamento das organizações, pela intensa censura à imprensa libertária, que não encontra qualquer possibilidade de expressão.

Nestes anos, uma voz feminina ganha destaque: Izabel Cerrutti, ligada ao jornal "A Plebe".

Entre os meses de Agosto/Setembro de 1917, seu nome aparece algumas vezes. Em 21/07/1917, ela envia um telegrama de solidariedade e incentivo aos grevistas. No dia 18/08/1917, sai um artigo intitulado "Fé, esperança e caridade", contendo acirradas críticas ao apostolado católico que incute nos homens e mulheres o ideal da abnegação e resignação. Para ela, a ciência e o pensamento racional darão novos rumos ao progresso, para que, em vez da fé e caridade, se mantenha somente a esperança.

Em outro artigo de 04/08/1917, faz críticas à cobertura tendenciosa que o jornal "O Estado de São Paulo" está fazendo da greve, distorcendo os fatos pela publicação de notícias enganadoras.

Neste período, escreve mais dois artigos, denunciando a caridade burguesa, o filantropismo dos patrões, e fazendo novas críticas ao clericalismo.

Somente em 1919 reaparecem seus artigos, junto com

o reaquecimento da movimentação , após algum tempo de descenso da agitação.

O último artigo encontrado intitula-se "A moral nos lares" e é uma carta enviada à Revista Feminina. Izabel critica a visão que a revista tem do anarquismo com relação a mulher:

"(...) como mulher protesto contra essa aberração do raciocínio. E como anarquista o dever me impõe (...). (No ideal que professo) uma das aspirações é justamente aquela que quer garantir com bases seguras, a moral nos lares, aureo da mulher redimida, consagrando-a na alta missão que lhe destinou a natureza.

(...)

A "Revista Feminina" em seu programa propõe-se a propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitorais. E são. A isto chamam pomposamente emancipação feminina.

(...)

O programa anarquista é mais vasto (...): quer fazer compreender a mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar, como fator histórico, para sua (...) intergralização na vida social.

Antes de tudo a mulher deve se despir de temores e preconceitos, da falsa moral Deus e Pátria. Depois de ter seu pensamento devidamente emancipado, ela deve estudar e investigar a causa da sua escravidão do capitalismo que prende ao homem estranginando-a a mover-se com ele num círculo vicioso (...).

Neste regime (...) a mulher jamais poderá ser

emancipada.

Neste regime ela nunca será exaltada.

Qualquer reforma nas leis vigentes que venha a conferir-lhe direitos políticos iguais aos do homem, não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espesinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar esta moral social que constrange e protege a prostituição.

(...).

A mulher virtuosa não recebe todo o acatamento todo o respeito (...) que lhe é devido pela alta missão que lhe confiou a natureza.

Enquanto durar este estado de coisas, a moral no seu lar estará sempre em perigo. A mulher nada teme por si, mas teme por seu esposo.

Como mãe seu coração está sempre em sobressalto (...) pelos filhos.

(...) seu temor maior é pelas meninas, que podem ter uma "mã sina". (...).

De fato, quem ousa negar os perigos a que não expostas (...) neste ambiente de perversão e maldades, onde o único estímulo que impulsiona o homem é o dinheiro. (...).

Nós os anarquistas, com a clara noção da verdadeira e sã moral, esforçamo-nos para que um dia seja realidade uma organização social mais perfeita do que a atual, para que a honra das famílias seja assegurada no amor livre. Que isto quer dizer? Que os jovens possam escolher livremente a sua companheira e, livremente ,

sem as dificuldades econômicas possam estabelecer o seu lar e formar sua família. Numa sociedade em que todos tenham esse direito assegurado não haverá imoralidade.

É assim que entendemos a honra e a moral nos lares.

Por isso me desvaneece ser anarquista. Além de tu do sou brasileira.

Salve a Anarquia! ideal sacrossanto, protetor - da família, do amor, da honra e da moral!" (A Plebe, 20/11/1920)

Nestes anos um tema plênico ganha espaço: a questão do voto feminino. Entre 1900 e 1922 organizaram-se vários movimentos de mulheres para lutar pelo sufrágio feminino. Na década de 10, duas mulheres se destacam dentro do movimento sufragista: Myrthes de Campos, advogada e Leolinda Daltro (5), professora.

Em 1917, Mauricio de Lacerda encaminha projeto de lei instituindo o sufrágio feminino, manifestando seu protesto contra aquilo que considera uma errônea interpretação da palavra "cidadãos". Para ele neste conceito estariam incluídos os 2 sexos. (6)

É em 1918 que a campanha sufragista se acelera, com a liderança de Bertha Lutz. O ano de 1919 marca a fundação da "Liga pela Emancipação Intelectual da mulher, substituída em 1922 pela "Federação Brasileira pelo Progresso Feminino".

É neste contexto que algumas militantes libertárias começam a se posicionar. Para elas, a questão do voto era falsa e servia para camuflar o sentido verdadeiro das lutas das mulheres: a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

M^ã Antonia Soares, um dos nomes femininos mais destacados no período que estudamos, irmã de Florentino de Carvalho ,

(7), se posiciona claramente. Em 1914 sai o 19º artigo de sua autoria que encontramos e é precisamente sobre feminismo. Contrária à luta pelo voto, confessa-se admiradora da tenacidade e da perseverança das sufragistas, porém aponta os problemas decorrentes desta luta:

"Como já disse anteriormente, senti enorme prazer ao ver este despertar tão almejado, mas não sei a que atribuir a indiferença que reina entre as companheiras - tanto do Brasil como do estrangeiro - neste momento propício para a propagação de nossas idéias. O elemento feminino cansado de viver escravizado, compreendeu que já é hora de conquistar seus direitos usurpados pela ridículo orgulho masculino, e como em sua obscura existência não pôde reflexionar e portanto compreender onde está a verdadeira emancipação. Na sua ânsia louca de liberdade seguirá o caminho que primeiro lhe indicarem, julgando ter feito muito bem.

Vemos que se acham agorá a brecha as sufragistas. Pois bem, como não vêem outro caminho trilhado, seguirão forçosamente este.

(...).

Se deixarmos que a política absorva todas as energias das mulheres, mais elementos teremos de combater, e portanto mais encarniçada será a luta - para conseguir a emancipação que procuramos.

(...)" (A Lanterna, 04/10/1914).

Após este artigo, localizamos vários momentos das atividades de M^ã Antonia.

Em 31/15/1915 no jornal "A Vida", sai uma notícia sobre a criação de mais uma escola moderna onde "os cursos primários e médio acham-se a cargo dos educacionistas Florentino de Carvalho e Maria

Antonio Soares",

Em 1916, Maria Antonia Soares dedica um artigo à questão da instrução feminina.

(...).

"Supondo como alguns pretendem que a mulher não tivesse direito de instruir-se por ser um ente inferior e destinado a permanecer escravo nem por isso se deixaria de sentir a necessidade de sua instrução. (...).

Não falo às filhas do povo, porque a estas tudo lhes veda o atual regime. Todo o tempo devem empregá-lo nas fábricas e oficinas, onde labutam sem descanso. (...)" (Guerra Social, 26/08/1916)

É durante a greve dos tecelões de 1920 que ela reaparece, presa junto com vários militantes, como E. Lewenroth, Florentino de Carvalho, entre outros. No "Voz do Povo", denuncia-se a prisão de Maria Antonia, Maria Nades, Tereza Nades, Tomazina Montessanto, Gemma Bernardini, Giulia, - Bernardini.

O "Voz do Povo" anuncia que Maria Antonia, de profissão bordadeira à domicílio, teria sido presa dentro de sua própria casa. Em 14/04/1920, aparece um retrato seu e a notícia de sua prisão, junto com o protesto pelas prisões e ameaça de deportações que pairam sobre todos:

"(...).

No cárcere das mulheres no Brás, há um cubículo só com operárias. Pois para maltratar, puseram dentro uma dessas negras cachaceiras, sujas, malfalantes, para com aquelas indecências amesquinhas as desgraçadas moças ! Ah! Infames!" (Voz do Povo, 14/04/1920)

Cerca de sete meses após este episódio, na "A Plebe", aparece uma coluna intitulada "Assuntos Femininos" e durante alguns momentos saem vários artigos assinados por ela. Os temas são emancipação da mulher, educação e instrução e até mesmo um artigo sobre verdadeira beleza da mulher:

"[...] Reconhecemos à mulher o direito de ser formosa e mesmo o dever de conservar a formosura (...).

Mas se essa formosura deve representar uma injustica, (...), se torna repelente, execrável.

(...).

As mulheres da classe dominante conformadas com a situação de instrumentos de prazer, procuram deseenvolver a única qualidade que as valoriza: a formosura corporal. E assim, enquanto os seus sonhos se esforçam em arrancar à classe oprimida o último alento em troca de maior miséria, elas esbanjam o produto desta extorsão e conseguem com essa beleza a satisfação das necessidades físicas já que as morais são incapazes de senti-la (...)." (A Plebe, 04/12/1920).

Para ela a verdadeira beleza é aquela que vem do interior, do espírito de luta da verdadeira mulher. Ela discorr^e sobre este tema em outros artigos, motivo para denunciar as condições deprimentes em que se encontram as mulheres em geral. Se pobres, a miséria, o trabalho sobre-humano esmaga tanto física como materialmente. Se ricas, a educação distorcida corrompe:

"[...] a que ponto foi anulada a alma feminina (...).

Tudo na vida, educação, costumes, juízos, tendem a destruir na mulher a vontade.

(...). E assim vai, pouco a pouco, perdendo impericão de sã mesma, amesquinhando-se, até ficar reduzida a um ser que somente pensa e sente por vontade de alheia.

Às vezes, ou por ser de uma natureza especial ou porque seus preceptores não sejam muito tradicionalistas ela consegue reagir, e assim obtêm-se essa classe de mulheres que (...), são capazes ainda de iniciativa (...).

A maioria, porém compõe-se dessa legião de seres sem vontade alguma, incapazes de tomar as mais simples iniciativas, que sucumbem de inanição no dia em que lhes falta o apoio habitual, isto é , as pessoas encarregadas de pensar e agir por elas

(...).

E sobre a dor e a miséria moral (...) um dever se lhe impõe imperioso: SER BELA!

(...).

Para as pobres, a beleza é uma ilusão fugaz, dissipada aos embates da miséria (...).

E mesmo as ricas, a beleza é deformada pelos artifícios que a moda impõe e destruída pelos vícios que a ociosidade gera.

(...). Eu reclamo para a mulher o direito de conservar a sua juventude e beleza, sem estiolá-la numa vida de Trabalho, privações e mortificações (...). (A Plebe, 18/12/1920)

) :

Pouco tempo depois deste artigo, uma nova onda de repressão avança sobre os militantes com muitas prisões. Denuncia-se a prisão de Paulo de Castro, João Leonardi, Afonso Schimidt, Italo Benassi e Maria Antonia Soares que "apesar do seu delicado

estado de saúde, a polícia não poupou. Invadiu seu domicílio e, depois de fazê-la passar pelo posto do Braz, transportaram-na para o da Rua 7 de Abril, de onde se saiu depois de suportar as insolências do Bandeira [de Melo]" (A Plebe, 29/01/1921).

O último artigo que encontramos, data de 18/07/1921, onde ela participa de um debate sobre o anarquismo "A Plebe".

Ainda no ano 1921, aparece uma circular em que várias pessoas declaram fidelidade aos princípios anarquistas. Entre os assinantes encontramos Maria Antonia Soares, Rosa Eberle e também Maria Alles, Ueberlina Augusta Malhadas, Angelina Soares, Margarida Bernardini, Emília Bilha Real, Petronila Brava, entre outras.

Sua presença está ligada a um dos grupos femininos mais importantes do período: O Centro Feminino Jovens Idealistas. Atuando desde 1914, este grupo é desbaratado após 1917. Em 1919, junto com o crescimento do movimento, este Centro é rearticulado. As 1ª reuniões começam a ser noticiadas :

" Nucleos de Vanguarda - Grupo Feminino:

Esteve bastante concorrida e correu com animação a assemblêia que o elemento feminino partidário das idéias da vanguarda social realizou.(...).

Nessa reunião assentou-se a constituição do grupo Feminino de São Paulo, (...)" (A Plebe, - 14/02/1920).

"Nucleos de Vanguarda - Grupo Feminino: Este mo-
vel grupo de ação social está em franca atividade,
devido realizar uma reunião na Rua Joly, nº
125" (4) (A Plebe, 21/02/1920)

Este grupo feminino é a semente regeneradora do

CPJI que em 28/02/1920 aparece reorganizado, com o objetivo de fazer propaganda que "meio do proletariado feminino tão numeroso nesta capital e ao mesmo tempo tão escravo dos pre conceitos e da exploração Capitalista." (A Plebe, 28/02/1920).

Como primeiras atividades do grupo temos a criação de uma escola dominical destinada às operárias e a organização de um festival em 1º de Maio. Na comissão executiva encontravam-se Maria Antonia Soares, Maria Alves, Margarida Pilou, Luiza Cipito, Cristina Bersin.

Em março de 1920 após uma reunião deste centro, tendo por objetivo provar que as operárias não estavam dispostas a deixar que o Centro Operário Católico continuasse a sua campanha de mistificação, realizam uma passeata que termina em frente a igreja, cantando a Internacional.

Em 13/03/1920, "A Plebe" publica as Bases do Centro Feminino Jovens Idealistas", organizado para "ajudar a emancipação da mulher, elemento fundamental para a emancipação da humanidade.

Partindo da constatação de que isto só seria possível mediante educação racional e científica e também através da luta consciente, o Centro Feminino se propunha a criar escolas, bibliotecas, editar publicações de propaganda para a regeneração social, organizar conferências, festivais, etc. Esta agremiação embora seja exclusivamente feminina, afirma, em seus estatutos, que irá procurar manter os dois sexos para lutar contra os males sociais.

Nos meses de abril a novembro, promovem alguns festivais de propaganda e participam da liga pró-presos e deportados, distribuindo listas para obter recursos materiais em favor dos detidos e das famílias destes, além da criação de 2 escolas gratuitas para operárias.

Em 13/11/1920 é criado o Comitê Feminino pró-festival

proletário, que funciona com o CFJI.

É interessante verificarmos que muitas atividades de senvolvidas por estes grupos ficavam restritas, a um certo tipo de assistencialismo ou à questão da educação e instrução . Dado porém ser a instrução o ponto-chave para a emancipação da mulher nada mais coerente que aí se concentrassem os esforços femininos.

A última notícia que temos sobre este grupo é de 18/12/1920, através de um convite feito à todos os grupos sociais, anarquistas e simpatizantes, para que comparecessem a uma conferência de propaganda. Um dos grupos nominalmente citados é o CFJI.

Neste período, surgem outros grupos, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No dia 25/10/1919, o jornal "Spartacus", do Rio de Janeiro, anuncia um grande festival de propaganda promovido - pela "Liga Comunista Feminina". As adesões poderiam ser enviadas para a Aliança dos Operários em Calçados ou na União Geral da Construção Civil. Também aparece a propaganda de uma brochura intitulada "A Família em regime Comunistas - trechos vários", editada pela Liga Feminina Comunista. No dia 10/11/19 esta mesma liga convoca uma reunião que será iniciada com uma conferência de Álvaro Palmeira sobre "A Família em regime Comunista". Como são poucos os números disponíveis do jornal "Spartacus", fica difícil precisarmos com mais clareza as tendências, as linhas de atuação ou até mesmo as suas integrantes.

Em 31/01/1920 no Jornal "A Patulêa" aparece uma convocação para uma reunião cuja finalidade era a organização do Centro Feminino de São Paulo. O endereço é o já famoso Rua João Li, 125, sede da UOFT.

Depois destas notícias localizamos mais dois grupos no Rio de Janeiro, noticiados durante os meses de fevereiro, março e abril de 1920, e ligados ao Jornal "Voz do Povo".

Em 26/04/1920, a "Voz do Povo" noticia a primeira reunião das aderentes ao "Grupo Feminino de Estudos Sociais". Mais tarde anunciam a adesão da "Professora Leolinda Daltro" ao grupo. A professora Leolinda, segundo o texto "uma conhecida - feminista", fez uma palestra para o GFES atacando a Legião da Mulher Brasileira, "cuja primeira reunião constituiu um estrondoso acontecimento nos arraiais do nosso admirável burguesismo e do clericalismo "(...)" (Voz do Povo, 20/03/1920)

Este grupo critica ásperamente esta Legião da Mulher Brasileira em outra oportunidade:

"(...). Isto nos faz distintamente ver a finalidade de a que se propõe a Legião atingir. Dirigida e administrada por católicas militantes, a Legião a coberta-se com o manto dos bons instintos e procura conquistar para a igreja romana, a consciência feminina proletária, que não admite o padre, que não vai a igreja, que não confessa nem comunga.

Vai assim a Legião quebrar lanças pelo dogma católico. Mas nada conseguirá; a mulher não será absorvida pelo polvo católico, porque não irá a uma reunião, onde, além de outros dislates, veria bem nítido o contraste que faz a sua pobreza com o luxo aristocrático das diretoras da Legião. (...)." (Voz do Povo, 25/03/1920). (8)

, Em 07/02/1920 este grupo publica um boletim intitulado "Manifesto à Mulher Brasileira":

"O GFES, fundado nesta capital em 22/01/1920, propõem-se a agremiar todas as mulheres emancipadas do Brasil, a fim de combater sistemática e eficazmente a escravização clerical, a escravização econômica, a escravização moral e a escravização jurídica que asfixiam, degradam e aviltam o sexo feminino.

O grupo estudarã com carinho e debaterã com ar-
dor os palpitantes problemas da questã social
e procurarã elevar, por meio de conferências,
congressos, escolas e cursos de ciências soci-
ais e artes o nível intelectual e moral de
suas associadas, para que se abra assim na "mu-
ralha negra, tenebrosa e compacta da rotina, do
egoísmo, da ignorância e da hipocrisia, de to-
dos os preconceitos e de todas as opressões,
uma brecha, uma fresta, (...) por onde livre-
mente se irradiê um pouco de vida e do Ideal.

O grupo aceitarã como sôcias todas as mulhe-
res dignas, sem diferenças de raça, nacionali-
dade, crença ou profissão, desde que estejam -
de acordo com os princípios acima fixados (...
). Reunir-se-ã o grupo quinzenalmente em Assem-
bléia Geral, que terá as suas resoluções efeti-
vadas por uma comissão executiva de 2 secretã-
rias e 1 tesoureira.

Companheiras:

Urge elevar, engrandecer, dignificar o nosso -
sexo, libertã-lo mental e socialmente. Precisa-
mos de combater a escravidão em que sempre nos
prenderam, e que tem sido em todos os tempos a
causa única dos desvios morais da humanidade.

A época contemporânea oferece quadros desolado-
nes de decadência moral: é o "melindrosismo" -
feito nota chic nos salões burgueses, é o adul-
tério estabelecido como regra geral entre gen-
te rica é a prostituição negregada e infame (...).

Que as mulheres dignas e honestas se reunam,
se agrupem, se fortaleçam e por todos meios -
combatam as causas que abastardam a mulher (...).

Professoras, funcionárias, costureiras, floristas operárias em fábricas e "ateliers", trabalhadoras em artes domésticas:

"Vinde atē nós! (...)" (Voz do Povo, 07/02/1920)

Suas atividades prosseguem durante os meses de março/abril, realizando festas, palestras, campanhas de donativos para presos e seus familiares. e, em 18/04/1920, realizam uma grande reunião de protesto contra a prisão, em São Paulo, de Maria Antonia Soares, Tereza Mande, Maria Mande, Tomazina Montesanto e G. Bernardini. Pedem o comparecimento de todas as associadas e que os operários compareçam junto com suas companheiras.

O unico nome de militante deste grupo que temos registro é o de Maria de Lourdes Nogueira, presidente de uma assémbleia do grupo, que terminou a reunião entoando "a plenos pulmões (...) a Internacional". (Voz do Povo, 23/02/1920) e que mais tarde assinou como primeira secretária do grupo.

Já em 07/03/1920, começa a funcionar o "Grupo Feminino Instrutivo e Recreativo Operário", fundado por iniciativa de Emma Silveira, cujo programa é o seguinte:

"Criarã aulas noturnas de Português, Francês, aritmética, datilografia, contabilidade, Inglês e música, trabalhos manuais aulas de corte e costura, bordados, flôres, espartilhos e chapêus.

Este programa será dividido em 2 cursos: 1º) de Aprendizagem; 2º) Curso de aperfeiçoamento.

Neste grupo poder-se-ã matricular crianças, - moças e mesmo Sras. idosas.

O grupo promoverã bailes de 2 em 2 meses. Haverã 2 conferências mensais (...).

Organizarã uma orquestra de moças (...).

Sã ao grupo cabe resolver tudo quanto díz respeito ã esse.

(...), São diretoras as companheiras:

Emma Silveira (costureira, professora de Francês e datilografia)

Corina Lencurso (Bordadeira)

Graziella Braga (-----)

Luiza de Castro (encadeadeira)

Maria José (Chapeleira)

Olga de Castro (coleteira)". (Voz do Povo, 07/03/1920).

Uma coisa chama a atenção neste grupo: preocupadas - com a questão emancipatória da mulher e também a sua educação e formação profissional, este pequeno grupo militante, composto por profissionais de determinados ofícios, aparece com uma proposta prática de formação intelectual e profissional - da trabalhadora.

As duas últimas tentativas de organização pesquisadas foram durante o ano de 1922. A primeira delas é a "Federação Internacional Feminina" e cuja fundadora foi Maria Lacerda de Moura (9) tendo por objetivo "canalizar todas as energias femininas dispersas, no sentido da cultura filosófica, sociológica, psicológica, ética estética - para o advento de uma sociedade melhor" (A Plebe, 15/04/1922)

A segunda foi o "Centro Feminino de Educação", que surge "depois de ter passado pelo seu período de desorganização, como todo elemento da vanguarda social, um grupo de companheiras de denotada boa vontade, tem se esforçado para reunir em uma associação todas as suas camaradas e amigas, para bem unidas poderem desenvolver um trabalho de educação e emancipação social do elemento feminino." (A Plebe, 21/10/1922). A primeira atividade do grupo foi uma conferência de Izabel Cerruti abordando a questão da emancipação da mulher, sobre o prisma libertário.

III.2. NO PALCO

Ao lado de toda esta atividade um outro espaço foi marcado de forma bastante relevante pela presença feminina:

O PALCO DO TEATRO:

O Teatro Social integrava o cotidiano de lutas dos anarquistas no Brasil. Utilizado como instrumento de propaganda, de divulgação dos ideais libertários, o movimento teatral libertário buscava em sua dramaturgia, na escolha dos textos, produzir uma acirrada crítica à sociedade vigente, que destruindo, viabilizaria uma sociedade perfeita, harmônica.

Por outro lado, a atividade teatral possibilitava e facilitava o agrupamento dos indivíduos englobando o lazer, a aprendizagem e certo tipo de aspiração artística. O que interessava neste tipo de espetáculo era a clareza da transmissão de uma idéia, basicamente apoiada no discurso verbal. É sobre o poder transformador da palavra que se apoiava a organização, deste tipo de representação.

Quanto aos textos, pela sua leitura podemos "deduzir - que a representação do nobre ou do patrão é sempre semelhante, assim como a construção da personagem do trabalhador. As diferenças de época não alteravam a visão do conflito fundamental - entre as classes sociais. O Teatro deve reproduzir essa visão binária, que não exige uma caracterização complexa."

(In. "Teatro Operário de São Paulo", Pesquisa 7, IDART, Coord. Maria Tereza Vargas, S.P./Sec. Municipal de Cultura, S.P., - 1980).

O que estava em jogo nestes espetáculos era a mensagem global e também a convivência humana que podiam proporcionar. O apelo a participação teatral é feito através da imprensa operária e entre os atores encontramos operários, membros de ofícios variados, familiares daqueles que se vinculavam ao movimento. Para os libertários, a arte era encarada como uma função orgânica comum a todos os indivíduos, ligada as necessidades de expressão fundamentais em todos os seres humanos. Fazendo parte do cotidiano das pessoas ela torna-se desta forma num elemento primordial da prática política.

Encenados de formas bastante simples, com poucos figurinos, sem cenários (no máximo um telão ao fundo), em auditórios com palcos rasos, (sem coxias, bastidores ou camarins) eram parte integrante daquilo que se convencionou chamar de "festa operária" incluindo, além do teatro, conferências, quermesses, números musicais, declamações de poesias e o infável "Baile Familiar".

Este tipo de festividade ocupava um lugar muito importante na agitação e propaganda libertária, unindo o "lúdico" ao "instrutivo" para desta forma ampliar sua atuação a aumentar o número de seus adeptos. Estes acontecimentos surgem em frequência nas notícias, da imprensa:

"A VELADA DE SÁBADO.

Correu bastante animada a festa realizada no sábado próximo passado, no salão Celso Garcia. O belo drama de L. Monticelli, "Gabriela", agradou bastante recebendo fartos aplausos os amadores - se encarregaram da sua representação. Em um dos intervalos Oreste Ristoni realizou uma conferência contra a guerra, combatendo-a energicamente no que foi acompanhado pela numerosa assistência a que o aplaudiu com ardor. Esteve muito movimentada a quermesse, que deve ter dado um bom resultado. Foi também rifado um belo retrato em ponto grande do pranteado companheiro P. Gori. O

baile prolongou-se alegremente até a madrugada. Teve, como se vê, um bom êxito a festa de sábado. E não se poderia desejar outro resultado, mormente tendo-se em vista o seu simpático fim. Essa velada foi organizada por um grupo de libertários em homenagens ao soldado Caetano Mascetti, que (...). num gesto de reveldia, fazendo-se intérprete de todas as vítimas da guerra, lançou (...) seu vigoroso protesto, atirando - contra um oficial. O produto líquido da festa será enviado à família deste extraordinário moço (...)" (A Lanterna, 30/12/1911).

Este espaço foi intensamente ocupado, pela participação feminina como atrizes amadoras, conferencistas, musicistas ou ainda como organizadoras da festa. (10).

Em 1910, em uma das inúmeras festas de Propaganda Pr^o Escolas Modernas aparece a seguinte referência. "(...) dirigidas por gentis senhoritas, começarão, às 8 horas., a funcionar as t^ombolas nas barracas, (...)". (A Lanterna, 26/03/1910)

Já a sociedade feminina de Educação Moderna, promoveu em 30 de Abril no salão Celso Garcia uma outra festa, cujo programa era:

- 1^o - "Incoraggiamento" - Versos de Rocca, pela menina Zumma Calza.
- 2^o - "Vísps Tereza" - Por crianças de 12 anos.
- 3^o - "Il mattino, ricchi e poveri" - De G. Parino, recitado pela senhora Beatriz Gennari.
- 4^o - "Ringraziamento" - Recitado pela menina I-da Gennari.
- 5^o - Poucas palavras da senhora dona Josephina Stefanⁱ Bertachⁱ sobre a natureza e o escopo dessa sociedade.
- 6^o - Conferência em português pelo senhor Ricardo Figueiredo sobre o tema "A ulher e o livre pensamento".
- 7^o - Baile." (A Lanterna, 30/04/1910)

São inúmeros os exemplos deste tipo de festividade em contrado na imprensa operária.

É interessante perceber que este tipo de festividade tinha uma determinada forma de organização e participação que abria um largo espaço para mulheres e crianças (11), sendo que boa parte dos entretenimentos eram destinados a elas. A preocupação exagerada com relação a moralidade, a integridade da família e com os costumes, que norteiam este tipo de atividade social se dava em função da presença neste local de mulheres e crianças, familiares ou amigas dos operários.

São comuns as alusões sobre a presença, na assistência de crianças e mulheres , comprovando a moralidade dos ambientes e festividades libertários, em oposição ao desregramento da burguesia.

A própria temática procurada para a dramatização , ao lado dos indefectíveis "Primo Magio", "Senza Patri", remete-se frequentemente as questões da condição da mulher. Vários textos são muito enfáticos, com personagens femininos fortes nos papéis de mães, esposas, prostitutas, operárias ou camponesas. Muitos deles abordam questões referentes ao amor livre, a maternidade. Peças como "Avatar" de Marcelo Gama ou "O Pecado de Simonia" de Neno Vasco trazem estas discussões de forma bastante clara em seu conteúdo dramático. É da peça "Avatar" que transcrevemos este diálogo:

*Tia Rosa - É porque deste a luz numa noite aziaga
Demais, não és casada....*

*Luíza - É que tem isso? Então não sou mãe e de
mãe não tenho coração?*

*Tia Rosa - É que eu ... sei que não és uma mulher
ã toa, mas bem deve saber que Deus não abençoa um
filho que nasceu assim... sem casamento.*

*Luíza - Não creio ... Pode ser maldito o nascimen
to deste ser que brotou do verdadeiro amor?*

(...).

*Deus, se está presente em nós, bem conhece a pure
za deste amor que nos prende, há perto de 6 anos,*

(...)." ("Avatar", in "Teatro Operário da cidade de São Paulo", op.cit.pg.65).

Já a peça "Alba", de autoria de João Casadei, tem como enredo a seguinte trama:

Um capitalista tinha por esposa um filha do povo que por circunstâncias alheias à sua vontade havia sido arrancada de seu meio. Explode uma greve entre operários. Não sendo atendidos em suas reivindicações eles promovem uma revolta e tomam conta da cidade libertando aquela filha do povo do casamento de conveniências burguês, devolvendo-a ao seu verdadeiro amor.

Muitos foram os autores que traduziam peças estrangeiras e escreveram peças nacionais para teatro social. Entre os brasileiros encontramos Avelino Foscolo, Fábio Luz, Motta Assunção G.Soler, José Oiticica.

É recorrente a temática maniqueísta a busca do relato exemplar, os textos de compromisso com os ideais de redenção - dos pobres e desamparados, de transformação social, a caricatura impiedosa dos inimigos como o burguês, o padre, o militar, a mulher interesseira, em oposição à figura do despossuído, sempre colocado como vítima indefesa e irremediável. As mulheres encaram esta simbologia: a menina seduzida é a donzela inocente, sempre o caráter indefeso da mulher agredida, inconsciente, sem instrução ou formação. Rica ou pobre, a mulher está entre os desgarrados da sorte.

III.3. OS LIMITES

O que significou esta efervescência?

Na projeção das utopias socialistas e libertárias, negando o Estado e a ordem burguesa para a construção da nova sociedade ideal, onde fôsse possível a coexistência harmonica entre os homens, foi ganhando terreno a emancipação da mulher. Uma nova moral, certos principios básicos purificadores foram sendo formulados, no esboço de figuras exemplares. Uma das principais era a nova mulher. A figura da mãe redimida pela pureza

dos ideais revolucionários, educando e criando seus filhos para a luta e emancipação social; a companheira esposa que combatesse com o companheiro eleito pelo coração.

Ernestina, Izabel, Belem, Maria Antonia, Josepina, Corina, Olga, atrizes anônimas, estão ligadas a uma trajetória - praticamente perdida. Recolhendo os fragmentos, encontramos, em alguns momentos, palavras de mulher. Porém, aí frequentemente - se impunha os limites da militância, suas palavras esbarravam nas masculinas, a dignidade da mulher circunscrita a instrução e educação, sua conscientização diante dos males sociais.

Impregnadas pelo racionalismo, pelo cientificismo, as figuras elaboradas resultavam em modelos exemplares.

As militantes reproduzem experiências que conheceram - dentro do movimento organizado, delineando as metas prioritárias da moral socialista ou libertária, escrevendo de ângulos diferentes, porém frequentemente fechando-se em torno de denúncias sobre a opressão da mulher na sociedade burguesa e apontando o caminho da instrução para a emancipação da mulher.

Evolução, progresso, tempos modernos, liberdade de pensamento e ação, racionalismo, Louise Mitchell, M^{me} Curie, Soledade Vila Franca estão presentes no ideário e influem o pensamento apontando um sentido para a regeneração da alma feminina.

Por outro lado, a ação política destas mulheres representou alguma coisa, uma inflexão na vida pessoal destas militantes. Engajadas, participando, falavam de suas crenças, reivindicavam e lutavam por questões consideradas fundamentais e almejavam com ardor um ideal futuro: a Utopia da Nova Sociedade Igualitária. Refletindo sobre família, maternidade, casamento, colocavam situações novas, apontando soluções para problemas - que a situação pública da mulher acarretava. Apareciam em auditórios, palcos, grupos, festas, comícios. Escreviam, refletiam, acreditavam e lutavam.

Incorporando ou negando, as denúncias femininas reforçam a formação de uma imagem estereotipada, carregada de conotações negativas, da mulher da época. Se produz uma imagem com

esses discursos, que deve contrastar vivamente com o protótipo idealizado, para a proposta transformadora ganhar poder de per suasão.

Tal como o discurso médico-sanitarista, jurídico, edu cativo, o discurso militante em geral, estas facetas de produção feminina colocam a mulher como massa amorfa à qual se deu uma forma ruim. A "Nova Mulher" deverá ter uma forma adequada.

NOTAS DO CAPÍTULO III

(1) O anti-clericalismo não foi privilégio dos liberais e socialistas. Diversos setores da sociedade também ligavam-se a este movimento como Lojas Maçônicas, Grupos de Livre - Pensadores, Espiritas, Positivistas, entre outros. Infelizmente este é um assunto praticamente inexplorado pela historiografia.

(2) Tratava-se do desaparecimento de uma menina de nome Idalina, de um orfanato católico "Cristovam Colombo". Jamais soube do seu paradeiro, porém o caso teve ampla repercussão em todo o período. Anos depois alguns jornais ainda perguntavam por Idalina. Trava-se em torno deste assunto, acirrada polêmica: os anti-clericalistas denunciam o Padre Diretor do orfanato, acusando-o de ter estuprado e matado a menina. A Igreja defende-o. Embora nada tenha sido provado, contra ou a favor, este assunto é muito explorado também pela grande imprensa. Acompanhamos por alguns meses esta polêmica. Um estudo mais aprofundado poderia revelar interessantes questões.

(3) Maria Antonia Soares - militante anarquista cujos artigos estudarei em outro ponto da tese. Outro ponto interessante é que a Liga Operária da Moóca funciona na Rua da Moóca, nº 292-B.

(4) Durante os anos de 1916/1917 começa uma intensa agitação do movimento operário, que culmina com a explosão grevista de julho 1917. Esta mobilização era marcada pela presença dos militantes anarquistas que sobreviveram ao período de pressão do início da Guerra e que agiram principalmente através de grupos ou jornais tais como: "Guerra Sociale" e "A Lanterna; Grupo dos "Sem Pátria"; Centro Libertário; Sociedade de Cultura Racionalista entre outros, e que convergiram para a formação da "Aliança Anarquista" em 1916 em São Paulo. No Rio de Janeiro ocorre processo semelhante com a criação do "Centro Libertário".

Tanto a Aliança Anarquista como o Centro Libertário - tinham os mesmos objetivos:

"Basicamente esforçavam-se para, num trabalho extenso e prático de propaganda e de ação, promover a emancipação econômica, social e moral de cada indivíduo e da humanidade em geral. Se definiam contra a propaganda corporativa de classe; pediam a seus membros que estudassem a doutrina anarquista e fizessem a propaganda educativa. Os grupos deveriam ser autônomos e ligados por uma simples comissão de correspondência. Sua ação concreta envolve a realização de festas, conferências, comícios, escolas, bibliotecas, publicação de manifestos, boletins, jornais e a crescente atuação do movimento grevista e sindical."

(Campos, C.H. cit.31)

(5) A professora Lelinda Daltro, que em determinado momento chega a participar do Grupo Feminino de Estudos Sociais, foi a primeira mulher que projetou no Brasil de forma organizada a idéia do sufrágio feminino. Atuando de maneira bastante objetiva já havia fundado em 1910 o Partido Republicano Feminino cujo objetivo era a luta pelo direito de voto das mulheres. Em 1919 ela organiza uma caravana de mulheres que comparecem ao Congresso para assistir à votação do projeto de Lei elaborado pelo Senador Jústo Chermont que defendia o direito de voto à mulheres.

Deste esforço participaram também outras mulheres, como Bertha Lutz em funda em 1919 a Liga pela Emancipação da Mulher, em 1922 é substituída pela Federação Brasileira para o Progresso Feminino, e poucos anos mais tarde vai encabeçar o movimento nacional da campanha pelo voto.

(6) Sobre a questão do sufrágio feminino ver: Alves, Branca Moreira, Ideologia e Feminismo-A luta da Mulher pelo Voto no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980.

(7) A família Soares tinha vários membros libertários Florentino, Angelina Lares e Maria Antonia, Pilar e Manoela e Paula. A casa de Paula nesta época, no Brás (madrasta de Floren

tino e mãe das outras personagens) era local de encontros, redação, reuniões, debates, sala de aulas. Lugar procurado por todos que procuravam abrigo, apoio. (in: "Mulheres Anarquistas", Correia, Francisco. Remate de Males. nº 5, 1985. Campinas, Unicamp-IEL).

(8) A Legião da Mulher Brasileira congregava mulheres da alta burguesia intelectuais. Tinham um projeto próprio para emancipação das mulheres pela via da Educação Superior e do direito ao Voto. Faziam parte deste grupo a Condessa Pereira Carneiro, Cecilia Mcirellos, Heloiza Lentz entre outras.

(9) Para maiores informações sobre esta personagem ver Leite, Miriam Lifichtz., "Os Caminhos de Maria Lacerda de Moura", Tese Doutorado, Mimeo, U.S.P. - 1984.

(10) Algumas pessoas que começaram como amadoras neste tipo de teatro, chegaram a ser profissionais, como foi o caso de Itália Fausta.

(11) São frequentes as alusões sobre a presença na plateia de crianças de colo e mulheres amamentando.

CONCLUSÃO

Para terminar este trabalho, gostaria de refazer o percurso da escolha do tema passando pela pesquisa e a redação, três momentos que, embora não tenham sido distintos, comportaram situações e sentimentos específicos.

Na escolha do tema, a vontade de falar sobre assuntos muito próximos a minha situação: trabalho, maternidade, amamentação, criação de filhos, militância, afazeres domésticos, rebeldia, frustração, moralismo. Uma parte significativa de minha vivência direcionava a escolha no sentido de fazer história de mulher, para recuperar parcelas esquecidas de um processo que nos colocou nessa condição esquizofrênica dos homens contemporâneos, despossuídos, positivados e recuperados pelo trabalho, massificados, desgastados, nivelados por baixo. Esquadrinhada, dissecada, invadidas, expostas em praça pública, me fascinava o espetáculo da figura feminina dançando entre engrenagens, sob cadência de máquinas, embalando crianças, usando o corpo como força de trabalho ou objeto de prazer para uso alheio. Tentaria localizá-las no passado.

Os anos iniciais do nosso século me atraíam. Razões objetivas como intensificação da industrialização e da movimentação social, o desabrochar de atividades militantes de mulheres, a disponibilidade das fontes impresas, basicamente os jornais operários, junto com um subjetivismo atávico - o fascínio pela época, trajes, música, dança, certos personagens - marcaram a escolha de um determinado período: 1900/1922.

Iniciada a pesquisa, no Arquivo Edgard Leuemroth, copiava tudo que encontrava sobre mulher, lia os jornais, anúncios, revistas, livros, a fantasia funcionando, um prazer imenso no que estava fazendo. Frequentemente, a mão do acaso orientava o meu olhar. Por outro lado, a inexperiência prejudicava. Como separar, objetivar o trabalho, pois tantas coisas a pareceram, informações, dados, situações que eu mesma não sa

bia como colocar. Fragmentos, pedaços, cacos de histórias, frequentemente me remetiam a Walter Benjamin. A impossibilidade de conseguir um único e só movimento, um mesmo sentido, era surpreendente. Simultaneamente, construía-se, dentro de mim, a certeza de estar lidando com informações parcelares. Fui perceber que não havia uma história de mulher e sim histórias de homens, mulheres, crianças, velhos, doentes. Formavam-se diferentes figuras, projeções, discursos, frases, palavras, representações, às vezes claramente ou então, somente um relance era surpreendido.

Diante da folha em branco, a angústia de relatar, relembrar e criar a minha interpretação. A caneta pesava muito, o papel transformava-se em adversário. Tantas coisas pensadas, sentidas durante a pesquisa, anotações em fichas, mas que teimavam em não correr pelos dedos. Deixando a intuição (feminina?) correr frouxa, lendo e relendo fichas, dados, aos poucos foram aparecendo alguns esboços. Certas lógicas e sentidos gerais organizavam-se, apontando os três capítulos.

Embora tenha lidado sempre com a idéia de figuras sociais, imagens e representações que foram sendo formuladas para as mulheres trabalhadoras ou aquelas em que ela se auto-representou, em alguns momentos isto é mais claro. Temos palavras de homem e de mulher. Vítima, indefesa, beata, supersticiosa, explorada, prostituta, são elaborações alternadas com as imagens igualmente idealizadas de mãe, esposa, heroína, militante, rebelde, companheira, livre amorosa, instruída. Médicos, educadores, patrões, libertários, juristas, insistem em alcançá-la, desvendá-la, normatizando funções intrinsecamente humanas como a maternidade, o amor. Racionalizada, eis a Nova Mulher, porém colocada no prostíbulo do mercado de trabalho livre. Uma nova condição feminina bastante desgastada na condição de despossuída, como os homens, velhos e crianças.

No Capítulo II, pesquisando dois processos de trabalho, encontrei momentos de resistência e simultaneamente de in

trojeção das novas normas organizativas. No tear ou na costura, situações vislumbradas permitiram entrever a complexidade que se esboçava e também a impossibilidade de avançar na totalidade.

No Capítulo III, ficou uma insatisfação. Iniciado com a intuição de resgatar a memória de algumas militantes, organizações e participações femininas dentro do movimento libertário, fui descobrindo um imaginário e ideário extremamente rico nos contos, romances, poesias, peças teatrais. Lidando com este "novo" material, que permitiria várias teses de mestrado ou doutorado, verifiquei o desconhecimento que a historiografia em geral tem sobre esta temática. Eu também me abstive de ir mais adiante e fiquei devendo um IV, V ou VI Capítulos sobre o assunto. Afinal, este tese precisava acabar um dia.

Um outro problema. Estou me recusando a escrever uma conclusão. Não há conclusão, da mesma forma que não há verdade ou verdades em um trabalho como este que tentei fazer. As constatações parciais, as criações e interpretações, assim como conclusões, estão fadadas, já no ato de elaboração, à contestação, à dúvida, à novas reconsiderações. Deixar em aberto um caminho, exibir as estruturas, os esboços, os andaimes e as fraturas do trabalho, significou um gesto: recusar à negar verdades, criando e sobrepondo uma "Nova Verdade", tão arrogante quanto as imagens da Nova Mulher. Quero crer que "a história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, é o próprio corpo do devir" (Foucault, Microfísica do Poder, p. 20).

B I B L I O G R A F I A

- Abreu, A - O TRABALHO INDUSTRIAL À DOMICÍLIO NA INDÚSTRIA DE CONFECCÃO. USP, tese Doutorado, 1980.
- Alves, B^{ca} M. - IDEOLOGIA E FEMINISMO: A LUTA DA MULHER PELO VOTO NO BRASIL. Petrópolis, Vozes, 1980.
- Arendt, Hannah - A CONDIÇÃO HUMANA. Ed. Forense, 1983.
- Ariès, Philippe - HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA. RJ, Zahar, 1981.
- Barros, M.S.L. - AS MULHERES TRABALHADORAS E O ANARQUISMO NO BRASIL. Campinas, Tese de Mestrado, Unicamp, 1979.
- Beauvoir, Simone de - THE SECOND SEX. My, Vinlâge Books, 1974
- Blay, E.A - TRABALHO DOMESTICADO: A MULHER NA INDÚSTRIA PAULISTA. SP, Áticas, 1978.
- Bosi, A. - O SER E O TEMPO DA POESIA. SP, Cultrix, 1977.
- Bosi, E. Simone Weil: A CONDIÇÃO OPERÁRIA E OUTROS ESTUDOS SOBRE A OPRESSÃO. RJ, Paz e Terra, 1979.
- Bresciani, M.S.M - LONDRES E PARIS NO SÉC.XIV: O ESPETÁCULO DA POBREZA. Col. "Tudo é História", Brasiliense, 1982.
- Campos, C.H. - O SONHAR LIBERTÁRIO - O MOVIMENTO OPERÁRIO NA CONJUNTURA 1917/20. Unicamp, tese Mestrado, 1983.
- Canguilhem, G. - O NORMAL E O PATOLÓGICO. RJ, Forense, 1983.
- Cano, W - RAÍZES DA CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL EM SP. SP, Dipel, 1977.
- Capelato, M.H.; Prado, M.L. - O BRAVO MATUTÍNO. SP, Alga, Ômega, 1980.
- Castoriadis, C. - L' INSTITUTION IMAGINCEIRE DE LA SOCIÉTÉ". Paris, Sewil, 1975.

- Chaloub, Sidney - "TRABALHO, LAR E BOTEQUIM: O cotidiano das classes trabalhadoras no RJ da Belle Epoque".
Tese Mestrado, UFF, Niterói, 1984.
- Chauí, M - "APONTAMENTOS PARA UMA CRÍTICA DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA", in Chauí, M e Franco, M^a S de C, Ideologia e Mobilização Popular, RJ, Paz e Terra - CEDEC, 1978.
- Chevalier, L. - CLASSES LABORIENSES ET LAS CLASSES DANGERENSES À PARIN PENDANT. LA PREMIÈRE MOITIÉ DE XIV SIÈCLE.
Librarie Generale Française, 1978.
- Costa, J.F. - ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR. RJ, Graal, 1979.
- De Decca, E.S. - O NASCIMENTO DAS FÁBRICAS. Col. "Tudo é História"
SP, Brasiliense, 1982.
- De Decca, E.S. - O SILÊNCIO DOS VENCIDOS, SP, Brasiliense, 1980.
- Dias, E - HISTÓRIA DAS LUTAS SOCIAIS NO BRASIL. SP, Edaglit, 1962.
- Donze lot, J. - A POLÍCIA DAS FAMÍLIAS. RJ, Graal, 1980.
- Dublin, Thomas - WOMEN AT WORK. My, Columbia Univ. Press, 1979.
- Ferreira, M.N. - A IMPRENSA OPERÁRIA NO BRASIL: 1880-1920. Petrópolis, Vozes, 1978.
- Foucault, M - HISTÓRIA DA SEXUALIDADE, RJ, Graal, 1980.
- Foucault, M - MICROFÍSICA DO PODER. RJ, Graal, 1978.
- Foucault, M - "A VERDADE E AS FORMAS JURÍDICAS", Cadernos PUC, RJ, 1977.
- Foucault, M - VIGIAR E PUNIR. Petrópolis, Vozes, 1977.
- Fundação Carlos Chagas - MULHER BRASILEIRA: BIBLIOGRAFIA ANOTADA
Vol. 1 e 2 , SP, Brasiliense, 1979.
- Gaguebin, J.M. - WALTER BENJAMIN: OS CACOS DA HISTÓRIA . SP ,
Brasiliense, 1982.

- Gattai, Z - ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS! RJ, Record, 1980.
- Gomes, M.M.C. - BURGUESIA E TRABALHO: POLÍTICA E LEGISLAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: 1917/1937. RJ, Campus, 1979.
- Hardman, F.F. - NEM PÁTRIA, NEM PATRÃO! (Vida e Cultura Anarquista no Brasil). SP, Brasiliense, 1983.
- Harris, A.K. - OUT TO WORK - A HISTORY OF WAGE - EARNING IN THE U.S. Ny, Penguin Books, 198 .
- Leite, M.L.M. - OS CAMINHOS DE MARIA LACERDA DE MOURA. USP, Tese Doutorado, 1984.
- Linebargh, P - "CRIME E INDUSTRIALIZAÇÃO: A GRÃ-BRETANHA NO SÉC. SVIII." IN CRIME, VIOLÊNCIA E PODER. Pinheiro, P.S. (org), Brasiliense, 1982.
- Litvak, Lily - EL CUENTO ANARQUISTA - ANTOLOGIA (1880-1911) Madri, Taurus, 1982.
- Lobo, E.S - EMMA. SP, Brasiliense, 1983.
- Luizetto, F.V - PRESENÇA DO ANARQUISMO NO BRASIL: UM ESTUDO DO EPISÓDIO LITERÁRIO E EDUCACIONAL-1900/1922. USP, tese Doutorado, 1984.
- Marglin, S - "ORIGENS E FUNÇÕES DO PARCELAMENTO DAS TAREFAS". Pub. Escorpião, Porto, 1974.
- Munakata, K - A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA NO BRASIL. SP. Brasiliense, 1981.
- Pena, M^a V.J - MULHERES E TRABALHADORAS. RJ, Paz e Terra, 1981.
- Prado, An^{te} A / Hardmann, F^{co} F (org.) - CONTOS ANARQUISTAS . SP, Brasiliense, 1985.
- Rodrigues, Aracky - OPERÁRIO, OPERÁRIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O OPERARIADO INDUSTRIAL DA GRANDE SP. SP, Símbolo, 1978.
- Rodrigues, Jessita M - A MULHER OPERÁRIA: UM ESTUDO SOBRE TECE-
LÃS. SP, Hveitec, 1978

- Roseu, G - DA POLICIA MÉDICA À MEDICINA SOCIAL . RJ, Zahar, 1980.
- Saffioti, H.B - DO ARTESANAL AO INDUSTRIAL - A EXPLORAÇÃO DA MULHER UM ESTUDO DE OPERÁRIAS TEXTEIS E DE CONFECCÕES DO BRASIL E EUA. SP, Hucitec, 1981.
- Saffioti, H - A MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES: MITO E REALIDADE. Petrópolis, Vozes, 1976.
- Sevanko, N - LITERATURA COMO MISSÃO. SP, Brasiliense, 1983.
- Sharpless, J/Rury, J - "THE POLITICAL ECONOMY OF WOMANS WORK: 1900/1920". Social Science History, - nº 3, 1980.
- Ribeiro, M^a A.R - A CONDIÇÃO DE TRABALHO NA INDUSTRIA TEXTIL PAULISTA - 1885/1930 . Unicamp, tese Mestrado, 1980.
- Ribeiro, M^a A - "QUALIFICAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DAS ESCOLAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DE SP -1911/1942" Relatório Final - Projeto Finep/IFCH/Unicamp, Xerox, 1984.
- Rodrigues, E - Nacionalismo e Cultura Social. RJ, Laemmert, 1972.
- Roluik, R - CADA UM NO SEU LUGAR! SP, Dissertação de Mestrado, USP, 1981.
- São Paulo - Pesquisa 7 - I DART. - O TEATRO OPERÁRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO. 1980.
- Steadman - Jones, G - Out Cast London - A Study in the Relationship between classes in Victorian Society Penguin Books, London, 1970.
- Stedman - Jones, G. "WORKING-CLASS CULTURE AND WORKING CLASS POLITICS IN LANDORE: 1870/1900; NOTES ON THE REMAKING OF A WORKING-CLASS", Journal of. Social History, Summer, 1973.
- Tax, Meredith - THE RISING OF THE WOMEN. Ny, Monthly Review Press, 1980.

- Tentler, L - WEGE - EARNING WOMEN. Oxford Press, Ny, 1979.
- Thompson, E.P. - LA FORMACION HISTÓRICA DE LA CLASE OBRERA: INGLATERRA. 1750/1830. Barcelona, Laia, 1977
- Thompson, E.P. - "PATRICIAN SOCIETY, PLEBEIAN CULTURE"
Journal of. Social History, Summer, 1973.
- Thompson, E.P. - "LA SOCIEDAD INGLESA DEL SIGLO XVIII: LUCHA DE CLASES SIM CLASES?" IN TRADICIÓN, REWRIELTA Y CONSCIENCIA DE CLASE, Barcelona, Grifapho, 1978.
- Thompson, E.P. - "TIEMPO, DISCIPLINA DE TRABAJO Y CAPITALISEMO INDUSTRIAL", Past and Present, nº 38, dez 1967.
- Werltheiner, B - WE WERE THERE - THE STORY OF WORKING WOMEN IN AMERICA. Pantheon, Ny, 1977.

FONTES -1 - JORNAIS OPERÁRIOS (RJ E SP)

A Plebe
Voz do Povo
O Combate
Folha Nova
A Lanterna
A Terra Livre
Novo Rumo
O Baluarte
O Amigo do Povo
Avantí !
O Chapeleiro
O Alfaiate
A Voz do Trabalhador
O Parafuso
A Vanguarda
A Vida
Folha do Povo
A Greve
Spartacus
A Patulêa

2 - REVISTAS OPERÁRIAS

Anima e Vita
Kultur
Emancipação
Nova Aurora
Renovação
A Rolha

3 - FONTES OFICIAIS

Recenseamento Geral do Brazil - 1920
Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio - Serviço

de Remodelação do Ensino Profissional Técnico: Relatório Apresentado ao Ministro pelo Engenheiro Civil João Luderitz. Boletins do Departamento Estadual do Trabalho.

4 - FONTES PATRONAIS

Boletins do Centro Industrial de Fiação e Tecelagem (CIPT)
Boletins do Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão (CIPTA)

" Código do Trabalho", extrato da "Gazetilha", do Jornal do Comércio, 10/09/1917 in Documentos Parlamentares, Legislação Social, 1ª volume, RJ. Tip. do Jornal do Comércio, 1919.
Antero de Almeida, "As reivindicações operárias e o ponto de vista Nacional da questão". Conferência realizada a 1ª de Maio de 1920, em Niterói, na "Vila Operária" da Firma Pereira Carneiro e Cia Limitada (Companhia Comércio e Navegação).

5 - LIVROS/TESES

Morais, Evaristo. Ensaio de Pathologia Social

Direito Operário:

Apontamentos

Penteado, Jacob. Belenzinho - 1910.

Americanos, Jaime C. Da Proteção do Lactente em Nosso Meio Operário. SP. Tipografia Mautini, 1924

Pascarelli, Vicente. Da Proteção à 1ª Infância em SP.,
Irmãos Ferraz, 1927.

6 - GRANDE IMPRENSA

O Estado de São Paulo/Almanach do Estado de São Paulo